

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Centro de Comunicação e Expressão
Curso de Pós-Graduação em Literatura

Bilac - sem poesia

Crônicas de um jornalista da Belle Époque

Orientador: Carlos Eduardo Schmidt Capela
Aluna: Marta Eymael Garcia Scherer

Florianópolis, SC, fevereiro de 2008

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Centro de Comunicação e Expressão
Curso de Pós-Graduação em Literatura

Bilac - sem poesia

Crônicas de um jornalista da Belle Époque

Dissertação de mestrado apresentada ao curso de Pós Graduação em Literatura, área de conhecimento em Literatura Brasileira, da Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Eduardo Schmidt Capela, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Literatura.

Florianópolis, SC, fevereiro de 2008

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Carlos Capela, a quem felizmente agora chamo também de amigo, por ter sempre acreditado na viabilidade deste trabalho, me fornecendo as informações e a segurança necessárias para que pudesse se concretizar.

Ao Prof. Dr. Antonio Dimas, sem cuja pesquisa essa dissertação não existiria e, sobretudo, pelas palavras de incentivo e carinho proferidas durante cada passo deste percurso.

Também quero deixar meu agradecimento às Professoras Dras. Maria Lúcia Camargo e Suzana Scramin pelas excelentes sugestões por ocasião do Exame de Qualificação. E, novamente, à Profa. Dra. Maria Lúcia, por aceitar integrar a banca de avaliação do mestrado. A todos os professores do Programa de Pós Graduação em Literatura da UFSC, cujas aulas abriram espaços para discussão de algumas questões relevantes aqui desenvolvidas. Ao Prof. Dr. Álvaro Simões, da Unip, pela gentileza no envio de seus trabalhos de mestrado e doutorado.

À Elba Ribeiro, secretária do PPGL, cujo coração é tão grande quanto sua eficiência. Aos funcionários da Biblioteca Nacional pelo envio do material recolhido que foi trabalhado e publicado nesta dissertação.

Aos colegas do Curso de Comunicação Social da Unisul, onde sou professora, agradeço as palavras de encorajamento e confiança. Obrigada também aos alunos que me fazem acreditar que vale a pena continuar aprendendo para ensinar.

Aos amigos que me apoiaram e estiveram presentes nos momentos de maior angústia, mas também nos de grandes alegrias. Em especial Beth Goidanich e Luciane Zué, pela paciência infinita e amizade escrachada, mais que verdadeiras em todas as horas; Antônio “Caco” dos Santos, cuja luz intelectual e companhia são imprescindíveis; a Jeana Santos e Marina Moros, pelas carinhosas e inspiradoras palavras de tranquilidade e confiança. Às ‘antigas novas’ amigas e companheiras do mestrado – Agnes Sanfeliz, Débora Cota e Marina Egger – por tudo o que vivenciamos juntas.

À minha mãe, por valorizar e entender minha pesquisa, seja ‘decifrando’ crônicas ao meu lado, como cuidando da Irene com todo o amor do mundo. Ao meu pai, cuja sabedoria e determinação guiam meus passos. À minha irmã Marinez, por ter me acompanhado e agüentado durante estes dois anos, até mesmo dentro da Biblioteca Nacional.

A Luiz Alberto Scotto, por estar ao meu lado em cada mínimo momento deste estudo, do projeto à conclusão, me mostrando com seu carinho e companheirismo, sempre e em tudo, o quão possível é levantar, sacudir a poeira e dar a volta por cima.

E, a todo instante, agradeço a Irene, cujo nascimento me mostrou que qualquer outra realização é bem menos do que um milagre.

RESUMO

Esta dissertação apresenta um estudo sobre Olavo Bilac, não como o grande poeta parnasiano, mas sim como o jornalista de texto magistral e testemunha de um momento de grande efervescência cultural e política no país. Ao realizar uma inserção na vasta produção jornalística de Bilac, é objetivo compreender transformações significativas na imprensa e sociedade brasileiras em clima de *Belle Époque*. Esta pesquisa situa-se no momento em que o jornalismo desloca a supremacia do fazer literário, entendido sobretudo como busca de um preciosismo expressivo, fato que é vivido de forma tensa e contraditória pelos literatos. A vida na imprensa e o exercício da profissão de jornalista são algumas das principais inquietações de Olavo Bilac e assuntos recorrentes em suas crônicas. Este estudo de textos publicados entre 1892 e 1908 pretende demonstrar a representatividade desse pensamento de Olavo Bilac e a importância da crônica na definição do cenário cultural daquele período.

PALAVRAS-CHAVE: Olavo Bilac, crônica, jornalismo, literatura, *Belle Époque*

ABSTRACT

This work shows a study on Olavo Bilac, not as the great parnasian poet that he was, but as the journalist with masterly writing skills, and as the eye-witness of a moment of great cultural and political effervescence in the country. A study of the vast journalistic production of Bilac was done in order to understand the important transformation on the press and Brazilian society of Belle Époque. This period was marked as the shift of journalism into a less detailed way of expression and literacy, fact that felt tense and contradictory by the literates. Press life and journalism as a profession are among Olavao Bilac's restlessness thoughts and reoccurring themes on his chronicles. The study of the texts published in several newspapers between 1887 and 1908 intends to demonstrate the influence of the author's thought and the importance of the press as well as the chronicles when defining the cultural setting in the early 20th century.

KEYWORDS: Olavo Bilac, chronicle, journalism, literature, Belle Époque.

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1 - Introdução..... | 7 |
| 2 – Olavo Bilac, um jornalista <i>Belle Époque</i> | |
| 2.1 <i>O progresso é como apetite, que vient em mangeant</i> – Bilac e seu tempo..... | 18 |
| 2.2 <i>Eu, como repórter ativo – desculpem a imodéstia</i> – Bilac, um jornalista..... | 26 |
| 3 – A imprensa civiliza-se | |
| 3.1 <i>O jornal é hoje selo do progresso</i> – da opinião à informação..... | 39 |
| 3.2 <i>O carro de bois transformou-se em automóvel</i> - novas tecnologias e a imprensa..... | 47 |
| 3.3 <i>O vasto domínio do anúncio</i> – a viabilização comercial dos periódicos..... | 55 |
| 4 – Vida jornalística 1900 | |
| 4.1 <i>O jornalista é um animal vaidoso</i> - papel e vida na sociedade..... | 65 |
| 4.2 <i>O dever de um bom repórter é fazer de tudo uma notícia</i> – liberdades e censuras..... | 75 |
| 4.3 <i>O repórter, essa entidade fabulosa</i> - o exercício da profissão..... | 84 |
| 4.4 <i>Ninguém escreve unicamente pela satisfação de escrever</i> – literatos profissionais..... | 96 |
| 5 – Leituras e leitores | |
| 5.1 <i>Poeira tênue da história</i> – a crônica e seu lugar na imprensa..... | 107 |
| 5.2 <i>Minha amada sebastianópolis</i> – Bilac, cronista da cidade..... | 113 |
| 5.3 <i>Não nos faltam jornalistas, faltam-nos leitores</i> – a formação do público leitor | 123 |
| 6 - Considerações Finais..... | 132 |
| 7 – Referências Bibliográficas..... | 137 |
| 8 - Anexos..... | 156 |

INTRODUÇÃO

"Nem sempre o homem pode mudar de profissão como as serpentes mudam de pele. Quem uma vez foi jornalista, há de morrer jornalista"¹. A frase, escrita em defesa do jornalismo como profissão, surpreende nem tanto por seu conteúdo, mas por ser de autoria de Olavo Bilac. Mais conhecido como o maior poeta parnasiano brasileiro, autor da letra do hino à bandeira e defensor de movimentos e políticas nacionalistas, Bilac, entretanto, foi um dos mais expressivos jornalistas da virada para o século XX. Durante 20 anos escreveu para a imprensa, seja em pequenos jornais, grandes folhas ou revistas, sempre mostrando um texto marcante e moderno. Em milhares de crônicas, o ourives das palavras mostrou-se também um escritor de notícias.

Por tratar-se de uma personalidade atuante, um típico intelectual empenhados das primeiras décadas da República Velha, corre-se o risco de perder-se entre tantos personagens que se dividiu. De qual Bilac se trata? O poeta das estrelas? Um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras? O jovem sem papas na língua que é preso e exilado? O freqüentador da Confeitaria Colombo? O cronista dinâmico e atual? Afinal, quem era Bilac? Marisa Lajolo contestou que era, sobretudo, o “representante de uma pequena burguesia, de seus dramas e valores, sonhos e tropeços”² e nessa condição estaria o segredo do seu sucesso. Entre tantas atuações, é a vida do jornalista que se quer aqui explicar, entender, explorar.

É assim que este estudo pretende se debruçar sobre as crônicas de Olavo Bilac para, com elas, analisar o papel do jornalista que faz entender melhor um mundo que, um século depois, influencia de forma cabal o tempo em que vivemos. São documentos da maior importância e que nos servem como sintomas da mentalidade brasileira daquele momento. Os textos aqui recolhidos têm como ênfase o jornalismo do final de século, que se assentava e se constituía como elemento motriz de uma sociedade em (trans)formação. A

¹ BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 08/12/1907. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.857

² LAJOLO, Marisa. *Usos e Abusos da Literatura na Escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha*. Rio de Janeiro: Globo, 1982, p.42

leitura crítica e atenta dessas crônicas não é somente um movimento de resgate, mas sim uma tentativa de extrair ensinamentos e visões para outra leitura da imprensa e do país.

O objetivo desta dissertação é realçar a faceta jornalística de Olavo Bilac, superando os paradigmas estabelecidos em torno do autor e de sua produção. Em consonância com Silviano Santiago, acredito que “o valor de um objeto cultural depende também do sentido que se lhe dá a partir de uma nova leitura, sobretudo se esta desconstrói leituras alicerçadas no solo do preconceito”³. É assim, na tentativa de comprovar a relevância do autor como cronista, que se configurou o presente trabalho, cuja estratégia é (re)ler a sociedade brasileira pelos olhos bilacianos.

Foram selecionadas para estudo e leitura desta dissertação 182 crônicas⁴, ainda que nem todas tenham sido utilizadas na confecção do texto final, sendo divididas da seguinte forma: 91 sobre imprensa, das quais 42 foram por mim recolhidas nos arquivos da Biblioteca Nacional e 49 já haviam sido publicadas em livros; mais 20 que abordam questões referentes à vida literária e outras 71 sobre a cidade, também já publicadas. Todos os textos foram escritos nos diversos jornais e revistas cariocas onde o autor foi colaborador ou membro efetivo durante 16 anos, período que compreende de 1892 a 1908. Alguns serão aqui ressaltados, com especial ênfase aos que versam sobre a imprensa nas suas mais variadas facetas, utilizando a escrita metalingüística de Olavo Bilac para entender o jornalismo, a sociedade e a cidade de sua época. As crônicas que recolhi, no setor de periódicos e também no de obras raras da Biblioteca Nacional, são transcritas ao final desta dissertação.

Ao selecionar o material, optamos por não fazer distinção entre os textos assinados com o nome próprio – Olavo Bilac ou as iniciais OB – e os diversos pseudônimos utilizados pelo cronista, tais como Arlequim, Fantasio, Puck, Otávio Bivar, Belial, Asmodeu, Lilith,

³ SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p.113.

⁴ As crônicas foram selecionadas da antologia *Bilac, o Jornalista*, organizada pelo professor Antonio Dimas e publicada em 2006. No extenso material recolhido há ainda um sumário com os demais textos de Olavo Bilac que seguem arquivados na Biblioteca Nacional. Com base nesse sumário foram então solicitadas as crônicas relacionadas à imprensa e que não haviam sido publicadas. Os textos recolhidos junto à Biblioteca Nacional seguem anexos no final desta dissertação.

Astarot, Olavo Oliveira, Phebo-apollo, o diabo coxo, flamínio, pe-ho, HYZ, B., Nemrod, Vitor Leal, entre outros⁵. Para tanto, nos baseamos em declarações como a de Brito Broca, que ao comentar a produção Bilac, afirmou que o escritor publicava seus textos “ora assinando o próprio nome, ora servindo-se de pseudônimos e iniciais em que quase ninguém deixava de identificá-lo”. A decisão se guia ainda pelas palavras do próprio cronista, que sempre repudiou as leis que vetavam o pseudônimo, considerando-as inclusive desnecessárias, já que “o uso do pseudônimo não quer dizer que o escritor não queira assumir a responsabilidade do que escreve. Todo o mundo sabe, por exemplo, que Patrocínio é Proudhomme e que Proudhomme é Patrocínio”⁶, como afirmou em um dos milhares de textos que publicou na imprensa diária.

Neste trabalho não serão analisadas ou mesmo relacionadas as demais produções em prosa de Olavo Bilac que não sejam as crônicas publicadas em periódicos. Tampouco as poesias serão aqui consideradas, já que o objetivo é exatamente resgatar o jornalista Olavo Bilac, que permaneceu no ostracismo na história da literatura brasileira. A imprensa não só foi central na vida do autor, como também deu vazão a uma obra diferenciada, já que, como afirmou Jeffrey Needell, “em sua escrita, Bilac mantinha uma dualidade. Na época, sua poesia já saíra de moda na França, mas sua prosa estava bem no compasso das novidades”⁷. Dessa forma, se o parnasianismo o marcou como um poeta tradicional, sua extensa prosa colocou o autor no rigor do que estava em voga⁸.

Ainda que nunca tenha deixado de se considerar um poeta, Olavo Bilac foi mudando suas atitudes e interesses ao longo de sua trajetória profissional. Em 1904 afirmou, em artigo à revista *Kósmos*, que não era preciso ter “melenas” para ser um poeta, pois quem escreve versos é um homem comum, como os outros. O príncipe, que foi “coroadado” em um dos

⁵ LIMA, Alceu Amoroso. *Olavo Bilac – poesias*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1959, op.cit., p. 6

⁶ BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 25/07/1897. In: BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 08/12/1907. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.240

⁷ NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.243

⁸ Uma análise da poesia e prosa de Olavo Bilac seria um trabalho bastante interessante a ser desenvolvido, mas que não caberia no espaço dessa dissertação.

concorridos saraus realizados na casa de Coelho Neto⁹, não tinha problemas em afirmar não ter mais tempo nem paciência para ‘andar a cata de rimas’.

Depois, quando mais anos passaram sobre a minh'alma; quando o amor dos versos rimados foi diminuindo à medida que crescia a responsabilidade da vida; quando deixei de crer (com que tristeza!) que o homem capaz de fazer versos não tem necessidade de mais nada; - então, um novo cerco, mais paciente e mais longo, começou. O que eu queria era ter aqui o meu dia marcado, o meu cantinho de coluna, o meu palmo de posse.¹⁰

É assim que surge *Bilac, o jornalista*, para utilizar o título da obra do professor Antônio Dimas, que organizou, recuperou, valorizou e trouxe à luz centenas de crônicas daquele que ficou para a posteridade com participação restrita na história dos homens de letras deste país. Quase um símbolo da virada de século, Bilac surpreende por ter sido idolatrado em vida, consagrado na morte e praticamente execrado no futuro. Se há um século era intitulado ‘príncipe dos poetas’, terminou permanecendo no cânone e no imaginário ‘popular’ como poeta de gosto médio¹¹, antiquado e conservador, recebendo o descrédito que os modernistas lançaram sobre quase tudo que os antecedia, o parnasianismo em particular.

Entretanto, condenar ao esquecimento a época do parnasianismo é também ignorar um passado que vivenciou a abolição da escravidão, o nascimento da República, da indústria, da “imprensa-empresa”, dos hábitos urbanos, da vida metropolitana contemporânea, da modernização. É, ainda, relegar ao esquecimento a postura e a produção de autores que mais do que símbolos de uma era, moldaram comportamentos e analisaram temas que fazem parte do nosso cotidiano.

⁹ BROCA, Brito. *Vida Literária no Brasil - 1900*, 4ªed. José Olympio: Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, 2004. p.63

¹⁰ BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 02/08/1903. In: BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 08/12/1907. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1 op. cit., p.577

¹¹ CANDIDO, Antônio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira. Modernismo – História e Antologia*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997 p.377

Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac, poeta parnasiano. A definição, embora precisa, tem mantido muitos leitores afastados desse autor, que sofreu combates impiedosos por parte dos modernistas que fizeram em São Paulo a Semana de Arte Moderna de 1922. Desde então, parnasianismo passou a ser associado a conservadorismo estético e alienação político-social. Ao ignorar o cronista e apresentar somente o poeta parnasiano, ufanista e até símbolo do exército, jogou-se fora assomos e perplexidades que suas crônicas testemunharam, e criou-se resistência em torno de tudo que se refere ao intelectual Olavo Bilac. Se até o nome era um “alexandrino perfeito”, o que dizer da produção daquele que foi considerado o maior poeta do seu tempo? Para a crítica literária tradicional a resposta é de que Olavo Bilac é o poeta. Ponto. O cronista, o conferencista e qualquer outra faceta que seja reservada aos rodapés ou frases breves. Somente estudos mais recentes começaram a ressaltar a produção em prosa bilaquiana. E como a poesia era a sublime e a crônica mundana, os próprios contemporâneos lhe conferiam o título de grande parnasiano.

Sílvio Romero afirma: ‘Se Teófilo dias é o mais ardente, Raimundo Correia o mais sereno, Alberto de Oliveira o mais artistas destes poetas, Olavo Bilac é o mais espontâneo, o mais natural de todos eles’. E conclui, logo adiante, em frase sintomática: ‘sua poesia, com ser límpida e brilhante, não é ampla e profunda, como uma reprodução fiel das grandes mágoas dos imensurados tormentos, dos insondáveis abismos do coração moderno’. O não ser ampla nem profunda, mas restrita e superficial, é também a observação de Alceu Amoroso Lima: ‘o poeta não teve concepções torturadas nem momentos de psicologia aguda’, comenta sobre o primeiro livro de Bilac; e, sobre o último, conclui: Bilac desconheceu a tortura do pensamento ou, pelo menos, nunca a revelou¹².

A apreciação de José Veríssimo, um dos mais renomados críticos literários da *Belle Époque*, seguia a mesma linha. Ainda que considerasse o livro *Poesias*, lançado por Bilac em 1888, que já nesta época o consagrara, como “o mais acabado exemplar do nosso parnasianismo, tanto pelas qualidades formais como de inspiração”¹³, o crítico afirmou que o poeta carecia de extensão e de profundidade, além de ter habilidades mais brilhantes do que tocantes. Veríssimo, entretanto, não deixou de enxergar na produção poética uma

¹² FISCHER, Luís Augusto. *Parnasianismo brasileiro: entre ressonância e dissonância*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003, p.219

¹³ VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. 4 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963, p.265

distinção positiva e de enaltecer as “notáveis qualidades de brilho, colorido, rara força verbal, facilidade e felicidade de expressão, pompa, eloquência, inexcedível mestria técnica, calor, entusiasmo”.¹⁴

Da população em geral, entretanto, Olavo Bilac tinha os aplausos, sendo mesmo uma celebridade da *Belle Époque*. Entre tantos relatos, ressaltamos o de Luiz Edmundo¹⁵, que contou como a chegada do poeta parava a confeitaria Colombo, onde era idolatrado pelos jovens e respeitado pelos velhos, e como seus poemas eram declamados de memória em todos os salões. Lembrando ainda do espírito irônico de Bilac, o autor afirmou que “além de poeta, é um orador brilhante, imaginoso, erudito, fluente, ao qual não faltam os recursos de uma voz sonora, redonda, clara e musical. Isso dentro de uma prosódia rigorosamente brasileira. Nesse particular ele não faz a menor concessão”.

Além de sua conhecida campanha cívica nacional pelo serviço militar, foi essa defesa da ‘inculta e bela’ língua portuguesa que faz com que Bilac fosse considerado como o poeta nacional por outros autores, como Ronald de Carvalho¹⁶ ou Alceu Amoroso Lima¹⁷, para citar os mais entusiastas do veredicto. Foi Alceu Amoroso ainda quem explicou o segredo de tanto sucesso, obtido através do saber expressar-se do poeta, que de forma simples, porém elegante, conseguia atingir a massa com o sentimento espontâneo e fácil dos seus versos.

Tamanha influência não poderia continuar atuando se a idéia era quebrar paradigmas, como queriam os modernistas de 22. O passado tinha que ser superado e Bilac era o bode expiatório perfeito¹⁸. O grupo talvez não soubesse exatamente onde sua antropofagia o

¹⁴ VERËSSIMO, José. *Estudos da literatura brasileira: 5ª série*. Belo horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1977, p.9.

¹⁵ EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. V. 2. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938, pp.630-633

¹⁶ CARVALHO, Ronald. *Pequena história da literatura brasileira*. 8ªed. Rio de Janeiro: Briguiet & Cia Editores, 1949, p.307

¹⁷ LIMA, Alceu Amoroso. *Primeiros Estudos: contribuição à história do modernismo literário*. VI – *O pré-modernismo de 1919 a 1920*. Rio de Janeiro: Agir, 1948, pp.84-91

¹⁸ "A obra bilaquiana experimenta o equilíbrio precário de ter constituído o modelo dos poetas jovens de muitas gerações e, mais tarde, ter personificado o bode expiatório dos modernistas de 22", afirma Marisa Lajolo na apresentação da coletânea *Os melhores poemas de Olavo Bilac*, São Paulo: Global, 1985

levaria, mas sabia bem o que não queria. Oswald de Andrade, no prefácio de *Memórias Sentimentais de João Miramar*, lamenta que "um velho sentimentalismo racial vibra ainda nas doces cordas alexandrinas de Bilac", ao mesmo tempo que acredita que a nova revolução mudará o cenário. Mário de Andrade, em seu famoso manifesto *Mestres do Passado*, série de artigos publicados na edição paulista do *Jornal do Comércio*, decreta a antiguidade da obra bilaquiana, que não mais deveria influenciar a nova poética. Considerando o poeta um indiferente, escreveu com veemência o autor de *Macunaíma*:

Do ponto de vista ideológico, foi o poeta que melhor exprimiu as tendências conservadoras vigentes depois do interregno florianista. À política renovadora que animara alguns fautores da República seguiu-se um ufanismo estático e vazio, amante da tradição considerada em si mesma como beleza. Bilac, poeta dos nautas portugueses em Sagres e dos bandeirantes no Caçador de Esmeraldas, será também o cantor cívico da bandeira, das armas nacionais e o didata hosanante das Poesias Infantis.¹⁹

Entretanto, ainda no manifesto Mário de Andrade afirmou ser Olavo Bilac "inteligentíssimo", tendo atingido uma perfeição no "manejo do alexandrino" quase incomparável, só perdendo para Victor Hugo entre todos os poetas. Ainda que com reverência, os elogios não o impedem de "enterrar" Bilac, junto com os demais mestres do passado: Francisca Júlia, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira e Vicente de Carvalho.²⁰

Ícone entre os mais famosos parnasianos, Bilac foi reconhecido pela crítica como a figura mais gloriosa, além de autor da '*Profissão de Fé*' mais apurada da escola no Brasil. Analisando esse poema bilaquiano, assim como "*Inania Verba*" e "*A um poeta*", Afrânio Coutinho²¹ realizou ainda uma defesa do conteúdo na poesia bilaquiana, que estaria igualado à forma, o que fez com que fosse o mais equilibrado e representativo da escola. A

¹⁹ ANDRADE, Mário – *Mestres do passado* – V – Olavo Bilac – 1921. Reproduzido em BRITO, Mário da Silva, *História do Modernismo Brasileiro V.I – antecedentes da Semana de Arte Moderna*. 6ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997, p256

²⁰ O modernista proclama: "*Venho depor a minha coroa de gratidões votivas e de entusiasmo varonil sobre a tumba onde dormis o sono merecido! Sim: sobre a vossa tumba, porque vos todos estais mortos!*"

²¹ COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. V. II. Rio de Janeiro: Editorial Sul-americana, 1955, pp. 323 - 329.

mesma opinião é ratificada por Otto Maria Carpeaux²², que ainda reforça a popularidade do poeta, usando termos como idolatrado e endeusado, a quem o povo permanecia fiel, mesmo após 22. Mais uma vez é o parnasiano que entra na história.

Somente com a visão que a distância temporal permite é que as demais atividades do autor começam a aparecer, ainda que a produção poética seja sempre a mais destacada. Alfredo Bosi²³, por exemplo, ressaltou “o mais antológico dos nossos poetas”, colocando em nota de rodapé um pequeno histórico, no qual se lê não mais do que uma frase sobre as demais facetas do “príncipe dos poetas”. Foi Nelson Weneck Sodré, ao escrever a *História da Literatura Brasileira*, o primeiro a ressaltar a vida de imprensa como um dos fatores da “preeminência indisputada” de Olavo Bilac.²⁴

Contudo, foi nas palavras de Antonio Candido que encontramos a valorização de Olavo Bilac também na prosa, afirmando que operou com maestria “a íntima aliança do verbo literário com a música e a retórica”²⁵. E, sobretudo, quando asseverou que Bilac “escreveu a vida toda para a imprensa como excelente cronista em prosa e verso, num estilo expressivo e rico, mais rebuscado nos discursos e conferências”²⁶, sem esquecer de citá-lo entre os “grandes” quando se refere ao aparecimento da crônica no moderno jornalismo brasileiro.

As revistas e alguns jornais, nesse período, foram muito importantes como veículos de literatura (...) Todas essas publicações se ligavam às orientações dominantes de cunho parnasiano e realista. A propósito das publicações periódicas, convém lembrar que nesse período foi muito cultivado o gênero meio jornalístico, a princípio denominado folhetim, depois crônica. Ele consiste no tratamento breve e acessível dos fatos diários, de temas ligados aos costumes, à arte, à política, geralmente do

²² CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964.

²³ BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 1979, p.254

²⁴ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira.- seus fundamentos econômicos*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

²⁵ CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 5ªed. Belo horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975, p.43

²⁶ CANDIDO, Antônio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira*, op.cit., p.376

ângulo das impressões pessoais. Sobressaíram-se Machado de Assis, França Junior, Olavo Bilac, Artur Azevedo e outros menores”²⁷.

Aproveitando o caminho aberto, em estudos mais atuais encontramos um posicionamento no mínimo mais abrangente, seja por estar mais distante da época em que o poeta era aclamado como tal, seja por estar menos comprometido com a visão que os modernistas determinaram. É assim que encontramos a afirmação do engajamento de Bilac não somente através de tarefas concretas como a do alistamento militar, mas no exercício cotidiano da crônica. Em recente estudo, o crítico Luís Augusto Fischer ²⁸ demonstra como o autor de “Via-Láctea” foi um perfeito exemplo do intelectual orgânico que Gramsci apresentou, ressaltando a necessidade do entendimento da obra de Olavo Bilac na compreensão da história nacional, como algo a que sempre se deve voltar. E, como comprovou Antonio Dimas, os mais variados temas foram analisados pelo intelectual que encontrou nos periódicos um caminho para expor suas impressões.

Nesses quase vinte anos de jornalismo diário, muitas vezes espalhado por mais de um veículo, seu posto privilegiado permitiu-lhe uma visão angular da sociedade, cujas frinchas e reentrâncias dificilmente escapavam ao seu olhar bisbilhoteiro e nem sempre certo. Ideologicamente irregulares como é de se esperar de quem não se pautava por um credo único, religioso ou político, as crônicas de Bilac pouco atraem aqueles que precisam de posições alheias para confirmar as suas. Mais que escora, elas se prestam ao investigador minucioso que esteja preocupado com uma visão mais abrangente de dado período. Porque, nelas, o material é farto.²⁹

Com essa matéria-prima farta, a presente dissertação buscou encontrar nas crônicas e nos livros informações sobre o jornalista Bilac, seu entendimento do momento presenciado, suas apostas no futuro, seus relatos da imprensa dentro da sociedade brasileira. O trabalho

²⁷ Ibidem, pp 283-285.

²⁸ FISCHER, Luís Augusto. *Parnasianismo brasileiro: entre ressonância e dissonância*, op.cit., p217

²⁹ DIMAS, Antonio (Org.) . *Vossa Insolência. Crônicas de O. Bilac*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.14

está dividido em quatro capítulos que se complementam para compor o quadro que, acredito, mostra de forma singular a vida de imprensa na mudança de século.

No início desta dissertação optei por desenhar um breve panorama da sociedade carioca no virar do século XIX para o XX, com todas as mudanças que ocorreram no período, assim como mostrar a carreira jornalística de Olavo Bilac, relatando sua vida dentro e fora dos jornais durante todo os quase 20 anos em que exerceu a profissão. As transformações da imprensa foram demonstradas no segundo capítulo, fragmentando entre as partes editorial, gráfica e comercial, tal qual se dá dentro de um veículo impresso de comunicação.

No terceiro capítulo é a atividade dos jornalistas que se apresenta, não mais a das empresas. A intenção é relatar a vida dos homens que faziam da imprensa seu palco e ganha-pão, saber como se relacionavam e, sobretudo, como era o exercício da profissão nesta “vida jornalística 1900”. A importância da crônica em todo esse processo e os temas que eram abordados foram os objetos de análise do quarto e último capítulo. Difícil foi escolher entre as centenas de assuntos que o escritor nos oferece, mas me parece que a opção de abordar a formação do público-leitor e da cidade onde vivia foi condizente com o conteúdo desta dissertação. Ei-la.

CAPÍTULO 2

OLAVO BILAC, UM JORNALISTA DA *BELLE ÉPOQUE*

*Um pobre rabiscador de crônicas principia a escrever uma
seção diária, numa folha, por necessidade ou por desfastio;
dentro de poucos meses, já a escreve por gosto; e dentro de
menos de dois anos, escreve-a por paixão*

Olavo Bilac

2.1 *O progresso é como apetite, que vient en mangeant* – Bilac e seu tempo

Analisar a produção jornalística daquele que foi considerado o "Príncipe dos Poetas" é um desafio ainda pouco explorado, já que são escassos os trabalhos que estudam Olavo Bilac como cronista³⁰. Entretanto, o autor da "Via-Lactea" foi também um jornalista de peso, apresentando uma dicotomia em sua produção intelectual, em quem se pode identificar "... de um lado, o esteta, atento sempre à perfeição e à simetria harmoniosa das formas (...) e de outro, o jornalista empenhado em discutir, dentro de certas limitações e distorções pessoais e temporais, a realidade do país que vivia".³¹

A realidade é a da chamada "*Belle Époque Tropical*", período quando o país vivia "tempos eufóricos". De fato, na virada para o século XX, o Rio de Janeiro, então Capital Federal, passava por transformações em todos os sentidos. Era um período de turbulências, causadas pela transição entre a Monarquia e a República, a abolição da escravatura e o combate às epidemias. Em 1892 surgiram os bondes elétricos. Dois anos depois, a inauguração da Confeitaria Colombo proporcionou às classes mais abastadas um novo ponto de encontro. A cidade crescia rapidamente. Em 1870, eram 235.000 habitantes. Em 1890, a população havia mais que dobrado e alcançado 523.000. A taxa média a partir daí foi de 3,5% ao ano, chegando a 800.000 habitantes em 1906.

Estamos na virada do século, uma época de efervescência cultural e econômica, marcada pela crença no progresso e na ciência, quando a civilização se impôs como um caminho sem volta. O desenvolvimento da classe média e da vida urbana burguesa no país propicia o incremento da vida cultural diversas de esferas, sendo que a letra impressa - seja nos jornais, revistas ou livros – era o centro da atividade intelectual.

Ao realizar uma inserção na produção jornalística de Olavo Bilac, realizada justo naquela virada de século, é possível compreender transformações significativas na imprensa e na

³⁰ Vale mais uma vez destacar a prestigiosa exceção da obra do professor Antônio Dimas como *Tempos Eufóricos*, *Vossa Insolência* e, sobretudo, *Bilac, O jornalista*. Trechos de crônicas aparecem também em diversas obras pesquisadas, na maioria das vezes como texto comprobatório de determinada situação e/ou fato da vida nacional.

³¹ DIMAS, Antônio. *Tempos Eufóricos – análise da revista Kósmos 1904-1909*. São Paulo: Ática, 1983, p.61

sociedade brasileiras desse momento. Através da trajetória do cronista Olavo Bilac poderemos verificar o modo como foi se constituindo em porta-voz de um país que se modernizava.

Foi através do texto em crônica que Olavo Bilac apresentou sua modernidade de forma mais explícita. Essa característica encontra-se também em outros autores, o que faz com que Néstor Canclini considere que "as crônicas jornalísticas de fins do século XIX e princípios do XX configuravam o sentido da vida urbana inventariando o orgulho monumental dos signos de desenvolvimento comercial moderno"³², constituindo a narrativa, por excelência, da modernidade que nascia. Por modernidade entende-se essa crise de paradigmas que surge do desafio de conviver com o diferente e com a multiplicidade de versões. E, ainda, como escreveu Baudelaire em seu artigo, "Sobre a Modernidade", de 1863, "é o transitório, o efêmero, o contingente; é uma metade da arte, sendo a outra o eterno e o imutável".³³

A entrada do país nos "tempos modernos" foi realizada através de um processo intrincado e ambíguo. Nas primeiras décadas do século XX acelerou-se a industrialização, a urbanização, o crescimento do proletariado e do empresariado. De outro lado, permaneceram a tradição colonialista, os latifúndios, o sistema oligárquico e o desenvolvimento desigual das regiões. Tal dualidade mostra que também aqui foi "desta profunda dicotomia, dessa sensação de viver em dois mundos simultaneamente que emerge e se desdobra a idéia de modernismo e modernização"³⁴. Como gênero moderno que é, a crônica acompanha esse ambiente duplo, fornecendo espaço para se pensar a modernidade como paradoxo, uma vez que é simultaneamente inclusa e estranha aos sujeitos que a criam.

³² CANCLINI, Nestor. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 4ª. ed., Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1999, p.150

³³ BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*. 3ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p.25

³⁴ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar – a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.16

Com a expansão dos centros urbanos, modificaram-se os valores da cultura cotidiana e os próprios padrões da comunicação social. As inovações tecnológicas mudaram a própria consciência do tempo. Na área da informação o telégrafo sem fio, a fotografia, o cinematógrafo e as rotativas que produziam milhares de cópias, entre outros, trouxeram a velocidade para o mundo da comunicação. A mesma rapidez foi sentida nas ruas com a chegada do bonde elétrico, do automóvel e com a invenção do avião. O tempo disparou e mudou também a narrativa, como Machado de Assis testemunhou em meados dos anos 90 do século XIX: “não tínhamos ainda esse cabo telegráfico, instrumento destinado a amesquinhar tudo, a dividir novidades em talhadas finas, poucas e breves”³⁵. O texto machadiano remeteu ao surgimento da notícia como fato “objetivo”, recortado da realidade. Ao elencar as principais alterações que paulatinamente entravam na imprensa, Werneck Sodré explicitou a nova realidade encontrada por que aqueles homens que faziam as folhas:

Tais alterações serão introduzidas lentamente, mas acentuam-se sempre: a tendência ao declínio do folhetim, substituído pelo colunismo e, pouco a pouco, pela reportagem; a tendência para a entrevista, substituindo o simples artigo político; a tendência para o predomínio da informação sobre a doutrinação; o aparecimento de temas antes tratados como secundários, avultando agora, e ocupando espaço cada vez maior, os policiais com destaque, mas também os esportivos e os mundanos. Aos homens de letras, a imprensa impõe, agora, que escrevam menos colaborações assinadas sobre assuntos de interesse restrito do que o esforço para se colocarem em condições de redigir objetivamente reportagens, entrevistas, notícias.³⁶

Ao jornalista, desse momento em diante, caberia a função de reportar os fatos da contemporaneidade com clareza, precisão e contextualização, apartando-se definitivamente do estilo literário. Foi na crônica, então, que se tornou possível fugir da tal objetividade engessadora, castradora. Estabelecendo uma conexão entre o fato e a opinião, com direito ainda a inserir ficção, os cronistas conseguiam expor as narrativas do cotidiano, num exercício contínuo de criatividade, sem deixar de atuarem como testemunhas oculares de

³⁵ ASSIS, Machado de. *A Semana* (1894/1895), Rio de Janeiro: Jackson, 1959. Citado por: VELLOSO, Mônica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.23.

³⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p.339

seu tempo. São os narradores, que segundo Walter Benjamin, se diferenciam dos que escrevem a história, os historiadores:

(...) a história escrita se relacionaria com as formas épicas como a luz branca com as cores do espectro. Como quer que seja entre todas as formas épicas a crônica é aquela cuja inclusão na luz pura e incolor da história escrita é mais incontestável. E, no amplo espectro da crônica, todas as maneiras com que uma história pode ser narrada se estratificam como se fossem variações da mesma cor. O cronista é o narrador da história³⁷

O texto em crônica ressalta a valorização da experiência. Em “*A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*”, Walter Benjamin revitalizou precisamente a percepção, a experiência, não como *Erlebnis* (vivência), mas como *Erfahrung* - forma de experiência que se articula com o passado, que traz a vivência para o presente com o intuito de modificar esse último. Precisamente porque a crônica não tem pretensão de história é que se torna *Erfahrung* e, portanto, capaz de extrair dimensões significativas dos tempos idos, o que dá oportunidade para que “o passado, conservando o sabor do fantasma, recuperará a luz e o movimento da vida, e se tornará presente”³⁸.

E o presente é o tempo da modernidade, que faz do agora sua própria consciência, “num movimento perpétuo e irresistível de uma modernidade escrava do tempo e devorando-se a si mesma, (...) renovada incessantemente e negando a novidade do ontem”³⁹. Para os que se intitulam modernos, seus predecessores são inferiores porque primitivos, já que é o progresso – das ciências, das técnicas, da arte, da própria sociedade – o parâmetro de qualidade proposto. A própria experiência moderna nasceu em um cenário de indústrias, aparelhos, ferrovias, invenções, sendo constituída por máquinas, das quais a população não passa de “reprodução mecânica”.⁴⁰

³⁷ BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, arte e política – ensaios sobre a literatura e história da cultura*. Obras escolhidas. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1986, p.209

³⁸ BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*, op.cit., p.9

³⁹ COMPAGNON, Antoine. *Os cinco paradoxos da modernidade*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996, p.25

⁴⁰ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*, op.cit., p.28

É assim que no Brasil, como em quase todo mundo ocidental, os símbolos da modernização eram a luz elétrica, o telégrafo, a locomotiva ou o navio a vapor, ícones da velocidade com que as sociedades de transformavam. No país que se proclamara republicano e acabara com a escravidão, os motivos para crer que uma nova era estava nascendo eram ainda maiores. Planejar o futuro era a ordem do dia, já que o progresso tinha vindo para ficar. Um artigo do conservador *Jornal do Commercio*, de 30 de dezembro de 1900, mostrou de forma clara o sentimento da passagem de século:

No peregrinar da humanidade, os meses são segundos, os anos minutos, os séculos horas. O balanço da hora-século, cuja última badalada soará amanhã no relógio da Eternidade, será feito por outros. Seja qual for o ponto de vista julgador, uma verdade surgirá indiscutível e fulgurante: durante esse período a civilização deu um passo firme para frente; isto é definitivo, consumado, irrevogável. Não há junta de couce capaz de fazer recuar desse passo, não há puxa para trás que derribe-o do grande marco milenário por ele fincado na estrada do progresso. Progresso material e moral; sobretudo moral. ⁴¹

Outros periódicos da época traziam artigos no mesmo tom, sempre lembrando as descobertas assombrosas e a velocidade que possibilitara que as comunicações se fizessem “tão prontas como o clarão de um relâmpago”⁴², como explicou o jornal *O Estado de São Paulo* logo no primeiro dia de 1900. O século iniciara com boas perspectivas no Brasil, ainda que a política interna estivesse longe de ser satisfatória. A euforia pela entrada em vigor do novo regime político e pela recente abolição do trabalho escravo era maior do que a apreensão frente aos problemas reais do país.

Os intelectuais viviam o momento de forma consciente, mas certamente com visões diferenciadas. Euclides da Cunha em *Os Sertões*, publicado em 1902, observou estarmos “condenados ao progresso”, sob o risco de desaparecermos enquanto nação; João do Rio denunciou através de suas reportagens e livros o outro lado deste “progresso”, mostrando as más condições de vida e trabalho de grande parte da população; Olavo Bilac foi um entusiasta desses tempos modernos, ao mesmo tempo que os temia. Em crônica de 1906

⁴¹ Citado por: COSTA, Ângela Marques da; SCHWARCZ, Lília Moritz. *1890-1914: no tempo das certezas*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000, op.cit., p.56

⁴² Ibidem, p.57

escreveu que “o progresso, porém, é como o apetite, que *vient en mangeant*”, alertando que “o progresso é uma lei fatal! – Fatalíssima!” e que a falta de limites das inovações podiam fazer com que “os adoradores da velocidade cheguem ao absurdo e monstruoso resultado de chegar ao ponto de chegada antes de haver saído do ponto de partida!”. Concluiu seu texto refletindo sobre o futuro da humanidade que se precipita ao querer inverter as regras físicas e morais, pois “o progresso é grande cousa, - mas é preciso que não se transforme em loucura”⁴³.

As contradições experimentadas pelos intelectuais somente traduziam o momento vivido pela população: deslumbre com aviões, mas medo de que o mundo acabasse na passagem de um cometa; luz elétrica iluminando as noites e movendo os bondes, mas provocando choques; o francês como a língua dos cultos, ao passo que mais que 80% dos brasileiros não sabiam ler; homens da classe alta vestindo casaca enquanto a massa de negros e mestiços nunca chegara a usar um sapato. Mesmo com tantas e outras adversidades, a importação de produtos e valores determinou com que também aqui fosse vivida a *Belle Époque*, trazendo a sensação de que o país estava em harmonia com o progresso e, dessa forma, como frisava o tradicional bordão, “o Rio civiliza-se”⁴⁴.

Essa era também a época das exhibições cinematográficas. Com o aumento do número de estabelecimento e das sessões, o custo foi barateado e ir ao cinema se tornou um programa popular e divertido. Passado o susto dos primeiros espectadores ao verem as imagens em movimento, o cinematógrafo virou um evento social, com direito até a orquestra para compensar a falta de som. As casas proliferaram e fizeram a “delícia dos cariocas”, como relatou Olavo Bilac em texto que mesclou deslumbramento com estupefação.

Dezoito cinematógrafos! Já foi feita a estatística. São dezoito e, na polícia, aguardam despacho outros tantos requerimentos de cidadãos que pretendem explorar o mesmo gênero de negócio. Funcionando já há

⁴³ BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 29/07/1906. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.804

⁴⁴ A expressão foi alcunhada por Figueiredo Pimentel, famoso colunista social da *Gazeta de Notícias*, para comemorar as profundas mudanças pelas quais a capital federal estava passando durante o bota-baixo carioca e que culminou na nossa “*Belle Époque*” tropical.

dezoito – dúzia e meia. Só a Avenida possui quatro. E cada bairro da cidade possui pelo menos um; (...) e, assim que se construir o elevador elétrico para o Pão de Açúcar, logo um empresário instalará um aparelho Pathé ou Lumière no alto da majestosa atalaia da barra.⁴⁵

Outro programa habitual da população carioca e que foi relatado pelo cronista Bilac foi o de “tirar retratos”, que ficavam em lugar de honra nas residências. Em 1900 a fotografia se tornara acessível a qualquer um que pudesse pagar pela primeira câmera instantânea, lançada pela Eastman Kodak americana com o slogan⁴⁶: “Você aperta o botão, nós fazemos o resto”. É o tipo de fotografia que Bilac descreveu como aquela que qualquer um pode tirar, desde que disponha de “duas lentes convergentes, de uma câmera escura, de um pouco de luz, e de uma placa sensível⁴⁷”. Entretanto, era enfático ao defender que, para além dos amadores, há os fotógrafos artistas, cujos trabalhos já contavam inclusive com exposições públicas, como a do Photo Club, onde se podiam encontrar “pequenos retratos que são legítimas criações de arte”. Era uma comprovação de que a arte também podia ser reproduzida e que acompanhava aqueles tempos modernos quando as máquinas começam a ditar a vida dos homens em seus mais diversos âmbitos.

E as máquinas tomaram também conta das ruas – depois da instalação do bonde, um ícone do progresso, os automóveis chegaram devagar, mas já deslumbrando. Em 1901 José do Patrocínio importou o primeiro carro a circular na velha Capital Federal. Em livro biográfico sobre Paula Ney, Raimundo de Menezes afirma ter sido Bilac o único a ter coragem de dividir a direção com Patrocínio na primeira – e única – experiência com o “monstro que tinha fomalha, caldeira, chaminé, grelha, correntes, ganchos, um inferno!”⁴⁸. O malfadado passeio durou pouco e, durante o trajeto derrubou árvores e portões, assustou crianças e animais, subiu em calçadas e terminou espatifado de encontro a um barranco. O proprietário do veículo colocou a culpa do sinistro na falta de calçamento: “com estas ruas não pode haver progresso”⁴⁹. Contudo, nem o acidente do poeta, nem as condições das ruas

⁴⁵ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 3/11/1907. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.846

⁴⁶ COSTA, Ângela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *1890-1914: no tempo das certezas*, op.cit., p.81

⁴⁷ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 16/07/1905. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.727

⁴⁸ MENEZES, Raimundo de. *A vida boemia de Paula Ney*. 3ªed. São Paulo: Martins Editora, 1957, p.84

⁴⁹ Ibidem, p.85

foram motivos suficientes para que os automóveis deixassem de se tornar objeto de desejo. Em 1903 a prefeitura licenciou o primeiro carro particular do Rio de Janeiro, que neste ano contava com seis automóveis circulando por suas ruas e, em apenas sete anos, o número de licenciamento chegou a 615⁵⁰.

José do Patrocínio não chegaria a ver pronta, mas finalmente o Rio de Janeiro ganharia uma via por onde desfilar seus carros, com a abertura da Avenida Central em 1904. A cidade também construiu prédios suntuosos, entre os quais a Biblioteca Nacional e o grandioso Teatro Municipal, com arquitetura inspirada na Ópera de Paris, e para cuja inauguração Olavo Bilac proferiu o discurso, como porta-voz que era do período conhecido como *bota-abaixo* carioca. Seus textos jornalísticos também demonstravam o entusiasmo de um homem que ansiava por mudanças na sua querida Capital Federal.

Daqui a pouco tempo, dentro de dois anos, quando a Avenida Central e a Avenida Beira-Mar estiverem concluídas; quando o Rio de Janeiro se encher de carruagens e de automóveis; quando começarmos a possuir a vida civilizada e elegante que Buenos Aires já há tantos anos possui -, também nessa época já não nos lembraremos do que era a nossa vida tediosa e vazia, sem teatros, sem passeios, de distrações limitadas à maledicência dos homens na rua do Ouvidor e à pasmeira das senhoras nas janelas.⁵¹

Esse era o Rio de Janeiro da virada do século, esse o cenário onde os textos de Olavo Bilac se ambientaram. De cada uma das transformações vivenciadas pela sociedade em sua urbe, Bilac nos deixou seu depoimento, traçando um perfil dos primeiros anos da vida republicana. As crônicas nos dão a oportunidade de passear pelos acontecimentos – corriqueiros, políticos, culturais - que marcaram a vida carioca há quase um século como se estivéssemos lendo hoje. Segundo Afrânio Coutinho, “a novidade que Bilac introduziu foi concentrar os seus comentários em determinado fato, acontecimento ou idéia, o que concorreu para dar a algumas de suas crônicas a feição de ensaios.”⁵² Com muita ironia,

⁵⁰ COSTA, Ângela Marques da; SCHWARCZ, Lília Moritz. *1890-1914: no tempo das certezas*, op.cit., p.82

⁵¹ BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 15/01/1905. . In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.683

⁵² COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*, op.cit., p. 115.

certa premonição e texto brilhante, enquadram-se na categoria de refinado jornalismo literário e uma lição inesquecível da arte de contar.

2.2 *Eu, como repórter ativo – desculpem a imodéstia* – Bilac, um jornalista

A trajetória de Olavo Bilac acompanhou as mudanças no país. Quando o Brasil vivia a abolição da escravatura e a proclamação da República, era boêmio e revolucionário. Nos atribulados anos de implementação do novo sistema, foi contestador e político, no auge da *Belle Époque*, foi um entusiasta. Era, sem dúvida, um homem de seu tempo e “o trabalho que empreende, desta forma, afina-se com a mais pura tradição da modernidade, compreendida por campo de tensões e contradições”⁵³. Ainda que se refira a João do Rio, contemporâneo e companheiro da *Belle Époque*, a afirmação de Carlos Capela poderia muito bem ter sido formulado para a vida de Olavo Bilac, cuja carreira foi composta de diversas facetas. Transgressor quando jovem, parnasiano na poesia, polêmico na imprensa, burocrata no serviço público. Um príncipe que inspecionava escolas. Ourives na poesia, produziu obras didáticas, elaborou reclames, escreveu na imprensa, realizou conferências. O certo é que tinha como traço fundamental de sua personalidade o papel de comunicador, deixando um legado de quem dominou a escrita, absorveu e assumiu as posições e correntes de sua conturbada época. Com uma eloquência caracterizada como “irresistível” por Antônio Candido, o escritor era amado e idolatrado.

Para acompanhar as transformações de um país que se modernizava, Olavo Bilac encontrou nas páginas dos jornais as companheiras ideais para vivenciar um momento de mutação. Entre centenas de títulos publicados na então capital federal e na emergente São Paulo, os de maior destaque eram a *A Gazeta de Notícias*, *Jornal do Comércio*, *O Estado de S. Paulo*, *Correio Mercantil*, *Diário do Rio de Janeiro*, *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, entre outros. Os periódicos ainda disputavam espaço com revistas como *A Semana*,

⁵³ CAPELA, Carlos Eduardo S. *Um rio excelso, o rio do excesso*. DOMINGOS, Chirley; ALVES, Marcelo (orgs). *A cidade escrita – literatura, jornalismo e modernidade em João do Rio*. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2005, p. 157

Kósmos, Fon-Fon, Revista Ilustrada, A Careta e muitas mais. Em quase todos encontramos a colaboração do cronista. Mais do que uma profissão, o jornalismo era uma paixão de Olavo Bilac, como descreveu em texto que lembrou como se desenrolaram suas atividades na imprensa:

Um pobre rabiscador de crônicas principia a escrever uma seção diária, numa folha, por necessidade ou por desfastio; dentro de poucos meses, já a escreve por gosto; e dentro de menos de dois anos, escreve-a por paixão – por uma dessas paixões que são feitas ao mesmo tempo de amor e de hábito, de prazer e de vício, de revolta e de ciúme, - cativo voluntário, que o cativo às vezes amaldiçoa, mas do qual não se quer libertar.⁵⁴

Como quase tudo em sua carreira, o início de sua trajetória como jornalista trouxe um paradoxo: começou em São Paulo. Logo ele, que amava e vivia o Rio de Janeiro de forma intensa, apaixonada. Entretanto, em 1887, ao tentar se formar advogado na conceituada faculdade do Largo de São Francisco, o jovem Olavo viu na imprensa sua possibilidade de ganhar pão. Foi no jornal *Diário Mercantil*, de Gaspar da Silveira, para o qual foi contratado por recomendação do parnasiano Raimundo Correia, que Bilac começou sua colaboração de forma sistemática nos periódicos. Tinha como função resumir o noticiário carioca. De São Paulo ainda envia colaborações para a revista *A Semana*, de Valentim Magalhães, que circulava no Rio de Janeiro.

Como mesmo assim o salário não lhe chegava para viver, procurou nova fonte de renda na *Vida Semanária*, de Emiliano Pernetá, onde assumiu a seção literária. Apesar de ser oriundo de uma família de classe média, o estudante já não mais contava com mesada, ao contrário da maioria de seus colegas de estudo. O pai, militar e cirurgião ligado à monarquia, rompeu relações e ajudas pecuniárias por não suportar ver o filho prodígio desistir da carreira de médico, depois de longos cinco anos frequentando o curso. O menino, que aos 15 anos teve que pedir permissão ao Imperador para entrar no ensino superior de medicina, no Rio de Janeiro, nunca se formou. O movimento das ruas tirou-lhe a atenção das lousas.

⁵⁴ BILAC, Olavo. Registro. *A Notícia*. 17/09/1906, p2, 1 col. In: SIMÕES JR., A. S. *A sátira do parnasio*. Tese de Doutorado. PPGL. Assis: UNESP, 2001, p.56

Depois da malfadada experiência acadêmica em São Paulo, que durou pouco mais de um ano, Bilac voltou ao Rio de Janeiro e continuou seu trabalho nos jornais. Seu ex-colega de medicina, Alcindo Guanabara, conseguiu-lhe uma vaga no jornal abolicionista *Novidades*. Em seguida colaborou também para a *Gazeta de Notícias* e para o *Cidade do Rio*, onde começou publicando versos mas logo foi contratado para a redação, juntamente com Pardal Mallet e Raul Pompéia. Com esses dois fundou o republicano *A Rua*, de curta duração, sendo publicado apenas de abril a julho de 1889. No periódico, era o responsável pela crítica teatral, publicava poesias e assinava uma coluna de notícias diversas.

Foi assim que de 1887 a 1889 Bilac empenhou-se nas campanhas abolicionista e republicana. Na noite de 15 de novembro participou ativamente da cobertura jornalística que contou à população o quê, afinal, estava acontecendo. Foi um dos defensores do novo sistema e relatou em crônica ter passado um dia trabalhoso e rude, ficando “extenuado por doze horas de trabalho contínuo”⁵⁵ para poder explicar os acontecimentos da revolução, exercendo o papel de jornalista. O *Cidade do Rio* publicou três edições no próprio dia 15, levando à população “todas as notícias desencontradas, todos os atrapalhados boatos, todas as complicadas surpresas daquela jornada fantástica”⁵⁶.

No primeiro ano do novo regime escreveu crônicas para o *Correio do Povo*, de Sampaio Ferraz. Mas a colaboração foi interrompida porque José do Patrocínio o convidara para ser correspondente do *Cidade do Rio* na Europa. A profissão de jornalista fazia com que Olavo Bilac realizasse um sonho e ainda ganhasse por isso. O trabalho de correspondente foi realizado de julho de 1890 a março de 1891. Em nota de primeira página a *Gazeta de Notícias* comentou a viagem.

Segue hoje para Europa, onde vai ser correspondente da Cidade do Rio, Olavo Bilac. Não há no mundo das letras quem não conheça e não tenha apreciado o moço glorioso que em diversos jornais, e ainda ultimamente

⁵⁵ BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 08/01/1905. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.679

⁵⁶ Ibidem

na *Gazeta de Notícias*, deu as mais brilhantes provas da opulência do seu talento e do seu engenho literário. Vemo-lo partir com a mágoa de quem perde um grande colaborador; mas essa mágoa é em parte suavizada pela certeza que temos, de que na sua nova posição, aquele espírito brilhante ainda mais se desenvolverá pela convivência com o que de artes e de letras tem de mais requintadamente apurado.⁵⁷

Dessa experiência Bilac deixou testemunho em correspondência a Max Fleuiss, a quem convidou para ir a Paris, onde vivia “modestamente, mas com conforto”⁵⁸, gastando 700 francos por mês (cerca de 300 mil réis). Nos seus gastos incluía, além de alimentação e hospedagem, teatro, carro de aluguel, enfim, tudo que precisava para se encharcar de *parisina*⁵⁹. Afirmava, ainda, que na capital francesa vivia exclusivamente com os ordenados do *Cidade do Rio*: já era um jornalista profissional. Nessa mesma carta se referiu ao Brasil como “cofraria portuguesa que a generosidade dos povos insiste em chamar país civilizado” e perguntou: “como vai essa terra ignóbil?”. A antipatia em relação à pátria teria sido ainda maior se soubesse o que o esperava no regresso, durante a presidência de Floriano Peixoto.

Com a ascensão do “marechal de ferro” ao poder, o cronista que retornou à atividade tão logo chegou ao Brasil, dirigiu fortes ataques ao ditador, através de textos publicados no jornal de Patrocínio e, sobretudo, em *O Combate*, fundado por ele, Lopes Trovão e Pardal Mallet. Nesse último publicou crônicas que o levaram a se desentender com Raul Pompéia, florianista empedernido, tendo a discussão quase terminado em duelo. As críticas eram endereçadas não só à instituição governo, mas a tudo que estivesse em sua volta também, com ênfase nos jornais ditos florianistas.

Como sempre de forma irônica, atacava as folhas que haviam publicado como verdade as supostas afirmações comprometedoras de um sargento que havia sido ferido gravemente na cabeça. Assim ele, Bilac, “como repórter ativo – desculpem a imodéstia – tive a ocasião de interrogar, sobre o caso raro, vários médicos e todos eles são concordes em declarar que o

⁵⁷ Um que parte. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 10/07/1890 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

⁵⁸ PONTES, Eloy. *A vida exuberante de Olavo Bilac*, op.cit., p.182

⁵⁹ Artur Azevedo, ao comentar o regresso de Bilac, escreveu de forma irônica no *Correio do Povo*: 'O nosso poeta está seriamente intoxicado, ingeriu pantagruélicas doses de 'parisina', a famosa bebida de que falava Charles Nodier, e agora não há volta a dar-lhe. Se ficar aqui a passear, entre o beco das Canelas e a rua da Vala, morre da pior das nostalgias, a nostalgia de Paris". Citado por: BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil - 1900*, op.cit., p.143

sargento Sylvino no estado em que o descrevem os jornais, não pode ter feito declarações”⁶⁰, desmascarando a operação perante o público.

“Parnasiano apenas na arte, Bilac teve forte atuação política como jornalista”⁶¹ e, além de publicar artigos atacando o governo, participou de manifestações populares e até de uma tentativa de contragolpe em abril de 1892. Como consequência, nesse ano foi preso por quatro meses na Fortaleza da Lage. Dessa época deixou testemunho Luiz Murat, que publicou no *O Combate* a seguinte nota:

Apesar da pilhéria do Sr. Floriano Peixoto, mandando dizer à imprensa que, na declaração de sítio e a suspensão de garantias, excetuava-se a liberdade de imprensa, estão presos e incomunicáveis alguns jornalistas, entre eles os nossos queridos amigos Pardal Mallet e Olavo Bilac, desta folha, e José do Patrocínio, o genial jornalista brasileiro, redator da Cidade do Rio.⁶²

Solto, voltou ao ofício e chegou a secretário de redação do *Cidade do Rio*, um posto importante na carreira que exercia. Em biografia publicada no periódico o *Álbum*, de março de 1893, Guimarães Passos apresentou Bilac como alguém com memória prodigiosa, que lia todos os jornais "com um cuidado extraordinário" e escrevia no “meio do maior barulho”⁶³, uma boa descrição para um jornalista. Nesse mesmo ano, entretanto, teve que se exilar em Minas Gerais, quando o jornal de Patrocínio foi fechado pelo governo de Floriano Peixoto.

O exílio não o fez interromper suas atividades de jornalista: enviava crônicas para a Capital Federal, mandando notícias importantes como a do lançamento da nova capital mineira, a primeira cidade projetada do Brasil: Belo Horizonte. Em outra ocasião, de Ouro Preto encaminhou artigo que comentava o lançamento do monumento a Tiradentes, com texto

⁶⁰ BILAC, Olavo. Vida Fluminense. *O Combate*. Rio de Janeiro, 23/01/1892 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

⁶¹ COSTA, Cristiane. *Pena de Aluguel: escritores jornalista no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p50

⁶² Citado por: PONTES, Eloy. *A vida exuberante de Olavo Bilac*, op.cit., p.198

⁶³ FONTES, Martins. *O collar partido*. Santos: Editora B. Barros e Cia, 1927, p. 188

que se tornou mais uma prova de sua condição de jornalista. E mais, de quem buscava um “furo” de reportagem.

Querendo que a Gazeta fosse a primeira a dar do monumento notícia minuciosa e completa, obtive do notável escultor V. Cestari um croquis geral da belíssima obra de arte e uma fotografia fidelíssima da estátua: fica assim a Gazeta habilitada, graças a isso e ao talento do seu primoroso desenhista Belmiro de Almeida, a dar aos leitores uma idéia perfeita do que é esse monumento – o primeiro, talvez, do Brasil, no gênero, com beleza de concepção e sobriedade e perfeição de estilo.⁶⁴

Voltou ao Rio de Janeiro em 1894, quando o estado de sítio – que só atingia o Distrito Federal – foi levantado. Porém, mal desembarcou na Central do Brasil e foi detido pela polícia de Floriano Peixoto. Como resultado de sua volta precipitada, acrescentou no seu currículo mais uma semana de cárcere. Ao total foram quatro as vezes em que esteve preso, episódios que provavelmente colaboraram para sua declarada ojeriza à política. Popular e aclamado, além de herdeiro de uma geração que fez com que Sílvio Romero afirmasse que “no Brasil mais do que em outros países, a literatura conduz ao jornalismo e este a política (...) literato é jornalista, é orador e é político”⁶⁵, estranha que Bilac nunca tenha se interessado por cargos eletivos. Somente anos depois conseguiria entender porquê o governo provisório tinha tanta “má vontade” com a imprensa: “*A revolta da criatura contra o criador é uma lei fatal...*”⁶⁶, afirmou, talvez tentando justificar sua própria decepção. Jamais se candidatou a cargo público e evitou o tema em suas crônicas depois da queda de Floriano.

De seu retorno do exílio até 1908, Olavo Bilac conquistou um papel de destaque na sociedade carioca, trabalhando intensamente na imprensa. O intelectual combatente e perseguido pela ditadura florianista saiu de cena e entrou, junto com grande parte da intelectualidade da época, o defensor da *Belle Époque*, o símbolo da vida literária. Nesse

⁶⁴ Citado por: PONTES, Eloy. *A vida exuberante de Olavo Bilac*, op.cit., p. 241

⁶⁵ ROMERO, Sílvio. *História da Literatura Brasileira*. Vol.2. Rio de Janeiro: José Olympio, 1914, p. 865

⁶⁶ BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 08/12/1907. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.857

período manteve intensa colaboração na *Gazeta de Notícias* e no vespertino *A Notícia*, veículos onde publicou durante mais de uma década⁶⁷.

Em 1897 substitui ninguém menos que Machado de Assis na crônica semanal do jornal de Ferreira de Araújo, obtendo assim sua consagração na vida de jornalista. Ainda que só tenha começado a assinar a coluna a partir de 1903, o “acento pragmático” de suas crônicas é facilmente observado em todos os anos da colaboração, como comprovou Antonio Dimas⁶⁸, que também apontou para o tom informal, próximo e familiar que o escritor utilizava, estando aí uma pista de sua cumplicidade com o leitor, o que lhe conferia extraordinária popularidade. Em biografia sobre Bilac, Raimundo Magalhães pergunta e responde: “Por que era Olavo Bilac um cronista tão lido, tão comentado, tão apreciado? Pela variedade de assuntos de que se ocupa e elegância de seus escritos, pela boa informação que veiculava e pelo arejamento de sua mentalidade progressista e adiantada”.⁶⁹

Bilac ampliou as visões do leitor, ao abordar temas tão díspares como a falta de higiene e as emendas constitucionais, a inauguração de um teatro e a prisão de uma quadrilha de estelionatários, entre tantos outros. E, para relatar todos esses assuntos, exercia sua escrita em prosa de forma direta, tão diferente do rebuscado estilo de suas conferências e de sua poesia, dualidade que foi observada por Jeffrey Needell⁷⁰ quando afirma que “na época sua poesia já saíra de moda na França, mas sua prosa estava bem no compasso das novidades”. Paulatinamente o jornalista ganhava espaço e “aos poucos, esvaziava-se sua ‘cabeça cheia de versos’ e no seu lugar organizava-se a responsabilidade pela ‘resenha semanal dos casos’; aos poucos o versos estético cedia lugar á prosa ética, aos poucos, mas nunca de forma absoluta, o jornalista fazia sombra ao poeta”⁷¹

⁶⁷ Por 13 anos Olavo Bilac escreveu a coluna Registro, do jornal *A Notícia*. Entretanto, segundo testemunho do professor Dimas, a falta de condições de armazenamento fez com que todo esse material fosse perdido, ainda que depositado na Biblioteca Nacional, pois se deteriorou a ponto de impedir a pesquisa.

⁶⁸ DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: ensaios*. São Paulo: Imesp. 2006, p. 123

⁶⁹ MAGALHÃES JR. Raimundo. *Olavo Bilac e sua época*. Rio de Janeiro: Ed. Americana, 1974, p.290

⁷⁰ NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite na virada do século*, op.cit., p.234

⁷¹ DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: ensaios*, op.cit., p.124

Foi ainda por duas vezes correspondente dos jornais paulistas *O Estado de S. Paulo* (1897-1898) e *Correio Paulistano* (1907-1908), para os quais enviava notícias da Capital Federal. E, em 1900, viajou para Buenos Aires na comitiva oficial de Campos Sales como representante da *Gazeta de Notícias*, ocasião na qual se sentia “mais à vontade no perfil de jornalista que de poeta”⁷² e, outra vez, utilizou o dom da oratória para responder em nome dos colegas de imprensa ao brinde que lhe foi oferecido pelo diretor do jornal *El Tiempo*. Martins Fontes afirmou que “Bilac maravilhou a Argentina”, com frases de efeito como esta: “Durante cinco años estudié medicina; durante três años estudié derecho; hace 36 años estudio la vida; y a pesar de tanto estudio, es mi ignorancia profunda”⁷³.

A falsa modéstia não correspondia à realidade da atribulada e intensa vida de um dos mais conhecidos intelectuais da Capital Federal. Além dos jornais, as revistas também foram local de trabalho para o cronista e, mais ainda, outra vitrine para expor seu talento. Já em 1895 teve como seu maior projeto a revista *A Cigarra* – semanário colorido e ilustrado, do qual Bilac foi o único redator, escrevendo crônicas e notas. Lá trabalhou com o ilustrador português Julião Machado, com quem fundou no ano seguinte *A Bruxa*, em que assinava crônicas usando como pseudônimos diversos sinônimos para diabo.

Quase uma década depois e com um discurso completamente diferente, tornou-se cronista da luxuosa *Kósmos*. Para o texto da primeira edição, quando apresentou a revista, escolheu como tema central o papel dos periódicos na vida da sociedade, enaltecendo a importância desta

imensa e dilatada imprensa de informação, que avassala a terra, dirigindo todo o movimento comercial, político e artístico da humanidade, pondo ao seu próprio serviço, à medida que aparecem, todas as conquistas da civilização, aumentando e firmando de ano em ano o seu domínio, - e chegando a ameaçar de morte a indústria do livro(...)⁷⁴

⁷² Ibidem, p.115

⁷³ FONTES, Martins. *O collar partido*, op.cit., p.191

⁷⁴ BILAC, Olavo. Crônica. *Kósmos*. Rio de Janeiro: janeiro de 1904 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

No mesmo texto apresentou a linha editorial da revista e seus propósitos, no que chama de “programa”, exercendo papel de editorialista⁷⁵. “Instalado comodamente” nas primeiras páginas da revista, de 1904 a 1908, “comenta o mundo a seu redor, abordando-o genericamente, exortando-o ao progresso, enaltecendo os avanços técnicos, mencionando explicitamente os dirigentes, quando nos louvores, mas calando-se oportunamente, quando na incisão mais funda e decidida⁷⁶. Ainda no texto da primeira edição, ou seja, na sua apresentação aos leitores, afirmou que finalmente o Brasil havia entrado numa fase de revitalização, tendo a higiene, a beleza e a arte encontrado quem as introduzisse no país, fazendo “essa lenta e maravilhosa metamorfose da lagarta em borboleta”⁷⁷. O cronista explicou, ainda, que era projeto da direção da revista acompanhar todas as mudanças desta regeneração moral e material e que esse fato explicava sua presença naquelas páginas.

Essa posição de aliado do poder estabelecido o levou a tornar-se também o cronista oficial do *Jornal da Exposição Nacional*, evento organizado pelo Governo em 1908, com o objetivo de mostrar aos outros países – e sobretudo aos próprios brasileiros – o país republicano que entrava no novo século de cabeça erguida. Entre estandes que ressaltavam a produção industrial, agrícola e comercial do país, Bilac idealizou e concretizou colocar a imprensa nessa imensa vitrine. Montou uma redação dentro do pavilhão, toda de vidro, mostrando ao público como se fazia um jornal, folha que era distribuída aos visitantes no mesmo dia, e no centro da cidade durante a tarde, numa visão pertinente do que veio a ser realizado pela assessorias de imprensa de hoje em dia. É assim que Bilac, o jornalista, atua em mais um ramo da profissão, a dos que estão do “do outro lado do balcão⁷⁸”, tornando-se “uma espécie de assessor de imprensa da Exposição”⁷⁹, um precursor dos boletins institucionais.

⁷⁵ O termo é utilizado por Antônio Dimas ao analisar as crônicas escritas por Bilac para a *Kósmos*, nas quais “respondia, ainda que involuntariamente, às atribuições de editorialista, explorando de modo opinativo os assuntos do momento”. In: DIMAS, Antônio. *Tempos Eufóricos – análise da revista Kósmos 1904-1909*, op.cit., p. 51

⁷⁶ DIMAS, Antônio. *Tempos Eufóricos – análise da revista Kósmos 1904-1909*. op.cit., p. 51

⁷⁷ BILAC, Olavo. Crônica. *Kósmos*. Rio de Janeiro: janeiro de 1904 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

⁷⁸ Expressão utilizada pelos profissionais do jornalista para se referir aos colegas que trabalham em assessoria de imprensa e que, por isso, estão do lado de fora das redações.

⁷⁹ DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: ensaios*. op.cit., p.29

Nas crônicas publicadas na primeira das quatro páginas do *Jornal da Exposição*, Olavo Bilac exaltou a Feira e o progresso que o Brasil expunha. No boletim de número seis escreveu como assessor consciente da importância da divulgação do evento, ressaltando que sem a publicação de notícias sobre a Exposição, essa estaria “irremediavelmente perdida”. Para tanto, elogia os repórteres do evento, que trabalhavam sem folga para fazer com que a população estivesse atenta ao que ali se passava:

Os ‘repórteres da Exposição’...A eles é que o Diretório Executivo, o Governo, todas as delegações e todo o povo devem oferecer uma grande festa radiante! Porque enfim foram eles verdadeiramente os criadores da vida deste recinto e são ainda eles que estão mantendo a concorrência e o brilho destes dias e destas noites de encanto e folguedo. [As notícias que eles escrevem, as novidades que eles revelam, os projetos que eles anunciam, as surpresas que eles comentam, mantêm a população num estado de excitação febril, que a impede de cair no cansaço e no enfado.] O primeiro pensamento que acode atualmente, ao romper da manhã, ao cérebro do carioca que desperta, é este: ‘que haverá hoje na Exposição?’. – E depressa! À leitura dos jornais! E, com a leitura dos jornais, reaviva-se a curiosidade, reanima-se o entusiasmo, reacende-se o desejo de sustentar esta brilhante manifestação da nossa força nacional.⁸⁰

Todo entusiasmo pela profissão e pela força da mídia, entretanto, não o impediu de abandonar a vida de imprensa justo nesse momento. Foi exatamente o poder que os jornais têm de criticar – positiva ou negativamente – os acontecimentos que o fizeram encerrar as atividades periódicas. Em 1908 rompeu todos os compromissos profissionais com a *Gazeta de Notícias* e a *Kósmos*, cessando sua carreira jornalística abrupta e inesperadamente. Pouca coisa publicou após essa data e somente em revistas. O motivo da saída, nunca assumido pelo jornalista, foram as críticas recebidas por causa da sua tentativa de montar uma agência de notícias, com empréstimo do governo brasileiro, concedido graças à influência de seu amigo Barão do Rio Branco.

Para colocar em andamento a Agência Americana, Bilac e seus sócios, Martins Fontes e o italiano Alfredo de Ambris, receberam vinte e sete contos de réis do governo. A Agência

⁸⁰ BILAC, Olavo. *Jornal da Exposição* n.06. Rio de Janeiro, 1898. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.2. op. cit., p.289. Os colchetes fazem parte do texto original e não representam aqui uma intervenção.

chegou a funcionar por curto período e tinha como objetivo informar os homens de negócios do Brasil sobre as cotações da bolsa de Londres, Paris e Nova York. Para o funcionamento do serviço, que também contava com um serviço permanente de propaganda dos produtos brasileiros, Bilac criou códigos utilizando termos da mitologia grega.⁸¹ Em livro de “crônicas poéticas biográficas” Martins Fontes lembrou que o plano era imenso e foi totalmente executado por Bilac, de forma “admirável”, motivo pelo qual “todos ainda se recordam em Santos das vantagens da nossa agência. Nunca houve serviço tão rápido, tão exato, tão minucioso, tão bom”⁸².

Entretanto, ao ser chamado de “picareta” e “mordedor ministerial” devolveu a quantia e abandonou o negócio. Ao comentar sobre o fato, o biógrafo Raymundo Magalhães transcreveu parte do artigo *O segundo Olavo Bilac*, de João do Rio, que lembrou o episódio:

Devia ser uma obra ajudada pelo governo, claramente, como as congêneres de outros países o são. Mas como convencer a mediocridade perversa? O primeiro subsídio, dados sem meios indiretos, causou o ataque (...) Eram vinte e sete contos. Bilac foi ao Ministério e, contra a vontade do ministro, restituiu a importância, passando a outras mãos a agência. Havia jornais a atacá-lo. Bilac disse-me um dia: ‘ – Nunca mais escrevo em jornais’. E passou dez anos e morreu sem escrever para jornais.⁸³

De sua obra jornalística, pouco publicou em livro. Talvez por acreditar que suas crônicas fossem mesmo “poeira tênue da história”, como se referiu a seus escritos, mas nunca por não reconhecer em vida a profissão. Para Bilac, os homens não podem mudar de ofício como as serpentes de pele e, por isso, quem foi jornalista, morre como tal. Em crônica de reminiscências, fez uma bela descrição da atividade.

Quanta cousa tenho deixado por aqui, - quanto sonho vago, quanta palavra alegre ou magoada, quanta sincera piedade e quanta ironia

⁸¹ PONTES, Eloy. *A vida exuberante de Olavo Bilac*, op.cit., p.593

⁸² MARTINS, Fontes. *O collar partido*, op.cit., p. 233

⁸³ RIO, João do. *Ramo de Louro*. Aillaud e Bertrand, p. 183. In: MAGALHÃES JR. Raymundo. *Olavo Bilac e sua época*, p. 318

mal contida, - na contínua contradição deste trabalho diário, que se desfaz e desaparece mais facilmente do que as pegadas de um caminhante sobre a neve! Só Deus sabe, porém, se tudo isso se perdeu. Talvez algum dia, nas linhas que a minha fantasia tem derramado por aqui, alguma alma tenha achado um pouco de consolo e de prazer. E isso basta para que a minha pena continue a escrever e para que meu espírito continue a sonhar.⁸⁴

O jornalista tornou-se uma síntese de sua classe, de seu grupo, de sua época, de sua cidade, justo no momento que a imprensa se consolidava como meio de comunicação de massa, afirmando-se como veículo social e informativo. Ao se deixar levar durante quase 20 anos pela vida de imprensa, Olavo Bilac definiu seu nome e seu lugar como intelectual participante, distante da “torre de marfim”, que não raro freqüentou com sua poesia. E, como jornalista que foi, analisou com voz de quem está do lado de dentro a atuação da imprensa, talvez até mesmo para pedagogicamente ensinar o leitor a entender como eram as relações intrínsecas a um jornal, alertá-lo para ler também o que ia nas entrelinhas. E foi assim que “durante esses anos todos, Bilac permitia-se, vez ou outra, comentários metalingüísticos sobre sua obrigação semanal ou diária”⁸⁵, tomando possível hoje estudar a imprensa daquela época não apenas em si mesma, mas como potência do que vivemos.

84 BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 02/08/1903. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.578

⁸⁵ DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: ensaios*. op.cit., p.41

CAPÍTULO 3

A IMPRENSA CIVILIZA-SE

*Estas páginas serão uma placa sensível em que se irão
fixando todas as imagens, todos os aspectos, todas as
mudanças de nossa vida nesta era de regeneração e
reabilitação material e moral.*

Olavo Bilac

3.1 O Jornal é hoje selo do progresso – da opinião à informação

Antigamente, a Imprensa doutrinava, não informava, porque não precisava informar: a época era calma, as gentes eram pacatas e pouco curiosas, a vida era modorrenta. Hoje, a vida é febril, as gentes são ávidas e impacientes, a época é de uma atividade vertiginosa. Cada século tem a sua imprensa. Quando uma cidade se transforma materialmente, também se transforma todo o seu organismo intelectual e moral. O jornal antigo doutrinava, - e tinha cem leitores, o jornal moderno informa – e devora uma bobina de papel por minuto. Aquele não precisava de propaganda, nem de pressa; este, se não progredir incessantemente, morre!⁸⁶

A crônica de Olavo Bilac relatou - com a clareza de quem viveu de forma intensa como jornalista na virada de século - como a imprensa brasileira se transformou nessa época. No início do século XX o jornalismo já era visto como meio de informação, opinião e publicidade, tendo para isso contribuído de forma decisiva as inovações tecnológicas. O texto opinativo perdeu espaço, já que não havia mais necessidade do discurso ideológico para derrubar a Monarquia e instaurar a República. Desde a primeira regência, proliferaram jornais panfletários em todo país, com base no mote: “uma idéia, um jornal”⁸⁷, modelo que não mais tinha espaço com o surgimento da imprensa/empresa.

Ainda que os artigos de fundo continuassem existindo, em geral defendendo a preservação do novo regime, há pouco instituído, os conteúdos jornalísticos haviam mudado. O jornal assumiu um caráter mais informativo e a proliferação de colunas leves, de “sociedade” e vida mundana, passaram a ocupar muitos dos espaços da opinião veemente de tempos anteriores. Houve uma mudança de conteúdo, de tal modo que os grandes jornais migraram “da linha de doutrinação ideológica para dedicar-se mais à notícia”.⁸⁸

Se em seu princípio "o jornalismo era um instrumento nas lutas sociais e políticas, identificado com os partidos, difusor de opinião, escrito em estilo literário que apenas

⁸⁶ BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 10/06/1906 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

⁸⁷ CHAGAS, Carlos. *O Brasil sem retoque: 1808-1964: a História contada por jornais e jornalistas*, v.1. Rio de Janeiro: Record, 2001, p.195

⁸⁸ COSTELLA, Antonio. *O controle da informação no Brasil*. Petrópolis, Editora Vozes, 1970, p. 82.

reservava espaços para a informação"⁸⁹, no final da segunda metade do século XIX, a opinião começara a perder terreno e a ser separada das páginas de informação. Os leitores queriam saber mais sobre o que acontecia no mundo pelas notícias políticas, policiais internacionais e esportivas. Os fatos do dia eram destaque e “o século XX se abre para o jornalismo brasileiro com a consciência de que é a notícia a sua prioridade”⁹⁰.

Foi nesta mesma época que a imprensa se configurou como a conhecemos hoje, no que concerne às tiragens, à viabilidade comercial, às publicações, ao papel do jornalista e até ao avanço tecnológico, guardando-se as devidas proporções. “A imprensa, no início do século, havia conquistado seu lugar(...) Significava muito, por si mesma, e refletia, mal ou bem, as alterações que, iniciadas nos dois últimos decênios do século XIX, estavam mais ou menos definidas nos primeiros anos do século XX”. ⁹¹ É um período que interessa para a história do jornalismo brasileiro como talvez nenhum outro, por estar envolto no turbilhão da modernização de um país que deixava de ser Império e entrava na República sem se configurar como nação.

Ao lado das mudanças de cunho político configurou-se a alteração da imprensa. Ao ocorrer a passagem do predomínio de um jornalismo político para este que desejava ser auto-sustentável, informativo e diversificado tematicamente, houve também uma modificação do olhar: do horizonte abstrato das grandes metas nacionais para as causas imediatas da vida urbana. A guinada seguia mesmo uma característica inerente ao veículo de comunicação. Machado de Assis, em artigo que prega a supremacia do jornal sobre o livro, sobretudo pela sua condição de “locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos”, explicou que o movimento possível dentro das páginas dos periódicos faz com que funcionem como reflexo da sociedade: “O jornal, literatura quotidiana, no dito de um publicista contemporâneo, é reprodução diária do espírito do povo, o espelho comum de todos os

⁸⁹ PAIVA DE LUCA, Heloisa Helena (org.). *Balas de estalo de Machado de Assis*. São Paulo: Annablume, 1998, pp 312-313.

⁹⁰ BAHIA, Juárez. *Jornal, história e técnica – história da imprensa brasileira*. 4ªed. São Paulo: Editora Ática, 1990, op.cit., p. 131

⁹¹ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. op.cit.

fatos e de todos os talentos, onde se reflete não a idéia de um homem, mas a idéia popular, esta fração de idéia humana⁹².

O texto de Machado de Assis foi escrito durante o Império, quando o que unificou o jornalismo, em grande medida, foi o esforço de pensar o país em sua totalidade. Poucos e caros eram os veículos de comunicação existentes, o que limitava o aparecimento dos jornais e seu conseqüente uso pela elite imperial. O *Jornal do Comércio* era o único periódico de alcance nacional publicado até meados dos anos 1860, e com todas as restrições de distribuição encontradas na época. A maior parte dos periódicos eram iniciativas individuais, que nasciam e morriam segundo os temas políticos em pauta⁹³. Os proprietários de jornais eram ricos ou aventureiros, normalmente os dois juntos. Os jornais existiam apenas pelo que escreviam e serviam para defender os interesses das oligarquias, que os fundavam para opinar a respeito do que bem quisessem.

A modernização dos processos de impressão na década de 1870 tornou acessível a um maior número de grupos a confecção de periódicos e, com a chegada das campanhas pela abolição da escravidão e instauração da República, a incipiente imprensa brasileira ganhou impulso. De fato, os períodos revolucionários sempre foram marcantes no desenvolvimento da imprensa⁹⁴. Em apenas dois anos, entre 1870 e 1871, surgiram no país mais de vinte jornais declaradamente republicanos, sem falar nas iniciativas não catalogadas ou de vida curta que existiram não só nos grandes centros, como nas províncias. Fundado em 1870, já no ano seguinte o *A República* imprimia diariamente 10 mil exemplares, número expressivo, além de reunir grande parte da *intelligentzia* local. Machado de Assis, em

⁹² ASSIS, Machado. *Balas de estalo & crítica* (obras completas de Machado de Assis). São Paulo: Globo, 1997. p.132

⁹³ ALONSO, Ângela. *Idéias em movimento – a geração de 1870 na crise do Brasil-Império*, São Paulo: Paz na Terra, 2002. p.277

⁹⁴ Não há melhor exemplo do que a revolução francesa de 1789, período de proliferação de jornais – que serviam de instrumento para os grupos políticos de forma aberta – assim como de surgimento de inovações tecnológica que aumentaram a quantidade e a qualidade dos impressos. Testemunha da época pós revolucionária francesa, que relatou e viveu de forma intensa, foi o escritor Honoré de Balzac, que em inúmeros livros de sua *Comédia Humana*, sobretudo em *Ilusões Perdidas*, deixou suas impressões sobre a imprensa, na maioria das vezes de forma desfavorável.

crônica de 1859, já observara com clareza que “Houve uma coisa que fez tremer as aristocracias, mais do que os movimentos populares; foi o jornal.”⁹⁵

Os ideais positivistas preencheram os veículos, que em tom panfletário defenderam suas causas e balançaram as estruturas políticas, fomentando o debate e fazendo da imprensa “uma alternativa de visibilidade e um espaço de enunciações coletiva de críticas, projetos e reivindicações. Esta situação de independência política somada à orientação do repertório científico do fim do século deu a esses jornais um caráter inovador”⁹⁶. Ainda que extremamente opinativos, os novos veículos foram os embriões da imprensa moderna ao terem como características o fato de serem diários, com preços baixos, vendidos avulsos, terem grande circulação e vocação popular.

Já em 1874 surgiu a *Gazeta de Notícias* que, ao lado do *Cidade do Rio*, de 1887, foram considerados os fundadores do moderno jornalismo brasileiro. Comandado por José do Patrocínio, o *Cidade do Rio* já chegou com projeto editorial e gráfico modernos⁹⁷, além de força política e econômica. Com sede na emblemática Rua do Ouvidor, tinha quatro páginas, custava 40 réis e nos seus melhores momentos chegou a ter tanta publicidade quanto espaço noticioso⁹⁸. Sobreviveu por 15 anos, mas foi por sua atuação nos primeiros tempos que entrou para a história. Vespertino, deu com detalhes os fatos do 15 de novembro de 1889, redigidos por um dos seus colaboradores: Olavo Bilac.

Ainda que fundado 13 anos antes do jornal de Patrocínio, foi o *Gazeta de Notícias* o mais inovador dos jornais da época. Embora tivesse sido um dos grandes jornais da corte, se manteve na transição e se consolidou na República, sendo um veículo literário por excelência, mas ao mesmo tempo popular. Ao ser comandado por jornalistas no lugar de políticos, mostrava como a imprensa brasileira se profissionalizava e ganhava autonomia como categoria, ainda que com todos os problemas decorrentes na estrutura empresarial

⁹⁵ Citado por: SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*, op.cit., p.259

⁹⁶ ALONSO, Ângela. *Idéias em movimento – a geração de 1870 na crise do Brasil-Império*, op.cit., p.279

⁹⁷ A separação entre o conteúdo opinativo do informativo, assim como da publicidade da parte editorial são algumas dessas características. O uso de ilustrações e a diagramação em colunas fixas também configuraram um avanço nos padrões do jornalismo de então.

⁹⁸ BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica – história da imprensa brasileira*, op.cit., p.145

então implementada. Com a Gazeta, escreveu Machado de Assis, "a leitura impôs-se, a folha cresceu, fez-se homem, pôs casa: toda a imprensa mudou de jeito e de aspecto"⁹⁹.

A força do periódico provinha de seu proprietário, Ferreira de Araújo, considerado como fundador de um "jornalismo mais ágil, mais democrático, mais acessível e menos aderido às circunvoluções políticas do momento"¹⁰⁰, cuja atividade foi elogiada em mais de um testemunho. Em 1889, Max Leclerc, correspondente francês em passagem pelo Brasil, afirmou que "o Dr. Araújo é um excelente jornalista; julga homens e coisas com condescendente ironia; escreve com precisão, elegância e sobriedade raras; (...) talvez seja o único, em seu jornal e no seu país, a ter uma idéia justa da verdadeira missão do jornalismo".¹⁰¹ Olavo Bilac, cuja história de jornalista perpassou a da *Gazeta de Notícias*, por diversas vezes lembrou do papel do antigo patrão para com aqueles que começavam a vida de imprensa, como nesta crônica escrita na semana da morte de Ferreira de Araújo

Era uma superioridade intelectual, ao serviço de uma superioridade moral (...). A glória alheia redobrava a sua. Era um dos primeiros a sair à frente dos triunfadores da arte, para os saudar. Quando um poeta, um jornalista, um pintor, um compositor começavam a romper às cotoveladas a massa espessa do anonimato, era ele um dos primeiros a desbravar-lhe o caminho, a pô-los ao sol, a empurrá-los para a evidência, a celebrar-lhes o valor.¹⁰²

Em texto de reminiscências escrito para a revista *Kósmos*¹⁰³, Olavo Bilac relembrou o papel de Ferreira de Araújo como formador do público leitor no Brasil, além de ter sido o responsável pela democratização da imprensa diária e ter prestado apoio a todos da sua geração literária. Por essas realizações, afirmou que o proprietário da *Gazeta* era um mestre exemplar, pelas mãos de quem o jornalismo tornou-se uma arte.

⁹⁹ Citado por SANTOS, Jeana Laura da Cunha. *Experiências pioneiras de Machado de Assis sobre o jornal*. Tese de doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2002, p.71

¹⁰⁰ DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: ensaios*. op.cit., p.25

¹⁰¹ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. op.cit., p. 289

¹⁰² BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 26/08/1900. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.366

¹⁰³ BILAC, Olavo. *Crônica. Kósmos*. Rio de Janeiro, janeiro de 1905. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.2. op. cit., p.338

A morte do homem que tanto havia feito pelo jornalismo, em 1900, coincidiu com a entrada da segunda etapa da modernização da imprensa. A experiência jornalística de Ruy Barbosa é exponencial para melhor compreender as mudanças iniciadas já nas últimas décadas do século XIX. Defensor da imprensa como sacerdócio, percebeu o declínio do jornalismo de grandes causas e afirmou sentir-se deslocado ao dividir espaço com gêneros informativos e publicitários¹⁰⁴. No novo século os periódicos se voltaram para o noticiário e a reportagem, buscaram na publicidade seu sustento principal e deixaram o tom panfletário mais distante, constituindo-se como empresas. Brito Broca resumiu desta forma as principais mudanças:

Entre as inovações de nossa imprensa no início do século XX, com relação à literatura, podemos distinguir as seguintes: a decadência do folhetim, que evolui para a crônica de uma coluna focalizando apenas um assunto, e daí para a reportagem; o emprego mas generalizado da entrevista, muito pouco utilizada até 1900; e a crítica literária em caráter mais regular e permanente.¹⁰⁵

O jornalismo agora seguia a linha da *Belle Époque*, marcada pela reformulação dos espaços, sejam esses reais ou simbólicos, cujos projetos e idéias eram divulgados através das folhas dos periódicos. Nessa sociedade que ansiava por se tornar civilizada e urbana, a imprensa tornou-se um símbolo de desenvolvimento, “o carimbo inconfundível da civilização”¹⁰⁶, como denominou Olavo Bilac em crônica que comentou, surpreso, a existência de um jornal no distante e recém incorporado estado do Acre. Para o cronista, “o que constitui a melhor, a mais completa prova de civilização daquelas terras é a própria existência do jornal. O Jornal é hoje selo do progresso”¹⁰⁷. O tal “selo” era respaldado pelas recentes e marcantes atuações da imprensa, já que, nas palavras de Olavo Bilac, “ela fez a República, ela liberou os escravos, ela atirou ao chão o império, ela despachou para a

¹⁰⁴ RIBEIRO, Lavina Madeira. *Imprensa e Esfera Pública: O Processo de Institucionalização do Jornalismo no Brasil (1808-1964)* - Anais do 1º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho.

¹⁰⁵ BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil - 1900*, op.cit., p. 289.

¹⁰⁶ BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 27/01/1907 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

¹⁰⁷ *Ibidem*

Europa o gibão surrado de D. João VI(...)"¹⁰⁸, se tornando assim "um estado dentro do estado". O desempenho da imprensa é relatado em diversos textos pelo cronista, ora de forma debochada, ora sério, mas sempre reforçando seu papel na sociedade.

O Jornal foi inventado para informar. Informar é seu destino, é a sua função social, é a sua razão de ser. (...) Nas democracias modernas, o Jornal é o quarto poder, um poder tão forte como os outros e mais temível e tirânico do que eles. O Estadista é escravo do jornal.¹⁰⁹

Ao se transformar em veículo informativo por excelência, os jornais do final do século XIX diminuíram o espaço dado à colaboração literária, cujos textos passam a ser delimitados graficamente, aprofundando a cisão entre o texto jornalístico e o literário. Olavo Bilac deixou testemunho desse momento quando escreveu que os jornais "dedicavam todas as suas colunas e artigos de combate a noticiários sem cor, de que a literatura parece ser propositalmente afastada"¹¹⁰. Em seguida o cronista comemorou o nascimento da revista *A Semana*, de Valentim Magalhães e Max Fleiuss, que injetaram sangue novo nas letras. Foi realmente a ocasião oportuna para o aparecimento das revistas ilustradas, até mesmo pela inexistência de uma indústria livreira. Tal fato deu aos meios impressos, às revistas em especial, o papel de veicular a nova imagem do país, suporte de propagação de valores culturais, de fácil consumo pelo seu formato e atrativas pelas novas técnicas de ilustração¹¹¹.

As revistas vieram suprir as necessidades do crescente público urbano, cujos interesses culturais começavam a ser mais bem definidos. A proposta dos periódicos era "ser moderno", como consta na maioria dos editoriais, para assim estar em consonância com a

¹⁰⁸ BILAC, Olavo. Diário do Rio. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 20/05/1898. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.2. op. cit., p.256

¹⁰⁹ BILAC, Olavo. Crônica. *Kósmos*. Rio de Janeiro, maio 1906. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.2. op. cit., p.355

¹¹⁰ BILAC, Olavo. Crônica Livre. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 15/02/1894. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.70

¹¹¹ Martins, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001, p.26

época presente, “o tempo torna-se parâmetro aferidor da própria modernidade”¹¹². Nos primeiros anos dos 1900 surgiram as principais revistas semanais: *Revista da Semana* e *O Malho* (1902), *Kósmos* (1904), *Fon-Fon!* (1907), *Careta* (1908), entre outras.¹¹³

O mais perfeito exemplo de obra prima gráfica e representante do cotidiano da *Belle Époque* vem da *Kósmos*, cuja crônica de abertura esteve a cargo de Olavo Bilac por 46 números¹¹⁴. Antônio Dimas¹¹⁵ apontou para o duplo papel da *Kósmos*, como espaço de representação de grupo e veículo de propaganda da administração Rodrigues Alves/ Pereira Passos. A revista não havia sido pensada para questionar, mas sim afirmar a nova urbanidade, suas mudanças e costumes importados. Era natural que a *Kósmos* tivesse grande preocupação estética, apostando no impacto visual, já que seu conteúdo era a arte com suas vertentes literárias, gráficas ou plásticas.

Os textos publicados na *Kósmos* eram próprios de uma “sociedade que se pretendia civilizada, culta, elegante e...inofensiva”¹¹⁶. Em crônica de janeiro de 1905 Bilac mostrou claramente que naquelas páginas só do bom, do melhor e do mais nobre se poderia publicar: “As cousas tristes ou horripilantes, que houve durante o mês, não podem ter o seu comentário nas páginas da *Kósmos*”¹¹⁷, afirmou, apontando que tais notícias deveriam ficar nos jornais diários, veículos bem menos ilustres. Esses, segundo o cronista, são como “um espelho em que se vêm refletir diariamente os aspectos móveis da vida, sempre tão agitada e tão cheia de surpresas.”¹¹⁸

¹¹² VELLOSO, Mônica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes*, op.cit., p.57

¹¹³ SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso: a representação humorística na história brasileira: da “Belle Époque” aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.39

¹¹⁴ Com um total de 64 números, a *Kósmos* foi dirigida por Mario Behring por um ano e 4 meses, passando depois para propriedade e direção de Jorge Schmidt

¹¹⁵ DIMAS, Antônio. *Tempos Eufóricos – análise da revista Kósmos 1904-1909*. op.cit., p.10

¹¹⁶ Ibidem, p.19

¹¹⁷ BILAC, Olavo. Crônica. *Kósmos*. Rio de Janeiro, janeiro 1905. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.2. op. cit., p.338

¹¹⁸ BILAC, Olavo. Crônica *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 19/10/1902. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.510

3.2. O carro de bois transformou-se em automóvel - As novas tecnologias e a imprensa

A virada de século trouxe a expectativa de novidades, referendadas pela chegada da luz elétrica, o telégrafo submarino e o sem fio, o telefone, o cinematógrafo, as estruturas de ferro pré-fabricadas que resultavam em edificações de impacto na paisagem, os bondes elétricos, o automóvel, a máquina de escrever, os zepelins, as multidões, transformações que traziam inquietações também no plano da estética. O desejo de modernização que demandava reformas urbanas também exigia aparelhamento técnico numa sociedade que se queria civilizada e que se transformava continuamente. Como tudo, o periodismo também mudou e se adequou aos novos tempos, rápidos e dinâmicos. Era a entrada do “jornal leve e barato, verdadeiro espelho da alma popular, síntese e análise das suas opiniões, das suas aspirações, das suas conquistas, do seu progresso”¹¹⁹, como sintetizou Olavo Bilac.

Na última década do século XIX e na primeira do XX o aperfeiçoamento tecnológico das gráficas significou importante incremento da imprensa, que praticamente acompanhou o crescimento urbano do país¹²⁰. Se em 1808 o Brasil viu surgir sua primeira tipografia, cem anos depois havia “quase que uma cada esquina”¹²¹. Os cidadãos daquela época se assombravam com a quantidade e a rapidez da informação que lhes era oferecida. A imprensa necessitava então de mais tecnologia, para que a velocidade da impressão acompanhasse o fluxo da informação. O conteúdo dos jornais tornara-se mais moderno do que a forma, forçando a adequação gráfica dos veículos de comunicação que desejassem sobreviver neste novo mundo.

A comunicação se modificou com a chegada do telégrafo e do telefone, com os serviços das agências noticiosas, com o ruído dos tipos mecânicos Remington batendo sem parar. Em

¹¹⁹ SALIBA, Elias Thomé. *A dimensão cômica da vida privada na república*. In: SEVCENKO, Nicolau. (org). *História da Vida Privada no Brasil*. Vol. 3 . *República: da “Belle Époque” à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.298

¹²⁰ Um dos fatores que contribuiu para a expansão da imprensa foi a queda no preço do papel importado, que em 1897 passou de 60 para 10 réis, privilegiando e estimulando a produção das publicações populares, mesmo que muitas sucumbissem nas primeiras edições. Até 1913 o Brasil só tinha duas empresas de papel, a pioneira Companhia Melhoramentos e a Klabin, que não atendiam à demanda interna e tinham custo alto.

¹²¹ FONSECA, Gondin da. *Biografia do Jornalismo Carioca 1808-1908*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1941, p.220.

pouco chegava também o cinematógrafo e, sobretudo, a imprensa mecanizada, com as rotativas produzindo notícias imediatas, a impressão e a revelação de imagens, com a fotografia e seus derivados: o clichê em cores e a rotogravura. São por essas e outras inovações que autores como Nelson Werneck Sodré e Juarez Bahia consideram a virada do século como a transição entre o jornalismo artesanal e a imprensa empresarial. “A imprensa não poderia deixar de ser industrializada, num século de tão espalhado e profundo industrialismo”¹²², analisou Bilac, como sempre bastante certo nas impressões do momento em que vivia. Em artigo em clima de retrospectiva, publicado no *Jornal do Comércio* de 30 de dezembro de 1900, essa industrialização foi lembrada e a importância da imprensa ressaltada:

É imenso o ativo desse século que amanhã exala o último suspiro. Século do vapor, ou da eletricidade, ou do raio X, ou do telégrafo sem fios, ou da democracia ou dos obuses, ou do socialismo, ou da química, ou da cirurgia, ou da opereta, ou da indústria, ou da medicina, ou da caridade, ou da imprensa!¹²³

O caminho para se chegar na nova etapa do fazer jornalístico foi delineado durante todo século XIX, quando diversos inventos surgiram: máquina de fazer papel (1804), aparecimento do prelo a vapor (1810), utilização do telégrafo e instalação da máquina rotativa Applegate nos Estados Unidos (1844 e 1848), substituição do papel de trapo pelo de madeira para fins de impressão (1880), surgimento da impressão off-set (1884), comercialização da fotogravura (1890), envio de mensagens telegráficas através do Canal da Mancha (1899), entre outros¹²⁴.

No Brasil, a chegada do cabo submarino ao Rio de Janeiro, em 1875, fez com que o país se ligasse de forma “milagrosa” à Europa, Estados Unidos e Caribe. Até então eram os navios que traziam as informações, junto com as provisões, e as notícias internacionais demoravam dois meses ou mais. Olavo Bilac deixou testemunho do impacto da nova

¹²² BILAC, Olavo. A propósito de um congresso. *Correio Paulistano*. São Paulo, 24/11/1907. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.2. op. cit., p.100

¹²³ *Jornal do Commercio*, 30/12/1900. In: COSTA, Ângela Marques da; SCHWARCZ, Lília Moritz. *1890-1914: no tempo das certezas*, op.cit., p.56.

¹²⁴ SANTOS, Jeana Laura da Cunha. *Experiências pioneiras de Machado de Assis sobre o jornal*, p.26

tecnologia, em crônica na qual simulou um diálogo entre um jornalista e um cidadão que afirmava terem os soldados norte-americanos perdido a guerra contra Porto Rico. Como contra-argumento, o jornalista, ou seja, Bilac, respondeu: “se a notícia tem essa absoluta segurança, se é uma notícia de pedra e cal, como é que até hoje nenhum telegrama a trouxe até aqui triunfalmente vibrando nos cabos submarinos?”¹²⁵

Dentro desse processo de modernização técnica, há que ressaltar a composição mecânica e as rotativas, que ditaram o ritmo dos novos tempos e aceleraram o processo de composição dos textos e de impressão das folhas. Tais técnicas incrementaram a venda em massa, requisito básico para a constituição dos veículos como empresa. Pode-se dizer que a tecnologia foi – e ainda é – consubstancial ao jornalismo, já que essencial na realização e propagação das notícias. São os novos recursos tecnológicos que fazem o jornal despregar-se do livro para assumir características que se diferenciavam de outros escritos da época, transmitindo acontecimentos mais recentes em períodos cada vez mais curtos e a um público mais amplo.

É assim que “o carro de bois transformou-se em automóvel”, para se apropriar da metáfora utilizada por Bilac ao referir-se às mudanças gráficas do sisudo *Jornal do Comércio*, que “não era um jornal. Era uma máquina de moer notícias”¹²⁶. Realizadas ao longo de dez anos, as alterações mesmo assim surpreenderam os leitores tradicionais, principalmente quando, em 1908, transformaram o “*mastodonte*” ao diminuir o tamanho e reelaborar a diagramação das páginas, para tornar a leitura mais fácil. O novo formato se adequou ao dos demais veículos da época, que em geral tinham quatro ou oito páginas, 120 centímetros de altura por 51 de largura, contando com seis a oito colunas por página. Inovações eram possíveis graças à importação de equipamentos, que aumentavam na medida em que a fase empresarial se consolidava¹²⁷.

¹²⁵ BILAC, Olavo. Diário do Rio. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 14/05/1898 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

¹²⁶ BILAC, Olavo. Diário do Rio. *Correio Paulistano*. São Paulo, 24/06/1908. . In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.2. op. cit., p.199

¹²⁷ SODRÉ, *História da imprensa no Brasil*. op.cit., p 321

Entre 1840 e 1910 as novas técnicas de impressão possibilitaram uma diagramação mais sofisticada, a multiplicação de oficinas de fotografia e galvanoplastia¹²⁸, assim como a substituição da litografia pela fotomecânica.¹²⁹ A importação dos linotipos, essas maravilhosas e modernas máquinas de compor, colocaram o trabalho de composição e a tipografia na era moderna no início dos 1900. Com a nova técnica, o tipógrafo sentava-se diante do teclado da máquina e datilografava o texto escolhendo a tecla adequada entre as noventa colocadas à sua frente. Com isso, deslocava-se o tipo correspondente para a posição correta na linha. Quando se chegava ao fim da linha, a peça era fundida para posteriormente compor o bloco.

Bastante mais trabalhosa era a composição manual, em que os tipos, fabricados em metal ou madeira, eram distribuídos de forma organizada nos compartimentos da caixa tipográfica. Na parte inferior localizava-se a caixa baixa com os tipos de uso freqüente: o alfabeto minúsculo e os brancos tipográficos, para fazer a entrelinha. No compartimento superior, chamada de caixa alta, dispunham-se as maiúsculas, os versais e sinais de pontuação¹³⁰. O operário reunia os tipos em um instrumento chamado compositor, de onde as linhas eram transferidas para um bloco, que, no final da operação, era amarrado com barbante. Todo o processo, que por vezes tinha que ser refeito após as correções com os originais, tornava morosa a confecção das páginas. Se em 1895 a máquina utilizada era uma Dillthey, que imprimia 5000 exemplares por hora, já em 1907 a *Gazeta de Notícias* trouxe a primeira rotativa Marinoni para o Brasil, que imprimia, cortava e dobrava um a um todos os milhares de exemplares impressos, aposentando de vez os velhos prelos.

Ao montar uma redação de jornal em pavilhão de vidro, durante a Exposição Nacional de 1908, um dos objetivos de Bilac foi fazer que todos conhecessem - e ficassem maravilhados com - essa modernização das técnicas de produção de um periódico. Como idealizador do projeto, deixou testemunho que mostra o funcionamento de um jornal do início do século.

¹²⁸ Processo químico pelo qual se obtém a reprodução em cobre de uma gravura, página etc.

¹²⁹ COSTA, Cristiane. *Pena de Aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*, op.cit., p.45

¹³⁰ Vem daí a expressão “caixa alta ou baixa” para designar as letras maiúsculas e minúsculas, até hoje utilizada em redações de jornais impressos.

Um pavilhão de vidro abrigará as oficinas e o escritório do 'Correio da Exposição' – que bem poderá adotar como divisa o lema positivista: viver às claras. Os visitantes contemplarão á vontade todo o trabalho: a lufa-lufa dos repórteres, entrando e saindo, depositando as suas notas sobre as mesas dos redatores; os redatores febrilmente rabiscando as tiras de papel; os cronistas mundanos alinhando nomes de senhoras e descrições de 'toilettes'; e os 'linotipos' fundindo tipos e devorando originais; e a máquina imprimindo a folha, que o leitor há de receber ainda úmida da impressão. O linotipo ainda é, para a grande maioria do público, um progresso inteiramente desconhecido. Somente o conhecem os que vivem, por dever do ofício, nas tipografias, como compositores, ou como escritores, ou como revisores, iniciados nos mistérios do esfalfante ofício dos cozinheiros dos jornais. E não é de espantar que ainda quase toda gente não possa fazer idéia do que é um linotipo, invenção de ontem, - quando são raras, fora das rodas da imprensa, as pessoas que sabem o que é a estereotipia, adotada há mais de vinte anos pelos mesmos jornais¹³¹.

Ao lado dos linotipos, foi a revolução nas técnicas de ilustração que transformou a imprensa carioca. A reportagem gráfica ganhou espaço junto com os ilustradores, fazendo com que o papel dos tipógrafos fosse diminuído. Pouco depois a popularização da fotografia e a entrada da técnica no jornalismo se impuseram como a nova linguagem visual, sobretudo nas revistas, que assinalaram o começo da fase da fotografia.

A imagem teve grande valorização no início do século. Ainda que desenhos fossem prática comum desde meados do século XIX - data de 1860 a publicação da primeira caricatura, na *Semana Ilustrada* - as fotogravuras na virada para o XX transformaram ainda mais a 'cara' dos veículos. Em 1896 a *Gazeta de Notícias* inovou ao publicar charges de políticos e homens de letras, desenhadas por Julião Machado, acompanhadas de pequeno perfil assinado por Lúcio de Mendonça. Dois anos depois o *Jornal do Brasil* instituiu como prática diária a publicação de caricaturas, sendo logo imitado por *O País* e *Diário da Manhã*. E, finalmente, em 1907 as charges em clichês coloridos ganharam as páginas da *Gazeta*¹³².

Os intelectuais da *Belle Époque* conviveram com as novas tecnologias de impressão e reprodução como nunca antes havia acontecido. Mais do que uma coincidência temporal,

¹³¹ BILAC, Olavo. Diário do Rio. *Correio Paulistano*. São Paulo, 05/04/1908. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.2. op. cit., p.147

¹³² SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. op.cit., p 344

as mudanças foram mesmo responsáveis pela profissionalização dos intelectuais. Assim como para o homem das letras, o periodismo foi também para os artistas plásticos um meio de profissionalização e de se fazer conhecer. Consciente da importância e permanência dos novos colegas, Olavo Bilac escreveu em crônica uma análise bastante interessante e que expôs como a entrada dos profissionais e dos recursos gráficos causou impacto na época:

Vem perto o dia em que soará para os escritores a hora do irreparável desastre e da derradeira desgraça. Nós, os rabiscadores de artigos e notícias, já sentimos que nos falta o solo debaixo dos pés...um exército rival vem solapando os alicerces em que até agora assentava a nossa supremacia: é o exército dos desenhistas, dos caricaturistas e dos ilustradores. O lápis destronará a pena: *ceci tuerá cela*. O público tem pressa. A vida hoje, vertiginosa e febril, não admite leituras demoradas nem reflexões profundas. (...) Já ninguém mais lê artigos. Todos os jornais abrem espaço às ilustrações copiosas, que (***) pelos olhos da gente com uma insistência assombrosa. As legendas são curtas e incisivas: toda a explicação vem da gravura, que conta conflitos e mortes, casos alegres e casos tristes.¹³³

Em tom quase profético, seguiu tecendo conjunturas e vislumbrou algo que somente cinquenta anos depois se faria realidade no país: o telejornalismo. Ainda que exagerando no apocalíptico texto, o cronista foi também preciso quando segmentou os temas a serem abordados pelos ilustradores ou pelos fotógrafos, esboçando as editoriais que hoje dividem todos os veículos de comunicação.

É provável que o jornal-modelo do Século Vinte seja um imenso animatógrafo, por cuja tela vasta passem reproduzidas instantaneamente todos os incidentes da vida quotidiana. Direis que as ilustrações, sem palavras que as expliquem, não poderão doutrinar as massas nem fazer uma propaganda eficaz desta ou daquela idéia política. Puro engano. Haverá ilustradores para o louvor, ilustradores para a censura, ilustradores para a sátira, ilustradores para a piedade. (...) Demais, nada impede que seja anexado ao animatógrafo um gramofone de voz torturosa, encarregado de berrar ao céu e à terra o comentário, grave ou picante, das fotografias. E convenhamos que, no dia em que nós, cronistas e noticiaristas, houvermos desaparecido da cena - nem por isso se subverterá a ordem social. As palavras são traidoras, e a fotografia é fiel. A pena nem sempre é ajudada pela

¹³³ BILAC, Olavo . Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13/01/1901. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.395. A marca [***] foi utilizada pelo professor Dimas, ao transcrever a crônica, quando o texto estava ilegível no original.

inteligência, ao passo que a máquina fotográfica funciona sempre sob a égide da soberana Verdade.¹³⁴

A fotografia se constituiu realmente em elemento decisivo no quesito ilustração, alastrando-se de forma progressiva e irreversível nas publicações, fosse para definir as capas como para se tornar o próprio objeto da reportagem, recurso ideal para documentar as transformações vividas. Bilac continuou a crônica no mesmo tom alarmista e, numa espécie de defesa, ressaltou que pelo menos a partir desse momento não mais ficariam registradas as tolices que escrevia, pela “razão única e simples que nada mais se escreverá”.

É certo que a fotografia ou a ilustração não matou a escrita, como temia o cronista, mas sim impulsionou o surgimento de novos veículos impressos, os quais tinham como característica a subserviência do texto à imagem. Foi o momento do aparecimento das revistas fartamente ilustradas. Se antes os processos de litografia ou xilogravura tornavam a confecção dos semanários onerosa e demorada, com a possibilidade de incorporar o uso da foto as publicações se multiplicam.

Para se ter uma idéia da diferença das novas técnicas, a litografia exigia que o artista desenhasse diretamente sobre pesadas pedras e às avessas, para que na impressão, o resultado parecesse natural. O tamanho da gravura confeccionada obrigatoriamente era o mesmo da imagem que era publicada, ainda que tivesse somente quatro ou cinco centímetros, sem contar no trabalhoso processo de impressão. A antológica *Revista Ilustrada*, de Ângelo Agostini, um marco na história da imprensa brasileira, era confeccionada dessa maneira. Ainda que a técnica não tenha impedido que o semanário atingisse a tiragem de quatro mil exemplares (número que até final de 1889 não havia sido superado por nenhum jornal ilustrado da América do Sul), seu fechamento em 1891 talvez não ocorresse se os processos de gravuras mecânicas já estivessem sendo utilizados.¹³⁵

Muitas revistas tentaram seguir o exemplo de Agostini nas últimas três décadas do século XIX, mas tiveram vida efêmera. Foi então que surgiram e se popularizaram as novas

¹³⁴ Ibidem

¹³⁵ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. op.cit., pp. 252 - 254

técnicas de gravuras e a fotografia que, ao lado da mudança de conteúdo dos jornais, impulsionaram o surgimento das revistas ilustradas, como já comentamos. A maior parte dessas revistas adotou o formato tablóide e o número de oito páginas. A primeira e a última páginas, que formavam respectivamente a capa e a contracapa, ficavam tomadas por ilustrações, assim como a quarta e a quinta, que, por serem centrais, eram ocupadas por histórias em quadrinhos ou desenhos de grandes dimensões, precursores dos atuais pôsteres. A segunda, a terceira, a sexta e sétima páginas, onde se dava o encontro das duas folhas que compunham cada número, ficavam reservadas para os textos, que poderiam ou não ser acompanhados de pequenas vinhetas ou alguma ilustração eventual. A divisão entre texto e ilustração na disposição gráfica correspondeu em algumas revistas a uma organização em editoriais artísticas e literárias mais ou menos independentes. Ao comentar sobre os padrões gráficos de uma das maiores expressões dessa nova tendência em periódicos, a revista *Kósmos*, Olavo Bilac escreveu com natural entusiasmo:

Para atenuar a tristeza da semana, tivemos um acontecimento artístico de raro valor: o aparecimento da deslumbrante *Kósmos*, - uma revista que é uma maravilha. O primeiro número da *Kósmos* é a demonstração cabal de que, no Brasil, só não se faz o que não se quer. Já agora ninguém poderá falar do atraso das artes gráficas no Brasil. Das oficinas da nova revista podem sair livros tão bem impressos e tão bem ilustrados como os que têm feito a fortuna dos grandes editores de Paris e de Londres. Sobre o primeiro número da *Kósmos* não há duas opiniões: todos o acham admirável.¹³⁶

Embora a opinião não seja em nada isenta, a importância da revista como reveladora do estágio de desenvolvimento das gráficas do país é fato referendado por diversos estudiosos do período. Na crônica de apresentação da magazine, afirmou Olavo Bilac que “a fotografia, o desenho, a arte da gravura, e todas as belas conquistas da imprensa moderna, serão aqui postas ao serviço do programa da *Kósmos*”¹³⁷. Além de Bilac, colaboravam na revista outros grandes nomes da *intelligentzia* da época: Alberto de Oliveira, José

¹³⁶ BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 17/01/1904. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p. 625

¹³⁷ BILAC, Olavo. *Crônica. Kósmos*. Rio de Janeiro, janeiro de 1904 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

Veríssimo, Manoel Bonfim, Medeiros e Albuquerque, além do fotógrafo Marc Ferrez. A revista era feita e lida por intelectuais. Impressa em papel couché, colorida e de formato grande (31 x 25 cm), primava pelas ilustrações, diagramação sofisticada e certo estilo *Art Nouveau*. Era dividida em seções de prosa, poesia, crítica, história, sociologia, geografia, matemática, noticiário, publicidade, diplomacia, matéria militar e outros. Cara para a época, com assinatura anual custando 20\$000 e exemplar avulso a 2\$00, tinha periodicidade mensal e se manteve por cinco anos, não padecendo, portanto, do “mal-de-sete-números”,¹³⁸.

3.3. “O vasto domínio do anúncio” – viabilização comercial dos periódicos

Hoje desapareceu uma folha, - O Diário, cujo nascimento ainda há poucos dias era saudado como o advento de uma nova era para a imprensa. Era o jornal moderno, palpitante, interessante, e luxuoso, por excelência: oito páginas ilustradas, cheias de fotografias da mais flagrante atualidade, impressas em magnífico papel couché, e escrita por um bando de magníficos colaboradores. Por que morreu esse jornal? Enxameiam as opiniões contraditórias sobre o caso. Dizem uns que houve, contra O Diário, um movimento de ‘boycottage’ planejado e executado pelo sindicato que explora a venda avulsa dos grandes quotidianos. Dizem outros que a empresa reconheceu a absoluta impossibilidade de fornecer ao público, por cem réis, oito páginas diárias e impressas em papel de luxo.¹³⁹

Ao descrever o produto e também as razões do seu fechamento, a crônica de Olavo Bilac abordou a crucial questão da viabilização comercial da empresa jornalística, item que voltou a comentar em diversos textos com os quais analisou o papel da imprensa. O periodismo do final do século assumia seu papel de empresa e, como tal, não só deveria dar lucro como se sustentar através da venda e comercialização do seu produto. Anúncios, a pedidos, assinaturas e venda avulsa sustentavam as atividades jornalísticas. Os textos e imagens reproduziam as transformações da virada do século, não só no conteúdo editorial

¹³⁸ Expressão foi utilizada por Bilac para ironizar a minguada existência dos principais periódicos nacionais.

¹³⁹ BILAC, Olavo. Diário do Rio. *Correio Paulistano*. São Paulo, 23/05/1908. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.2. op. cit., p.182

como no lançamento e divulgação de artigos, produtos, profissionais, estabelecimentos e serviços. A descoberta de novas linguagens, como a publicitária, aconteceu neste período.

Vale ressaltar, entretanto, que a propaganda, até por seu caráter ideológico, foi contemporânea do próprio surgimento da imprensa, assim como o uso de veículos de comunicação para fins políticos, prática vista frequentemente até os dias atuais. Na virada do século XIX, as crônicas de Bilac não se isentavam de apontar os periódicos que colaboravam com o governo de Floriano Peixoto, dizendo que o *Diário de Notícias* deixava de ser jornal para ser o próprio governo¹⁴⁰. Foi também sarcástico e direto quando afirmou ser *O Fígaro*, “mesmo sem exclusão do Diário Oficial, o órgão que, com mais precisão, compreende e defende o pensamento do governo”¹⁴¹.

Ao ser constatado que era mais fácil e prático comprar a opinião de um jornal do que montar outro, o auxílio pecuniário governamental se tornou fato corriqueiro na história da nossa imprensa. Como afirma Gondin da Fonseca, “pelo menos desde 1836, ao que sabemos, todos os governos do Brasil compraram jornais”¹⁴². Campos Sales, presidente justo na virada do século, falava de forma aberta sobre a compra da opinião dos veículos de comunicação, necessária para consolidar a política dos governadores e, por conseguinte, sua permanência no poder.

Assim como Sales, Epitácio Pessoa também deixou testemunho da prática que, na verdade, foi levada a cabo por todos os presidentes da então jovem República brasileira, com exceção da fase de censura do Governo Provisório¹⁴³, quando o controle dos jornais era realizado de maneira ainda mais drástica. Do costume de comprar os veículos de comunicação nos deixou Bilac seu testemunho, ao chamar de “pilhéria” a deliberação de um encontro jornalístico que condenou as subvenções dispensadas pelos governos para propaganda de caráter político:

¹⁴⁰ BILAC, Olavo. Vida Fluminense. *O Combate*. Rio de Janeiro, 22/02/1892 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

¹⁴¹ Ibidem

¹⁴² FONSECA, Gondin da. *Biografia do Jornalismo Carioca 1808-1908*. op.cit., p.221

¹⁴³ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*, op.cit., p.317

Imaginal o que seria dos governos, se todos os jornais, obedecendo a essa virtuosa e austera doutrina do Congresso de Buenos Aires, lhes fechasse as suas colunas...e as gavetas dos seus balcões! E imaginal também, e principalmente, o que será dos jornais! Inefável pilhéria do Congresso Jornalístico. Uma de duas: ou naquele Congresso, havia proprietários e diretores de jornais, ou nele havia apenas repórteres e redatores desempregados. Neste último caso, a última deliberação, além de ser uma chalaça, foi um desses movimentos de natural despeito, tão comum em quem quer comprar, e por isso desdenha...E no primeiro caso, não creio que, no momento da votação, os congressistas, os proprietários e diretores de jornais ousassem encarar-se mutuamente.¹⁴⁴

A prática foi também relatada em 1889 por Max Leclerc, correspondente francês que observou, provavelmente incrédulo, a disparidade entre os jornais estabelecidos que se faziam empresa e os que viviam com subvenção de partidos ou de políticos. O parisiense fez ainda crítica ferrenha à outra maneira obscura de os políticos utilizarem o espaço do jornal para veiculação dos seus interesses e/ou idéias : através do 'a pedidos', “que é criação e invenção do Brasil, coisa nossa, tão nossa como o Pão de Açúcar, as revoluções incruentas e a goiabada¹⁴⁵”, ironizou Bilac. Era prática comum os homens públicos trocarem acusações ou levantarem polêmicas e denúncias através do 'a pedidos', muitas vezes com nomes falsos. Ainda que destacado como espaço pago, os ataques anônimos, em forma de libelo, contra personagens públicas ou privadas e instituições, teriam, conforme Nelson Werneck Sodré, desmoralizado a imprensa aos olhos do público¹⁴⁶.

O espaço também era utilizado para publicar cartas apócrifas, acusações, piadas, recomendações médicas, reclamações, anúncios comerciais, brigas políticas e outros. Leclerc observou também que a imprensa em geral não orientava a opinião pública, se eximindo de sua condição de educadora ao deixar o povo na ignorância e apatia. Bilac escreveu em consonância com o correspondente francês quando confessou preferir a leitura dos anúncios à dos artigos de fundo, pelo fato de que nas publicações pagas é possível

¹⁴⁴ BILAC, Olavo. A propósito de um congresso. *Correio Paulistano*. São Paulo, 24/11/1907. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.2. op. cit., p.100

¹⁴⁵ BILAC, Olavo. Vida Fluminense. *O Combate*. Rio de Janeiro, 23/02/1982 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

¹⁴⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. op.cit., p.288

estudar o que pensa e por onde vai o povo.¹⁴⁷ Aqui o autor se referia ao anúncio, que tem seus primórdios em 1870, quando os classificados, diretos e com conteúdo informativo, mostravam ao leitor o que existia no mercado e ofereciam serviços. As notas publicadas na incipiente indústria periódica tinham como conteúdo desde anúncios de recompensas para quem capturasse escravos fujões, até horários de chegada e partida dos navios.

Foi somente na virada do século que a publicidade se tornou a base comercial dos meios impressos, apesar de ainda ser embrionária e experimental. Fundado em 1901, o *Correio da Manhã* se apresentou com seis páginas, sendo três de publicidade, o que fez com que fosse independente financeiramente por muitas décadas. Já o *Jornal do Brasil*, em meio a crises, em 1905 decidiu colocar apenas publicidade na primeira página¹⁴⁸, o que fez com que por dezenas de anos o *JB* tivesse o “monopólio do pequeno anúncio no Rio de Janeiro”¹⁴⁹. Assim, publicava anúncios e dava notícias, sem ter opiniões aparentes, tornando-se um exemplo do jornalismo comercial moderno.

O "reclame" transformou-se num dos pilares de sustentação financeira das publicações, assim como uma característica da nova imprensa e um chamariz para os leitores ávidos por novidades, constituindo o “vasto domínio do anúncio, que é independente e soberano e onde o Dinheiro é rei”¹⁵⁰. A relação sempre conflituosa entre as partes editorial e comercial dos veículos de comunicação foi analisada por Bilac de forma precisa:

Onde a incoerência e a contradição, num bom jornal moderno se mostram mais claramente, é na comparação do domínio da redação com o domínio dos anúncios. Não há, por exemplo, no Rio de Janeiro um só jornal, que, no seu artigo de fundo, nas suas crônicas e nas suas notícias, se atreva a dizer que o jogo-do-bicho não é uma chaga social; todos os jornais declaram que essa jogatina ignóbil é um vício desmoralizador e funesto....Entretanto, todos eles (com exceção apenas

¹⁴⁷ BILAC, Olavo. Anúncios. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 01/04/1894 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

¹⁴⁸ CHAGAS, Carlos. *O Brasil sem retoque: 1808-1964: a História contada por jornais e jornalistas*, op.cit., p.223

¹⁴⁹ FONSECA, Gondin da. *Biografia do Jornalismo Carioca 1808-1908*. op.cit., p.221

¹⁵⁰ BILAC, Olavo. A propósito de um congresso. *Correio Paulistano*. São Paulo, 24/11/1907. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.2. op. cit., p.100

do grave Jornal do Commercio) publicam anúncios e ‘palpites’ dessa genial invenção do barão de Drummond¹⁵¹

Nesse texto Olavo Bilac explicitou outra forma de sustento e uma maneira de se vender periódicos: os jogos de azar. Data do início do século a criação do Jogo do Bicho e, por conseguinte, o costume de publicar seus resultados. A loteria, inventada em 1892 pelo Barão de Drummond com objetivo de salvar da ruína seu Jardim Zoológico, logo se transformou em mais um vício urbano. O Jogo tinha lugar de destaque e, mais do que informar qual animal havia sido sorteado, alguns periódicos, como o *Cidade do Rio*, publicavam tabelas estatísticas sobre a aposta. “Muita gente só comprava o jornal para saber que bicho tinha dado e inspirar-se nos palpites para o dia seguinte”, atesta Vivaldo Coaracy em livro de memórias¹⁵². Olavo Bilac, manifestando sua surpresa ao descobrir que desconhecia um veículo em circulação, deixa um testemunho não só da importância do jogo na vida urbana nacional, mas de como os jornais eram oferecidos à população em 1898.

Mais de dois meses de vida! Como então, durante esses dois meses, não lera eu nunca esse misterioso jornal? Corri a primeira página, com olhos sófregos: transcrições, notícias velhas, nada de original, nada de interessante. E vende-se aquilo? E havia quem comprasse aquilo? E aquilo resistia a dois meses de capital empatado? Então, o meu amigo desdobrou diante de mim a folha, e indicou-me a segunda página, coalhada de figuras de bichos, de algarismos, de cálculos, de versinhos proféticos, de charadas ilustradas, - de palpites, enfim, de palpites para o jogo do Agave, da bicharada, da loteria, da buraca, da pelota, da bola, do quanto a patifaria ladroeira tem ultimamente inventado nestes espantosos tempos áureos da Religião do Azar. O órgão do jogo, vivendo unicamente dele e para ele, destinado unicamente a servi-lo, a defendê-lo, a propagá-lo, a mantê-lo... 'E vende-se?' - perguntei - 'Mas vende-se extraordinariamente, meu caro! Vende-se aos milhares! Não há por aí muito jornal sério que tenha a tiragem diária deste! E note você: os vendedores não lhe gritam o nome pelas ruas, não o apregoam nos bondes, não o metem pelos olhos da gente, não o impõem à nossa atenção! Não é preciso! Os interessados vão, pelo seu próprio pé, procurá-lo e comprá-lo; e a empresa só tem três trabalhos: mudar diariamente a data da primeira página, reformar os palpites da segunda, e meter na gaveta os milhares de tostões que o vício e a ingenuidade lhe vão sofregamente entregar... O mais curioso é que a folha tem, sob o título, essa indicação: órgão destinado aos interesses da vida municipal.¹⁵³

¹⁵¹ Ibidem

¹⁵² Citado por: SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*, op.cit., p.311

¹⁵³ BILAC, Olavo. *Diário do Rio. O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 31/07/1898 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

A consolidação e crescimento da vida urbana, assim como das relações comerciais, foram fundamentais na redefinição da sociedade, e a mensagem publicitária passou a moldar a mentalidade do turbulento período. O mundo das mercadorias fez que novos produtos fossem oferecidos aos “clientes”, tendo encontrado na imprensa um lugar perfeito para se instalar e se construir, mostrando tudo de “novo” que acontecia na cidade e que precisava ser colocado aos olhos de toda sociedade. Na cidade em (trans)formação, fabricantes e comerciantes investiam em reclames para darem visibilidade aos seus produtos dentro de um mundo que se desenvolvia em velocidade ímpar. Foi nesse momento que a linguagem das mercadorias e a cultura impressa se ‘associaram’ de forma definitiva.

A distinção entre anúncio e notícia se tornava cada vez mais sutil, tanto pela renovação da linguagem do reclame como pela entrada do elemento gráfico e, fato marcante, pelo envolvimento dos homens de letras com o novo mercado. Como apontou Flora Sussekind¹⁵⁴, inúmeros letrados transformaram-se em verdadeiros “*homens sanduíche*”, expressão alcunhada por João do Rio em crônica na qual lamenta que os homens tenham que sair nas ruas ‘vestindo’ cartazes publicitários, sendo essa mais uma imposição dessa nova sociedade.¹⁵⁵ Bilac e Coelho Neto, assim como muitos dos seus contemporâneos, fizeram anúncios comerciais revestidos de forma literária, na maioria das vezes através de versos e sonetos rimados. Nesses casos, para além da retórica convincente, a publicidade utilizava-se da poética para enobrecer o anúncio e, com igual ou maior importância, da figura conhecida dos seus autores. São os homens de letras fazendo papel de garotos-propaganda.

No Jornal *Gazeta de Notícias* de 17 de janeiro de 1904, logo abaixo da assinatura de Olavo Bilac em sua crônica dominical, apareceu uma publicidade escrita por ele para a “Vela Brasileira”, com apenas um fio centralizado separando o conteúdo editorial do comercial. De uma fábrica de fósforos, recebeu a vultuosa soma de cem mil-réis para escrever apenas quatro versos: “Aviso a quem é fumante / tanto príncipe de Gales / Como Campos Sales /

¹⁵⁴ SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras – Literatura, Técnica e Modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 65

¹⁵⁵ Citado por: VELLOSO, Mônica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes*, op.cit., p.25

Usam fósforos Brilhante”. Muitos outros devem ter sido escritos, mas de poucos temos a certeza da autoria, como nos conta Martins Fontes, em companhia de quem Bilac produziu para uma loja de tecidos o seguinte reclame: “Abram-se as bolsas / abram-se as gavetas: / Liquida a Casa das Fazendas Pretas”¹⁵⁶. Ao final da primeira década do novo século, em pleno clima de “Bella Époque”, Olavo Bilac já sabia que seu maior trunfo era seu nome, e tirava proveito da situação na hora de aumentar seus ganhos.

A publicidade era uma saída para o grupo aumentar seus parcos rendimentos. Na época, o redator chefe de um grande jornal ganhava no máximo de 500 a 700 mil réis por mês. Para fazer uma quadrinha publicitária recebia de 20 a 30 mil réis por mês. Paulatinamente os intelectuais vão adquirindo a consciência de seu valor no mercado. Olavo Bilac é encarregado de fazer propaganda do fotógrafo Leterre, que exige assinatura do autor na quadrinha. Bilac não se faz de rogado, envia a Leterre a seguinte fatura: Por uma quadra reclame....30 mil réis / Por uma assinatura do poeta.... 200 mil réis. O fotógrafo aceita a quadra, mas prefere esquecer a exigência anterior.¹⁵⁷

Quadrinhas, sonetos e slogans produzidos por celebridades da época até hoje estão na memória ou mesmo são utilizados. Antológicos são os de Bastos Tigre, que chegou a abrir um pequeno escritório de publicidade para dar conta de tantos clientes. “Se é Bayer é bom” é o mais conhecido, chegando a se tornar slogan internacional da companhia farmacêutica, que ainda anuncia a recém chegada aspirina com a frase lapidada por Tigre: “Igual não há, melhor não pode haver”¹⁵⁸.

Para crescer na velocidade que os tempos eufóricos lhe exigiam, a publicidade na *Belle Époque* utilizou expedientes gráficos e de maior persuasão para atrair o cliente. Era chegada a hora de afirmar novos valores, reformular antigas propostas, dirigir as demandas e criar desejos e necessidades do grande público. Os recursos visuais apareceram, mostrando através da conjugação de texto e imagem as vantagens dos produtos. Caricaturas, fotos, ilustrações, etc, rompendo com os códigos e limites das escritas

¹⁵⁶ FONTES, Martins. *O collar partido*, op.cit., p. 218.

¹⁵⁷ VELLOSO, Mônica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.83

¹⁵⁸ SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso: a representação humorística na história brasileira: da “Belle Époque” aos primeiros tempos do rádio*, p.86

tradicionais, trouxeram para o interior do ‘texto’ jornalístico bens e serviços da vida urbana.¹⁵⁹ O profissional ilustrador (litógrafo, caricaturista, desenhista, pintor ou fotógrafo) viu seu papel ser valorizado e tornou-se profissional imprescindível. O reclame encontrou na ilustração companheira ideal e se tornou a dimensão mais inovadora da publicidade e dos recursos gráficos.

Toda publicidade, certamente, só tinha repercussão se o periódico circulasse e atingisse o público consumidor. Para se fazer ler, as técnicas para garantir as assinaturas e, assim, a sobrevivência dos veículos, não eram poucas. Muitos editores enviavam um exemplar para “apreciação” que, não sendo devolvido, era apenas o primeiro da série que o cliente receberia, mas os demais depois de pagamento. Também era costume enviar já o primeiro exemplar com o bloqueto de assinatura – que chegou até mesmo a ser impresso no corpo do próprio veículo.¹⁶⁰ Eram ainda oferecidos brindes, promovidos concursos, preços especiais para anunciantes, jogos, suplementos infantis e de moda. Olavo Bilac abordou o tema quando escreveu que

Em toda a Europa e em toda a América os jornais fazem isto, que a Gazeta está fazendo... Nas colunas da folha, os escritores continuam a pregar a boa idéia e a defender a boa causa....E a profissão não deixa de ser um sacerdócio só porque o jornal dá prêmios e chopes ao público. (...) Com estes reclames, com estes prêmios, com estes novos processos, o sacerdócio lucra, porque dilata a esfera da sua ação.¹⁶¹

O valor da assinatura variava conforme a qualidade gráfica, sobretudo no caso das revistas. Ainda que partir de 1890 os custos baixassem na medida em que entravam os anúncios nas páginas do periódico, os valores cobrados eram altos e, por isso mesmo, o público-alvo era restrito, mas de “qualidade”. A revista *Ilustração Brasileira*, por exemplo, era de alto luxo e destinada à elite econômica brasileira, tendo custo de 24\$000, assim como a *Kósmos* cobrava 20\$000 réis a assinatura anual. Algumas iniciativas mercadológicas surgiam

¹⁵⁹ CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo: EDUC; FAPESP; arquivo do Estado de São Paulo; imprensa oficial SP, 2000 p. 159

¹⁶⁰ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)*, p.230

¹⁶¹ BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 10/06/1906 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

concomitantemente, como, por exemplo, as de algumas grandes empresas paulistas que investiram em revistas como veículo de propaganda de seus negócios, em geral colocando seu próprio nome no periódico. A distribuição era gratuita e o retorno financeiro vinha pela divulgação do nome, prática existente até hoje¹⁶².

Já os jornais e revistas de cunho exclusivamente comercial dependiam das assinaturas para viver, mas logo perceberam que tinham que distribuir seus produtos também para o leitor esporádico. Já em 1876 o *Província de São Paulo* – que em 1899 adotaria o nome que leva até hoje, *O Estado de São Paulo* - iniciou a venda avulsa e surgiu assim o primeiro jornaleiro: Bernard Gregoire, auxiliar da oficina, que saiu às ruas com jornais numa mão e uma buzina em outra¹⁶³. Num primeiro momento a iniciativa não agradou à população, mas logo se tornou habitual ver nas ruas os meninos que gritavam nomes e manchetes dos periódicos.

A comercialização avulsa de jornais e revistas era também realizada em pontos estratégicos da nova vida urbana, como charutarias, hotéis, estações ferroviárias (onde a venda de jornais e revistas virou um hábito), teatros e nas poucas livrarias. Já lugares de grande frequência de público, como clubes, associações, cafés, farmácias e barbearias eram considerados mais como lugar de consumo, sendo os exemplares adquiridos pelos proprietários, que os colocavam ali como chamariz para a clientela, o que também interessava aos donos dos veículos, pois seus produtos circulavam pelas mãos de maior número de pessoas, futuros assinantes ou mesmo anunciantes. Expandia-se o número de leitores, ao mesmo passo que se transformara o teor dos textos, num claro movimento de adequação dos conteúdos aos novos tempos, modas e modos.

¹⁶² Martins, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)*, p.235

¹⁶³ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*, op.cit., p.260

CAPÍTULO 4

VIDA JORNALÍSTICA 1900

*O jornalista é um aparelho receptor e condensador das
comoções, dos abalos, das paixões de toda população (...)
Cada um de nós é o bode expiatório das loucuras de todo o
mundo...*

Olavo Bilac

4.1 – O jornalista é um animal vaidoso - Papel e vida na sociedade

Boa parte das transformações políticas realizadas no final do XIX foram consequências de movimentações que vinham acontecendo desde a metade do século – casos da Abolição e da República - e que tiveram ampla participação de escritores. Esses homens, que se fizeram presentes não só nas campanhas abolicionista e republicana, mas também na consolidação do novo regime, queriam agora, após uma relativa normalização institucional, ser distinguidos por sua atividade e pelo seu papel na sociedade. "Os escritores participam, como elementos agora de classe média, nos acontecimentos do tempo"¹⁶⁴, afirmou Werneck Sodré, ao lembrar ainda que, por causa da ausência da indústria editorial, foi na imprensa que esses literatos encontraram um local para trabalhar, tornando-se ali intérpretes da nova classe que surgia, e reivindicando o lugar que lhe cabia na vida brasileira.

Atitude paradigmática foi a “*A Mensagem dos Homens de Letras do Rio de Janeiro ao governo Provisório da República*”, redigida por Sílvio Romero e assinada por diversos intelectuais simpatizantes do novo regime, um libelo que destacava o papel do escritor e da literatura no movimento republicano. Foi publicada no *Jornal do Comércio* em 22 de novembro de 1889 e clamava - ao mesmo tempo que afirmava – pela participação dos literatos, pois "nunca esta arma foi manejada por mãos mais destros e punhos mais seguros (...) não existe gládio mais formidável do que a pena".¹⁶⁵

Outros exemplos da atuação dos jornalistas na vida da sociedade podem ser encontrados também nas crônicas de Olavo Bilac. Em texto publicado em 1892, o autor se mostrava perplexo porque o delegado de polícia havia marcado um encontro para consultar os redatores chefes dos jornais sobre questões de segurança. “Eu, se fosse redator chefe, mandaria convidar o dr. Carlos Costa para uma conferência, a fim de consultá-lo sobre

¹⁶⁴ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos*. op.cit., p.433

¹⁶⁵ Citado por: VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.118

medidas tendentes a tornar universal a circulação do meu jornal”¹⁶⁶, debochou o cronista, que não escondia sua opinião sobre a importância de cada profissional exercer a sua função.

O mesmo tom estava presente em texto publicado em *A Bruxa*, no qual o mote era novamente o papel de “juiz” dos jornalistas. Dessa vez a questão girava em torno da apresentação ou não na cidade de uma companhia de teatro argentina, que supostamente havia falado mal do Brasil. Convocados por um empresário, os jornalistas deliberaram que tal peça não deveria ser encenada, o que na opinião do cronista era um disparate, pois “somente o público, aplaudindo ou pateando a companhia, por ocasião da sua estréia, poderia dar à pendência uma solução inapelável”¹⁶⁷, pois ainda que “toda a imprensa carioca esteja profundamente convencida de que realmente os jornalistas são diretores de opinião pública...A Bruxa não está”.

Quando se referia aos jornalistas, Olavo Bilac englobava todos os que trabalhavam na imprensa, sem distinção entre os repórteres desconhecidos e os prestigiados homens de letras. A ampla participação nos veículos de comunicação havia mudado a condição social dos literatos e oferecido um espaço de publicação, já que, segundo Afrânio Coutinho, “a maior parte dos ensaios foram provocados e recebidos inicialmente pela imprensa”¹⁶⁸. A figura do mecenas fora praticamente desterrada junto com a família real e a economia do país sofrera transformações com a chegada da República, com as novas relações comerciais que se instalaram em todas as esferas, inclusive na das artes. Desta forma, também a vida do intelectual passou por mudanças no conturbado virar de século brasileiro, transformando os literatos em figuras públicas, autênticas celebridades. Apesar de ser um dos maiores exemplos de tal atuação, Olavo Bilac não se eximiu de comentar sobre o lugar que o homem de imprensa principiava a ocupar:

¹⁶⁶ BILAC, Olavo. Vida Fluminense. *O Combate*. Rio de Janeiro, 26/02/1892 - – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

¹⁶⁷ BILAC, Olavo. *Theatro. A Bruxa*. Rio de Janeiro, 24/07/1896 – texto recolhido no arquivo de obras raras Da Biblioteca Nacional

¹⁶⁸ COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*, op.cit., p. 91

O jornalista é um animal vaidoso, cuja grande vaidade só pode ser comparada a do ator. De fato, o ator e o jornalista, habituados a comunicar diretamente, todos os dias, com o grande público, persuadem-se de que lhe são indispensáveis, e essa consciência da importância de seu papel social incha-lhes a alma, sufocando toda a modéstia. Não se lembram eles de que, acabada a peça, já o público não se recorda de quem a interpretou, como, acabado o artigo, já o público não se lembra de quem o escreveu...¹⁶⁹

João do Rio foi outro cronista da época que chamou a atenção para a importância crescente do jornal e dos jornalismo. Para ele, afinal, “o momento não é de devaneios, mas de curiosidade, de informação, fazendo da literatura no romance, na crônica, no conto, nas descrições de viagens, uma única e colossal reportagem”¹⁷⁰.

Essa imensa reportagem era veiculada nos novos jornais, que trocaram o teor essencialmente panfletário pelo informativo e se desenvolveram no ritmo das mudanças do país, se transformando em fonte de renda para os escritores que encontravam ali um local de publicação. Ainda que oriundos das esferas mais altas do país, o que lhes deu direito a estudo num país de analfabetos, assim como ocorrera com seus antepassados românticos, os membros da nova geração se diferenciavam por se constituir enquanto classe, ou grupo, de forma mais transparente. Ou de pelo menos tentar lutar por essa condição.

Foi uma geração que começou na boemia e se institucionalizou em poucos anos de forma abrupta e quase palpável, com exceção apenas de alguns nomes, sendo exponencial o de Paula Nei. Outros dos mais famosos do grupo, como Olavo Bilac, Coelho Neto, Aluísio Azevedo ou Guimarães Passos foram, já na virada do século, fundadores da Academia Brasileira de Letras e empregados públicos. Contudo, foi no seu tempo de vida boemia que criaram fama e reputação, quando “escreviam nos jornais, compareciam a comícios, bebiam e corriam atrás das cocottes e atrizes da rua do Ouvidor e passavam longas horas em seus cafés e restaurantes”¹⁷¹.

¹⁶⁹ BILAC, Olavo. Diário do Rio. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 04/03/1898 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

¹⁷⁰ RIO, João do. *O Momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994, p. 296

¹⁷¹ NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite na virada do século*, op.cit., p.222

Na mais famosa via do país e seus arredores se concentrava quase toda a vida social da população que podia freqüentar seus cafés, livrarias e lojas elegantes¹⁷². E foi esse também o endereço escolhido pelos jornais para instalarem suas redações e oficinas, como foi o caso, entre outros, da *Gazeta de Notícias* e do *Jornal do Commérico*. Folhas bem menos expressivas também eram ali produzidas: Medeiros de Albuquerque não teve dúvidas em colocar no cabeçalho de *O Clarim*, o primeiro jornal que fundou, o endereço “segunda mesa à direita, no Café de Londres”¹⁷³, para recebimento de correspondência. Se os jornais proliferavam até mesmo com endereços improváveis e quase impossíveis, imagine-se então o número de jornalistas. Ainda que nem todos o fossem, não faltava quem se intitulasse como profissional dessa que era uma tábua de salvação, como deixou registrado Olavo Bilac:

Quem é capaz de dizer quantos jornalistas há no Rio de Janeiro? O jornalismo é a baía salvadora em que vem ancorar os naufragos de todas as profissões. Todo o homem que não pode aqui intitular-se outra coisa, logo se lembra de intitular-se jornalista. As confeitarias, os botequins, os teatros, os clubes de dança, as casas de jogo, todas as casas e todas as ruas da cidade estão cheias de jornalistas!¹⁷⁴

Grande parte desses homens, excetuando os que eram apenas repórteres e com especial atenção aos que eram reconhecidos também por trabalhos literários de porte, encontravam proteção sob a guarda do Barão de Rio Branco. O estrategista, que fez nome e carreira durante a Monarquia, seguiu os passos de Dom Pedro II e se tornou um protetor das artes em geral, seja através de uma política de valorização cultural, como distribuindo cargos para seus protegidos. O certo é que reuniu os mais representativos membros da

¹⁷² Na Rua do Ouvidor ficava também a Confeitaria Pascoal, ponto de encontro dos intelectuais na época da proclamação da República, o lugar onde nasceu a chamada “geração de Bilac”. Entretanto, um desentendimento entre o poeta e o gerente da Confeitaria fez com que aos poucos todos fossem deixando a Pascoal e montassem a roda agora na Colombo, fundada em 1894 e localizada na Rua Gonçalves Dias, uma travessa da Ouvidor. A Confeitaria desde então virou um marco na capital fluminense. Martins Fontes cita o local quando se refere aos literatos da sua geração, entre os quais Olavo Bilac, ao lado de nomes como Coelho Neto ou Arthur Azevedo, lembrando que eram todos “escandalosissimamente alegres”, mas de forma responsável. “Vivemos rindo, mas trabalhando, a cantar. E a canção da nossa vida foi tão bela que será perpétua, como o fulgor do talento da roda literária que iluminava o Rio de Janeiro, irradiando da Confeitaria Colombo”. In: FONTES, Martins. *Nós, as abelhas – reminiscências da época de Bilac*. São Paulo: Editora J. Fagundes, 1936. p10

¹⁷³ FONSECA, Gondin da. *Biografia do Jornalismo Carioca 1808-1908*. op.cit., p. 223

¹⁷⁴ BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 05/01/1908. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.865

intelectualidade brasileira da época e com isso gozava de grande prestígio também no mundo das letras. Entretanto, como Martins Fontes assinalou, nesse quesito ninguém barrava Olavo Bilac, a quem, segundo ele, só teria igualdade Castro Alves: “Venerava-se ao Barão do Rio Branco, aplaudia-se a Ruy Barbosa, mas amava-se a Olavo Bilac (...) Vinham de todos os extremos do país, e mesmo do estrangeiro, moços ardentes, lindas raparigas, almas em flor que sonhavam com o Rio de Janeiro para ver o nome de Olavo Bilac.”¹⁷⁵

O mesmo autor, em livro que tem como subtítulo “reminiscências da época de Bilac”, fez analogia com a fábula conhecida para explicar que os membros de sua geração não foram cigarras, nem formigas, mas sim “abelhas doiradas, infatigáveis”, como as que construíram o Templo de Apolo e que impressionaram Aristóteles, que se tornaram símbolo de trabalho ativo e engenhoso, tendo como características “a diligência, a intrepidez, diante da morte, a bravura, a engenhosidade, a perícia, o talento, o talento!”.¹⁷⁶ As “abelhas”, no entanto, se tornaram cada vez mais “formigas”, deixando de lado a vida de “cigarras”. As mesas da Colombo se esvaziaram com o passar dos anos e os boêmios se tornam respeitáveis homens de letras.

Os conflitos e a repressão de 1889-97 dispersaram a boemia clássica da década de 1880, com os ataques aos jornais e exílio de dissidentes, e também dividiram e exacerbaram os ânimos do mundo literário (...). Para todos, no entanto, o período foi um divisor de águas. A maioria conformou-se com seu afastamento dos esforços pela regeneração nacional e procurou, alternativamente, garantir um modo de vida seguro (isto é, burguês) enquanto mantinham suas identidades de criadores de uma cultura nacional. Bem sugestivo dessa tendência foi a fundação e natureza da Academia Brasileira de Letras (1897).¹⁷⁷

A criação da ABL significou o fim de um modo de vida “descompromissado” e a implantação das relações institucionalizadas, típicas da vida urbana. Ainda que projetos semelhantes fossem acalentados ou mesmo postos em prática desde a Monarquia, foi a

¹⁷⁵ FONTES, Martins. *O collar partido*, op.cit., p.194

¹⁷⁶ FONTES, Martins. *Nós, as abelhas – reminiscências da época de Bilac*, op.cit., p18

¹⁷⁷ NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite na virada do século*, op.cit., p. 224

Academia Brasileira de Letras a que conseguiu se organizar e perdurar. Foi o melhor e maior exemplo do que Antonio Candido definiu como “academias literárias – não mais de mocinhos imberbes, cedo dispersados pela vida, mas de respeitáveis senhores, com posição na sociedade.”¹⁷⁸ Ainda que desde o início pouco fizesse de prático - a ponto de Bilac escrever que “e em verdade vos direi que a Academia nada fez, porque os acadêmicos não apareceram”¹⁷⁹ – é como símbolo que se consolidou. Assim, quando um grupo de escritores decidiu fundar a ABL, em 20 de julho de 1897, a “República das Letras” já dispunha de endereço e estatuto.

O modelo para a criação da Academia Brasileira de Letras foi o francês, tendo o consagrado Machado de Assis como primeiro presidente e outros 40 literatos compondo o quadro, exatamente o mesmo número da associação fundada na França em 1635. Justificando a existência da Academia e mostrando que esse era mesmo um momento rico na incipiente literatura nacional, livros são publicados e debatidos. Entre tantos, podemos citar o lançamento de *Dom Casmurro* em 1900 e, somente em 1902, de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha e de *Canaã*, de Graça Aranha. As obras de não ficção também foram produzidas por autores como José Veríssimo, Araripe Júnior e Sílvio Romero. Para abrigar e dar visibilidade para toda produção, o suntuoso prédio da Biblioteca Nacional começou a ser construído em 1905 no coração da Avenida Central, marco da “civilização” brasileira.

A Biblioteca representou mais uma conquista do grupo de intelectuais a quem Sérgio Miceli¹⁸⁰ definiu como os “anatolianos”, cuja postura política e social se encontrava no meio do caminho entre o padrão fornecidos pela chamada geração de 1870 e o que a vanguarda européia lançava. Por não terem o mesmo afã político dos seus conterrâneos ou a bagagem cultural do velho continente, encontraram no escritor francês Anatole France o modelo de intelectual a ser seguido¹⁸¹. O grupo configura um novo tipo de intelectual: o

¹⁷⁸ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 7ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985, p.158

¹⁷⁹ BILAC, Olavo. Diário do Rio. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 17/12/1897. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.2. op. cit., p.234

¹⁸⁰ MICELI, Sérgio. *Poder, sexo e letras na República Velha : estudo clínico dos anatolianos*. São Paulo : Perspectiva, 1977.p.82

¹⁸¹ Sérgio Miceli explica como ‘protótipo do anatoliano’ aquele cuja fusão entre criador e obra é tão intensa que “o sucesso e a rentabilidade da segunda será tanto maior quanto mais consumado o mundanismo do

polígrafo que vive do salário ou de colaborações, que tanto podiam ser textos literários como assessoria jurídica, conferências como artigos, publicidade ou campanhas como as que liderou Olavo Bilac. Representante do grupo, Bilac inspirou-se em Anatole France ao dar título a seu livro de crônicas *Ironia e Piedade*, expressão alcunhada pelo autor francês. Também sua postura de “esteta parnasiano e ensaísta cosmopolita”¹⁸² o aproximava de seu par francês.

Vinha da Europa, particularmente da França, Paris sobretudo, os padrões a serem seguidos. Tal gênero de afirmação, feita por diversos autores, parece esquecer de informar que tampouco havia outro modelo próximo. Em um país em construção e que pouco se (re)conhecia, era mais fácil trilhar por caminhos já percorridos do outro lado do Atlântico. Envolto em um processo de transformação do qual eram agentes e frutos, os intelectuais encontraram na prestigiosa Europa uma opção paradigmática possível. O ritmo frenético das mudanças – seja na política ou na economia – fez com que a sociedade sentisse a necessidade de se modernizar, ainda que muitos nem entendessem o que exatamente isso queria dizer. “A vida moderna é feita de relâmpagos no cérebro e de rufos de febre no sangue”, afirmou Bilac¹⁸³, espantado com o fato de que “os homens de hoje são forçados a pensar e a executar, em um minuto, o que seus avós pensavam e executavam em uma hora”.

Entretanto, foi curto o tempo necessário para que a sociedade ilustrada se enquadrasse nestes tempos eufóricos, “tarefa” para qual contou com a ajuda dos jornalistas e – muito mais – dos correspondentes em Paris. Com a chegada do período da *Belle Époque*, consagrou-se a participação dos literatos também nas revistas ilustradas, veículos de comunicação que apresentavam materialmente a mentalidade da época. Se os anos que antecederam e viveram a proclamação da República foram os responsáveis pelo desenvolvimento da imprensa popular, a virada de século trouxe sofisticação e tecnologia.

primeiro”. In: MICHELI, Sérgio. *Poder, sexo e letras na República Velha : estudo clínico dos anatólios*, op.cit., p.77

¹⁸² NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite na virada do século*, op.cit., p.235

¹⁸³ Citado por: SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão*. São Paulo, Brasiliense, 1989, p. 27

Como resultado palpável, as revistas que atendiam a uma classe desejosa de ter acesso ao luxo e às novas invenções.

A burguesia carioca saiu das varandas e salões para desfilas pelas novas avenidas, praças, palácios e jardins. Com a consolidação da *Belle Époque* e a inauguração de seu símbolo maior – a Avenida Central – surgiu uma nova figura dentro das páginas dos jornais: o cronista social. O nascimento desse profissional mostrou que a importância urbanística das mudanças não era maior do que a social. O novo ambiente era apropriado para os passeios de final de tarde, os cafés envidraçados, a circulação dos poucos automóveis, sempre com o objetivo de ver e ser visto e, de preferência, comentado. Se na famosa coluna Binóculo, de Figueiredo Pimentel, melhor ainda. Não foi por acaso que João do Rio também buscou seu espaço neste exercício mundano de texto, publicando a coluna Pall-Mall Rio, em *O País*, sob o pseudônimo de José Antônio José. E esse foi apenas um dos muitos exemplos sobre os quais Bilac se referiu em crônica publicada em 1902:

São estes os homens que gastam a vida em querer obter um sorriso da fama, agitando-se, trabalhando, falando, publicando teses, fazendo conferências, estudando, inventando, pesquisando todos os assuntos, importunando todo o mundo, e pairam, apesar disso, dentro da névoa do anonimato, a morrerem afinal sem que ao menos duas linhas escritas às pressas num jornal assinalem a data do seu aparecimento e do seu descanso... Entretanto, é tão fácil ser célebre, tão vil...e tão pouco honroso!¹⁸⁴

Em busca dessa celebridade – e de reforço financeiro – muitos intelectuais aderem a uma verdadeira moda da *Belle Époque*: as conferências literárias. Os encontros ganharam notoriedade e se tornaram um sucesso de público no início do século XX, sendo anunciados nos jornais e revistas. Os ouvintes eram sobretudo mulheres, das mais variadas idades, que mais do que aprender algo queriam ver de perto as figuras famosas da época. Bilac era tido como um dos principais, senão o maior, orador dessa época, um dos mais requisitados, cujas características como “a musicalidade, o modo de dizer, a dicção, o gosto, a

¹⁸⁴ BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 07/09/1902 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

sobriedade, a elegância ¹⁸⁵ encantavam as platéias que pagavam para conferir o que o autor de “ora (direis) ouvir estrelas!” iria dizer.

Ainda que fizesse das conferências um palco e um ganha pão – o que lhe alimentava a vaidade e o bolso - Bilac deixou registro em tom debochado sobre a saturação desse tipo de evento. Em crônica publicada na revista *Kósmos*, iniciou afirmando que se Gonçalves Dias fosse contemporâneo, deixaria de lado as palmeiras e sabiás e escreveria: “minha terra tem tribunas / onde falam conferentes”. O texto mostrou o assombro do autor em saber que no mês de setembro houvera 48 conferências somente no Rio de Janeiro. E continuou:

Tivemos conferências com música, conferências com música e canto, conferências com dança, conferências com projeção de lanterna mágica, conferências com ilustrações a rayon. E parecia que nenhuma outra novidade poderia ser inventada quando se espalhou uma comovedora notícia: o Sr. X ia fazer uma conferência em verso, uma conferência toda em verso, ritmada do princípio ao fim, sem uma linha de prosa. Falar em verso durante uma hora sem descanso é positivamente o recorde da facúndia poética. Pois o conferente levou a cabo essa proeza! Que se inventará ainda de novo em matéria de conferência? Como se trata agora de bater o recorde e de vencer dificuldades cada vez maiores, é possível que, em breve, leiamos nos jornais anúncios como este: 'o conferente falará uma hora sobre um pé ou com a cabeça para baixo, sem mudar de posição': ou como este: 'o conferente falará uma hora, fumando um charuto, sem tirá-lo da boca e não deixando que ele se apague, durante todo o tempo da palestra'. E de recorde em recorde chegaremos a extremos inconcebíveis. Por exemplo: o conferente A. anunciará que, no fim de sua conferência, comerá, à vista da assistência, um boi inteiro e beberá quatro tonéis de cerveja; o conferente B prometerá dar um relógio Patek Philip e mais uma nota de quinhentos mil-réis a todos os curiosos de ouvi-lo do princípio ao fim, sem tossir, sem espirrar e sem bocejar. ¹⁸⁶

Ainda que pudesse prever que as conferências não chegariam nem na metade do século, Bilac não se privou de reunir em livro suas principais palestras. *Conferência Literárias*, de 1912, deixou para a posteridade alguns desses textos. Outros “conferencistas” famosos,

¹⁸⁵ CARVALHO, Affonso de. *Bilac – o homem, o poeta, o patriota*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942, p.79

¹⁸⁶ BILAC, Olavo. Crônica. *Kósmos*. Rio de Janeiro, setembro de 1907. . In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.2. op. cit., p.386

como Coelho Neto e Medeiros de Albuquerque, também publicaram livros semelhantes. Não bastava ganhar com o evento em si, era preciso também lucrar – material e moralmente – através das páginas impressas. Fonte de renda e de brilho, numa época quando a fusão entre literatura e vida literária era exacerbada e os literatos eram verdadeiras celebridades, no sentido mais mundano da palavra. “Uma pilheria de Emilio de Menezes corria a urbe de ponta a ponta, um novo soneto de Olavo Bilac recitava-se até nas ruas, entre aclamações, como tantas vezes tive ocasião de ouvir, até nos bondes”¹⁸⁷, contou Martins Fontes, cuja afirmação foi corroborada pela sentença: “O homem que escreve é sempre um ídolo”¹⁸⁸, de Medeiros e Albuquerque, ao explicar para João do Rio que:

Não se pode imaginar a admiração e o culto que se devota aos homens de letras nossos. Eu conheci um estudante que acompanhava o Coelho Neto de longe e estragou com um *pince-nez* grau 7 os seus olhos são, só porque o Neto usava graus 7. São inúmeras as pessoas que recusam a apresentação de Machado de Assis porque estão convencidas da impossibilidade de balbuciar uma palavra diante do mestre, e muito homem fino conheço eu colecionando tudo quanto escreve Olavo Bilac...¹⁸⁹

É nesse contexto que João do Rio lançou *O Momento Literário*, livro pensado como um grande questionário e para o qual o repórter entrevistou – pessoalmente ou através de cartas - os principais personagens da elite ilustrada. Bilac, Guimarães Passos, Raimundo Correia, Luis Edmundo e Sílvio Romero são alguns entre os 36 intelectuais que responderam às seis perguntas sobre literatura e vida literária. Outros oito não o fizeram, tal como o “mestre” Machado de Assis, Alberto de Oliveira e José Veríssimo. Mesmo sem esses importantes homens de letras, o livro é “documento expressivo do ambiente intelectual brasileiro na primeira década do século passado e da mentalidade nele dominante”.¹⁹⁰

“Os tempos mudaram, meu caro”. A frase, dita por um suposto interlocutor de João do Rio ao final do livro, fez referência às novas condições profissionais dos homens de letras, que

¹⁸⁷ FONTES, Martins. *Nós, as abelhas – reminiscências da época de Bilac*, op.cit., p12

¹⁸⁸ RIO, João do. *O Momento literário*, op.cit., p.6

¹⁸⁹ Ibidem, p.7

¹⁹⁰ MAGALHÃES JR. Raymundo. *A vida vertiginosa de João do Rio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978,p.43

precisavam enfrentar a concorrência, o trabalho excessivo, a falta de pagamento, mas que, por outro lado, conquistaram um lugar ao sol. E, para continuar brilhando, precisavam se fazer notar, conquistar o público. Assumindo esse novo papel, tomaram seu lugar em um Brasil que “transforma-se, civiliza-se” e fizeram com que a realidade fosse a de que “hoje o jornalismo é uma profissão, quando antigamente era um meio político de trepar”¹⁹¹.

4.2. O dever de um bom repórter é fazer de tudo uma notícia – liberdades e censuras

Como toda transição, a estabilização e identificação da função do jornalista na sociedade é algo que se foi concretizando ao longo dos anos. No período subsequente à proclamação da República, a geração boemia que dominava o mundo das letras fazia da imprensa uma extensão da sua vida “pândega”. Em seu livro de memórias,¹⁹² Medeiros e Albuquerque relatou dois episódios que bem mostram como a consolidação da imprensa empresa levou algum tempo. Foi o próprio Albuquerque quem conta que em 1892, somente por troça, publicou no jornal que dirigia, o *Fígaro*, uma “notícia” surpreendente: anunciou a restauração monárquica no país. Para dar maior veracidade ao “fato”, ainda redigiu detalhes como a maneira com que o novo governo havia impedido todos os demais jornais de noticiarem o episódio. Até mesmo a lista dos novos governantes veio impressa. Como resultado, funcionários ou simpatizantes correram para enviar centenas de telegramas de adesão e apoio ao novo regime. Ao tomar conhecimento da piada – e principalmente da sua consequência – Floriano Peixoto demitiu e perseguiu dezenas dos afoitos “monarquistas”.

Em outro “causo”, que mais parece brincadeira de colegial do que história da imprensa brasileira, foi Bilac o protagonista. Como alvo, o Barão de Paranapiacaba, ou Barão de Nunca-mais-se-acaba, como chamava o antigo conselheiro do imperador, que viveu até os 88 anos. Ao ser convidado para fazer a tradução de um romance folhetim, o jovem Olavo Bilac descobriu que na verdade estava sendo subcontratado, pois acima dele três ganhavam sem fazer nada, apenas repassando o trabalho que inicialmente havia sido encomendado por

¹⁹¹ RIO, João do. *O Momento literário*. op.cit., p.294

¹⁹² MEDEIROS e Albuquerque. *Quando eu era vivo – memórias – 1867-1934*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1942, pp.103 - 106.

José do Patrocínio a Emilio Rouéde a um tostão por linha. Rouéde passou o encargo a Guimarães Passos, que por sua vez o transferiu para Coelho Neto e este para Bilac, que recebia apenas 40 réis por linha, ficando o restante das mãos dos “atravessadores”. Mas, quando soube do negócio, resolveu se vingar colocando o nome de Barão de Paranapiacaba no personagem que seduzia as mocinhas do folhetim, que assim foi publicado. O resultado foi um escândalo e o Barão, furioso, responsabilizou Patrocínio pela publicação, até se desvendar a rede que havia sido montada¹⁹³.

Esses episódios servem como ilustração de como a imprensa era ainda um jogo, uma brincadeira, uma “mistura de política e troça” que confundia a população e tirava credibilidade dos veículos de comunicação existentes. Olavo Bilac também deixou testemunho de como a prática era comum em crônica em que narra uma “blague” do *A Notícia*¹⁹⁴. O jornal inventou - nada mais, nada menos – que um fantasma “negro e alvíssimo” aparecia todas as noites na Ladeira do Ascurra e percorria a Rua das Laranjeiras, o que fez com que o “povo em massa” fosse procurar a assombração. O cronista se disse surpreso com a credulidade do público e no ano seguinte, no mesmo veículo, lançou as críticas à imprensa fluminense, que, segundo ele, já não mais usava apenas o primeiro de abril para mentir:

Hoje, a imprensa mais prática julga que é insuficiente escolher, entre os trezentos e sessenta e cinco dias do ano, uma que especialmente consagre a mentir. Agora, os jornais mentem, com igual descaro, desde o dia do Ano bom até o dia de S. Silvestre, sem fadiga e sem pausa. Cada pequenina nota de reportagem é um peixe de abril que deixa vencidos, em tamanho e em cinismo, todas as velhas manifestações que faziam as delícias da população carioca... Há dez anos dizia-se com espanto: Vejam vocês! aquela notícia do jornal era falsa... Hoje, diz-se, com espanto ainda maior: oh diabo! aqui está uma notícia que não é falsa! E haveis de ver que, para conservar de algum modo a tradição do primeiro de abril, os jornais decidirão reservar este dia clássico para a divulgação das notícias verdadeiras.¹⁹⁵

193 Citado por: FONSECA, Gondin da. *Biografia do Jornalismo Carioca 1808-1908*. op.cit., pp. 226 - 227

194 BILAC, Olavo. Diário do Rio. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 02/11/1897 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

195 BILAC, Olavo. Diário do Rio. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 04/04/1898 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

Bilac também deixou registrado outro episódio de publicação de notícia sem verificação dos fatos, quando contou que ele mesmo havia inventado que o Brasil enviaria uma legião para o Chile. Segundo o cronista, ele teria feito o comentário no corredor do teatro *Lyrica*, um jornalista passava na hora “e, como o dever de um bom repórter é fazer de tudo uma notícia”¹⁹⁶, no dia seguinte o *Jornal do Brasil* publicou a novidade, que ultrapassou fronteiras e terminou publicada como verdade no Chile, uma “gota d’água que se fez mar”¹⁹⁷.

Com o passar dos anos, o tom de seriedade vai gradativamente se instalando e publicar um *canard*, ou seja, uma notícia que não procede, já era visto como algo vergonhoso. Quase uma década após ter escrito que “enfim, amigos, se não puderem dar notícias certas, invente-as! Porque no fundo de toda invenção, por mais descabelada que seja, há sempre um bocadinho de verdade”¹⁹⁸, Olavo Bilac fez uma “mea culpa” ao assumir ter também ele se enganado ao publicar uma informação equivocada, utilizando – desculpa tão comum hoje em dia – a pressa na apuração como pretexto para o erro involuntário.

A notícia causou uma sensação profunda. A literatura dos noticiários achou logo para singular quadrilha um nome expressivo: a ‘Confraria dos moços bonitos’. E todos os cronistas aproveitaram imediatamente o assunto maravilhoso, comentando-o e gloriando-o em todos os tons. Pobres cronistas! Engoliram um canard monstruoso....e não digo isto para envergonhá-los – porque também eu me enganei com a carapetão, ainda o tenho atravessado na gorja, a arranhar-me e vazar-me. Nós, cronistas, vivemos a ansiar por assuntos: quando um deles nos cai do céu, não achamos tempo para pesá-lo, medi-lo, apalpá-lo, escrutá-lo, submetê-lo à prova prudente da pedra de toque: vamos tratando de aproveitá-lo sem demora, porque consideramos, como os pescadores necessitados, que tudo quanto cai na rede é peixe...pois o peixe, que desta vez nos caía na rede, foi um peixe...de abril. Mas é preciso conhecer pouco a influência dos jornais e a ingenuidade humana para imaginar que o reconhecimento e a proclamação da pulhice e da banalidade dos supostos moços bonitos tenham bastado para acalmar o

¹⁹⁶ BILAC, Olavo. Diário do Rio. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 01/07/1898 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

¹⁹⁷ Ibidem

¹⁹⁸ BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 20/11/1898 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

susto causado pela mentirosa notícia (...) Tão difícil é destruir os efeitos de uma mentira!¹⁹⁹

Uma expressão que chama atenção na crônica é quando chama de “literatura dos noticiários” o texto jornalístico. Olavo Bilac neste momento entra na discussão – ainda hoje não resolvida - sobre o jornalismo como gênero literário. Ao discorrer sobre o tema em um ensaio, Alceu Amoroso Lima afirmou que o uso da palavra como fim, não como meio, é que determina ser o jornalismo um gênero da literatura. O autor explicou que para tal o texto há de ser pragmático, mas sem perder a consciência de sua função social, ultrapassando a beleza puramente estética para ser intrínseca. Para tanto, o jornalismo deverá ter como característica a ênfase estilística, a informação social e a formação moral, sendo realizado por homens que dão à arte da palavra uma finalidade em si.

O jornalista é o homem mergulhado no *Entwuyf* (Heidegger), no *Projet* (Sartre), na *Potência* (Aristóteles-tomás), no *Fenômeno* (Kant), no *Vir-a-Ser*, no *Devenir* dos filósofos evolucionistas do século passado, no *Elan-Vital* (Bérgson), em tudo que os filósofos exprimem, diferentemente, como sendo o domínio do Acontecimento e da Ação. Tirar o essencial do accidental, o permanente do corrente é o que o distingue do simples noticiarista. Fazer da informação um gênero literário, é o sinal do bom jornalista. Fazer de um gênero literário, como o jornalismo, uma simples informação, é sinal do mau jornalista.²⁰⁰

Como toda dicotomia, esta entre o mau ou o bom jornalismo, não é algo que se possa observar de forma tão clara como quer o autor fazer parecer, ainda que certas regras e pressupostos possam auxiliar no exercício da profissão. O desafio, de resto antigo, é o de conciliar a garantia de ampla liberdade de imprensa com a responsabilidade no exercício de informar. A história da imprensa no Brasil foi marcada por contradições entre dispositivos reguladores da censura e liberdade de expressão.

No mesmo ano em que a imprensa foi estabelecida, 1808, foram também nomeados os censores régios, que só perderam sua função de ler de antemão tudo que seria publicado em 1821, quando um decreto imperial aboliu a censura prévia, ao passo que responsabilizava

¹⁹⁹ BILAC, Olavo. Os moços bonitos. *Correio Paulistano*. São Paulo, 19/11/1907 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

²⁰⁰ LIMA, Alceu Amoroso. *O jornalismo como gênero literário*. 2ªed. Rio de Janeiro: Agir, 1969, p. 47

os autores. Para tanto, nenhum texto apócrifo poderia existir, ensejando uma situação que Barbosa Lima Sobrinho caracterizou como uma “condenação formal e categórica do anonimato”²⁰¹. Nova legislação surgiu em 1830 e perdurou até 1890, com substancial aumento das penas e multas em casos de calúnia, injúrias, ofensas à moral pública e ou mesmo zombarias contra a religião ou o Império.

Ao contrário do que se poderia supor, com o advento da República houve um retrocesso no que tange à lei de imprensa, como o retorno da censura prévia, prática que havia sido abolida por D. Pedro I. O fervoroso monarquista Eduardo Prado, sob o pseudônimo de *Frederico de S*, denunciava as práticas da ditadura militar republicana, que, segundo ele, se opunham ao perfil liberal do Império, lamentando que a República tivesse destruído em dois meses o que o império garantira e sustentara por 60 anos: a liberdade de imprensa. Dessa forma, passou-se de uma imprensa livre da censura direta, na época do Império, para uma imprensa de censura oficializada. De um posicionamento ostensivo a “conluíus de redatores a serviço do poder”²⁰².

Ao escrever a *Biografia do Jornalismo Carioca*, Gondin da Fonseca também deixou testemunho sobre o tema, comentando que “mal nasceu, a república viu-se logo forçada a cercear a liberdade de imprensa”. E de fato, pouco mais de um mês após a proclamação do esperado regime republicano, que deveria ser o redentor dos problemas nacionais, era publicado aquele que não por acaso ficou conhecido como “Decreto-Rolha”. Promulgado em 23 de dezembro de 1889, determinava que os indivíduos que conspirassem contra a República e o seu governo, incitando por palavras, escritos ou atos a revolta civil ou a indisciplina militar, fossem julgados militarmente por uma comissão nomeada pelo ministro da Guerra. Como sempre mordaz, escreveu Olavo Bilac sobre o episódio:

Glorifiquemos a rolha....Ah! Nem nós sabemos o que perdemos, quando,
pelas janelas do jornal, atiramos à rua as nossas idéias, às mãos cheias,

²⁰¹ BARBOSA LIMA SOBRINHO, Alexandre José. *O problema da imprensa*. 3ªed. São Paulo: Edusp, 1997, p. 123.

²⁰² MARTINS, Ana Luíza. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)*, p.133

sem conta nem medida...depois falamos tanto, que não temos tempo para ouvir nem pensar. E há períodos históricos terríveis, durante os quais ouvir é melhor do que falar. (...) Glorifiquemos esta rolha que nos sufoca o papaguear inútil, e nos obriga a recolher cautelosamente dentro do ouvido e da alma a voz sábia dos canhões, pontuando de balas e de sustos este período de nossa vida.²⁰³

Em março do ano seguinte, novo texto legal dispôs sobre o tema, claramente objetivando atingir os veículos de comunicação no que diz respeito à publicação de informações sobre o Governo e seus atos. Através dos decretos, o Governo Provisório garantiu o silêncio da imprensa, mesmo sem instituir formalmente a censura – mas tampouco admitindo críticas -, marcando o primeiro ano da República brasileira com cerceamentos ao direito de informação. Os textos legais tiveram vigência durante quase um ano, sendo revogados em 22 de novembro de 1890, quando já estava em vigor, desde 11 de outubro, o novo Código Penal, que previa delitos de imprensa e suas respectivas punições, com a diferença de que eram agora julgados nos Estados da União. Olavo Bilac comentou sobre essa mudança quando afirmou que “aposto minha cabeça como o governo federal não é capaz de fazer com a imprensa fluminense o mesmo que o sr. Barros Cassal fez com a imprensa rio-grandense”²⁰⁴ e, ironicamente, continuou “defendendo” que o Governo não seria capaz de exigir com que todos os textos - seja crônicas, notícias, apedidos, anúncios ou mesmo anedotas - fossem assinados.

A mesma reclamação apareceu em crônica publicada no jornal satírico *A Bruxa*, na qual o autor afirmou que quem escreve no Rio de Janeiro tem que usar de “sarcasmo ferino”, “ironia perfurante” e “chalaça contundente”, sem o que se escreveria com “a pena de um colibri, molhada na tinta suave de um luar”²⁰⁵. Em Pernambuco, porém, a situação era outra. No estado nordestino, não só se proibiam pseudônimos e anonimatos como foram criados “graus maiores e menores de penalidade, que variam conforme a importância, a prosperidade, a fortuna das empresas que se tornam réis do crime

²⁰³ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13/09/1893 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

²⁰⁴ BILAC, Olavo. Vida Fluminense. *O Combate*. Rio de Janeiro, 28/03/1892 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

²⁰⁵ BILAC, Olavo. Crônica. *A Bruxa*. Rio de Janeiro, 10/04/1896 - – texto recolhido no arquivo de obras raras da Biblioteca Nacional

de abuso da imprensa”.²⁰⁶ O governador de Pernambuco²⁰⁷ foi alvo das críticas de Bilac também em outro texto, cujo conteúdo abordava uma das principais questões discutidas pelos homens de imprensa de então: o pseudônimo.

A Constituição Federal proíbe o anonimato. Mas, proíbe-o vagamente. Barbosa Lima, Doge Primeiro, gosta das cousas bem claras: proíbe a falta de assinatura, proíbe as iniciais, proíbe os pseudônimos, quer que seja tudo assinado: tudo, desde o artigo de fundo até o anúncio de teatro – e assinado com nome por extenso, e com a declaração de idade, do estado e da profissão do escritor²⁰⁸

O uso de pseudônimos era prática mais do que comum na virada do século, como relatou e explicou Brito Broca no artigo “*O anônimo e o pseudônimo na literatura brasileira*”²⁰⁹, para quem a não publicação dos verdadeiros nomes dos autores era uma questão de dignidade pública. Usava-se assim apelidos para divulgar crônicas, novelas, contos, artigo, poemas e mesmo notícias cujos textos haviam sido redigidos por eminentes figuras da sociedade. Outro fator preponderante para o uso prolífico dos pseudônimos estava relacionada com as condições de trabalho. Ao ter que exercer o ofício em diversos veículos de comunicação ao mesmo tempo, condição essencial para poder viver da profissão, os homens de letras utilizavam diversos nomes fictícios para assim esconder suas imperfeições e incoerências, além de criar máscaras para autores fictícios com todos os estilos possíveis.

A questão foi crucial durante todo período da República Velha, sobretudo nos primeiros anos do novo regime. Em 1897, novamente o anonimato e o pseudônimo na imprensa foram alvo de projeto de lei, desta vez do Governo Federal, que enviou ao Congresso texto proibindo tais práticas. E outra vez Olavo Bilac saiu em defesa da classe apresentando justificativas que condenavam o projeto:

Tratemos, porém, do projeto de lei sobre o anonimato na imprensa. A coisa vai por diante, o parecer está lavrado, e as Câmaras, que lá tem

²⁰⁶ Ibidem

²⁰⁷ Por uma dessas peças do destino, o governante Pernambuco é o tio de quem o emblemático jornalista Barbosa Lima Sobrinho herdou o nome. Em material autobibliográfico sobre o ex-presidente da Associação Brasileira de Imprensa, um dos jornalistas mais atuantes do século XX, não foi encontrada nenhuma menção ao fato de seu tio ter sido acusado de coibir a imprensa pernambucana.

²⁰⁸ Bilac, Olavo. *Em Veneza. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 10/07/1895. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.169

²⁰⁹ In: BROCA, Brito. *Horas de Leitura*. Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro, 1957.

as suas razões para querer moderar as fúrias da imprensa, hão de naturalmente apressar a ultimção dos trabalhos. Pelo projeto, não fica proibido o anonimato: fica proibido o pseudônimo. Por que? Há pseudônimos que são mais conhecidos do que os nomes dos escritores que os usam. Não seria mais prático exigir apenas que em cada redação ficassem registrados, ao lado dos pseudônimos, os nomes verdadeiros dos colaboradores? Nas razões em que funda seu parecer, diz a comissão da câmara que se limitou a obrigar simplesmente as empresas de imprensa diária ou periódica a estamparem na primeira página de suas publicações os nomes de seus redatores ou pelo menos do redator chefe. (...) na produção intelectual de um jornalista, como na de um artista, há sempre a parte séria a que o escritor dá o seu verdadeiro nome, e a parte leve, humorística, que bem pode correr por conta de um pseudônimo transparente. Para cada estilo, cada assinatura. (...) ²¹⁰

Entretanto, a proibição do uso do pseudônimo foi incorporada na primeira Lei de Imprensa brasileira, promulgada, em 31 de outubro de 1923, e se manteve nos textos posteriores, inclusive no que está em vigência atualmente. Dessa forma, a prática foi caindo em desuso e hoje virou praticamente uma licença poética, tolerada nos poucos exemplos encontrados. No tempo de Bilac, entretanto, foi um problema sério para os jornalistas abrirem mão dos seus inúmeros nomes fictícios. E esse era apenas um dos obstáculos a serem ultrapassados.

A censura – realizada de forma direta ou indireta – era outro dos empecilhos ao fazer jornalístico. O cerceamento da liberdade de expressão em momentos de crise foi prática comum, o que fez Bilac escrever trechos irônicos como este: “A imprensa tem a necessidade de ser de quando em quando sufocada. Esses períodos de asfixia servem para lhe dar um repouso forçado: e durante esse reforço ela se fortalece, restaura a força esbanjada nas orgias da liberdade”, ²¹¹ ao se referir às medidas tomadas pelo presidente Floriano Peixoto, cuja mão de ferro foi sentida de forma contundente por todos intelectuais da época. Ao perseguir e censurar os homens de letras, “pontuando de balas e de sustos este período de nossa vida”, ²¹² o Marechal chegou mesmo a dissolver toda uma geração literária, que ao voltar à ativa já estava bastante modificada.

²¹⁰ BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 25/07/1897. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p. 239

²¹¹ BILAC, Olavo. *Crônica Livre. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13/09/1893 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

²¹² *Ibidem*

Muitos anos depois, já vivendo todo o clima de *Belle Époque* que a virada de século trouxera ao país, Olavo Bilac não se esquecia dos anos de chumbo e comentou sobre a relação do poder com os jornais nos primeiros anos republicanos. Ao virem à luz atas do governo provisório, o cronista afirmou ter se deliciado ao saber que a imprensa tanto irritara Deodoro da Fonseca e seus seguidores:

Como jornalista, e principalmente como cronista compassivo e irônico das belezas e das tolices da vida humana, especialmente me delicieei lendo estas Atas, com dois aspectos da fisionomia moral do governo provisório. Em primeiro lugar, a preocupação constante, - de cólera e irritação, - que a imprensa diária causava aos promotores da revolução triunfante....Aquela revolução, nascida nas entranhas e criada nos peitos da imprensa, aproveitou logo os primeiros dentes para morder o seio que a amamentava, e serviu-se logo da primeira força muscular para esmurrar o ventre do qual saíra. Aquele governo, filho da imprensa, tinha uma idéia fixa: matar, ou ao menos, amordaçar a imprensa²¹³

Ao longo da história, abundam exemplos de arbitrariedades que foram – e o são - realizadas contra jornais e jornalistas. Outro caso que marcou a história da imprensa brasileira nos anos de Bilac foi a acusação da direção do *Jornal do Brasil* ao então ministro Epitácio Pessoa, durante o governo Campos Salles, de ter mandado assassinar o repórter Gustavo de Lacerda por causa das denúncias do jornalista durante uma greve²¹⁴. Alguns anos após veio Prudente de Moraes, que decretou estado de sítio, prendeu seus opositores, fechou jornais e acabou com qualquer manifestação política. Sob essa situação, escreveu Olavo Bilac, na conceituada *Gazeta de Notícias*, uma crônica em que ironia e ataques diretos a práticas censórias andam de par:

Queria escrever narrando os últimos acontecimentos que têm posto esta cidade em sobressalto; mas não posso: estou coato. E aqui tens tu, meu pobre amigo, a que está reduzida a liberdade de imprensa, ou antes, a que reduziu a liberdade de imprensa este governo, que se serve da força pública para cevar os seus ódios, este governo nefasto e negregado. (...) hás de dizer-me se é possível exercer o nobre sacerdócio da imprensa quando se está tão ferozmente ameaçado por uma polícia sem escrúpulos, mantida por um governo tirano, ditador, caluniador e

²¹³ BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 08/12/1907. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.859

²¹⁴ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. op.cit., p. 310

infame(...) Neste momento sou intimado a não escrever mais. Estou
coato²¹⁵.

Ainda que desde a primeira constituição republicana, promulgada em fevereiro de 1891, a liberdade de imprensa estivesse supostamente garantida, períodos como os descritos por Olavo Bilac foram correntes na história da imprensa brasileira, de forma mais clara ou mais velada, dependendo da circunstância. Além da cerceamento explícito do governo, a autocensura e o jogo de interesses dos proprietários dos veículos de comunicação sempre decidiram o que deveria ou não ser publicado.

Prática comum nos dias de hoje, também o foi no início da imprensa empresa. Ao comentar sobre os proprietários dos jornais do final dos anos 10 do século passado, Gondin da Fonseca os chama de “verdadeiros régulos”, que não permitiam que nada fosse publicado sem sua autorização e consentimento, mas que, por outro lado, ficavam “exigindo, todavia, do governo, em nome do povo, uma amplíssima, totalíssima, incontroladíssima liberdade de imprensa.”²¹⁶ Da mesma forma Flora Sussekind nos apresentou “um Coelho Neto indignado com a padronização e as novas formas de controle do que se publica, ‘que não tem o visto do inquisitor, mas tem o visto do redator-chefe’”²¹⁷. Eram as condições de trabalho que os homens de letras dispunham e que moldaram o fazer jornalístico desde sempre, num eterno jogo de poder e disputa entre o interesse do público e os mandos e desmandos de governantes, poderosos e proprietários.

4.3 – O repórter, essa entidade fabulosa - o exercício da profissão

O jornalista é um aparelho receptor e condensador das comoções, dos abalos, das paixões de toda uma população. Imaginemos um exemplo: o

²¹⁵ BILAC, Olavo. Casos e Cousas. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 19/07/1898. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.280

²¹⁶ FONSECA, Gondin da. *Biografia do Jornalismo Carioca 1808-1908*. op.cit., p. 230

²¹⁷ SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras – Literatura, Técnica e Modernização no Brasil*. p. 76

jornalista X, bem dormido e bem almoçado, sai de casa, a caminho do jornal. Toma um bonde elétrico. Abre todas as folhas e começa a ler. Já essa leitura principia a desorganizar-lhe o sistema nervoso. Na viagem, o bonde elétrico (não fosse ele elétrico!) reduz a pó impalpável o corpo de um transeunte. X toma o lápis e registra o fato: e já é seu próprio corpo de jornalista que sente a dor terrível de despedaçamento. Depois, X vai à câmara fazer o seu extrato de debates. X é o homem-congresso: dentro do seu cérebro, toda a política do país se baralha e se confunde. (...) Depois, na sala de redação, começa a receber as reclamações do público (...) Depois, chegam as notas policiais: queijos furtados, cabeças quebradas, bêbados apanhados na via pública, assassinatos, desastres, rolos, - tudo isso entra precipitadamente e atabalhoadamente no sistema nervoso de X: X é o homem multidão. Depois, chegam os telegramas da Havas (...) Ao fim da noite, X não é mais um homem; X é o mundo inteiro”²¹⁸

O texto de Olavo Bilac apresenta pormenores da profissão de repórter no mesmo instante em que essa se constituía na imprensa brasileira. O mote para que o cronista comesse a discorrer sobre o tema foi um suposto artigo lido em jornal baiano, no qual constava a afirmação : ‘para ser jornalista, é preciso não ter nervos’. Bilac então se indagou sobre o porquê de todos terem direito a dispor de nervos, menos os jornalistas, que para bem informar deveriam ficar impassíveis no meio da opinião pública. Esse seria um “ideal sublime”, se transformar em máquinas de escrever e “deixar o jornalista que os acontecimentos, ou louvores, os vitupérios, as calúnias, os processos de responsabilidade, as cartas anônimas passem por sobre sua alma como as rajadas do vento passam por cima das rochas vivas sem que as enruguem nem abalem”²¹⁹.

O exercício da profissão com tudo que lhe é inerente, as precárias condições de trabalho, a falta de reconhecimento, os salários baixos e outros, foram objeto de crítica dos próprios jornalistas. Também João do Rio fez diversos relatos sobre o trabalho nas redações, lembrando que se estendia por quase 24 horas ao dia, pois começava pela manhã e só terminava às três da madrugada. Sem esperanças de um dia ficar rico, o profissional da imprensa não tinha futuro, “senão na hora do dia seguinte”²²⁰. A busca pelo furo foi apontada de forma contundente, sendo os repórteres caçadores de escândalos e curiosidades que, “como duendes”, se colavam nas fechaduras. A mesma metáfora já havia sido utilizada

²¹⁸ BILAC, Olavo. Sem Nervos. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 11/06/1895. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.165

²¹⁹ Idem

²²⁰ MAGALHÃES JR. Raymundo. *A vida vertiginosa de João do Rio*, p.80

por Bilac para criticar a decisão do governo de Campos Sales que, poucos dias após eleito, resolveu fornecer à imprensa somente informações de medidas resolvidas. O cronista então conclamou: “amigos repórteres! É possível que a esta hora, amuados e mal contentes, estejais amaldiçoando essa inovação (...)” e seguiu, ironicamente, explicando que a intenção do governo era valorizar o trabalho jornalístico, uma verdadeira prova de amor final.

O repórter, essa entidade fabulosa, de cem olhos para ver, de cem ouvidos para ouvir, de cem narizes para cheirar, de cem mãos para apalpar – não pode estar convertido em um simples portador de notícias...Para ser digno do Deus que o criou e do nome que tem, - o repórter deve, invisível como gnomo, poder atravessar impunemente oito filas de sentinelas dobradas; deve, incorpóreo como uma bruxa, ser capaz de passar pelo buraco da mais apertada fechadura, deve, como Oneiroff, saber ler toda uma carta através do envelope lacrado; deve, como o Ariel da Tempestade, descobrir o meio de estar em toda parte, no clarão do luar, no rumor do vento, no aroma de uma flor, no fumo de um charuto, num grão de poeira.²²¹

O personagem descrito por Olavo Bilac como “Ariel” se consolidou na segunda metade do século XIX. Surgiu quando os jornais franceses começaram a contratar profissionais que tinham a incumbência de procurar notícias, utilizando o termo inglês “repórter” para designar aquela “nova raça de jornalistas”²²², que tomava nota do desenvolvimento dos acontecimentos. Entretanto, quem apenas relatava a notícia corria o risco de ser considerado um repórter medíocre, como afirmou Alceu Amoroso Lima, ao defender o jornalismo como gênero literário. O papel do autêntico jornalista, como visto, seria o de comentar a notícia, para então “informa para formar”²²³. O profissional, dessa forma, seria sempre um homem de seu tempo, cuja habilidade consiste em detectar o que há no momento e registrá-lo, vivendo o efêmero para transformá-lo em eterno, como nas já

²²¹ BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 20/11/1898 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

²²² TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo. Vol.I – Porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2ªed., 2005, p.69

²²³ LIMA, Alceu Amoroso. *O jornalismo como gênero literário*, op.cit., p. 47

citadas palavras de Baudelaire²²⁴. Para Bilac, o jornalista do seu tempo é o profissional da informação, pois,

O repórter nasceu para dar notícias: dar notícias é a razão, a explicação, o fim da sua existência: e todos eles, afinal, só merecem louvores e parabéns pela inteligência, pelo tino, pelo habilidade com que conseguiram substituir-se à própria polícia, inquirindo e reinquirindo os réus, obtendo deles e das autoridades todas as informações, e tratando de exceder-se uns aos outros, no momento e na importância das notícias fornecidas ao público.²²⁵

Para realizar essa tarefa, no final do século XIX encontravam-se lado a lado o “simples portador de notícias” e os grandes homens de letras do país, os “iniciais olímpicos do primeiro mass media usado no Brasil”²²⁶. Ao crescer de forma significativa junto com a vida urbana, o jornalismo ditou as novas modas e costumes, invadindo territórios até então intocáveis, como o da própria igreja católica, no que tangia ao controle das informações e “posse” da verdade. Expandindo suas atividades, promoveu campanhas contra velhos hábitos e gerou o clima de euforia que caracterizaria a *Belle Époque*, sendo “talvez a primeira manifestação de um fenômeno de manipulação de consciências em massa no Brasil”²²⁷. Ao lado desse crescimento, surge a preocupação dos intelectuais da época para com a “nova” profissão e o pensar sobre o exercício do jornalismo.

Em uma dessas tentativas de conhecer e explicar a atividade, bem como sua intrínseca relação com a literatura, João do Rio publicou o já citado *Momento Literário*. Foi de Medeiros e Albuquerque a sugestão para realização do livro, com base em trabalhos semelhantes que havia conhecido em suas viagens por Inglaterra e Itália e que davam ao público uma espécie de guia de opiniões sobre como pensava, o que lia e como se “formava” a elite letrada. A proposta foi devidamente registrada no prefácio do livro, onde fica claro, também, que o próprio Albuquerque havia sugerido as perguntas. Ao relembrar o

²²⁴ ²²⁴ BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*, op.cit., p.25

²²⁵ BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 28/10/1906 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

²²⁶ MACHADO NETO, Antônio Luís. *Estrutura social da República das Letras – sociologia da vida intelectual brasileira, 1870-1930*. São Paulo: Grijalbo/Ed. USP, 1973, p.231

²²⁷ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão*, op.cit., p.100

episódio, João do Rio contou que depois de elaborar questões sobre autores preferidos, trechos de livros, associações e gêneros literários, seu interlocutor ponderou: “falta a pergunta capital, em torno da qual toda a literatura gira, falta a pergunta isoladora das ironia diretas!” foi então que escreveu a questão de número seis: “O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?”²²⁸ As respostas a essa última questão variaram entre os que consideravam a relação perniciososa aos que a viam como benéfica, mas sempre abordando a necessidade de se pensar e relacionar literatura e imprensa.

Olavo Bilac, o primeiro no índice, ressaltou a importância do jornalismo como o único meio de se fazer ler num país que não investe na educação do seu povo. Ainda que tenha terminado dizendo que não se deve “prostituir” o talento, reafirmou que o “o jornalismo é para todo escritor brasileiro um grande bem”²²⁹. Já Coelho Neto, com tom nostálgico, comentou que a vida de imprensa do seu tempo era animadora, mas que nos anos que corriam não era das melhores, apesar de todavia servir para evidenciar os escritores. A resposta mais enérgica e contrária à relação veio de Guimarães Passos, que dizia acreditar que “não pode haver arte onde há trocos”²³⁰. O crítico literário Sílvia Romero contestou de forma incisiva a favor do jornalismo, afirmando ainda que sua opinião era isenta por nunca ter exercido a atividade de forma regular:

O jornalismo tem sido o animador, o protetor, e, ainda mais, o criador da literatura brasileira há cerca de um século a esta parte. É no jornal que têm todos estreado os seus talentos; nele é que têm todos polido a linguagem, aprendido a arte da palavra escrita; dele é que muitos têm vivido ou vivem ainda; por ele, o que mais vale, é que todos se têm feito a conhecer, e, o que é tudo, poderia ser mais se houvesse um acordo e junção de forças; é por onde os homens de letras chegam a influir nos destinos deste desgraçado país entregue, imbele, quase sempre á fúria de politiquinhos sem saber, sem talento, sem tino, sem critério, e, não raro, sem moralidade...

²²⁸ RIO, João do. *O Momento literário*, op.cit., p.9

²²⁹ Ibidem, p.18

²³⁰ Ibidem, p.138

A presença dos escritores nos jornais faz parte da própria constituição da imprensa. Na história do jornalismo brasileiro, o rodapé assinado por José de Alencar evoluiu para a crônica machadiana e essa para o texto de Olavo Bilac. Ao nascer ligada à grande imprensa²³¹, a crônica se incorporou aos hábitos de leitura dos brasileiros de forma significativa, sobretudo quando as folhas passaram a dispor de mais espaço e divisões claras. Ao lado das notícias, dos artigos de fundo, das ilustrações e dos anúncios, entre outros, o texto em crônica transforma a matéria cotidiana com toques de informalidade, inteligência e leveza.²³²

A trajetória de Bilac como cronista já foi explicitada nesse trabalho e, embora tenha sido esquecida por quase um século, a importância do autor chegou a ponto de Guimarães Passos considerá-lo como o fundador da crônica “moderna”.²³³ Em livro que reúne alguns dos milhares de textos em prosa que produziu, Bilac explicou na introdução que seu interesse naquela publicação não era “salvar do olvido, a que foram fadadas logo ao nascer, essas páginas fúteis”²³⁴, mas sim prolongar suas vidas por algum tempo mais, uma ambição modesta. Ao escrever sobre seu fazer jornalístico, o autor comparou sua profissão à de um vendedor ambulante. Foi ele um mascate das letras.

Os cronistas são como bufarinheiros, que levam dentro das suas caixas rosários e alfinetes, fazendas e botões, sabonetes e sapatos, louças e agulhas, imagens de santos e baralhos de cartas, remédios para a alma e remédios para os calos, breves e pomadas, elixires e dedais. De tudo há de contar um pouco, esta caixa da Crônica: sortimento para gente

²³¹ Com uma visão pouco otimista, Balzac, em *Os Jornalistas*, monografia da imprensa parisiense publicada em 1843, faz um ataque feroz aos jornalistas do seu tempo. Claro está que a distância temporal e geográfica se faz sentir, sobretudo porque o criador de *A Comédia Humana* viveu tempos de imprensa eminentemente panfletária, mas de qualquer forma traz passagens que podem ser ainda utilizadas com atualidade. O escritor dividiu os profissionais da imprensa em dois gêneros: o publicista e o crítico, cada qual com diversas subdivisões. Os publicistas são “todos os escrevinhadores que fazem política” e entre eles encontra-se o que hoje consideramos os profissionais do jornalismo, lembrando que ainda a função do repórter não era delimitada e os textos eram fundamentalmente opinativos. Já os críticos têm como característica central não saber escrever e, “não podendo criar nada, se faz o mudo do bordel”²³¹. Entre os críticos, Balzac citou o folhetinista, cujo texto deve ter “infalibilidade do almanaque, a leveza da renda, e decorar com um cortinado o vestido do jornal todas as segundas-feiras”. É desse último grupo que se origina o trabalho que no Brasil viria a ser realizado pelos cronistas. In: BALZAC, Honoré. *Os jornalistas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999, pp.97-99

²³² No próximo capítulo trataremos mais especificamente da história e contexto do texto em crônica, motivo pelo qual não nos estenderemos em pormenores neste momento.

²³³ Citado por CARVALHO, Affonso de. *Bilac – o homem, o poeta, o patriota*, op.cit., p.75

²³⁴ BILAC, Olavo. *Crítica e Fantasia*. Lisboa: Editora de A. M. Teixeira, 1904, p.5

séria e sortimento para gente fútil, um pouco de política para quem só lê os resumos dos debates do Congresso, e um pouco de carnaval para quem só acha prazer na leitura das seções carnavalescas. Aqui está a caixa do bufarinheiro, leitor amigo: mete dentro dela a tua mão e serve-te à vontade. Não fui eu quem a encheu de tantas coisas desencontradas e opostas. Eu sou apenas o retalhista, o varejista dos assuntos. Quem me enche a caixa é a Vida, a fornecedora dos cronistas.²³⁵

Ao se colocar como “retalhista”, Bilac abordou outro tema fundamental ao fazer jornalístico: o da escolha e edição dos temas. Como jornalista, relatou o impasse pelo qual todo e qualquer profissional de imprensa passa na hora de selecionar o que é ou não notícia. Em uma cidade que se urbanizava e produzia diversos fatos cotidianos, “o cronista dispunha-se a medir a temperatura diária de seu meio, tendo muito claro na cabeça que ficava à disposição dos acontecimentos, como uma espécie de escriba da corte”²³⁶, como analisou Antonio Dimas.

Olavo Bilac percebeu ainda que o leitor dos novos tempos queria ser informado e, ao mesmo tempo, manter um “diálogo” a ser estabelecido com os periódicos da forma mais direta possível. Assim, era do próprio jornal – seja nas notícias locais, nas internacionais ou mesmo nos anúncios e publicidade – que o autor retirava a maioria dos temas que eram abordados nas crônicas. A variedade de pautas e de publicações era exigência de um público leitor em crescimento e cada vez mais heterogêneo, mesmo que a instrução ainda fosse precária, e que passara a privilegiar fatos policiais e intrigas políticas. E então havia outra questão relevante no exercício da profissão: a ética.

“Depois da criação do repórter, o segredo morreu”²³⁷, afirmou Bilac em texto que comentou o escândalo do público porque um homem resolveu se banhar nu no mar carioca. O autor aproveitou o gancho²³⁸ da nota para abordar questões éticas da profissão, mostrando-se indignado com o fato de que as pessoas se sentiam melindradas com o

²³⁵ BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 07/02/1904. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.631

²³⁶ DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: ensaios*. op.cit., p.41

²³⁷ BILAC, Olavo. Rodapé. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 31/01/1897 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

²³⁸ Expressão utilizada no meio jornalístico para designar o acontecimento ou comentário que dá ensejo à publicação de uma matéria.

banhista sem roupa, mas não com os jornais que não respeitavam a vida íntima de ninguém. “Tudo se cobre, tudo se espia, tudo se esmiúça, tudo se publica”, sentenciou o cronista, que aproveitou para apontar o equívoco do jornal *A Notícia*, onde escreveu de forma constante durante 13 anos, em publicar análises grafológicas de importantes personalidades da época, desvendando suas “almas”. Igualmente a publicação de cartas íntimas de personalidades foi condenada, sendo para ele um crime imperdoável e inútil²³⁹. Analista contundente da imprensa da época e até mesmo crítico do mesmo veículo em que trabalhava, antecipou a figura do *ombudsman*²⁴⁰ em quase cem anos:

Hoje, a ‘pedra do escândalo’ tem a sua sede nas colunas dos jornais. É ali que se afirmam e proclamam todas as bancarrotas, fraudulentas ou não, e que se pronunciam todos os crimes verdadeiros ou falsos; a moderna ‘pedra do escândalo’, é, ao mesmo tempo, um pelourinho. (...) Quem quiser ver até que ponto podem chegar a brutalidade de uma autoridade policial e a maldade inconsciente do jornalismo (...) procure ler o parágrafo nono da sexta coluna da segunda página desta mesma Gazeta, no número de sexta-feira.²⁴¹

O uso do espaço nos periódicos foi tema freqüente nas crônicas de Bilac, consciente de que sem o jornal de nada servem os jornalistas, que valeriam tanto quanto os fotógrafos sem a máquina ou os oradores sem a voz²⁴². Por vezes orgulhoso de sua profissão, por outras desanimado, o cronista enxergava atos falhos dos colegas, ainda que também os cometesse. A preocupação com o exercício da profissão e com o uso dos periódicos o fazia por vezes acabar em desabafos como esse: “Nada, nada fica no ramarrão da vida reles. Quem teria inventado essa profissão de cronista, senhor deus dos desamparados?”²⁴³. Ou, então, tornar público a sensação de impotência diante de uma função que, se não era nova, tampouco era clara.

²³⁹ BILAC, Olavo. Diário do Rio. *Correio Paulistano*. São Paulo, 22/04/1908. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.2. op. cit., p.162

²⁴⁰ Jornalista contratado pelo próprio veículo de comunicação com o dever de observar e criticar os equívocos do jornal, colocando-se no ponto de vista do público

²⁴¹ BILAC, Olavo. *Chronica*. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 24/11/1907. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.851

²⁴² BILAC, Olavo. Crônica. *Kósmos*. Rio de Janeiro, maio de 1906. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.2. op. cit., p.358

²⁴³ BILAC, Olavo. *Chronica*. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 04/12/1898 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

Tanto abusamos das palavras, tanto deformamos o sentido delas, tanto barateamos o louvor, tão impiedosamente distribuimos a censura, que vamos ficar reduzidos a simples máquinas de escrever – de teclado dócil, obediente ao toque de todo mundo...Cada um de nós não passa de uma remington aperfeiçoada. Vêde bem! Se há um desastre, se há um crime, se há um suicídio, descrevemos essas cousas com a mesma indiferença, com a mesma calma, com a mesma impassível opulência de palavras ocas com que descreveríamos um baile, um batizado, uma pândega. Manejamos a ironia e a piedade com o mesmo soberano desdém. (...) assoalham-se desgraças íntimas, levantam-se cortinados de camas, remexem-se lençóis servidos, sempre com a mesma frieza, sempre com a mesma serenidade. E exaltam-se os vencedores, e pisam-se os vencidos, não por interesse, não por especulação, não por bajulação, - mas, porque todo mundo faz isso, e daria muito trabalho e muito incômodo fazer uma cousa diversa das cousas que todo mundo faz.²⁴⁴

Naquela que foi considerada a primeira pesquisa em jornalismo, publicada em 1690²⁴⁵, já aparecia a preocupação com a necessidade de separar as “coisas dignas de crédito” dos “rumores infundados que se fazem correr”, assim como das “coisas públicas”. De forma quase didática, o autor ensinava a necessidade de se selecionar o que cabe ou não dizer e, para corroborar suas afirmações, citou Cícero, cuja doutrina baseou-se na primeira lei da história, que “é que não se ouse dizer nada de falso”. Ao que parece, os princípios éticos estiveram presentes no exercício da profissão desde o início, mesmo quando tantas vezes desonrados.

Através das crônicas de Olavo Bilac podemos observar como alguns dos conceitos éticos que até hoje utilizamos foram naquela época elaborados. Um exemplo foi a questão do suicídio, que apareceu primeiro texto como algo comumente divulgado e que foi alvo de críticas quando os repórteres buscaram encontrar motivos para tal ato, tecendo conjunturas sobre seu porquê. O cronista então deixou a pergunta: “Por que não há de a imprensa, por que não há de a polícia, por que não há de todo mundo respeitar esse

²⁴⁴ BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 16/01/1898. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.263

²⁴⁵ PEUCER, Tobias. *De Relationsibus novellis*. Tese (Doutorado em Periodística). Universidade de Leipzig. Leipzig: 1690. Trad. De Paulo da Rocha Dias. In: *Revista Comunicação & Sociedade*, n.3. São Bernardo do Campo: Umesp, 2000, p. 188-216.

segredo?”²⁴⁶. Menos de um ano depois, contudo, Bilac afirmou que a publicação de um suicídio não devia ser pauta, escrevendo que “francamente, se foi para isso que se inventou a imprensa, seria melhor que o amigo Guttemberg não tivesse perdido a sua fortuna e o seu tempo”²⁴⁷. E, um mês após, o cronista ocupou todo o espaço que dispunha para explicar ao público o acordo de não mais publicar suicídios, apesar de não acreditar na necessidade ou eficácia da medida:

Agora, a imprensa descobriu (a descoberta é velha, esta propaganda já tem sido feita umas boas duzentas vezes) que os cariocas só se suicidam porque lêem notícias de suicídios: e, para dar cabo da mania – zás! silêncio sobre os suicídios.! (...) Seria preciso que, de joelho e batendo no peito, clamássemos: ‘nós, com a nossa paixão partidária ou com a nossa blague, mantemos uma agitação estéril; nós somos o choque elétrico aplicado cada manhã à nuca de cada pobre cidadão; nós mantemos as almas numa febre contínua de boatos, de intrigas, de mentiras, de ambições, de esperanças, de desesperos...E, assim, é verdade que propagamos a mania do suicídio, porque é verdade que toda a população anda maluca por culpa nossa....E, querendo dar um remédio ao mal que provocamos, vamos fazer uma coisa: vamos morrer, vamos desaparecer, - não há mais imprensa!’ Mas...sossegai, almas inquietas! Nós não faremos isso!, E, mesmo quanto a este particular propósito de, por comum acordo, não dar notícias de suicídios, - podeis ficar certas que daqui a quinze dias já ninguém se lembrará do acordo!²⁴⁸

Dessa vez as previsões de Olavo Bilac não foram certeiras. Em grande parte das redações, até hoje é recomendado aos jornalistas que evitem a divulgação de suicídios²⁴⁹. Outra questão ética atual e que apareceu com bastante frequência nos textos de Olavo Bilac foi sobre a divulgação dos nomes das vítimas de estupro, dos adúlteros e dos menores infratores. Para o cronista, tal prática mancha de forma indelével a vida das pessoas,

²⁴⁶ BILAC, Olavo. Um suicida. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 18/05/1896 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

²⁴⁷ BILAC, Olavo. Diário do Rio. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 17/04/1898 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

²⁴⁸ BILAC, Olavo. Diário do Rio. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 20/05/1898. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.2. op. cit., p.256

²⁴⁹ A justificativa para esse procedimento se baseia na hipótese de que qualquer notícia sobre o assunto pode vir a estimular outros atos semelhantes. Entretanto, Eugênio Bucci, no livro *Sobre ética e imprensa*, faz uma série de críticas a esse procedimento estritamente teleológico e utilitarista. E pergunta se estará agindo eticamente um jornalista que deixa de publicar uma informação por considerar que ela provocará consequências negativas, respondendo que “o ponto crítico não é portanto a informação em si: é o modo como ela é explorada pela imprensa” (p.249). Para evitar tal exploração, as normas editoriais dos principais veículos de comunicação recomendam, mesmo que a proibição não esteja escrita explicitamente no Código de Ética dos Jornalistas, que não se deve divulgar casos ou tentativas de suicídio.

“porque há coisas que, quando publicadas, ficam agarradas à alma e coladas à pele da vítima; e haverá ocasiões em que a vítima não se livre delas, mesmo conseguindo mudar de pele e de alma”²⁵⁰. Na maioria dos casos, nem deveria virar notícia, como o faziam os jornais das “metrópoles” européias como Londres, Paris, Berlim ou Roma, que apenas excepcionalmente publicavam matérias de estupros, raptos, adultérios, dramas pessoais, enfim. Além do mais, nesses lugares “quando não querem privar o público de seu acepipe predileto, indicam o nome dos comprometidos por meio de simples, sóbrias, discretas e serenas iniciais”.²⁵¹ Como podemos comprovar hoje, a sugestão foi seguida nesse quesito, ainda que por força de lei.

A preocupação com a honra e moral das pessoas que tinham seus nomes publicados nos jornais perpassou a carreira de jornalista de Olavo Bilac. O tema foi pauta de suas crônicas desde 1892 até 1908, ora clamando pelo bom senso da imprensa, ora chamando os jornalistas de cruéis, de donos da vida íntima da população. Bilac propunha também que o papel do jornal fosse o de estimular a educação e a justiça, pois “ninguém se faz jornalista para praticar a crueldade e o mal”.²⁵² Indignado com o costume de “roer reputações” pelo fato de que “nada mais é respeitado pela fúria da reportagem”, voltou à tônica em texto que expôs o quanto a prática lhe parecia absurda:

De maneira que, para encher um cantinho do vasto noticiário com uma nova que nenhum interesse pode ter para o público, a imprensa deixou sobre o nome de um homem e sobre o nome de uma mulher, uma dupla nódoa indelével. Mas, às vezes, a indiscrição é ainda mais absurda e mais perniciosa. Trata-se, às vezes de escândalos de adultérios: e a polícia sollicitamente fornece à imprensa a relação minunciosa do caso, e os nomes de todos os comprometidos no escândalo e toda série de pormenores escabrosos. (...) Antes de obter a vênua da puríssima, da castíssima, da virginalíssima imprensa, nada se deve fazer. (...) E nem só em negócios amorosos a publicidade é nociva. Um menor, uma criança, um caixeirinho de venda, seduzido pela tentação do jogo do bicho, abre a gaveta do patrão, surrupia algumas notas de 10\$ e gasta-as. O patrão queixa-se à polícia, a polícia prende o pequeno e a imprensa publica o nome desse pobre diabo, dessa pobre criança que não soube o que fez, que pode arrepender-se, que se pode regenerar,

²⁵⁰ BILAC, Olavo. Crônica livre. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 17/02/1894. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.73

²⁵¹ BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 28/01/1900. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.335

²⁵² BILAC, Olavo. Crônica livre. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 17/02/1894. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.73

que pode vir a ser um homem de bem - mas que fica com o nome eternamente manchado por essa maldade do noticiário!²⁵³

Entre todos os casos apontados, a revolta se mostrava maior quando a vítima era uma criança, ocasião em que o cronista considerava um crime tal prática, que “emporcalhava” a vida futura, como se o menor fosse responsável por seus atos. Bilac, autor de livros infantis e inspetor escolar, por vezes escreveu em defesa das crianças, demonstrando uma inquietação com o que seria o “futuro da pátria”. Ao comentar sobre o problema de se apregoar os pormenores dos crimes nas notícias policiais - outra questão abordada por ele quanto ao fazer jornalístico - o cronista afirmava que o pior inconveniente da “publicidade” que a imprensa realizava era o de deixar que as crianças ficassem sabendo de tais atos, pois:

Hoje, há as Marinoni; há a fototipia; e as folhas diárias são assinadas, compradas e lidas pelas crianças, porque todas elas, ou quase todas, ao lado dos artigos ilustrados em que exploram todos os escândalos do homicídio, roubo e devassidão, mantêm seções atraentes, destinadas à infância: tudo vem no mesmo retângulo de papel, e os pequeninos leitores passam naturalmente da leitura dos contos ingênuos e das historietas jocosas à leitura das epopéias da patifaria. É uma escola...É a Escola do Horror!²⁵⁴

Em outro texto, ao comentar sobre a notícia que apareceu em quase todos os jornais da Capital Federal e que mostrava uma máquina de arrombar portas, escreveu que “a gravura que apareceu nos jornais, é tão perfeita e tão completas são as informações dadas pela imprensa sobre o mecanismo e o modo de funcionar do engenhoso aparelho – que todos os ladrões de profissão já devem a esta hora estar pensando em aproveitar essa bela lição do progresso”. Para o cronista, tal atitude ajudava aos criminosos, era uma indiscrição que não se justificava, pois ao publicar todos os passos da investigação policial, as folhas davam as pistas para que os delinquentes fugissem ou planejassem outros crimes. “Nós temos

²⁵³ BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 28/01/1900. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.335

²⁵⁴ BILAC, Olavo. A escola do horror. *Correio Paulistano*. São Paulo, 01/12/1907. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.2. op. cit., p.108

repórteres capazes de ensinar ao mais esperto agente como se acha o fio de um crime”²⁵⁵. A irônica afirmação de João do Rio encontrava eco em diversos textos escritos por Olavo Bilac acerca da responsabilidade dos veículos de comunicação quando divulgavam pormenores de delitos.

A mesma lógica foi utilizada para condenar as matérias que falavam sobre o envio de tropas para a Guerra de Canudos, que já vivia seus últimos momentos. Os planos de governo não poderiam ser divulgados para que não se corresse o risco de perder o efeito surpresa, já que no seu ponto de vista estratégias militares não deveriam ser de interesse público²⁵⁶. Ponto sempre passível de discussão, a verdade é que esse interesse nem sempre está em primeiro lugar quando da escolha do que será noticiado pelos periódicos. Ainda que a passagem do jornalismo panfletário para o industrial atenuasse alguns desses equívocos cometidos pela imprensa, ao mesmo tempo que fazia surgir outros, somente a regularização da atividade poderia trazer maior profissionalização ao jornalismo.

4.4. Ninguém escreve unicamente pela satisfação de escrever –literatos profissionais

“No Rio de Janeiro é raro o homem de letras que não é jornalista; isso explica-se pelo fato de ser a literatura de jornal muito mais rendosa do que a literatura de livros”²⁵⁷ A afirmação de Olavo Bilac, feita cinco anos antes da virada do século, apesar de breve nos mostrou dois pontos importantes para esta pesquisa. O primeiro é que o cronista realmente considerava sua atividade jornalística como um fazer literário, o segundo o de mostrar a importância dos periódicos para a profissionalização dos homens de letra.

²⁵⁵ MAGALHÃES JR. Raymundo. *A vida vertiginosa de João do Rio*, p.80

²⁵⁶ O escritor francês Balzac, na já citada obra sobre os jornalistas, também abordou o tema, relacionando-o com a vida política e explicando que esse procedimento é tipicamente francês, pois “*jamais os jornais ingleses cometerão o erro de dar segredos de seu gabinete quando se trata de recolher uma vantagem qualquer fora; enquanto que, para ter assinantes, o jornal francês falará sobre os arcanos políticos*”. In: BALZAC, Honoré. *Os jornalistas*, op.cit., p.141.

²⁵⁷ BILAC, Olavo. *Teatros. A Cigarra*. n°3 . Rio de Janeiro, 23/05/1895 – texto recolhido no arquivo de obras raras da Biblioteca Nacional

A constatação de Bilac, feita por alguém que estava dentro do sistema, foi comprovada quase um século após, no trabalho realizado por Machado Neto e que resultou no livro *Estrutura Social da República das Letras*. Ao estudar 60 intelectuais atuantes no final do século XIX e início do XX, entre os quais Olavo Bilac, o autor demonstrou que mais de dois terços trabalhavam no jornalismo como forma de garantir o próprio sustento e o da família. A atividade por vezes era complementada com o magistério e, sobretudo, com cargos públicos.

Flora Sussekind²⁵⁸ refletiu sobre essas novas condições de produção e difusão da produção literária, sempre apontando como hegemônico o papel da imprensa na produção cultural brasileira do período. A autora mostrou como os homens de letras se apropriaram dos novos recursos técnicos para transformar a própria técnica literária, num estreitamento entre literatura e os meios de massa. A vida intelectual da *Belle Époque* se constituía dentro da grande imprensa, sendo o caminho mais viável para ser lido e debatido pelos relativamente poucos leitores que o Brasil dispunha.

Apesar dos periódicos terem sido sempre o veículo privilegiado dos homens das letras, ainda mais pela situação de analfabetismo que havia no país, o pagamento pelo trabalho em jornais e revistas foi uma novidade para os padrões brasileiros. Somente no final do século XIX é que foi possível retirar o sustento do jornal, ainda que de forma precária. Junto com esta “estabilidade” financeira surgiu também a formação da “boemia” intelectualizada, da qual Bilac foi membro notório.

Entretanto, segundo testemunho de Brito Broca²⁵⁹, “intolerável” foi a palavra usada por Otto Maria Carpeaux ao referir-se ao termo boêmio para designar a geração da qual Bilac foi expoente. Para o crítico, esses intelectuais trabalhavam muito e tiveram a “pretensão” de viver da literatura em pleno início de século, algo difícil até os dias de hoje. O

²⁵⁸ SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras – Literatura, Técnica e Modernização no Brasil*, p. 26

²⁵⁹ BROCA, Brito. *Naturalistas, Parnasianos e Decadistas – Vida literária do Realismo ao Pré-Modernismo*. Campinas : Editora da Unicamp, 1991, p. 117.

jornalismo, tendo como pioneiro a *Gazeta de Notícias*²⁶⁰, trouxera a valorização econômica para a literatura. Olavo Bilac, por exemplo, sempre escreveu uma crônica diária em mais de um jornal e lutou pelo profissionalismo literário. Sua opinião sobre o tema foi colocada de forma clara em crônica de 1897, com a qual “logo depois de deixar muito claro que o escritor não escreve tão-somente por necessidade íntima ou por vaidade intelectual, Bilac aniquila, por completo, a noção romântica do poeta indiferente às necessidades cotidianas”²⁶¹. Foi esse o cronista que afirmou:

Ninguém escreve unicamente pela satisfação de escrever. Quem assina estas linhas já uma vez disse, num soneto, que não fazia versos *ambicionando das néscias turbas os aplausos fúteis*; mas isso foi uma descaradíssima mentira rimada. Quem escreve, quer os aplausos fúteis das turbas néscias, e quer ainda ver pago o seu trabalho, não só em louvores, mas também em dinheiro. Escrever por escrever, é platonismo, que, como todos os platonismos, é inepto e ridículo.²⁶²

Os homens de letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: popularidade e dinheiro. “A minha geração, se não teve outro mérito, teve este, que não foi pequeno: desbravou o caminho, fez da imprensa literária uma profissão remunerada, impôs o trabalho”, afirmou na introdução de *Ironia e Piedade*²⁶³. A passagem da boemia para a profissionalização foi marcada por conflitos oriundos da dificuldade de aceitar o periodismo como gênero literário, problema vivido também em outros países, sempre criando polêmica. Enquanto em plena revolução francesa Mirabeau criticava a ‘literatura feita para fins comerciais’, cem anos depois e do outro lado do Canal da Mancha Bernard Shaw considerava que “o periodismo é a mais alta forma de literatura”²⁶⁴.

Há que se ressaltar a importância da *Belle Époque* brasileira no desenvolvimento das condições sociais para a profissionalização dos intelectuais. A própria existência da

²⁶⁰ Os jornais cariocas *A Cidade do Rio* e *Novidades*, além dos paulistas *Gazeta Mercantil* e *a Província de São Paulo*, foram outros exemplos de veículos de comunicação que valorizaram o trabalho dos escritores.

²⁶¹ DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: ensaios*. op.cit., p.137

²⁶² BILAC, Olavo. Crônica. *A Bruxa*, nº49. Rio de Janeiro, janeiro de 1897. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.2. op. cit., p.47

²⁶³ BILAC, Olavo. *Ironia e Piedade*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1916, p.9

²⁶⁴ MARTINS, Ana Luíza. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)*, p.140

profissão de escritor era uma realidade até há pouco impensada e que se estabeleceu com a geração – outrora boemia – que chegou mesmo a institucionalizar a atividade com a criação da Academia Brasileira de Letras, em 1897, fazendo com que fosse socialmente aceita e respeitada. A ABL, entretanto, não atendia aos desejos de quem vivia da profissão, até mesmo pelo fato de que em poucos anos se tornou mais uma vitrine de todas as personalidades da época do que propriamente uma associação de classe.

Para suprir essa carência surgiu outra organização profissional – numa época em que literatura e jornalismo praticamente fundiam-se – com a criação da Sociedade dos Homens de Letras, fundada, entre outros, por Ferreira de Araújo e Olavo Bilac em 1898. A Sociedade chegou a propor uma tabela de honorários, na qual cada contribuição, fosse uma crônica, conto, artigo, etc, seria remunerada com 5\$000²⁶⁵. Ainda que a tentativa tenha fracassado por falta de respaldo jurídico, foi reeditada em 1914, para defender os interesses profissionais, realizar cursos e congressos e até mesmo montar uma editora. Bilac assumiu a presidente de honra da entidade, que congregava quem realmente vivia da pena: eram os membros da geração que Bilac admirava por causa do “seu trabalho, a abnegação com que ela se atira a esta profissão rude em que a cabeça ganha louros, as calças ganham remendos e os paletós, por falta de reforma, perdem a cor”.²⁶⁶

A partir desse momento, a convivência entre a cidade letrada e o jornalismo transformou-se, sendo que o segundo torna-se o caminho da profissionalização da primeira. Ainda que distante do sonho dos românticos, que imaginavam uma vida literária sustentada pela arte, a viabilização econômica apareceu através do jornalismo. Embora seja apontado como a indústria que massificava a escrita e a leitura, o periodismo “criou a profissão e fez trabalhar, aclarou o espírito da língua, deu ao Brasil os seus melhores prosadores”, como afirmou Júlia Lopes de Almeida na famosa enquete literária promovida por João do Rio, concluindo que para o Brasil a vida de imprensa é um bem, e que “nós todos somos um resultado do jornalismo”²⁶⁷.

²⁶⁵ MAGALHÃES JR. Raymundo. *Olavo Bilac e sua época*, p.346

²⁶⁶ BILAC, Olavo. Crônica Livre. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 15/02/1894. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.71

²⁶⁷ RIO, João do. *O Momento literário*, op.cit., p.33

As centenas de empregos criados pelo surgimento de novos periódicos, em uma capital que viu sua população quase dobrar na virada do século, não podiam ser desprezados. “Durante esse processo de modernização, conceitos como profissionalização e massificação passam a ser sinônimos, o que explica o misto de empolgação e resistência com que é visto o trabalho da imprensa nos depoimentos a João do Rio”²⁶⁸, afirmou Cristiane Costa. A autora também mostrou como a divisão entre arte e dinheiro já era algo consciente entre os entrevistados, constituindo uma dicotomia entre o campo literário e o jornalístico, embora a ele vinculado.

Foi essa vida no jornalismo, que permitiu a profissionalização dos homens de letras, uma das principais inquietações de Olavo Bilac, pois, conforme observa Antonio Dimas, “a remuneração pelo trabalho intelectual, com maior ou menor veemência, sempre foi um dos tópicos da trajetória de Bilac pela imprensa.”²⁶⁹. Ao contrário das gerações anteriores a chamada geração boemia inovou ao sistematizar o pagamento por seus escritos. A resposta de Medeiros e Albuquerque a João do Rio é clara e prática: se os literatos tinham que tirar o sustento de algum lugar, por que não da vida de imprensa? No ofício de jornalista, inclusive, poderia haver “arte”, afirmou o escritor, que dizia que tanto a literatura quando o jornalismo visavam o mesmo fim, que é o de “usar as palavras escritas para impressionar cérebros humanos, fazer vibrar inteligências e corações”.²⁷⁰

Houve, por certo, um movimento de resistência e muitos literatos, no início dessa profissionalização, criticavam os que recebiam para escrever, sendo Bilac e Coelho Neto os preferidos como alvo de críticas. Mas outros exemplos sobram na história: já no final dos anos 80 do século XIX os jornais *Gazeta de Notícias* e *Cidade do Rio* acolhiam os literatos, pagando até 70 mil réis por sua colaboração; José Veríssimo recebia como ordenado, em 1890, 300\$000 para escrever os artigos de fundo do *Jornal do Brasil*²⁷¹; em 1890 Joaquim Nabuco recebia 35 libras mensais para ser correspondente de Rodolfo Dantas, mandando da

²⁶⁸ COSTA, Cristiane. *Pena de Aluguel: escritores jornalista no Brasil 1904-2004*, op.cit., p25

²⁶⁹ DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: ensaios*. op.cit., p.54

²⁷⁰ RIO, João do. *O Momento literário*, op.cit., p.73 -75.

²⁷¹ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. op.cit., p. 297

Inglaterra artigos contra a República; em 1897 os maiores jornais enviaram correspondentes para Canudos.; o *Jornal do Comércio* pagava entre 30\$000 a 50\$000 a colaboração, O *Correio da Manhã*, 50\$000; Monteiro Lobato, em carta escrita a Godofredo Rangel no início do século, contou que recebera 10\$000 por cada artigo ou tradução para *O Estado de São Paulo*; na *Tribuna de Santos*, um redator recebia 900\$000 mensais e o mesmo Lobato escrevia cinco artigos por mês a 10\$000 cada; na citada carta, explicou que com 40\$000 paga dois meses de aluguel e comentou que isso era uma maravilha²⁷². A profissionalização era irreversível.

A estabilidade no emprego e até mesmo pagamento de artigos e colaborações, no entanto, estavam intimamente ligados ao prestígio e repercussão do autor junto ao público, numa via de mão dupla: também o autor para vender tinha que ter seu nome na vitrine da imprensa. Mesmo novas formas de escritas – como a crônica moderna –, temáticas e estilos são determinados pela conjunção. A imprensa afirmava sua supremacia na produção literária, mas, se por um lado era gratificante ver as contas pagas pelo trabalho jornalístico, por outro era castrador ver a produção ser controlada pelos padrões impostos pela nova feição mercadológica da imprensa. As reclamações de corte, estilos e privilégios conviviam com a realidade de que fora deste ambiente tampouco havia saída.

Foi outra vez Monteiro Lobato quem deixou testemunho sobre esta situação ambígua corrente entre os intelectuais, quando reclamou que “o jornal sufoca todas as tentativas de literatura, com seus repórteres analfabetos, com a sua meia língua engalicada, com seus críticos de camaradagem ou de passa cá 5 mil réis”. Entretanto, em outra carta se mostrou animado com o surgimento da Revista do Brasil “que pelos modos vai ser coisa de pegar, como tudo o que brota do Estado, empresa sólida e rizomática.”²⁷³

O jornalismo se tornou assim uma opção de renda viável para quem pretendia viver das letras num país de largo analfabetismo. Aluizio Azevedo, por vezes citado como exemplo

²⁷² MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)*, p.138

²⁷³ CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*, op.cit., p.186

de intelectual que viveu da pena, somente o fez devido a uma intensa atuação em jornais. E Humberto de Campos foi bastante sincero quando usou desta analogia para explicar de onde vinha sua subsistência: “Quem tem fome não planta árvores de luxo, que só produzem ao fim de cinco anos; planta leguminosas comuns que frutificam em cinco semanas. Foi o que eu fiz”²⁷⁴. O repórter por excelência dos 1900, João do Rio, deixou testemunho da profissionalização da imprensa em crônica na qual transcreveu uma das tantas conferências que proferiu:

O Jornal é hoje uma empresa comercial em toda parte do mundo. Há empresas que pagam bem e outras que pagam mal. As latinas pagam mal. Deixemos de parte os proprietários. Estes arriscam capitais e responsabilidade aqui, num país que tem muitos jornais e não tem quinhentos mil leitores ao todo. Falemos dos que fazem os jornais e para os quais não há a menor complacência. Quanto ganha um secretário de jornal no Rio, para estar todo o dia, do meio dia à meia-noite na redação, lembrar-se de tudo, ordenar tudo, ler tudo? O que mais ganha tem 1:200\$000. Há os de 800\$00 e até de 500\$000. A tabela mesmo é de 600\$000. (...) O redator que consegue ganhar mais no Rio, o mais aclamado, não passa de 600\$000.²⁷⁵

Se ganhar o pão era simples, mesmo que as letras no Brasil ainda não dessem para a manteiga, como contava em anedota Valentim Magalhães²⁷⁶, tampouco significava uma vida tranqüila. Numa época em que os direitos autorais não eram respeitados há diversos outros depoimentos da precariedade da profissão, como este de Olavo Bilac: “Os editores queixam-se sempre, porém as suas casas prosperam, e tu, Valentim Magalhães, e o mais ilustre mestre Machado de Assis, não passamos todos de uns pobretões que pensamos para servir os editores, os quais ganham bem e nos pagam mal”²⁷⁷.

²⁷⁴ MACHADO NETO, A. L. *Estrutura Social da República das Letras – Sociologia da Vida Intelectual Brasileira – 1870-1930*, op.cit., p. 77

²⁷⁵ MAGALHÃES JR. Raymundo. *A vida vertiginosa de João do Rio*, p.78

²⁷⁶ Citado por: GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin Editorial: Editora da Universidade de São Paulo, 2004, p.72

²⁷⁷ BILAC, Olavo. *O carrilhão da Bruxa*. A Bruxa. Rio de Janeiro, 22/05/1896 – texto recolhido no arquivo de obras raras da Biblioteca Nacional

A ganância dos editores era um dos motivos apresentados para que os homens de letras pudessem sobreviver dos livros. Bilac chamava-os de “bicho impassível e astucioso”²⁷⁸, em crônica que acusou a Casa Laemmert de se apropriar de títulos estrangeiros, fazer traduções com ‘sapateiros’, tirando ‘o pão da boca’ dos escritores brasileiros. Já Lima Barreto atacou a Casa Garnier, por ser o único “desaguadouro da produção literária nacional” e que para ele exercia sobre as edições um “monopólio nem sempre favorável a nós”.²⁷⁹ O costume na época de traduzir e publicar livros estrangeiros, sem nenhum pagamento aos autores e em detrimento dos escritores nacionais, fez com que a crônica bilaquiana por vezes assumisse papel de denúncia e se transformasse quase num manifesto.

Mas quero que este artigo seja como um prefácio, uma sorte de ensaio de armas. Que antes de cuidar dos cinco ou seis volumes que aqui tenho sobre a mesa deixe-me chamar às contas um editor! Um editor! – esse bicho impassível e astucioso, essa raposa de sobre casaca, esse judeu disfarçado (...) E aí têm os senhores o serviço grande prestado às letras brasileiras pela casa Laemmert! A coleção econômica ainda não deu de comer a um autor, a um tradutor, a um compositor, a um revisor, a um brochador do Brasil(...)²⁸⁰

Outra preocupação do intelectual de então era a falta de unidade e de proteção da classe. Até por não constituírem um grupo uniforme, os escritores e jornalistas não contavam com benefícios ou aposentadorias, o que fazia com que muitos terminassem a vida em condições de mendicância ou pobreza, como o exponencial caso de José de Patrocínio. Depois de ter sido o ‘pai’ da abolição, de ter dirigido um dos mais importantes jornais do país, o *Cidade do Rio*, de ter sido mecenas de quase uma geração e, sobretudo, de ter desfrutado de glória e fortuna, Patrocínio terminou seus dias em uma modesta casa no subúrbio.

A falta de uma entidade que organizasse e reunisse os profissionais de imprensa perpassou a vida profissional de Olavo Bilac, como bem mostram duas crônicas publicadas sobre o

²⁷⁸ BILAC, Olavo. *Livros Novos*. A Bruxa. Rio de Janeiro, 10/04/1896. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.2. op. cit., p.28

²⁷⁹ Martins, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)*, p.24

²⁸⁰ BILAC, Olavo. *Livros Novos*. A Bruxa. Rio de Janeiro, 10/04/1896. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.2. op. cit., p.28

assunto, porém com dez anos de diferença. Os textos anteciparam temas que viriam a resultar na criação da Associação Brasileira de Imprensa, em 1908, entre cujas propostas na ata inaugural estava a de “manter uma caixa de pensões e auxílios para os sócios e suas famílias, estabelecer um serviço de assistência médica e farmacêutica e instituir o Retiro da Imprensa, com enfermaria e residência para os velhos e enfermos”²⁸¹. Uma década antes, numa crônica publicada em *A Bruxa*, Bilac já tratara do assunto ao citar que todas as profissões tinham leis que asseguravam seus direitos, mas que a sociedade não admitia que o trabalho literário fosse como outro qualquer. Em 1907 Bilac seguiu na mesma linha ao escrever que:

O Rio, São Paulo, todas as cidades principais do Brasil possuem sociedades de assistência e beneficência para cada classe de trabalhadores. Não há estivador, nem sapateiro, nem pedreiro, nem alfaiate, nem operário de qualquer especialidade, que não tenham, em caso de moléstia passageira, ou de invalidez irremediável, a sua caixa de pensões, o seu hospital, o seu amparo de mutualidade. Só não tem isso o rabiscador de notícias e de artigos. É este o proletariado mais infeliz, mais privado de socorro na moléstia e na velhice²⁸².

Um ponto comum e interessante entre os dois textos é o final, pois em ambos Olavo Bilac trouxe para a própria classe a responsabilidade pelas conquistas profissionais. Foi claro ao pedir que os jornalistas se afirmassem e tomassem seu lugar ao sol, pois “respeitando a nós mesmos, conquistaremos o respeito do público. E, quando tivermos conquistado isso, os que nos exploram, os que especulam com nosso trabalho hão de ir com menos sede ao pote²⁸³”. Uma década depois o tom de encerramento da crônica publicada na capital paulista foi o mesmo, conclamando a classe a exigir de si própria uma solução para a previdência, pois não acreditava que os proprietários dos veículos de comunicação ou o governo brasileira o faria.

²⁸¹ Citado por: MELO, José Marque de. *Imprensa Brasileira: personagens que fizeram história*. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005, p. 110

²⁸² BILAC, Olavo. Diário do Rio. *Correio Paulistano*. São Paulo, 06/04/1908. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.2. op. cit., p.149

²⁸³ BILAC, Olavo. Crônica. *A Bruxa*. n°49. Rio de Janeiro, janeiro de 1897. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.2. op. cit., p.47

A preocupação procedia, pois apesar de ser poeta aclamado - pela crítica e, sobretudo, pelos leitores - chegando a vender quatro mil exemplares do *Poesias* em apenas um ano -, não era dos versos que vinha o dinheiro para a vida confortável de Olavo Bilac. Assim como a maioria dos intelectuais da *Belle Époque*, era o jornal e não o livro que pagava as contas no final do mês. Os demais luxos que podia ter proviam de outras fontes de renda, como o pagamento que recebia ao realizar conferências, por exemplo. Com sua costumeira ironia, brincou com sua situação financeira em crônica publicada no jornal *A Notícia* em 1906:

Mas, realmente, quem faz arte, literatura, jornalismo, no Brasil, ganha tanto dinheiro - que não se compreende como um artista, um literato, um jornalista, possa morrer pobre. O que não deve espantar, justos céus! É que morram pobres tantos industriais e tantos banqueiros que - coitadinhos - nunca puderam ganhar vintém!...Eu, por mim, confesso que estou contente com a sorte: tenho apenas vinte anos de trabalho na imprensa e já possuo, para consolo da velhice, oitocentos prédios e quatro mil apólices...Verdadeiras - em que se transformaram as rendas dos meus artigos. Não vão espalhar por aí a confidência: se não aparecem-me em casa vários banqueiros a pedir-me dinheiro emprestado.²⁸⁴

No ano seguinte, deixou de lado o tom jocoso e relembrou os caminhos que a sua geração havia percorrido para chegar à profissionalização. Em três de outubro de 1907, quando comemorava uma década à frente da crônica semanal do *Gazeta de Notícias* e também o aniversário de seu *Poesias*, foi homenageado com um elegante e concorrido banquete, no qual estavam presentes não só os membros da *intelligentzia* carioca, como os políticos e a alta sociedade. No discurso de agradecimento, sua maior ênfase foi ao novo modelo de escritor que os anos 1900 tinham trazido, endereçando aquela homenagem aos colegas, “os responsáveis pela mudança intelectual do país²⁸⁵”, por enfrentarem preconceitos e se posicionarem como profissionais, teriam transformando o que era um passatempo num ofício:

Aluímos, desmoronamos, pulverizamos a pretensiosa torre de orgulho e de sonho em que o artista queria conservar-se fechado e superior aos outros homens; viemos trabalhar cá embaixo, no seio do formigueiro humano, ansiando com os outros homens, sofrendo com eles, padecendo com eles todas as desilusões e todos os enganamentos da vida; e isso, porque compreendemos em boa hora que um homem, por mais

²⁸⁴ Citado por: PONTES, Eloy. *A vida exuberante de Olavo Bilac*, op.cit., p.322

²⁸⁵ DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: ensaios*. op.cit., p.60

superior que seja, ou por mais superior que erradamente suponha ser, aos outros, não tem direito de fechar os olhos, os ouvidos, a alma, às aspirações, às esperanças, às dúvidas da época em que vive: - quem faz isso comete um crime de lesa-humanidade. Assim, não nos limitamos a adorar e a cultivar a Arte pura, não houve problema social que não nos preocupasse, e sendo 'homens de letras', não deixamos de ser 'homens'²⁸⁶.

CAPÍTULO 5

LEITURAS E LEITORES

²⁸⁶ BILAC, Olavo. *Últimas conferências e discursos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1927, p.79

*À crônica, pois! Estes comentários leves, que duram menos
ainda do que as estafadíssimas rosas de Malherbe, não
deitam abaixo as instituições, não fundam na terra o império
da justiça, não levantam nem abaixam o câmbio, não
depravam nem regeneram os homens (...) quem sabe, talvez
muito tarde, um investigador curioso, remexendo esta poeira
tênue da história, venha achar dentro dela alguma coisa....*

Olavo Bilac

5.1. Poeira tênue da história – A crônica e seu lugar na imprensa

A importância da crônica nas páginas das revistas e jornais da época é um tema que não há como deixar de ressaltar. Um texto que se adequou de tal forma à demanda do período que "até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu"²⁸⁷, como afirma Antonio Candido, resultou no formato ideal para o registro do calor da hora, dos fatos corriqueiros, driblando seu caráter efêmero e breve. Tornou-se a forma mais adequada para que se anotassem as impressões cotidianas da cidade, por inúmeras razões: liga o passado (linhagens medievais) e o presente (registro do já); não exige homogeneidade temática dos seus autores, justo pelo contrário; media a literatura e a reportagem; fixa-se na fronteira entre a “mercadoria” e a “arte”, entre o jornal e o livro.

²⁸⁷ CANDIDO, Antonio (et al). *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. 1992, p15

Mais do que um gênero híbrido, como se costuma afirmar, a crônica, misto da literatura com o jornalismo, constitui-se mesmo como uma passagem entre ambos os territórios. Criou-se um novo estilo, de conteúdo literário e formato jornalístico, que indubitavelmente funde-se, transporta-se. Representa, nas palavras de Ana Luiza Andrade, "uma forma moderna industrial, comparável à da fotografia, na passagem da literatura canônica para o jornal. O tempo de um movimento registrado numa página de jornal economiza-se, fragmenta-se, industrializa-se nas crônicas"²⁸⁸. Por um lado incorporou características do jornalismo que se constituía como empresa-imprensa, por outro se configurou como um espaço onde opinião e nuances literárias eram bem-vindas.

A crônica teve suas origens no folhetim francês do início do século XIX, quando ocupava o rodapé dos jornais e tinha como objetivo dar um pouco de entretenimento leve aos leitores, assim como oferecer romances em capítulos, costume importado pelo *Jornal do Comércio* em 1830²⁸⁹. Sob o título de "Variedade", na seção eram publicados conteúdos diversos, matérias traduzidas, resenhas, histórias, poesias e até piadas. A data de 23 de maio de 1836 é considerada por Marlyse Meyer²⁹⁰ como um marco na nossa imprensa, já que nessa ocasião ocorreu o lançamento do periódico *O Chronista*, abrindo um espaço jornalístico para a criação livre e descompromissada, que na França recebia a denominação de *Feuilleton*. Era o embrião da crônica, gênero cuja data exata do nascimento deu o que pensar a um dos seus mestres, Machado de Assis:

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda possibilidade de crer que é coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopada do que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao

²⁸⁸ ANDRADE, Ana Luiza Britto Cezar de. *Transportes pelo olhar de Machado de Assis: "passagens entre o livro e o jornal"*. Chapecó: Grifos, 1999 p.11

²⁸⁹ SANTOS, Jeana Laura da Cunha. *Experiências pioneiras de Machado de Assis sobre o jornal*, p.102

²⁹⁰ MEYER, Marlyse. *Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica*. In: CANDIDO, A. et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, op.cit., p.100

resto, era a coisa mais fácil, mais natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.²⁹¹

A crônica como gênero híbrido surgiu na segunda metade do século XIX, como aponta Davi Arrigucci²⁹², tratando de temas vários e com ênfase na vida urbana moderna. Nos anos de 1854 e 1855 José de Alencar publicava textos em formato de crônica – que por essa época ainda se chamava folhetim – na seção “Ao correr da pena”, do *Correio Mercantil*. Alencar, que afirmava ser essa a arte de “dizer tudo não dizendo nada”, foi seguido no ofício por outros autores românticos como Joaquim Manuel de Macedo e França Jr. E, a partir de 1859, Machado de Assis contribuiu em diversos jornais e revistas com seu texto que unia o útil ao fútil, transformando-se em “um triste escriba de cousas miúdas”, um expoente na laboriosa tarefa de “catar o mínimo e o escondido”. E, ao comentar o folhetim e o folhetinista, discorreu sobre as características da crônica:

O folhetim nasceu do jornal, o folhetinista por consequência do jornalista. Esta última afinidade é que desenha as saliências fisionômicas na moderna criação. O folhetinista é a fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consociado com o frívolo. Estes dois elementos, arredados como pólos, heterogêneos como água e fogo, casam-se perfeitamente na organização do novo animal. Efeito estranho é este, assim produzido pela afinidade assinada entre o jornalista e o folhetinista. Daquele cai sobre este a luz séria e vigorosa, a reflexão calma, a observação profunda. Pelo que toca ao devaneio, á leviandade, está tudo tão encarnado no folhetinista mesmo; o capital próprio. O folhetinista, na sociedade, ocupa o lugar do colibri na esfera vegetal; solta, esvoaça, brinca, tremula, paira e esponeja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence, até mesmo a política²⁹³

Sucessor de Machado de Assis na *Gazeta de Notícias*, Olavo Bilac também deixou suas observações sobre o ofício. Para tanto, se apropriou da expressão alcunhada pelo escritor francês Jules Lemaitre, quando escreveu que *'la chronique...c'est de la poussière*

²⁹¹ CHALHOUB, Sidney (et al). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2005, p.9

²⁹² ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, op.cit., p 56-57

²⁹³ Citado por: COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*, op.cit., p.109

*d'histoire*²⁹⁴, em texto que comentou o livro *Bric-à-Brac*, de Valentim de Magalhães, que havia reunido em 300 páginas trechos para salvar do esquecimento o registro de suas impressões. Em crônica publicada posteriormente, Bilac ao cumprimentar os leitores paulistas, assim definiu o gênero:

Estes comentários leves, que duram menos ainda do que as estafadíssimas rosas de Malherbe, não deitam abaixo as instituições, não fundam na terra o império da justiça, não levantam nem abaixam o câmbio, não depravam nem regeneram os homens: escrevem-se, lêem-se, esquecem-se, tendo apenas servido para encher cinco minutos da monótona existência de todos os dias. Mas, quem sabe, talvez muito tarde, um investigador curioso, remexendo esta poeira tênue da história, venha achar dentro dela alguma coisa....²⁹⁵

É também a “poeira” o título de um texto de Georges Bataille de 1929, no qual afirmou que “um dia ou outro, é verdade, a poeira, posto que ela persiste, começará provavelmente a ganhar das serventes, invadindo imensos escombros de construções abandonadas, docas desertas”²⁹⁶. Se pensarmos esta poeira como uma persistência, é possível ver nela, ou a partir dela, uma idéia do texto que se mantém no tempo. A crônica como poeira da história torna-se assim um elemento fundamental na construção de um texto que incorpora o tempo em sua estrutura e o dispersa.

Conforme a própria etimologia revela, a crônica (do grego *chronos*) faz parte da história do tempo vivido. Pela sua inerente ambigüidade, documenta para sempre, à parte a transitoriedade do veículo, transformando o cronista numa espécie de historiador do cotidiano. O gênero deixa registrado instantes preciosos do passado, escritos quando eram fatos do presente. Precursora da historiografia, “a crônica pode constituir o testemunho de uma vida, o documento de toda uma época ou um meio de se inscrever a história no

²⁹⁴ BILAC, Olavo. Livros Novos. *A Bruxa*. Rio de Janeiro, 24/04/ 1896 – texto recolhido no arquivo de obras raras da Biblioteca Nacional

²⁹⁵ BILAC, Olavo. Diário do Rio. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 03/10/1897. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.2. op. cit., p.227

²⁹⁶ BATAILLE, Georges. “Poussière” in *Documents* n°5, 1929, p.278. Tradução de SCHEIBE, Fernando.

texto”.²⁹⁷ Foi para essa linha que Olavo Bilac apontou quando propôs que seus pares fossem obrigados a reler todos os textos ao final de cada ano para então:

resumi-las numa página sintética, escrevendo assim, para uso e edificação da posteridade, a história de cada período de doze meses; no fim de um decênio, as dez crônicas, resumidas anualmente, seriam ainda apertadas e espremidas em uma só crônica; ao cabo de um século, um historiador trituraria no almofariz da sua crítica os elementos das dez histórias decenais, e assim estariam escritos, sem grandes trabalhos, os fastos da civilização.²⁹⁸

Ainda que não tenha surgido para durar, por ser “filha do jornal e da era da máquina”²⁹⁹, pode ser considerada como documento por expressar um tempo social, tecendo as novidades da sociedade que se movimenta.³⁰⁰ Entre as tantas inovações surgidas no mundo moderno de então, inscreveu-se a imprensa e nela o mais novo gênero literário difundido e aceito. Constituiu-se um texto que condensa na letra o tempo vivido³⁰¹, sendo construção e também interpretação do real. Nas palavras de Raúl Antelo, “volúvel e heterogênea, a crônica, enquanto gênero, não deveria ser vista como um repertório de invariantes formais ou temáticas, mas como um campo estruturado de tensões simbólicas e imaginárias, históricas e estéticas”³⁰². Esse campo encontrou terreno fértil nas páginas periódicas e transforma os acontecimentos diários na sua matéria-prima privilegiada, fazendo do imponderável do cotidiano material de trabalho e, “de repente, naquela linguagem volátil, se encontrava terra-a-terra com a poesia cotidiana”³⁰³.

²⁹⁷ ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*, op.cit., p. 52

²⁹⁸ BILAC, Olavo. *Ironia e Piedade*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1916, p. 200

²⁹⁹ CANDIDO, Antonio (et al). *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, op.cit., p.14

³⁰⁰ NEVES, Margarida de Souza. *Um escrita no tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas*. In: CANDIDO, Antonio (et al). *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, op.cit., p.76

³⁰¹ DIOGO, Marcia Cezar. *O moderno em Revista na cidade do Rio de Janeiro*. In: CHALHOUB, Sidney (et al). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*, p.462.

³⁰² ANTELO, Raúl. *João do Rio = Salomé*. In: CANDIDO, Antonio (et al). *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, op.cit., p. 155.

³⁰³ ARRIGUCCI Jr. Davi. In: BRAGA, Rubem. *Os melhores contos de Rubem Braga*. São Paulo: Global, 1985.

É de fundamental importância também seu papel como renovadora da linguagem empolada que vigorava na imprensa e na literatura do século XIX, tornando-se uma escrita dos novos tempos, uma “coisa moderna no jornalismo e na literatura, pois participa de ambos”, como afirmou José Veríssimo³⁰⁴. Ao comentar e analisar os fatos sociais através de um texto cotidiano, operou “milagres” de significação, como explicou Antonio Candido, citando como exemplar o caso de Olavo Bilac:

A leitura de Bilac é instrutiva para mostrar como a crônica já estava brasileira, gratuita e meio lírico-humorística, a ponto de obrigá-lo a amainar a linguagem, a descascá-la dos adjetivos mais retumbantes e das construções mais raras, como as que ocorrem na sua poesia e na prosa de suas conferências e discursos. Mas que encolhem nas suas crônicas. É que nelas parece não caber a sintaxe rebuscada, com inversões freqüentes; nem o vocabulário 'opulento', como se dizia, para significar o que era variado, modulando sinônimos e palavras tão raras quanto bem soantes. Num país como o Brasil, onde se costuma identificar superioridade intelectual e literária com grandiloquência e requinte gramatical, a crônica operou milagres de simplificação e naturalidade.³⁰⁵

Se no início oscilava entre ficção e realidade, em pouco tempo assentou seu lugar nos jornais e revistas, tendo como elemento preponderante a adesão aos acontecimentos diários. Na pauta, assuntos ligados ao processo de modernização vivido pelo país, do qual o jornal era um dos protagonistas. A principal diferença entre crônica e notícia é a presença forte do narrador, que comenta os assuntos. É assim que na crônica, ao contrário da matéria noticiosa, sua vizinha da coluna ao lado, a realidade chega ao leitor ainda mais transfigurada pelo olhar subjetivo do escritor, tornando-se um texto essencialmente impressionista. A preocupação estilística com o texto também é marca que a faz diferenciar-se de outros gêneros, como o artigo e/ou reportagem.

São raros os cronistas que, pelo menos uma vez em todo seu exercício, não abordaram o seu fazer literário. Através da metalinguagem, Olavo Bilac comentou o ato de escrever, a obrigatoriedade de produzir um texto e a relação com a vida: a crônica deve refletir as

³⁰⁴ VERÍSSIMO, José. *Últimos estudos de literatura brasileira: 7ª série*. Belo horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1979, p.127

³⁰⁵ CANDIDO, Antonio (et al). *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, op.cit., p.16

diferentes facetas da sociedade, reinventando os momentos da “existência vulgar”. Mas, por vezes, como assinalou Bilac, a página em branco se torna um martírio daqueles que são obrigados a “escrever sempre cousas novas sobre semanas que se parecem irmãs gêmeas”³⁰⁶. Ao ter sua morada nas páginas periódicas, o texto tem a obrigação de ser produzido, publicado, lido e debatido.

Não há quem não tenha pena de Sísifo, quando lê a lenda desse infeliz, condenado a carregar até o alto de uma montanha do Inferno um pesado bloco de pedra, que sempre de lá se despencava para desespero eterno. Era um duro suplício, mas tenho para mim que muito mais duro seria se o bloco (sem alusão) em vez de ser de legítima pedra, fosse de papier-maché. Porque, enfim, há uma coisa mais penosa do que o trabalho penoso: é o trabalho fingido e inútil. Aqui estou eu, para exemplo...Além disso, meu tédio é hoje simplesmente um tédio...de cronista sem assunto(...)³⁰⁷

Ao comparar seu ofício com o do personagem da mitologia grega, Olavo Bilac lembrava também da rotina e cansaço que permeiam a profissão de cronista. No mesmo texto, explicava que havia pensado em redigir a crônica em versos, pois esses “têm uma grande vantagem: quanto mais vadios de idéias, tanto melhores”, afirmando ainda que a mesma idéia que aparece bela e nobre em sonetos, fica “chata e incolor nos períodos sem harmonia”. Bilac prosseguiu no mesmo tom por muitas linhas, ironizando com a possibilidade de se escrever odes, pastorais ou sonetos sobre temas como política ou economia. Assim, concluiu que “é em prosa que querem as crônicas – cheias como as do mestre João de Barro, ou vazias como esta. E como já cheguei ao fim nesta tira de papel, a mais não sou obrigado”.³⁰⁸

Durante quase duas décadas Olavo Bilac fez do jornalismo sua profissão; como um “joão de barro” sempre esteve atento aos fatos que o Brasil vivia. Suas tiras de papel, escritas por alguém que até na caligrafia era definido como elegante, abordaram temas que perpassaram a vida social do país. Seja advogando pela abolição e, sobretudo, pela República, como

³⁰⁶ BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 15/01/1899. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.295

³⁰⁷ BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 09/12/1906 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

³⁰⁸ *Ibidem*

defendendo o estado de direito, o ensino público, a reforma do Rio de Janeiro, e a qualidade de serviços públicos como forma de garantia de cidadania, o cronista escreveu sobre este país que se constituía como nação.

5.2 Minha amada sebastianópolis – Bilac, cronista da cidade

A cidade do Rio de Janeiro foi a principal personagem da crônica de Olavo Bilac. E foi sobretudo nas páginas da *Gazeta de Notícias* que deixou apontamentos deste que já era um tema recorrente em todo mundo: a vida urbana. Dickens, Dostoievski, Balzac, Poe, Baudelaire: autores que fizeram da cidade sua matéria-prima, registrando ou analisando o surgimento e crescimento das metrópoles, com suas contradições e novidades. Na busca pela consolidação da urbe, é aberto espaço à Literatura como elemento decifrador, é a cidade como texto. “Esta ‘legibilidade’ da *urbs* influenciará no próprio perfil do homem de letras: antes de saber escrever com elegância clássica, será preciso que ele aprenda a ‘ler’ a cidade”.³⁰⁹

O centro urbano e político da Capital Federal, que tinha seu coração na Rua do Ouvidor, foi o palco da instalação da “modernização” do país, assim como pólo de quase toda produção literária nacional. A história da Primeira República foi indissociável da história de sua Capital Federal, cujas calçadas representavam o país, como explicitou Bilac:

A Rua do Ouvidor é o Rio de Janeiro; a Rua do Ouvidor é o Brasil. Perguntar: ‘como está a rua do Ouvidor?’ é o mesmo que perguntar ‘como está a pátria?’ Quando a rua do Ouvidor passa bem, a pátria exulta e vibra, numa plethora de mocidade e saúde; quando a rua do Ouvidor tem uma pontinha de febre, o Brasil está sepultado no fundo de uma cama, desconsolado e moribundo³¹⁰.

³⁰⁹ ALVES, Marcelo. *As aventuras do homus cinematographicus (estrelando: João do Rio)*. In: DOMINGOS, Chirley; ALVES, Marcelo (orgs). *A cidade escrita – literatura, jornalismo e modernidade em João do Rio*, op.cit., p.100

³¹⁰ BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 17/08/1902. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.499

Em torno de seus cafés e livrarias viviam os nomes que compunham a vida intelectual e política, era ali onde se reconheciam e transitavam. No entanto, nem só de glórias e louvores vivia o logradouro. Era também “o alçapão dos governos”, como afirmou Machado de Assis em crônica³¹¹ em que propôs o alargamento da Rua do Ouvidor como maneira de acabar com os boatos e, por conseguinte, com as dificuldades políticas. Como sempre menos irônico e mais fatalista, Euclides da Cunha, em carta a Afonso Arinos, escreveu que “realmente, cada vez mais me convenço que esta deplorável rua do Ouvidor é o pior prisma por onde toda a gente vê a nossa terra”³¹².

A Rua foi também citada pelo escritor em seu famoso Sertões, como metáfora do confronto entre civilização e barbárie. Euclides da Cunha denunciou o empenho do endereço carioca que concentrava, na época, os maiores jornais e editoras, em desejar a derrota do povo de Canudos. “A Rua do Ouvidor valia por um desvio das Caatingas. A correria do sertão entrava arrebatadamente pela civilização adentro”³¹³, escreveu, após lembrar do episódio, ocorrido durante a revolta, de destruição de jornais³¹⁴ que defendiam a causa monárquica e que foram aniquilados pela população ensandecida aos gritos de “Viva a República”. A Rua, mais do que o coração do país, como queria Bilac, era a antítese do atraso, o outro lado do Brasil profundo e desconhecido

Explica-se assim a escolha da região central do Rio de Janeiro como elemento catalisador das mudanças do que se planejava como um modo de vida para o país “moderno”. A estreita Rua do Ouvidor já não podia representar os novos tempos e a necessidade de mostrar a modernização se tornou mais iminente. Com bem explica Luís Augusto Fischer, “a marca principal será a de adequar a prática e o estatuto sociais da urbanidade às exigências do tempo, ou àquilo que foi entendido como ‘exigências do tempo’, num processo que podemos definir como aristocratização da vida burguesa.”³¹⁵ Para tanto foram desapropriados 557 prédios que dariam lugar a uma avenida com dois quilômetros e

³¹¹ ASSIS, Machado. *Obras completas*. A Semana. 3º vol. São Paulo: Editora Brasileira, 1959, p.352

³¹² Carta a Afonso Arinos, Manaus, 12.01.1905. In: CUNHA, Euclides da. *Correspondência de Euclides da Cunha*. Orgs. GALVÃO, Walnice Nogueira e GALOTTI, Oswaldo. São Paulo: Editora da USP, 1997, p. 251.

³¹³ CUNHA, Euclides. *OS Sertões – campanha de Canudos*. São Paulo: Editora Círculo do Livro, 1979.p. 282.

³¹⁴ A saber: Gazeta da Tarde, Liberdade e Apóstolo

³¹⁵ FISCHER, Luís Augusto. *Parnasianismo brasileiro: entre ressonância e dissonância*, op.cit., p. 48

impressionantes 33 metros de largura que ligaram o mar ao mar: em março de 1904 a Avenida Central era inaugurada.

Essa era a Capital Federal, esse o cenário descrito pelo cronista Olavo Bilac. Após a proclamação da República, grandes transformações de natureza econômica, social, política e cultural agitaram a cidade, preparando o ambiente que daria espaço aos “tempos eufóricos”. A implementação das novidades no Rio de Janeiro foi realizada em ritmo acelerado. A cidade era o cenário das sucessivas substituições, no qual a nova classe conservadora ergue um decor urbano à altura de sua empáfia³¹⁶. Foi no movimento que se convencionou chamar de “bota-abaixo” que as transformações da urbe carioca apareceram com mais nitidez e se cristalizaram. O modelo a ser seguido era um só: Paris. Assim como Napoleão III e o Barão de Haussmann remodelaram e reconstruíram a capital francesa em meados do século XIX, o presidente Rodrigues Alves e o prefeito Pereira Passos - lembrando que o último havia estudado em Paris na época das reformas da capital francesa – transformaram o centro do Rio de Janeiro.

Sob o comando de Pereira Passos, ruas estreitas e imundas são alargadas, saneadas e melhor interligadas, estradas são pavimentadas e asfaltadas. Parques e praças são arborizados. Velhas propriedades, reles casarios, cortiços e até casas comerciais, como o antigo Mercado Municipal, foram destruídos. Tudo o que pudesse comprometer de alguma forma a nova paisagem urbana foi posto abaixo.³¹⁷

A tarefa proposta, portanto, era a de exterminar o passado colonial, “limpando” o que havia de velho e sujo, para que a modernização pudesse se instalar no Brasil: o chique era mesmo ignorar o Brasil e delirar por Paris³¹⁸. Uma das principais consequências dessa entrada forçada na modernização e mais preocupada em fazer do Rio um cartão-postal do que com o bem estar do povo, seria o modelo excludente da maior e melhor cidade brasileira. Nesse modelo, a população segredada nem deveria aparecer e, para tanto, demarcações de território eram bem-vindas e leis foram constituídas.

³¹⁶ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão*, op.cit., p30

³¹⁷ DOMINGOS, Chirley; ALVES, Marcelo (orgs). *A cidade escrita – literatura, jornalismo e modernidade em João do Rio*, op.cit., p24

³¹⁸ BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil - 1900*, op.cit., p.92

O panorama que tínhamos, portanto, era o de uma cidade letrada que tentou projetar uma cidade ideal a ser implantada na realidade, tirando o lugar da cidade real: “a partir dessas condições, é possível inverter processo: em vez de representar a coisa já existente mediante signos, estes se encarregam de representar o sonho da coisa, tão ardentemente desejada nessa época de utopias, abrindo o caminho a essa futuridade que governaria os tempos modernos”.³¹⁹ Ao registrar e enaltecer o simbólico em detrimento do concreto, os textos de Olavo Bilac contribuíram para a formação desse panorama, uma vez que esteve quase sempre apoiando a tentativa de remodelação da cidade “pelo alto”. Tal posição não invalida sua produção, nem foi atitude exclusiva. “Todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que os seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos pela sua sociedade e seu tempo – e é destes que eles falam”³²⁰. É obra, portanto, que com seus condicionantes e perspectivas nos ajuda a ler a realidade que lhe era subjacente.

Os textos de Olavo Bilac transpareciam o engajamento do escritor pela reforma em si. Seus personagens foram a cidade e suas mudanças, não seus moradores. No Rio de Janeiro de Olavo Bilac as pessoas raramente recebem rosto ou nome, quando muito aparecem como personagens criados para exemplificar a verdadeira protagonista: a cidade. No período do bota-abixo vemos o cronista exacerbar todo seu entusiasmo e amor pela urbe. Os textos nos remetiam à imagem de um jovem deslumbrado com a possibilidade de ver seu sonho concretizado. Na concepção bilaquiana, o espaço físico foi compreendido como fator determinante para a construção de uma nova imagem de nação brasileira, como o fim da “barbárie”.

As crônicas escritas por Olavo Bilac são como trechos desse Rio em metamorfose, apresentando visões que fazem de seu titular um escritor da cidade por excelência. No meio da sua extensa atividade jornalística, foi a urbe, com todas suas nuances, que ocupou lugar privilegiado. O cronista foi um defensor e entusiasta do bota-abixo, assumindo a tarefa de enaltecer e esclarecer as obras, como modelo de intelectual que se atribui a função

³¹⁹ RAMA, Angel. *A cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p31

³²⁰ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão*, op.cit., p. 20

de orientar o público no sentido da adesão ao sistema. Vejamos um entre tantos exemplos, justamente na inauguração do símbolo maior da administração Rodrigues Alves/Pereira Passos, a Avenida Central.

O meu bom povo, o povo da minha linda e amada cidade está delirante. (...) Que é que lhe haviam dado os governos até agora? Imposto e pau; ruas tortas e sujas; casas imundas...e às vezes atravessadas por balázios; estados de sítio e bernardas; febre amarela e tédio (...) E eis que, de repente, alguém lhe tapa os olhos, e leva-o assim vendado a um certo lugar, e retira-lhe a venda, e mostra-lhe uma avenida esplêndida bordada de palácios, e cheia de ar e de luz (...)³²¹

Bilac aparece, assim, como um dos “sustentáculos da euforia reformista, pretendendo assumir posições públicas de esclarecimento”³²². Um dos mais ardorosos defensores do projeto de reformas, tanto das mudanças materiais como de seu sentido mais amplo, acreditava que uma cidade limpa, moderna, acolhedora para as artes, seria capaz de caminhar para o progresso, outra de suas obsessões.

Desde o momento que Pereira Passos assumiu a Capital Federal e lançou suas metas de governo, em janeiro de 1903, Olavo Bilac colocou-se ao lado da nova administração, apoiando as mudanças planejadas. Com ironia, criticou contundentemente o jornal que diz ser quixotesco o programa da recém empossada administração. No texto, conclamava Pereira Passos a não ter medo das “sovas” e a ser D. Quixote, como o foi para Paris o Barão de Haussman, para Lisboa o Marquês de Pombal e Alvear para Buenos Aires. É esse o Bilac que escreveu:

Chorai barracões de todos os estilos, de todos os feitios, de todas as cores, góticos, manuelinos, egípcios, amarelos, vermelhos, azuis, altos, baixos, finos e grossos que encheis a cidade, que oprimis o solo, que tapais o horizonte, que ofendeis os olhos, que nauseais as almas! Chegou a vossa última hora...Um prefeito, que não gosta de monstros, jurou guerra implacável e feroz à vossa raça maldita: preparai-vos todos para cair, fortalezas de mau gosto, baluartes de fealdade, templos de

³²¹ BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 19/11/1905. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.755

³²² RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ; Editora Unicamp, 1993. p.112

hediondez -, como já caiu o vosso companheiro do largo do Paço, aos golpes dos martelos abençoados da Prefeitura!³²³

Seria simplista demais, contudo, analisar Bilac apenas como o porta-voz do poder estabelecido, já que, por vezes, denunciava a forma como as leis oficiais eram aplicadas, indagava sobre as decisões políticas, apontava para as falhas cometidas, tornando-se, nesses casos, deveras crítico. Ao lado do enaltecimento das mudanças, os problemas eram apontados. Através dos textos de Olavo Bilac, encontramos um intelectual que, no ambiente restrito de sua cidade, foi capaz de nela enxergar mazelas, ainda hoje resistentes. Nos textos publicados entre 1896 e 1902, ou seja, antes do "bota-abaixo", vemos um Bilac extremamente incomodado com a sujeira de sua cidade:

A cidade do Rio de Janeiro é hoje tão suja, tão mal cheirosa, tão feia como nos tempos de D. João VI³²⁴.

Esse Pó acusador e revolucionário que tão escandalosamente veio demonstrar que o Rio de Janeiro é a cidade mais suja do mundo³²⁵.

Os dias passam, e a gente continua a esperar que as redes de esgoto, as drenagens de solo e os abastecimentos d'água caiam do céu por descuido.³²⁶

Essas são algumas das centenas de frases que poderíamos colocar para exemplificar a postura de um Bilac indignado com a poeira e a falta de higiene daquela que ele sonhava em ver um dia saneada. Essa posição implicou em contradições frequentes entre o desejo do cidadão e o dever do intelectual. E não era sem tristeza que o olhar do cronista feria a Capital Federal. Pedia perdão e reafirmava seu amor, falando das mazelas citadinas “entre dous beijos”, como uma mãe ao seu filho. Sentia-se obrigado a mostrar que a capital federal

³²³ BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 25/01/1903. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.532

³²⁴ BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 27/05/1900. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.352

³²⁵ BILAC, Olavo. Rodapé. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 05/12/1896. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.207

³²⁶ BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 30/07/1899. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.311

era “uma cidade de pardieiros, habitada por analfabetos”³²⁷. Contudo, explicava, “são ofensas que nascem do amor”³²⁸, que tinham como objetivo alertar a população e, sobretudo, pressionar os governantes.

Mesmo durante o bota-abaixo, encontramos textos nos quais a crítica é dirigida ao governo. Essa constatação surpreende, já que Olavo Bilac parecia ter, com a equipe de Pereira Passos, uma forte ‘coincidência’ de interesses ideológicos e o desejo de “civilizar” o Rio. Em 1905 uma crônica de Bilac apresentou preocupação e crítica que o leitor mais desavisado jamais imaginaria ser do mesmo que declarava guerra aos barracões monstruosos. Relatando sentir melancolia e tristeza ao lembrar da sorte dos pobres que desocupam as casas, o cronista ressaltou que as novas moradias tinham preços exorbitantes para o trabalhador assalariado. Havia ainda uma crítica direta à comissão nomeada para resolver o problema das habitações, cuja capacidade foi posta em dúvida. Num tom bastante diverso do apresentado quando o bota-abaixo era apenas um projeto, terminou seu texto afirmando: “E fala-se em arrasar todo o morro do Castelo (...) antes de arrasá-lo, digam-se, pelo amor de Deus, para onde se há de mudar toda gente que o habita, - gente que é tão gente como nós, e que, como nós, tem o direito de possuir uma casa, uma família, e uma vida!”³²⁹.

Ao relatar e analisar a complexa realidade do Rio de Janeiro, Olavo Bilac acentuava a ironia em seus escritos, fazendo com que os interesses urbanos e comunitários intermediassem suas posições políticas. O cronista substituiu o homem público pela cidade como alvo de seus textos, transformando-a em personagem, com direito a nome e até tratamento em francês: Mademoiselle Sebastianópolis. Para deixar sua amada em condições de igualdade com Buenos Aires, a maior “rival” por ser vizinha e latino-americana, o cronista não hesitava em defender o concreto em detrimento da arte. “Porque nosso grande mal tem sido este: quisemos ter estátuas, academias, ciência e arte, antes de ter cidades,

³²⁷ BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 18/11/1900. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.383

³²⁸ BILAC, Olavo. Um livro. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 10/12/1895. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.183

³²⁹ BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13/08/1905. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.733

esgotos, higiene e conforto”³³⁰, afirma em crônica de 19 de abril 1903. Criticou o conselho municipal por regenerar o teatro antes de construir a rede de esgoto, defendendo que não há civilização sem limpeza.

Não é por acaso que também Olavo Bilac, assim como Machado de Assis, viu como símbolo da modernização os meios de transporte, principalmente na figura do bonde. Afinal, era aquilo que andava mais rápido, aquilo que acelerava o tempo ao encurtar os espaços. E quanto mais rápido, mais o país estaria progredindo, mais caminharia para o futuro, tornar-se-ia moderno. O cronista percebeu o tempo da vida urbana através do bonde, veículo que não só proporcionava novos relacionamentos, como inspirava poetas, sendo um nivelador de classes, um instrumento da democracia, o “Karl Marx dos veículos” e um “apóstolo do socialismo”³³¹. Como símbolo do progresso que foi, o bonde mereceu um texto de enaltecimento e glorificação.

Em 35 anos, esse operário da democracia estendeu por todas as zonas da urbe o aranhô dos seus trilhos metálicos, e assenhoreou-se de todas as ruas urbanas e suburbanas, povoando bairros afastados, criando bairros novos, alargando de dia em dia o âmbito da capital, estabelecendo comunicações entre todos os alvéolos da nossa imensa colméia. São deles as ruas, são deles as praças, tudo é dele, atualmente. De dia e de noite, indo e vindo, ao rom-rom da corrente elétrica, ou ao som dos muare sobre as pedras, aí passa ele, o triunfador – o servidor dos ricos, a providência dos pobres, a vida e a animação da cidade.³³²

No decorrer do texto, o cronista celebrou o progresso representado pela chegada do bonde, inclusive citando a matéria que havia sido publicada 35 anos atrás pelo *Jornal do Comércio*, quando o veículo era puxado por burros. Para o cronista, era esse um meio de transporte moderno que proporcionava um tipo de interação que exigia maneiras “modernas” de se relacionar. Polidez, tolerância, boa educação: valores que Olavo Bilac,

³³⁰ BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 19/04/1903. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.599

³³¹ *Ibidem*

³³² *Ibidem*

intelectual comprometido com o papel de orientador social, não se cansava de apontar. Ao se modernizar e se transformar em elétrico, o bonde ofereceu mais um tema para o cronista, que o considerou um avanço também no plano simbólico.

Porém, nem só de progresso era feito o final do século. A população continuava – como até hoje - com suas festas e rituais, muitas vezes para desespero daqueles que queriam ver o Rio definitivamente ‘civilizado’. As festividades populares apareciam na contramão deste processo civilizatório e Olavo Bilac costumava referir-se a essas de forma até agressiva, como quando comentou sobre carroção de romeiros da festa da Penha, tradicional festa religiosa cuja origem remonta a 1635. Entretanto, mais do que afirmar que esses eventos faziam ressurgir a barbárie, o texto bilaquiano colocou a responsabilidade da manutenção da tradição em seus pares:

Em grande parte, a culpa da conservação dessa usança bárbara cabe aos jornais, que inconscientemente animam e encorajam a orgia, dando-lhe adjetivos pomposos, e continuando, não se sabe porque, a atribuir um caráter religioso a uma festa que é apenas um Carnaval, disfarçado, muito pior do que o outro. Na imprensa diária, há adjetivos de uso e emprego obrigatório. Tal é o adjetivo ‘poético’, que sempre se une a tudo quanto se refere À Penha (...) Entretanto, toda essa poesia acaba todos os anos em bebedeira e sangue. (...) os jornais têm o cuidado de não misturar esses dois aspectos da romaria tradicional. (...) As notícias aparecem separadas, em colunas distintas; mas, instintivamente, o leitor, depois de percorrer com a vista a notícia suave, procura logo a notícia feroz.³³³

A posição de Olavo Bilac como o cronista da cidade é fato reconhecido pelos estudiosos sobre período³³⁴ e por seus contemporâneos, como é caso de Lima Barreto que afirmou textualmente: “não houve poeta, cronista mais carioca do que Bilac”³³⁵. Líder dos intelectuais da sua “amada sebastianópolis”, foi na crônica que o parnasiano faz do Rio de

³³³ BILAC, Olavo. Crônica. *Kósmos*. Rio de Janeiro, outubro de 1906. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.2. op. cit., p.370

³³⁴ Entre outras, encontramos citações como “Depois de João do Rio, foi Olavo Bilac o cronista mais fecundo da primeira década do século XX” (BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil – 1900*, op.cit., p.324). E também “Falar de cidades era a paixão de Bilac, o cronista”. (DIMAS, Antônio. *Arinos, mestre de Bilac*. In: Maria Eunice Moreira (Org.). *Histórias da Literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003, p. 279-290)

³³⁵ BARRETO, Lima. *Vida urbana; artigos e crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1961, p.234

Janeiro seu cenário preferido. O progresso, entretanto, superou o ceticismo em relação às novidades e a defesa da modernização sobrepujou-se dentro das crônicas:

Mas o meu sonho animou tudo aquilo: comecei a ver, ao longo da cidade derramada aos meus pés, rasgar-se a grande Avenida; diante dos meus olhos deslumbrados relampejavam jatos de luz elétrica; e vi desenhar-se a cidade futura, resplandecente e rica, mais bela do que todas as suas irmãs, irradiante na glória e na civilização. Ah, quem me dera vida para te ver e te amar nesses dias, cidade do meu amor!³³⁶

“Um perfeito porta-voz da ‘*Belle Époque*’ carioca”³³⁷ foi como Jeffrey Needell rotulou Olavo Bilac, por sua posição de representante da civilização e crítico do ‘atraso’ urbano. Foi considerado o cronista de sua geração que lutou de forma mais contundente, clara e objetiva pela melhoria da condição urbana. A crônica sobre a cidade sustentou sua atividade e com ela defendeu a modernização do Rio e, por extensão, a do país, tornando-se um “pintor da vida moderna”, para utilizar a expressão assim definida por Baudelaire: “O pintor (ou romancista ou filósofo) da vida moderna é aquele que concentra sua visão e energia na ‘sua moda, sua moral, suas emoções’, no ‘instante que passa e (em) todas as sugestões de eternidade que ele contém’”.³³⁸ Olavo Bilac, ao captar a aparência e o sentimento do lugar e momento que viveu, apreendeu e revelou esse aspecto da modernidade.

5.3 - Não nos faltam jornalistas, faltam-nos leitores – a formação do público leitor

A preocupação com o analfabetismo foi outro dos temas mais recorrentes nos textos em prosa de Olavo Bilac, que se mostrava convencido de que o país não seria uma nação enquanto todos não pudessem virar cidadãos, para o que seria para ele vital aprender a ler e a escrever. Bilac questionava sobre a necessidade de se formar um público, para que fôssemos um povo livre e para que a literatura tivesse prestígio. Era preciso criar uma

³³⁶ BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*, 13/03/1904. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.641

³³⁷ NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite na virada do século*, op.cit., p 235

³³⁸ Citado por: BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*, op.cit., pp. 130 - 131

“grande massa de leitores”, cuja falta era o motivo primordial para as más condições de trabalho dos escritores. Para o autor, a matéria prima o país já possuía, tendo “literatura nossa, como temos arte nossa - e esta supremacia intelectual e artística ainda não a perdemos (graças a todos os deuses!) no continente sul-americano”.³³⁹ Essa superioridade, entretanto, representava pouco devido ao grande número de pessoas que não podiam escrever sequer o próprio nome.

Pequeno era o leitorado de jornais, menor ainda era o de livros. Dessa forma, para serem lidos os autores se utilizavam dos periódicos, cujas folhas contavam com a ampla participação dos literatos que faziam a cultura da *Belle Époque*. Foi assim que na virada de século o mercado editorial progredia com dificuldades e os escritores encontravam nos jornais e revistas um meio de se fazer ler. Como explicou Jeffrey Needell, “Apesar de uma menção ou opiniões favoráveis de um crítico consagrado ajudar um pouco, os leitores de periódicos eram essencialmente aqueles que garantiam o êxito de um autor”³⁴⁰. A afirmação foi repetida por diversos outros estudiosos, mas deixa uma lacuna ao não responder, afinal, quem lia essas folhas. Quem eram os leitores dos periódicos da *Belle Époque*? Quem escreve, sobretudo em veículos de comunicação, pensa em quem o lerá. Como afirmou Antonio Candido: “o escritor, quando escreve, prefigura, conscientemente ou não, o seu público, a ele se conformando”³⁴¹.

Se o grande desejo do homens de letras, como o queria João do Rio, era “conquistar o favor público, ser lido e ser notado”,³⁴² e tendo o leitor posição central no processo de produção da escrita, não é descabida a indagação sobre quem lê o quê, em quês condições, em quês momento ou com quês resultados. Somente depois de responder a essas questões será possível compreender a formação de um campo literário, cujo processo pode ser assim explicitado:

³³⁹ BILAC, Olavo. Crônica. *Kósmos*. Rio de Janeiro, janeiro de 1905. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.2. op. cit., p.338

³⁴⁰ NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite na virada do século*, op.cit., p.230

³⁴¹ CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. op.cit.

³⁴² RIO, João do. *O Momento literário*, op.cit., p.295

um circuito de comunicação que vai do autor ao editor (se não é o livreiro que assume esse papel), ao impressor, ao distribuidor, ao vendedor, e chega ao leitor. O leitor encerra o circuito porque ele influencia o autor tanto antes quanto depois do ato de composição. Os próprios autores são leitores. (...) Um escritor, em seu texto, pode responder a críticas a seu trabalho anterior ou antecipar reações que serão provocadas por esse texto. Ele se dirige a leitores implícitos e ouve a resposta de resenhistas explícitos. Assim o circuito percorre um ciclo completo. Ele transmite mensagens, transformando-as durante o percurso, conforme passam do pensamento para o texto, para a letra impressa e de novo para o pensamento.³⁴³

A importância e o papel do leitor na produção literária foi alvo das preocupações dos autores brasileiros na virada do século XIX para o XX. Esses homens utilizavam o espaço e a fama que detinham para protestar contra a falta de instrução da população em geral, o que, por consequência, constituía um “traço básico do subdesenvolvimento no terreno cultural”³⁴⁴ e reduzia o leitorado de forma drástica. “A opinião pública é uma metáfora sem base”³⁴⁵, constatou Machado de Assis em 1876, quando foram anunciados os dados do primeiro recenseamento realizado em terras brasileiras. A comprovação de que não existiam no país mais do que 18% de pessoas alfabetizadas gerou reações de espanto e a indignação de jornalistas e escritores³⁴⁶. O mestre retornou ao tema em diversos textos, como neste de 1888, no qual abordou a questão ao comparar seus leitores a um peixe pequeno e de pouco valor comercial, que na gíria da época também significava pessoa desqualificada:

Os leitores pensam com razão que são apenas filhos de Deus, pessoas, indivíduos, meus irmãos (nas prédicas), almas (nas estatísticas) membros (nas sociedades), praças (no exército), e nada mais. Pois são ainda uma certa coisa, - uma coisa nova, metafórica, original. (...) O condutor do meu bond falou ao do outro para dizer que na viagem que fizera da estação do Largo do Machado até a cidade, trouxe um só passageiro. Mas não contou assim, como aí fica; contou por estas palavras: ‘Que te dizia

³⁴³ DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette – mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Cia das Letras, 1990, p.112

³⁴⁴ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Subdesenvolvimento*. In: *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2000. p.143

³⁴⁵ ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1969.

³⁴⁶ GUIMARÃES, Hédio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*, op.cit., p. 32

eu? Fiz uma viagem à toa; apenas pude apanhar um carapicu . . . ‘Aí está o que é o leitor: um carapicu este seu criado; carapicus os nossos amigos e inimigos. Aposto que não sabia desta? Carapicu. . . Como metáfora, é bonita; e podia ser pior.³⁴⁷

O leitor, essa “cousa nova, metafórica, original”, era quase uma incógnita, ainda que houvesse uma certeza de que era parco e quase apático. Mesmo quem trabalha em veículos de comunicação têm pouco ou nenhum contato com o público em geral e pouco retorno recebe. Se mesmo nos interativos dias de hoje essa é uma realidade, pode-se imaginar que no início do século a comunicação seria ainda mais escassa. Em realidade, como verificou Hélios Seixas Guimarães, em obra que analisa os leitores machadianos, “a percepção do público como problema – seja pela indiferença, desprezo ou pela simples constatação da exigüidade do leitorado – é tão antiga quanto o início da produção literária no Brasil”.³⁴⁸

Sílvio Romero, um dos mais importantes críticos da história da literatura – e nem sempre simpático a Machado de Assis – se indignava com o abismo entre escritores e leitores, o que para ele era um dos motivos da falta de público no país. Toda organização necessária para que se produzisse e fizesse circular impressos no país era alvo das críticas e comentários daqueles que, por motivos óbvios, tinham interesse em popularizar a leitura.

“Escrever para quê? Para quem?” , perguntava Aluísio Azevedo em 1890, ao constatar que “uma edição de dois mil exemplares leva anos para se esgotar”³⁴⁹. Para o autor de *O Cortiço*, neste país os escritores produziam tal qual José de Anchieta, gravando na areia seus pensamentos. Porém, o jesuíta pelo menos tinha o mar como leitor, enquanto ele nem sabia se pelo menos uma pessoa o leria, desabafava. A pouca quantidade de livros editados e vendidos era reveladora, dessa forma, da exigüidade do público leitor. O mesmo teor esteve presente em crônica de Bilac na qual afirmou que “sem leitores, a Imprensa perderia sua razão de ser. Ela precisa de leitores, e chama-os, e atrai-os como pode. Os processos é

³⁴⁷ ASSIS, Machado. Bons Dias. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 29/07/1888. In: *Obra Completa*, vol. III, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

³⁴⁸ GUIMARÃES, Hélios de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*, p. 82

³⁴⁹ Citado por : GUIMARÃES, Hélios de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*, op.cit., p. 72

que não podem ser os mesmos de outrora. Outrora, um jornal contentava-se com cem ou duzentos leitores; hoje, precisa de milhares e de milhões”³⁵⁰.

Os dados confirmaram que os escritores não reclamavam em vão. Do primeiro para o segundo censo realizado no Brasil quase nada havia avançado. Lançado em 1890, portanto apenas um ano após a proclamação da República, o novo levantamento reafirmava o dado assustador: 82,6% era o número de analfabetos. O crítico José Veríssimo comentou sobre a cifra alarmante e, assim, expressou as dificuldades de sobrevivência dos intelectuais: “O número de analfabetos no Brasil, no ano de 1890, era, em uma população de 14.333,915 habitantes, de 12.213,356, isto é, sabiam ler apenas 14 ou 15 em 100 brasileiros ou habitantes do Brasil. Difícil será, entre os países presumidos de civilizados, encontrar tão alta proporção de iletrados.”³⁵¹

Sendo o público para o autor o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador, quem dá sentido à obra, é fácil de entender a indignação dos homens de letras do país³⁵². Como parte desse grupo, Olavo Bilac também analisou a situação do leitorado, como explicitou na crônica que segue: “Mas, enfim, quem lê esses jornais? Lemo-los nós, que os fazemos, - assim como também os lindos versos são lidos pelos autores. É um caso de...Não! Não posso escrever a comparação que o caso me sugere. E, enquanto isso, nada de se faz para criar um público”³⁵³. Com a divulgação dos censos e a regularização da produção editorial, que paulatinamente vai se estabelecendo no país, era inevitável a constatação de que os mesmos homens que escreviam os livros também os liam. Era praticamente uma produção de consumo próprio, como bem demonstrou o texto de José Veríssimo:

³⁵⁰ BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 10/06/1906 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

³⁵¹ VERISSIMO, José. *Revista Literária. Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 25/7/1900.

³⁵² CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 7ªed. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1985.

³⁵³ BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 05/01/1908. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.865

Essencialmente, o caso se resume em ser aqui, no comércio literário, a oferta extraordinariamente maior que a procura. Há quase tantos escritores como leitores, se não mais. Em país de instrução escassa e mofina e cultura sempre incipiente, onde 80% da população é analfabeta e o resto não lê ou lê somente jornais ou línguas estrangeiras, há nos vinte por cento restantes, pelo menos, dez que são literatos, dos quais 6½ ou 7 são poetas. Assim, não lhes sobram leitores, e eles se têm de ler a si mesmos ou entre si. O que se chama público, esse não os lê.³⁵⁴

No artigo o crítico apontou outro fator que servia para agravar a falta de leitura em terras brasileiras: a chegada dos imigrantes não lusitanos. Estima-se que em apenas dez anos (de 1890 a 1900) entraram no Brasil mais de 1,4 milhão de imigrantes, o dobro do número de entradas nos oitenta anos anteriores (1808-1888). Além do fato de que praticamente a totalidade desses homens e mulheres não sabia ler o português, acrescentava-se o problema de que muitos não haviam sido sequer alfabetizados. Quando chegam as levas de europeus das “penínsulas meridionais da Europa, e da Polônia, e da Armênia, onde há aldeias inteiras que nunca viram uma carta de abc. Como se o número dos analfabetos nacionais não fosse considerável”³⁵⁵, Olavo Bilac desabafou e reclamou que nada se fazia para “instruir essa imensa multidão de candidatos ao cativeiro”.³⁵⁶

Todavia, não somente de dados desalentadores se fez a virada de século. Como explicou Werneck Sodré³⁵⁷, ainda que o círculo de leitores aumentasse muito lentamente, os que tinham acesso ao ensino – e nesse grupo cada vez mais a incipiente classe média tomava parte – demonstravam maior receptividade à produção cultural. Aqui vale a pena fazer um parêntese para lembrar um costume que auxiliava para atenuar a falta de alfabetização no Brasil: leituras em voz alta. Tal atitude inclusive influenciou na própria literatura nacional, que adquiriu traços de oralidade devido ao hábito. Relatos de saraus são comuns nas obras de Machado de Assis e outros³⁵⁸. A proposta, ainda que longe de ser uma solução, pelo menos contribuía para a difusão das idéias dos escritores e, mais ainda, repassava

³⁵⁴VERISSIMO, José. Citado por MACHADO NETO, A. L. *Estrutura Social da República das Letras – Sociologia da Vida Intelectual Brasileira – 1870-1930*, op.cit., p. 118

³⁵⁵BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 05/01/1908. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.865

³⁵⁶Idem

³⁵⁷SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira; seus fundamentos econômicos*. op.cit., p.435.

³⁵⁸GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*, op.cit., p. 68

informações a um público ávido por novidades. Nos lugares públicos, como cafés, barbearias ou armazéns, era normal observar a formação de um grupo ao redor de um homem com um jornal na mão. Era o momento em que um privilegiado leitor repassava as notícias do dia para quem por perto estivesse.

O jornal, assim, se tornava um instrumento de divulgação não só de idéias, mas também de um costume: o da leitura. Podia ser considerada uma maneira de preparar o leitorado, ao fazer com que adquirisse o hábito da ler. Medeiros e Albuquerque, ao responder ao inquérito de *O Momento literário*, foi taxativo ao afirmar que “não é verdade que o jornalismo prejudique em nada a nossa literatura. O que prejudica é a falta de instrução. Em nenhum país de grande literatura deixa de haver grande jornalismo. Sem este, aquela é impossível”³⁵⁹. Atividades que se completavam, tinham ainda maior fusão ao se tornar os veículos de comunicação o lugar de trabalho e a vitrine dos homens das letras.

O papel da imprensa ganhou importância nesse momento de criação de um público leitor e foi mais uma vez José Veríssimo quem deixou testemunho sobre essa atuação: “de todas as manifestações da nossa vida intelectual é talvez o jornalismo a mais importante e a única em que se veja progresso, ao menos no que respeita à informação, à notícia em suma, à satisfação das atuais exigências do público”³⁶⁰. Em plena “*Belle Époque* tropical”, muitas vezes os escritores imaginavam como público-alvo o europeu, fazendo com que repetidamente se distanciassem do próprio país.³⁶¹ Contudo, ao escrever para os jornais, tal atitude era menos freqüente, pela própria constituição e finalidades dos veículos de comunicação. Essa parece ser uma entre as tantas razões – com destaque para o fato de ser o jornal mais barato e a leitura mais rápida – que fez com que os periódicos ganhassem espaço. Olavo Bilac contou como a proliferação de novos jornais havia se tornado uma rotina no Rio de Janeiro, no ano de 1905.

³⁵⁹ RIO, João do. *O Momento literário*, op.cit., p. 76

³⁶⁰ Citado por: SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. op.cit., p. 297

³⁶¹ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Subdesenvolvimento*. In: *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2000. p.148

Com efeito, o Rio conta hoje com nada menos que doze diários, sendo oito da manhã, três da tarde e um a noite...E ainda há semanários, que orçam por número equivalente....Seria esta uma novidade consoladora, se não soubéssemos, como afirma o próprio jornal, que o número dos leitores dos jornais diários, no Rio, fica muito aquém de cem mil...³⁶²

Mas há que se considerar que o reduzido leitorado não era passível de desmerecimento, pois era composto pela elite que comandava o Brasil e pelas classes mais abastadas, formando uma espécie de feudo dos eleitores e mandatários daquela país que se constituía como república. Além contar com um valor de fato, como fornecedores de informação e opinião, os jornais e revistas também tinham um valor simbólico, igual ou maior ao seu fim primeiro: seu consumo era sinal de refinamento e bom tom, uma “coqueluche da nova burguesia urbana”³⁶³. Dessa forma, foi criada uma opinião ‘pública’ restrita e guiada pelos homens de letras, o que fez com que os intelectuais detivessem poder dentro da estrutura da sociedade e com que advogassem repetidamente pela “difusão da alfabetização e a redenção das massas miseráveis”.³⁶⁴

Em outras crônicas redigidas por Olavo Bilac a questão voltou a ser colocada, abordando questões como a baixa tiragem ou a distribuição dos periódicos. Como somente na Capital Federal vivia a “incrível” população de 800 mil habitantes, o cronista acreditava que pelo menos 50 jornais poderiam ser publicados simultaneamente, pois considerava a quantia de 120 mil exemplares por dia “reduzidíssima”³⁶⁵. “E o que se opõe a essa prosperidade da imprensa diária, como à prosperidade dos editores de livros, é o analfabetismo da população adulta. Não nos faltam jornalistas, faltam-nos leitores”³⁶⁶, constatou Bilac em texto cujo título já dizia ao que viera: Jornais sem leitores.

Tomando para si o papel de educadora, a imprensa ora se apresentava como expressão da opinião pública, ora como sua formadora e guia. Em ambos os casos, afirmava-se como

³⁶² BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 05/01/1908. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.865

³⁶³ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão*, op.cit., p. 94

³⁶⁴ *Ibidem*, p. 94

³⁶⁵ Proporcionalmente – ou mesmo em números absolutos – as tiragens sobre as quais recaem as queixas de Olavo Bilac seriam consideradas muito satisfatórias nos dias que correm.

³⁶⁶ BILAC, Olavo. *Jornais sem leitores. Correio Paulistano*. São Paulo, 14/12/1907. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.2. op. cit., p.113

mediadora entre os cidadãos e o governo, e portanto, como peça fundamental do funcionamento do novo regime. As palavras de João do Rio bem demonstraram a pouca modéstia dos que publicavam nas folhas: “o jornalismo inconscientemente faz a grande obra de transformação, ensinando a ler, ensinando a escrever, fazendo compreender e fazendo ver”³⁶⁷. Ao intelectual, assim, estava destinada a missão de criar ‘verdades’ e agir pedagogicamente através dos textos impressos.

Sempre na busca de um modelo que salvasse a pátria – tipo de discurso que hoje pouco ou nada mudou – os intelectuais dos idos de 1900, tendo Bilac como um dos seus maiores expoentes, acreditavam na educação como salvaguarda da nacionalidade. A língua, a poética ‘última flor de Lácio’, seria a unificadora de um país que se descobria como nação. Em lugares como o Brasil, onde, seguindo o diagnóstico, por exemplo, de Euclides da Cunha, o estado nasceu antes que um sentimento de nacionalidade preponderasse, os intelectuais foram essenciais na produção de um imaginário nacional.

A questão do nacionalismo estava ligada a essa tentativa de criar um sentimento que unisse um país gigante. Sentimento propagado e exultado pelos bem-nascidos, que somente na intelectualidade tinha relevo. Como coletivizar o nacionalismo? Como difundir essa sensibilidade? Mudando a mentalidade através da educação era uma das principais respostas. A tática não era nova em terras brasileira, remete aos jesuítas e suas missões, para ficar num exemplo bastante conhecido. Nesse quesito, a imprensa tinha papel ativo, porém sempre comandada por e para uma classe que sonhava com o Sena enquanto passeava na orla da Guanabara.

Um ótimo exemplo foram as campanhas cívico-educativas da Liga de Defesa Nacional, comandadas por Bilac, que acreditava que a multiplicação de escolas e de quartéis poderia conter a temida fragmentação do país. Assim, consolidaria-se a nacionalidade brasileira – conceito que foi objeto da paixão bilaquiana,³⁶⁸. Por meio de suas obras escolares, com

³⁶⁷ RIO, João do. *O Momento literário*, op.cit., p. 297

³⁶⁸ LAJOLO, Marisa. *Usos e Abusos da Literatura na Escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha*, op.cit., p.32

ênfase para *A Pátria Brasileira, Através do Brasil*, escrito em parceria com Manoel Bomfim, e *Contos Pátrios*, Olavo Bilac elaborou manifestações nacionalistas que culminaram com sua campanha na Liga de Defesa Nacional. É justamente quando se despede da vida de imprensa que Olavo Bilac se dedica à tarefa de educar e unir o Brasil, viajando pelo país para pregar pelo serviço militar obrigatório e pela grandeza nacional. Porém, essa já é outra história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bilac, crônicas, jornalismo, literatura, transformações. Foram essas palavras exaustivamente lidas e escritas por mim nestes últimos dois anos. Desde a montagem do projeto, quando na realidade nunca sabemos bem aonde chegaremos, até a entrega desta dissertação foram muitas leituras, reflexões e descobertas. Descobertas intelectuais, descobertas materiais. Novas idéias surgindo ao lado de textos ricos, preciosidades encontradas tanto nas crônicas publicadas como nas coletadas na Biblioteca Nacional, por vezes quase indecifráveis, por outras quase inalcançáveis.

A riqueza do material coletado revelou dados que levaram a analisar mais do que um recorte de tempo ou tema, mas sim uma visão que, por ser abrangente, é também contraditória, o que a enriquece ainda mais. Durante quase duas décadas Olavo Bilac observou e expôs aspectos de um país em transformação, deixando um legado rico e abundante. Despontando quando a escravidão é abolida e a República instaurada, amadurecendo em períodos tensos e contraditórios e se consolidando em clima de *Belle Époque*, eis que surge o jornalista Olavo Bilac.

Era este o cronista que “trabalha e teima e lima e sofre e sua não apenas nos catorze apertados versos de um soneto, mas sobretudo no nada estéril turbilhão da rua”³⁶⁹, deixando apontamentos de um momento singular na história do país que, ao passar de um sistema político a outro, propunha e exigia novas formas de cultura e vida em sociedade. Por entender que é “impossível, no estudo do desenvolvimento literário de um país, fazer abstrações do jornalismo, o maior contribuinte para a formação de literatos até agora”³⁷⁰, é que entendo que esta dissertação tem muito a contribuir com todos aqueles que se interessam por um dos mais importantes momentos do Brasil.

³⁶⁹ LAJOLO, Marisa. Introdução. In: FISCHER, Luís Augusto. *Parnasianismo brasileiro: entre ressonância e dissonância*, op.cit., p.8

³⁷⁰ Ibidem

Foi essa também a época quando a imprensa firmava-se como produto da indústria cultural, integrando um sistema de empresas jornalísticas e deixando de lado as defesas de causas do jornalismo panfletário da segunda metade do século XIX. A dicotomia opinião/informação, que corresponde no exercício profissional ao jornalismo como sacerdócio/jornalismo como profissão, é sentida de forma mais intensa nessa passagem de séculos e regimes políticos. Ainda que muitas vezes apontada, de forma maniqueísta, como divisora entre o bom e o mau fazer jornalístico, essa dicotomia entre opinião e informação não procede, ao passo que fundem-se, incorporam-se. E, se houve a possibilidade de, ao longo do século XX, tal conceito ser melhor analisado, foi talvez pela dupla posição que muitos agentes tomaram na implementação do jornalismo empresarial, quando as mudanças, por serem novidades, foram sentidas com maior intensidade. Transformações que foram de modo peculiar inscritas nas crônicas de Olavo Bilac.

Em seus textos sobre imprensa, Bilac explicou e explicitou o funcionamento e a importâncias dos veículos de comunicação no momento mesmo que se firmavam como símbolo da vida urbana, ao passo que aumentam sua abrangência e ganhavam leitores. Com sua escrita metalingüística, o cronista ofereceu ao público a possibilidade de conhecer os bastidores da vida de imprensa na virada de século, com todos seus meandros. Na crônica que comentou sobre o pavilhão de vidro que ele mesmo idealizara para abrigar o “original jornalzinho” da Exposição Nacional de 1908, deixou claro seu desejo de ensinar e evidenciar o fazer jornalístico, confiante de que “o público há de aplaudir essa iniciativa, que lhe permitirá estudar ‘in anima’ este complicado mecanismo que todos supõem conhecer, e que realmente poucos conhecem”³⁷¹. Durante todo seu percurso na imprensa, Bilac apontou para uma visão, hoje ingênua, da imprensa como um bem comum e do jornalismo como um papel social. Por outro lado, também em seus escritos encontramos a crítica ao uso político dos periódicos, mostrando mais uma vez as contradições que enriquecem suas impressões. Contudo, “perdoa” seu ofício ao afirmar, no final de sua

³⁷¹ BILAC, Olavo. Diário do Rio. *Correio Paulistano*. São Paulo, 05/04/1908. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.2. op. cit., p.147

carreira jornalística, que “quase sempre, para não dizer sempre, o que parece corrupção da imprensa é unicamente a corrupção do meio social em que ela tem de viver”³⁷².

Vem dessa posição, possivelmente, o desejo de transparência do fazer jornalístico, que por diversas vezes expressa em suas crônicas e que culmina com a construção de uma redação de vidro, que “abrigará as oficinas e o escritório do ‘Correio da Exposição’ – que bem poderá adotar como divisa o lema positivista: viver às claras”³⁷³. À transparência une-se o anseio de retratar a cidade e a sociedade de sua época, idéias que levam a uma percepção de objetividade e verdade dentro do texto jornalístico que já foi estudo – e ainda o é – de profundas análises, mas que foi vivenciada pelo cronista no momento em que o debate de tais questões era incipiente.

É desta forma que o conceito de jornal como retrato da vida social aparece em escritos de Bilac, como por exemplo ao afirmar que “o jornalismo é simplesmente um espelho em que se refletem as virtudes e os vícios de uma sociedade”³⁷⁴, e também quando explica que “um jornal é um espelho, em que se vêem refletir diariamente os aspectos móveis da vida, sempre tão agitadas e tão cheia de surpresas”³⁷⁵. A crença do cronista no jornalismo como lugar da verdade é um dado a ser melhor explorado, pela polêmica e incoerência que carrega, mas também por apontar para um perfil catequizador de Olavo Bilac, que de forma mais clara aparece em outras facetas de sua vida, mas que já se manifesta quando afirma que “o jornalzinho, escrito, composto, e impresso no recinto da Exposição à vista do público, vai ser uma ótima lição das coisas.”³⁷⁶ Uma nova leitura – indireta e crítica - de tantos e outros fragmentos deixados por Olavo Bilac é um exercício crítico por ser realizado e que poderá trazer descobertas em diversas áreas do conhecimento.

³⁷² BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 28/04/1907 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

³⁷³ BILAC, Olavo. Diário do Rio. *Correio Paulistano*. São Paulo, 05/04/1908. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.2. op. cit., p.147

³⁷⁴ BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 28/04/1907 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

³⁷⁵ BILAC, Olavo. Crônica *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 19/10/1902. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.510

³⁷⁶ BILAC, Olavo. Diário do Rio. *Correio Paulistano*. São Paulo, 05/04/1908. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.2. op. cit., p.147

Ao nos legar escritos que refletem os traços contemporâneos da vida nas grandes cidades, o cronista nos faz vivenciar fragmentos do que somos. Para quem hoje as lê, as crônicas transparecem a questão do texto jornalístico e seus discursos como reflexo de um tempo e uma cultura - um mediador simbólico, em um ambiente urbano de eufóricas transformações e vibrante produção cultural. Suas crônicas por vezes apontam e respondem, por outras muitas deixam subentendidos, reticências indagações. Todas, porém, convidam o leitor para um enfrentamento com o mundo que o próprio cronista habitava mas nem sempre compreendia, induzindo quem as lia a decifrar um enigma.

A presença do humor irônico permite uma leitura mais leve dos assuntos que focalizava, embora muitas crônicas estejam vinculadas a sentimentos de revolta e a inquietudes. Se até certo ponto a ironia foi uma estratégia para evitar opiniões incisivas, Bilac não deixou de transparecer nos seus textos os acontecimentos das transições históricas do seu tempo. A cultura e a vida urbana passavam por um momento de grande efervescência e isso se refletiu nas páginas dos periódicos onde o cronista escreveu por quase duas décadas.

Evidentemente, pela opção de abordagem que se fez nesta dissertação e pelas limitações inerentes a um trabalho de mestrado, foi impossível examinar a fundo as demais possibilidades teóricas para a leitura do material coletado, ou mesmo mencionar todos os tópicos abordados e que mereciam ser lembrados. Ademais, essa viagem ao passado através das crônicas bilaquianas foi, necessariamente, perpassada por motivações subjetivas, que passam igualmente pelo emocional e pelo profissional, estando assim sujeita a um envolvimento nem sempre satisfatório, muito menos desapercibido.

Esta dissertação pretendeu recuperar uma parte pequena, porém significativa, do passado da imprensa brasileira. Ficam abertos caminhos para que outros estudos se debrucem sobre estes textos e descubram novos rumos, novas possibilidades interpretativas, novas abordagens teóricas. Sem fechamentos ou conclusões, o que ficou evidente, após esta pesquisa, foi a enorme gama de temas a serem estudados e o quão atuais o são. Acredito, também, que Olavo Bilac tenha sido evidenciado como jornalista que foi, nos legando uma visão peculiar da imprensa da época e mesmo prevendo como o jornalismo se modificaria:

Talvez o jornal futuro, - para atender à pressa, à ansiedade, à exigência furiosa de informações completas, instantâneas e multiplicadas, - seja um jornal falado e ilustrado com projeções animatográficas, dando, a um só tempo, a impressão auditiva e visual dos acontecimentos, dos desastres, das catástrofes, das festas, de todas as cenas alegres e tristes, sérias ou fúteis, desta interminável e completa comédia, que viemos a representar no imenso tablado do planeta...³⁷⁷

Mergulhar no vasto acervo de crônicas de Olavo Bilac foi como vasculhar um “baú de histórias” em que se guardam, intocadas por vezes, memórias de um passado que não acabou, pois que nos constitui ainda como herdeiros desta imprensa, sejamos jornalistas ou leitores. Bilac, crônicas, jornalismo, literatura, transformações. São essas as palavras.

³⁷⁷ BILAC, Olavo. Crônica. Kósmos. Rio de Janeiro: janeiro de 1904 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Ângela. *Idéias em movimento – a geração de 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz na Terra, 2002.

ANDRADE, Ana Luiza Britto Cezar de. *Transportes pelo olhar de Machado de Assis: "passagens entre o livro e o jornal"*. Chapecó: Grifos, 1999

ANTELO, Raúl. *Transgressão e Modernidade*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2001.

ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987

_____. *Braga de novo por aqui*. In: BRAGA, Rubem. *Os melhores contos de Rubem Braga* (seleção Davi Arrigucci). São Paulo: Global, 1985.

ASSIS, Machado. *Balas de estalo & crítica* (obras completas de Machado de Assis). São Paulo: Globo, 1997.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica – história da imprensa brasileira*. 4ªed. São Paulo: Editora Ática, 1990.

BALZAC, Honoré. *Os jornalistas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

BARBOSA LIMA SOBRINHO, Alexandre José. *O problema da imprensa*. 3ªed. São Paulo: Edusp, 1997.

BARBOSA, Rui. *A imprensa*. Rio de Janeiro: MEC, 1976.

BARRETO, Lima. *Vida urbana; artigos e crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1961

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*. 3ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BENDER, Flora Christina; LAURITO, Ilka Brunhilde. *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire : um lírico no auge do capitalismo*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Magia e Técnica, arte e política – ensaios sobre a literatura e história da cultura*. Obras escolhidas. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar – a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BILAC, Olavo. *Crítica e Fantasia*. Lisboa: Editora de A. M. Teixeira, 1904.

_____. *Conferências Literárias*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.

_____. *Ironia e Piedade*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916.

_____. *Últimas conferências e discursos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1927.

_____. *Defesa nacional, discursos*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1965.

_____. *Júlio Verne, o bonde, o burro e outros escritos*. São Paulo: Barcarolla, 2005.

_____. *Melhores Crônicas / Seleção e prefácio Ubiratan Machado*. São Paulo: Global, 2005.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.

BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro.V.I – antecedentes da Semana de Arte Moderna*. 6ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil – 1900*. 4ªed. Rio de Janeiro: José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2004.

_____ *Naturalistas, Parnasianos e Decadistas – Vida literária do Realismo ao Pré-Modernismo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

_____ *Horas de Leitura*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.

BUCCI, Eugênio. *Sobre ética e imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BUENO, Alexei (org). *Olavo Bilac: obra reunida*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

CANCLINI, Nestor. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 4ª. ed., Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1999.

CANDIDO, Antonio (et al). *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. 1992

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 5ªed. Belo horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

_____. *Literatura e Sociedade*. 7ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

_____. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2000.

CANDIDO, Antônio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira. Modernismo – História e Antologia*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e história do Brasil*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1988.

CARVALHO, Affonso de. *Bilac – o homem, o poeta, o patriota*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.

CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados - o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, Ronald. *Pequena história da literatura brasileira*. 8ªed. Rio de Janeiro: Briguier & Cia Editores, 1949.

CHAGAS, Carlos. *O Brasil sem retoque: 1808-1964: a História contada por jornais e jornalistas*, v.1. Rio de Janeiro: Record, 2001.

CHALHOUB, Sidney (et al). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2005.

COMPAGNON, Antoine. *Os cinco paradoxos da modernidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

COSTA, Ângela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *1890-1914: no tempo das certezas*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

COSTA, Cristiane. *Pena de Aluguel: escritores jornalista no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COSTELLA, Antonio. *O controle da informação no Brasil*. Petrópolis, Editora Vozes, 1970.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. V. II. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1955.

_____. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.

_____. *A Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1971.

CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo: EDUC; FAPESP; arquivo do Estado de São Paulo; imprensa oficial SP, 2000.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões – campanha de Canudos*. São Paulo: Editora Círculo do Livro, 1979.p. 282.

_____. *Correspondência de Euclides da Cunha*. Orgs. GALVÃO, Walnice Nogueira e GALOTTI, Oswaldo. São Paulo: Editora da USP, 1997.

DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (orgs). *A revolução impressa: a imprensa na França, 1775-1800*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette – mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: ensaios*. São Paulo: Imesp. 2006.

_____ *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. São Paulo: Imesp. 2006.

_____ *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.2. São Paulo: Imesp. 2006.

_____ *Tempos Eufóricos – análise da revista Kósmos 1904-1909*. São Paulo: Ática, 1983.

DIMAS, Antonio (Org.). *Vossa Insolência. Crônicas de O. Bilac*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

DOMINGOS, Chirley; ALVES, Marcelo (orgs). *A cidade escrita – literatura, jornalismo e modernidade em João do Rio*. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2005.

EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. V. 2. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.

ELTON, Elmo. *O Noivado de Bilac – com a correspondência inédita do poeta à sua noiva, D. Amélia de Oliveira*. Rio de Janeiro: Ed. Da Organização Simões, 1954.

FISCHER, Luís Augusto. *Parnasianismo brasileiro: entre ressonância e dissonância*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

FONSECA, Gondin da. *Biografia do Jornalismo Carioca 1808-1908*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1941.

FONTES, Martins. *Nós, as abelhas – reminiscências da época de Bilac*. São Paulo: Editora J. Fagundes, 1936.

_____. *O collar partido*. Santos: Editora B. Barros e Cia, 1927.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais*. São Cristovão: UFS; Aracaju, SE: Fundação Oviedo Teixeira, 2005.

GAMA E MELLO, Virgílus. *O alexandrino Olavo Bilac*. João Pessoa: Editora da UFPB, 1965.

GUERRA, Álvaro. *Olavo Bilac – sua vida e suas obras*. São Paulo: Melhoramentos.

GRAMSCI, Antonio. *Obras escolhidas*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin Editorial: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

JORGE, Fernando. *Vida e Poesia de Olavo Bilac*. Rio de Janeiro: Unificado, 2ª ed. 1972.

KARAM, Francisco José. *A ética jornalística e o interesse público*. São Paulo: Summus, 2004.

LAJOLO, Marisa. *Usos e Abusos da Literatura na Escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha*. Rio de Janeiro: Globo, 1982

LIMA, Alceu Amoroso. *Primeiros Estudos: contribuição à história do modernismo literário. VI – O pré-modernismo de 1919 a 1920*. Rio de Janeiro: Agir, 1948.

_____ *Olavo Bilac – poesias*. Rio de Janeiro: Agir 2ª ed. 1959

_____ *O jornalismo como gênero literário*. 2ªed. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

LOPES, Dirceu Fernandes,; COELHO SOBRINHO, José; PROENÇA, José Luiz (Org.) *A evolução do jornalismo em São Paulo*. 2. ed. São Paulo: USP, 1998

MACHADO NETO, A. L. *Estrutura Social da República das Letras – Sociologia da Vida Intelectual Brasileira – 1870-1930*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

MAGALHÃES JR. Raymundo. *Olavo Bilac e sua época*. Rio de Janeiro: Ed. Americana, 1974.

_____ *A vida vertiginosa de João do Rio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

MALLARD, Letícia; et al. *História da Literatura: ensaios*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MARTINS, Wilson. *A palavra escrita – História do livro, da imprensa e da biblioteca*. 3ªed. São Paulo: Ática, 2002.

_____. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1977

MASSAUD, Moisés. *História da literatura brasileira*. Vol. 2. São Paulo: Cultrix, EdUSP, 1984.

MEDEIROS e Albuquerque. *Quando eu era vivo – memórias – 1867-1934*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1942.

MELO, José Marque de. *História Social da Imprensa: fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

_____. *Jornalismo Brasileiro*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____. *Imprensa Brasileira: personagens que fizeram história*. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

MENEZES, Raimundo de. *Olavo Bilac e sua época*. Rio de Janeiro: Editora Americana, 1974.

_____. *A vida boemia de Paula Ney*. 3ªed. São Paulo: Martins Editora, 1957.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: companhia das Letras, 1996.

MICHELI, Sérgio. *Poder, sexo e letras na República Velha : estudo clínico dos anatolianos*. São Paulo : Perspectiva, 1977.

MOREIRA, Maria Eunice (org.). *Histórias da Literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

PONTES, Eloy. *A vida exuberante de Olavo Bilac*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1944.

_____ *Olavo Bilac – bom humor*. Rio de Janeiro: Ed. Casa Mandarino.

PIZARROSO, Alejandro. *História da imprensa*. Lisboa (PT): Planeta, 1996.

QUINTERO, Alejandro Pizarroso (Coord.) *História da imprensa*. Lisboa: Planeta, 1994

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ; Editora Unicamp, 1993.

RIO, João do. *O Momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994.

RIZZINI, Carlos. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil 1500-1822* Rio de Janeiro: Livraria Kósmos, 1946.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. *História do Jornalismo no Brasil*. Florianópolis: Insular, 2007.

ROMERO, Silvio. *Historia da literatura brasileira*. 3. ed.. V.1 Rio de Janeiro: J. Olympio, 1943.

ROMERO, Nelson. *Silvio Romero: trechos escolhidos*. Rio de Janeiro: Agir, 1959.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. *Sílvia Romero, hermeneuta do Brasil*. São Paulo, Annablume, 2005.

SEVCENKO, Nicolau. (org). *História da Vida Privada no Brasil. Vol. 3 . República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____ *Literatura como Missão*. São Paulo: Brasiliense, 1989

_____ *A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____ *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Eduardo. *Dom Obá II d'África, o príncipe do povo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SODRE, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira; seus fundamentos econômicos*. 4ª ed. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1976.

_____ *História da imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras – Literatura, Técnica e Modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *As revistas de ano e a invenção do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade – uma teoria social da mídia*. 2ªed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo. Vol.I – Porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2ªed., 2005.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. 4 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.

_____. *Últimos estudos de literatura brasileira: 7ª série*. Belo horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1979.

_____. *Estudos da literatura brasileira: 5ª série*. Belo horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1977.

_____. *Teoria, crítica e história literária*. São Paulo: EDUSP, 1977

VIANNA, Hélio. *Contribuição à história da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.

WEBER, João Hernesto. *A Nação e o Paraíso*. Florianópolis, Ed.UFSC, 1997.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

Teses, monografias, capítulos, artigos e reportagens

ASSIS, Machado de. *História de Quinze Dias*, crônica, 15 de agosto de 1876. Citado em BOSI, Alfredo. A escravidão entre dois liberalismos. *Estud. av.*, São Paulo, v. 2, n. 3, 1988. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141988000300002&lng=en&nrm=iso>. Access on: 26 Sep 2006. doi: 10.1590/S0103-40141988000300002.

BATAILLE, Georges. “Poussière” in *Documents n°5*, 1929, p.278. Tradução de SCHEIBE, Fernando.

BRANCHER, Ana Lice. *Histórias do além mar já aborrecem – história e literatura em Carvalho Guimarães*. Tese de Doutorado. PPGHST /UFRGS, 2002.

CRUZ, Francilene Dantas. *Olavo Bilac: cronista pré-moderno do Brasil*. http://www.geocities.com/ail_br/olavobilaccronista.htm

DIMAS, Antônio. *Bilac em Lisboa*. In: *Via Atlântica*. São Paulo, v.2, p.174-188, 1999.

_____. *Arinos, mestre de Bilac..* In: Maria Eunice Moreira (Org.). *Histórias da Literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 279-290.

FRANCHET, Paulo. *Olavo Bilac e a unidade do Brasil republicano*. in earle, t. f (org.) *actas do V Congresso da a.i.l. - Universidade de Oxford, 1 a 8 de setembro de 1996*.

Oxford-Coimbra: Associação Internacional de Lusitanistas, 1998, vol. ii, p. 697-706.
<http://www.unicamp.br/~franchet/bilac1.htm>

LAJOLO, Marisa. *Literatura e História da Literatura: senhoras muito intrigantes*. In: MALLARD, Leticia. *História da Literaturas: ensaios*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

MAROCHI, Eliete; CAPELA, Carlos Eduardo Schmidt (orientador). *A experiência jornalística de Paulo Barreto*. Dissertação de Mestrado. PPGL. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2000

RIBEIRO, Lavina Madeira. *Imprensa e Esfera Pública: O Processo de Institucionalização do Jornalismo no Brasil (1808-1964)* - Anais do 1º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho.

SANTOS, Jeana Laura da Cunha; WEBER, João Hernesto (orientador). *Experiências pioneiras de Machado de Assis sobre o jornal*. Tese de Doutorado. PPGL. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2002

SILVA, Fernanda Magalhães. *Cinematographo: crônica e sociedade na Belle Époque carioca*. Dissertação de Mestrado. PPGHSC/PUC-Rio, 2002.

SIMÕES JR., A. S. *A sátira do parnaso*. Tese de Doutorado. PPGL. Assis: UNESP, 2001.

_____. *A contribuição de Bilac para a crônica brasileira. O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte, v. 9/10, p. 235-246, 2004.

_____. *Bilac em versos menores*. Dissertação de Mestrado. PPGL/UNEDP, 1995.

_____ *Do cárcere ao exílio: percalços do cronista Bilac (1892-1894)*. In: Ana Maria Domingues de Oliveira; Antônio Roberto Esteves; Luiz Roberto Veloso Cairo. (Org.). Estudos comparados de literatura. Assis, 2005, v. , p. 9-26.

_____ *O Parnaso e a rua do Ouvidor*. In: Segunda Jornada de Periódicos Literários, 2003, Assis. Periódicos literários: anais das Jornadas e do Encontro Nacional. Porto Alegre : Pontifícia Universidade Católica, 2001.

_____ *Bilac e a Regeneração do Rio de Janeiro*. In: VII Congresso da Abralic: Terras & Gentes, 2000, Salvador. Terras & Gentes. Ano 2000. Anais. VII Congresso Abralic. Salvador : Associação Brasileira de Literatura Comparada/Universidade Federal da Bahia, 2000.

_____ *O cronista Olavo Bilac e as implicações políticas do estético*. In: VI Congresso Abralic, 1999, Florianópolis. Anais do VI Congresso Abralic. Florianópolis : NELIC/UFSC, 1998.

_____ *Uma revista parnasiana: A Bruxa (1ª. série: 1896-1897)*. 2002. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

SIQUEIRA, Carla. *A imprensa comemora a República: o 15 de novembro nos jornais cariocas - 1890 / 1922*. Available from: <http://www.eca.usp.br/alaic/Congreso1999/14gt/Carla%20Vieira%20de%20Siqueira.rtf>.

VENTURA, Roberto. *História e Crítica em Sílvio Romero*. In: MALLARD, Letícia. *História da Literaturas: ensaios*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

VERISSIMO, José. “Revista Literária”, In: *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 25/7/1900.

Periódicos

A Bruxa – 1896 - 1897

A Cigarra - 1895

Correio Paulistano – 1907 - 1908

Gazeta de Notícias – 1893 – 1908

Kósmos – 1904 - 1907

O Combate – 1892

O Estado de S. Paulo – 1897 - 1898

Crônicas citadas

A BRUXA

BILAC, Olavo. Crônica. *A Bruxa*. Rio de Janeiro, 10/04/1896

BILAC, Olavo. Livros Novos. *A Bruxa*. Rio de Janeiro, 24/04/ 1896

BILAC, Olavo. Crônica. *A Bruxa*. Rio de Janeiro, 22/05/1896

BILAC, Olavo. Theatro. *A Bruxa*. Rio de Janeiro, 24/07/1896

BILAC, Olavo. Crônica. *A Bruxa*, nº49. Rio de Janeiro, janeiro de 1897

A CIGARRA

BILAC, Olavo. Teatros. *A Cigarra*. nº3 . Rio de Janeiro, 23/05/1895

CORREIO PAULISTANO

BILAC, Olavo. Diário do Rio. *Correio Paulistano*. São Paulo, 22/04/1907

BILAC, Olavo. Os moços bonitos. *Correio Paulistano*. São Paulo, 19/11/1907

BILAC, Olavo. A propósito de um congresso. *Correio Paulistano*. São Paulo, 24/11/1907

BILAC, Olavo. A escola do horror. *Correio Paulistano*. São Paulo, 01/12/1907

BILAC, Olavo. Jornais sem leitores. *Correio Paulistano*. São Paulo, 14/12/1907

BILAC, Olavo. Diário do Rio. *Correio Paulistano*. São Paulo, 05/04/1908

BILAC, Olavo. Diário do Rio. *Correio Paulistano*. São Paulo, 06/04/1908

BILAC, Olavo. Diário do Rio. *Correio Paulistano*. São Paulo, 23/05/1908

BILAC, Olavo. Diário do Rio. *Correio Paulistano*. São Paulo, 24/06/1908

GAZETA DE NOTÍCIAS

BILAC, Olavo. Crônica Livre. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13/09/1893

BILAC, Olavo. Crônica Livre. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 15/02/1894

BILAC, Olavo. Crônica livre. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 17/02/1894.

BILAC, Olavo. Anúncios. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 01/04/1894

BILAC, Olavo. Sem Nervos. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 11/06/1895

BILAC, Olavo. Em Veneza. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 10/07/1895

BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 10/12/1895

BILAC, Olavo. Um suicida. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 18/05/1896

BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 05/12/1896

BILAC, Olavo. Rodapé. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 31/01/1897

BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 25/07/1897

BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 16/02/1898

BILAC, Olavo. Casos e Cousas. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 19/07/1898

BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 20/11/1898

BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 04/12/1898

BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 15/01/1899

BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 28/01/1899

BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 30/07/1899

BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 27/05/1900

BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 18/11/1900.

BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 26/08/1900

BILAC, Olavo. Crônica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13/01/1901

BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 17/08/1902.

BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 07/09/1902

BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 19/10/1902

BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 25/01/1903

BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 19/04/1903

BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 02/08/1903

BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 11/10/1903
BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 17/01/1904
BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 07/02/1904.
BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 08/01/1905.
BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 15/01/1905
BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 16/07/1905
BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13/08/1905
BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 19/11/1905.
BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 10/06/1906
BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 29/07/1906
BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 09/12/1906
BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 27/01/1907
BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 3/11/1907
BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 24/11/1907
BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 08/12/1907
BILAC, Olavo. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 05/01/1908

KOSMOS

BILAC, Olavo. Chronica. *Kosmos*. Rio de Janeiro: janeiro de 1904
BILAC, Olavo. Chronica *Revista Kosmos*. Rio de Janeiro, novembro de 1904
BILAC, Olavo. Chronica. *Kosmos*. Rio de Janeiro, janeiro de 1905.
BILAC, Olavo. Chronica. *Kosmos*. Rio de Janeiro, maio 1906
BILAC, Olavo. Chronica. *Kosmos*. Rio de Janeiro, outubro de 1906
BILAC, Olavo. Chronica. *Kosmos*. Rio de Janeiro, setembro de 1907

O COMBATE

BILAC, Olavo. Vida Fluminense. *O Combate*. Rio de Janeiro, 23/01/1892
BILAC, Olavo. Vida Fluminense. *O Combate*. Rio de Janeiro, 22/02/1892
BILAC, Olavo. Vida Fluminense. *O Combate*. Rio de Janeiro, 23/02/1892

BILAC, Olavo. Vida Fluminense. *O Combate*. Rio de Janeiro, 26/02/1892

BILAC, Olavo. Vida Fluminense. *O Combate*. Rio de Janeiro, 28/03/1892

O ESTADO DE SÃO PAULO

BILAC, Olavo. Diário do Rio. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 03/10/1897

BILAC, Olavo. Diário do Rio. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 02/11/1897

BILAC, Olavo. Diário do Rio. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 17/12/1897

BILAC, Olavo. Diário do Rio. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 04/03/1898

BILAC, Olavo. Diário do Rio. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 04/04/1898

BILAC, Olavo. Diário do Rio. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 17/04/1898

BILAC, Olavo. Diário do Rio. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 14/05/1898

BILAC, Olavo. Diário do Rio. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 20/05/1898

BILAC, Olavo. Diário do Rio. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 01/07/1898

BILAC, Olavo. Diário do Rio. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 31/07/1898

ANEXO

SUMÁRIO

| | |
|--------------------|-----|
| Apresentação | 158 |
|--------------------|-----|

JORNAIS

| | |
|-----------------|-----|
| O Combate | 159 |
|-----------------|-----|

| | |
|-------------------------|-----|
| Gazetade Notícias | 179 |
|-------------------------|-----|

| | |
|----------------------------|-----|
| O Estado de S. Paulo | 220 |
|----------------------------|-----|

| | |
|--------------------------|-----|
| Correio Paulistano | 229 |
|--------------------------|-----|

REVISTAS

| | |
|-----------------|-----|
| A Cigarra | 237 |
|-----------------|-----|

| | |
|---------------|-----|
| A Bruxa | 239 |
|---------------|-----|

| | |
|--------------|-----|
| Kósmos | 255 |
|--------------|-----|

Apresentação

Este anexo traz 42 crônicas de Olavo Bilac não publicadas em livros e que foram por mim recolhidas junto à Biblioteca Nacional. São textos que, com maior ou menor extensão e profundidade, versam sobre imprensa e vida jornalística. Algumas crônicas apenas mencionam o tema, em outras esse é o mote para que Bilac discorra sobre a vida no jornalismo, o funcionamento da imprensa, o exercício da profissão. Acredito que todas são importantes para melhor compreender uma das mais importantes épocas do jornalismo brasileiro. Ao lado de outros textos, essas crônicas formam parte de um registro público que configura uma pequena história da imprensa.

Para chegar a esta seleção temática, tive como guia a obra do professor Antonio Dimas intitulada *Bilac, o Jornalista*. Foi através do minucioso sumário elaborado pelo professor, com aproximadamente 1600 resumos de crônicas lidas e catalogadas, que encontrei os textos que agora apresento. Essas 42 crônicas nunca haviam sido publicadas na íntegra em nenhuma obra, exceto em sua moradia primeira, as colunas das folhas para as quais Olavo Bilac escreveu por quase duas décadas. Os textos aqui apresentados foram escritos pelo cronista entre 1892 e 1908 nos seguintes periódicos: *O Combate*, *Gazeta de Notícias*, *O Estado de S.Paulo*, *Correio Paulistano*, *A Cigarra*, *A Bruxa e Kósmos*.

A ortografia foi atualizada, mas a pontuação foi mantida, assim como os sinais gráficos colocados pelo autor, seja marcação em negrito, itálico, ou parênteses, colchetes etc. Palavras que continuam com a mesma grafia, mesmo que em desuso, foram igualmente conservadas. Os trechos ou palavras que estão ilegíveis no original depositado na Biblioteca Nacional foram assinalados com a marca [*ilegível*]. Os textos de *A Bruxa* não haviam sido sequer microfilmados, mas estavam em melhores condições de leitura que os impressos em papel jornal, sobretudo os da *Gazeta de Notícias*. A maior preocupação foi sempre manter a escrita de Olavo Bilac e trazer a luz também essas crônicas, para que possam gerar novos estudos, com outros e diferentes olhares.

O COMBATE

O Combate – 23/01/1892

Vida Fluminense

Um terror grande faz estremecer a Rua do Ouvidor.

É que, segundo os jornais mais afeiçãoados do governo do sr. Floriano Peixoto, e, por conseguinte, segundo os jornais menos suspeitos, - o sargento Sylvino, apesar de ferido gravemente por uma bala que lhe entrou pela nuca, e lhe saía pela boca esmigalhando-lhes os maxilares e deixando-o ameaçado de erisipela, da cabeça e com a língua inflamada, - continua a fazer revelações escritas e verbais, que comprometem gravemente a pessoas altamente colocadas.

Eu, como repórter ativo – desculpem a imodéstia – tive ocasião de interrogar, sobre o caso raro, vários médicos, e todos eles são concordes em declarar que o sargento Sylvino no estado em que o descrevem os jornais, não pode ter feito declarações.

Simplesmente esquecem-se esses médicos de que o hipnotismo fez uma verdadeira revolução na medicina, é que é bem possível que por sugestão hipnótica, a pessoa que tem interrogado o sargento Sylvino tenha podido obter quaisquer resultados, superiores em importância aos que obteria qualquer interrogador vulgar.

Simple questão de hipnotismo.

À última hora, ontem, constava que o governo sancionaria a resolução da Intendência proibindo as corridas. À primeira vista, parece que o governo quer apenas ser coerente: vareja as casas de jogo, e, simplesmente para ser coerente, quer intervir no jogo da *poule*.

Engano. O governo quer apenas prestar um auxílio à higiene pública. Como faz calor, e o calor facilita o desenvolvimento de epidemias, o governo proíbe as corridas para Assim prestar um serviço à higiene da cidade.

Um despeitado qualquer, um desses assaltantes do tesouro, que acham mero despotismo legal do sr. Floriano Peixoto, - poderá objetar-nos que o governo não tem tomado outras providências, mais sérias e mais proveitosas do que essa, para salvar a saúde da população.

São coisas, não para inglês ver, mas para a pátria legar observar. É preciso que ninguém duvide da solicitude do ministério do 23. Proibir-se-ão as corridas, embora a população continue a morrer de sede, e embora a febre amarela continue a matar 50 pessoas por dia.

O Diário Oficial, de ontem, publicou o seguinte:

“Devem, porém, o êxito feliz na repressão do crime dos sediciosos ao empenho patriótico do bravo general da divisão Antonio Enéas, Gustavo Galvão, ajudante general do exército, sob cujo comando imediato operam valentemente os 7º e 10º batalhões da infantaria.”

Ora, graças a deus que não temos mais para ajudante general um homem sobre o qual a 10 de novembro foi impossível dizer a mesma coisa e houve necessidade de inventar as escapatórias de frases históricas.

Sem que aliás nos fosse possível comunicar com o sr. Dr. Eleutério Varella, retido na polícia por suspeita de crime político, vi-o ontem.

O simpático moço achava-se perfeitamente calmo e de aparência sadia, constando-nos que em breve será travada contra ordem à sua prisão, e sendo para louvar a forma cavalheirosa porque tem sido tratado na polícia, graças à humanidade e candura do sr. dr. Santiago.

Alegando-me em consignar essa notícia do seu próximo livramento, cumpre-me acrescentar a estranheza que me causou a sua prisão por parte dos seus companheiros de conspiração contra o golpe de estado de 3 de novembro que o queriam fazer eleger pelo Maranhão, sua terra natal, e que ainda há poucos dias lhe ofereciam vantajosíssimo lugar em nossa administração.

Ao túmulo de Benjamin Constant foram ontem em romaria piedosa os membros da igreja positivista. Sobre o túmulo do fundador da República Brasileira depositaram eles uma coroa cívica. À noite, na sede do Centro Positivista, houve sessão solene e pública.

Vida Fluminense

Um jornal, dos poucos que ainda amam o governo do sr. Floriano Peixoto, ocupou-se ontem numa crônica com o problema pai da atualidade: a carestia de gêneros. Crônica que não é assinada, crônica que vem logo na primeira coluna, crônica que deve ser de inteira e exclusiva responsabilidade da redação do belo jornal governista. Vejamos como é que esse órgão do governo, e por conseguinte, como o governo encara o problema.

Sossegai, inquietas almas de leitores ávidos; o governo e o seu jornal não querem que os capitalistas franqueiam as suas burras aos operários que tem fome; o governo e o seu jornal não aconselham às classes pobres que o deponham, para ver se assim melhoram de sorte; o governo e seu jornal não procuram mesmo meios brandos, medidas providentes, fáceis e prontas de facilitar aos que não podem comer, o meio de fugir à miséria suprema que os ameaça.

Não! O governo e o seu jornal estão rinchavelhando sobre essa miséria e sobre essa fome. Acham que é uma coisa supremamente engraçada a agonia em que se estorce o estômago da gente, que, obrigada a pagar por dia 800 rs. pelo quilo da carne, porque o açougueiro não o vende por menos; que obrigada a pagar por dia 5\$000 de médico e farmácia, porque as epidemias estão inexoráveis e terríveis, e que, obrigada ainda a pagar por dia, além do aluguel da casa, a água com que se lava e a água que bebe, porque os encanamentos andam secos e enxutos, - não consegue ganhar nem a terça parte do dinheiro que diariamente consome.

E, para que se não diga: 1º que estou caluniando o governo, porque o jornal que diz isso não é seu, e 2º, que estou caluniando o governo, porque o jornal, se é seu, não diz isso, - devo quanto antes dizer:

1º que o jornal em questão é o Diário de Notícias.

2º que o trecho, que abaixo, transcrevo, vem no Diário de Notícias de hoje, numa crônica sem assinatura:

“Uma proposta de lei magnífica, e é:

Art. 1º - Fica a população proibida de comer seja que gênero sólido for (Nem mesmo pão duro ou rosca quebrada);

Art. 2º - o governo é autorizado a importar grande quantidade de líquido especial de que faz isso a célebre jejuadora americana miss. Nelson, o qual dispensa perfeitamente o comer.

Adotem esta medida e hão de ver que bravamente, teremos um ovo, não por um tostão, mas por um real.”

Aquí está como o a imprensa governista encara o problema da fome: e como o Diário de Notícias ama tanto o governo que deixa de ser Diário de Notícias para ser o próprio governo. – eu em vez de bater palmas pela idéia ao sr. Azeredo, vou batendo palmas ao sr. Floriano Peixoto.

Sabem que temos aqui, em frente ao nosso escritório, um depósito de leite do Itatiaia? Sabem.

Foi à porta desse depósito que esteve parado ontem, domingo, a uma hora da tarde, todo cheio de sol e de beleza, o sr. Custódio José de Mello. Depois de meia hora de exposição, s.ex., sentindo sede, houve por bem entrar no depósito. Correu tudo a servir-lhe uma meia garrafinha de leite puro de Itatiaia.

E um garçom polido, aproximou-se de s.ex. :

- O sr. almirante quer um pouquinho de *cognac* no leite?

- Não, senhor! Já tenho aqui o ingrediente que costumo engolir com o leite.

E s.ex., de uma caixinha que sacou do bolso, deitou dentro do copo dois pequeninos cones de substância branca. Pegou da colher, virou e mexeu, virou e mexeu, e engoliu tudo. Saiu.

Mais tarde, vendo que a caixinha que s.ex. deixara atirada ao chão, a caixinha vazia, entrei no depósito e apanhei-a.

No rótulo havia estas palavras:

Subnitrato de bismuto.

As galerias da escola nacional de belas artes foram ontem visitadas por 265 pessoas.

Com o tempo que corre, o sangue corre quente. Cada artéria da gente guarda dentro de si uma enxurrada de lava. Que necessidade de amar! Que necessidade, que urgência de raptar moças, que precisão de fazer coisas incendiárias!

E vai a gente, rapta a moça. E vai a polícia, prende os raptadores. E vão os raptadores, casam com as raptadas. E vai a imprensa cobre de chufas raptadores e raptadas.

Aquí está uma notícia (!), num dos jornais de ontem. Um homem raptou uma mulher e levou-a para uma casa, amou-a, e foi preso. E o jornal, depois de escrever com todas as letras os nomes e sobrenomes do raptor e da raptada, conclui:

“Chegou a polícia e acabou tudo: ele foi preso, ela depositada. Há o que reparar, diz a medicina legal. O Oscar não deseja outra coisa, igual anseio tem a Benedita. E até a própria sogra não desagrada este epílogo”.

Quero agora que esse jornal me diga com que direito a imprensa expõe a ridículo um homem e uma mulher, pelo simples fato de se amarem, e de estarem dispostos a casar e constituir família. O homem amou a mulher? Não vejo nisso patifaria nenhuma: maior patifaria é a do jornal que acha isso uma coisa extraordinária.

O Fígaro...

Decididamente, *O Fígaro* é, na nossa imprensa, mesmo sem exclusão do Diário Oficial, o órgão que, com mais precisão, compreende e defende o pensamento do governo.

Ontem, *O Fígaro* publicou uma crônica notável, que tem este grande título solene: *Teoria racional do assassinato bem feito*. A coisa está dividida em capítulos, artigos e parágrafos. Parece uma constituição. Dizem que *O Fígaro* publicou aquilo como quem solta um balão de ensaio. Quem sabe se não é o projeto da constituição que o governo do sr. Floriano Peixoto pretende fazer aprovar.

Pierrot
O Combate – 23/02/1892

Vida Fluminense

Que esta crônica piedosa console a tua tristeza, Antonio José de Mello das situações passadas. Que estas linhas comiseradas cheguem ao teu cárcere, e possam minorar o teu sofrimento....

Romão José de Lima...

Porém, digam-se primeiro se se recordam dele. Não lhes falo do tempo afastado, em que ele, o Romão José de Lima, o editor responsável de todos os *apedidos* era moço, e tinha ombros fortes para arcar com todas as bengaladas e alma forte para arcar com todas as responsabilidades. Falo-lhes dos tempos mais chegados: falo-lhes de Romão José de Lima de anteontem, escuro, velho, com uma pobre cara de símio espantado, sempre às portas dos jornais, sempre disposto a comparecer à polícia trêmulo e bambo de velhice, para responder pelas descomposturas que não escrevera.

Meu pobre jornalista! Meu grande jornalista que assinaste mais artigos do que quantos tem assinado o meu venerado chefe Aristides Lobo, do *Fígaro* e do *Caceteemos*.

Quando pensaria eu que deverias de acabar, não na cadeira de presidente do Clube da Imprensa Livre, mas numa das células do Hospício de Alienados, talvez na mesma cela donde saía rebocada a Legalidade na madrugada de 23.

E, no entanto, é essa a verdade terrível que acaba de desabar sobre mim nesta nota policial, lacônica e acabrunhadora:

“Foi recolhido ao Hospício Nacional de Alienados, por estar sofrendo das faculdades mentais, Romão José de Lima, à ordem do dr. chefe de polícia.”

Louco.

Pobre Romão, que com tamanha lucidez e com tamanho critério, subscreveste e legalizaste tanto artigo violento, tanta argumentada verrina, tanta descompostura arrazoada – não podias acabar de outro modo... E o teu fim desastroso vem positivamente confirmar toda a teoria de Lombroso: entre o gênio e a loucura não chega a haver nem a centésima parte de um passo. Maupassant, o grande romancista infeliz, pensava só por aí, e bebia éter: ficou louco. Que muito é que tenhas louco, tu que pensavas por cinco mil autores, e tomavas aguardente?

Nunca houve cérebro genial que, durante mais tempo, e com mais bravura, tivesse resistido a *surmenage*.

Um município tinha queixas de um vereador e escrevia um artigo: Romão digeriria o artigo e assinava a queixa. O vereador escrevia outro artigo, queixando-se do município:

Romão digeriria a queixa e assinava o artigo. E tudo artigos venenosos: de credores que exigiam pagamento, artigos virulentos; de devedores que não queriam pagar, descomposturas que o governo ouvia da oposição e descomposturas com que a oposição respondia ao governo, tudo quanto a paixão, o despeito, a cólera, a vingança, a justiça, a injustiça, o amor, o ódio, a maldade, a bondade, a candura, o rancor, inspiravam nos mantenedores das seções livres, tudo passava pelo cérebro prodigioso de Romão José de Lima.

E o cérebro prodigioso de Romão José de Lima digeriria tudo, abrindo-se para tudo como um grande seio de Abrahão, que acolhia, perfilhava e adotava seiscentas idéias por dia...E por fim, como não há prodígios eternos, o cérebro detracou-se, desenganou-se, desequilibrou-se, estragou-se, e Romão José de Lima enlouqueceu.

Que faz o Brasil que não manda preparar para Romão, no hospício, uma célula rica, acolchoada de damascos fino, cheia de bibelôs, de catatuas, de reposteiros, de móveis raros, de quadros preciosos? Quando um grande homem morre, ergue-se-lhe uma estátua: quando um grande homem enlouquece, deve-se-lhe preparar uma célula digna.

Não lhe recuse o Brasil essa última homenagem. - O *apedido*, que é criação e invenção do Brasil, coisa nossa, tão nossa como o Pão de Açúcar, as revoluções incruentas e a goiabada, teve no Romão, que já está no hospício, o seu maior glorificador e seu mais convicto apóstolo.

E como o brasileiro ama, por índole ou por hábito, o *apedido*, é justo que seja agradecido ao homem que mais *apedidos* tem aqui assinado, desde que eles existem até hoje, desde o primeiro e pequeno número do *Jornnal do Commercio*, até os seus grandes números de agora, onde fulgura o talento e onde fuzila a argumentação do mano do ministro da marinha...Um bom movimento! Recompensemos o Romão, que se vai. Loucura em fora, - para encorajar e estimular os Romões que ainda nos ficam.

Mas, não lhes aconselhemos, aos que ficam, que sigam em tudo aquele glorioso exemplo. Deve haver um limite para tudo. A *surmenage* é fatal. E Antonio Jose de Mello, e é Antonio José de Mello! – já começa a ter os nervos desequilibrados também. Glorifiquemos o trabalho, mas condenemos o seu abuso: aos Romões que ficam, aproveitem esse conselho de amigo.

Porque será triste que, tendo a legalidade saído do Hospício de Alienados, para lá entre, por sua causa, o seu defensor perpétuo e o seu irmão bem amado.

Pierrot

Vida Fluminense

Eco niteroiense. É por Niterói que começo, porque toda atenção universal esteve ontem de olhos escancarados pra Niterói. E eu, como o universo, quase não tive olhos para outra coisa. Saltei da cama, ganhei em três pulos a estação *Ferry*, e dali a meia hora, pousava a planta do pé no solo sagrado do Império da Praia Grande.

Grande rebuliço. Já na rua da Praia havia senhoras, aos magotes, atabalhoadas, trêfegas, coradas, entusiasmadas, preparando-se para assistir a explosão da primeira girândola da retórica Paulínica. E eu fui seguindo aquela onda agitada, de toilettes multicores, fitas e plumas revoando, saltos *Ferry* cantando alto no macadame esburacado da capital de Paulino.

Entre as senhoras, um homem grande passava, a quando e quando, espadando, cadeiras gingando, chapéu de palha ao alto da cabeça, cacete grosso rodando a mão calosa.

E o dia, tórrido e terrível, queimava Paulinópolis...Fazia um calor de rachar, como na Senegâmbia e na canção da inglesa do *Surcouf*.

Niterói suava, Niterói bufafa, Niterói engorgitava Amazonas de *grogs*, Niterói abanava-se, Niterói trazia para as ruas lençóis em vez de lenços. Mas Niterói ia para a Reconstituente, e eu ia seguindo Niterói...E, de repente, no meio da rua da Praia, senti que ficava corado. Que vergonha! O sangue galopava-me a ambas as faces, freneticamente, como o cavalo do Mazeppa. E fiquei pregado...ao macadame, como uma estátua.

É que uma idéia sinistra acabava de me fuzilar na cabeça. Santa Maria! Mas, então, eles chamavam a si toda a atenção do povo! Mas, então, eles estavam com a simpatia popular! Mas, então, Paulino era mesmo rei. Balthazar era mesmo governador, Madureirinha era mesmo chefe. Torres era mesmo deputado, - já que todo o povo de Niterói se abalava, comovido e delirante, para ir ver a primeira reunião da Reconstituente? Pelos viramundo de Paulino! - tive desejo de que o chão se me abrisse embaixo dos pés...Mas distrai-me, ouvindo um toque de clarim, e vendo Madureirinha chegar, à frente da polícia...

Ele vinha a pé, de sapatinhos de entrada baixa, calcinhas curtas, blusa com botões de ouro, gorro à cabeça, um rosário de balas do parto em cada braço e uma cometinha à boca, - tarará...tarará!... E os seus olhinhos piscavam, maliciosamente, cumprimentando as senhoras. E senhoras, Madureirinha, homens espadaúdos, toda Niterói e eu, íamos rua à fora, sobre a grande alegria e o calor do céu niteroiense. E, quando dei acordo de mim, vi que toda a multidão parava em frente a Fábrica de Fumos, que se inaugurava.

E, daí a pouco, d. Carlos Balthazar da Silveira, lá dentro, elevando ao ar, vitoriosamente, uma taça de champanhe, começava o discurso:

- Cidadãos! O estado do Rio de Janeiro é o mais próspero Estado do império...

Aplausos, delírios, taças quebradas, quase vivas à monarquia. Quanto à Reconstituente...

Conta que foi aberta ontem, oficial e solenemente, a Assembléia Fluminense.

Nota do repórter policial:

“ O dr. Carlos Costa, Sr. Delegado, vai convidar os redatores chefes dos jornais desta capital para um conferência a fim de consultá-los sobre as medidas que pretende tomar a respeito do policiamento e da moralidade das casas de espectadores”.

Eu, se fosse redator chefe, mandaria convidar o dr. Carlos Costa para uma conferência, a fim de consultá-lo sobre medidas tendentes a tornar universal a circulação do meu jornal...

Aqui temos uma polícia, que para fazer o policiamento, e a moralização das casas de espetáculo, precisa do auxílio e do apoio dos redatores chefes. Peço ao dr. Carlos Costa que me responda sumariamente a estas perguntas:

1º se o ator A. faz em cena um calemburgo obsceno, que tem com isso o redator chefe de *O tempo*, por exemplo?

2º Se o espectador B. dá uma bengalada no espectador C., que tem com isso o redator chefe do *Diário de Notícias*, ainda uma vez por exemplo?

3º Se a atriz M., num movimento de entusiasmo irresistível, em vez de levantar a saia somente até acima do joelho, a levanta até acima do umbigo, que tem com isso, ainda uma outra vez, por exemplo, o redator chefe do grave *Jornal do Commercio*?

Se essas perguntas merecem resposta satisfatória não tenho dúvida nenhuma em aconselhar, do alto da minha autoridade de diretor da opinião pública, os redatores chefes do *Tempo*, do *Diário de Notícias* e do *Jornal do Commercio*, que não deixem de ajudar o dr. Carlos Costa a moralizar o calemburgo do ator A., a bengala do ator B., e a saia da atriz M.

Eco do mundo elegante. Um alfaiate da rua do Ouvidor já tem prontas sete casacas vermelhas *fin-de-siecle* que devem estrear no grande baile dominó de 29 em Petrópolis. Fala-se mesmo em uma senhora da nossa mais alta sociedade, que tenciona substituir dominó de rigor pela casaca *fin-de-siecle*.

Pierrot recebe todos os dias dezenas de cartas em que se pergunta pela saúde do almirante Custodiabo, cujo nome glorioso tem deixado de rutilar na resenha da *Vida Fluminense*. Pierrot cumpre um dever, comunicando à curiosidade desses leitores que o almirante custodinho está há quarenta e oito horas tomando banhos adstringentes de grelo de goiabeira. O seu estado não inspira cuidados.

Na igreja da Cruz dos militares, celebrou-se uma missa fúnebre por alma dos soldados mortos no assalto de Santa Cruz.

Dizem que o templo estava repleto de gente. O padre fez seu dever, sumariamente, dirigindo orações a um Cristo lívido e ensangüentado, de braços hirtos, atirando do altar-mor, sobre a multidão dos que rezavam, um olhar apagado e irônico.

A missa – não o diziam os anúncios, não o disse o padre – era missa da legalidade: missa rezada em intenção à memória dos soldados que morreram assaltando o Pico.

Pelos outros, parece que ninguém rezou. Os que estavam em Santa Cruz, e que, já depois de vencida a revolta, foram assaltados a pranchadas e atirados ao mar. Esses, nem ao menos no Necrotério, tiveram a velar-lhes o sono a imagem da Senhora da Piedade, - que o altruísmo do sr. Tasso desterrou para a escola de Belas Artes.

Com a imagem de cristo deve ter rido anteontem, no altar-mor da igreja da Cruz dos Militares!

Vida Fluminense

Antigamente, quando Tasso fragoso ainda era um menino imberbe que não tinha força para derrubar ministros e desterrar Nossas Senhoras, quando ainda não existia esta intendência Municipal, severíssima e terrível – começavam hoje as festas do Carnaval.

Era hoje que a loucura convencional e a alegria saíam oficialmente para a rua; todos arranjavam uma gargalhada, uma máscara, meio quilo de bom humor, e saíam de casa, com o propósito firme de sacudir o corpo e a alma, num frenesi, numa agitação, numa febre, num divertimento de setenta horas alucinadas. Hoje, com a intendência que aí está, tudo mudou, desmoronou-se e sumiu-se a tradição do Carnaval, porque a intendência julgou que, para sanear a cidade, bastava impedir que metade da população saísse a suar copiosamente, debaixo de máscaras de papelão e de roupas de metim barato.

Às portas das lojas, pendem, escorridos e desolados, os dominós, desbotam ao sol as casacas dos príncipes: tinem lugubrememente os guizos dos chicards; e há uma tristeza indizível no riso idiota das máscaras, que se balançam sinistras, como cabeças decepadas. Não haverá Carnaval...mas como o Carnaval está morto, viva o carnaval!

A Intendência fez bem. É justo que o povo se divirta, mas também é justo que não se consinta que o povo se divirta demais.

Ele que se contente – o insaciável! E incontestável! – com este macabro Carnaval da Legalidade, que está, há três meses a nos esbandalhar de riso! Que os salões dos *Democráticos* e dos *Tenentes* cedam vitória nos salões do Itamaraty!

E que, vitoriosa, sobre a tristeza e sobre o abatimento dos chifres do diabo e das cabeças do velho, paire a grande, a deliciosa, a alucinante, a macabra alegria da satânica máscara de dois dentes do sr. Floriano Peixoto e da piedosa e apolínea máscara do almirante Custodinho. O Carnaval é deles: em honra deles, este ano: em honra deles o pincho do *cancan*, o estouro do champanhe e o esfuziar das tropas!

O sr. marechal Floriano Peixoto, vice-presidente da República, foi anteontem à Quinta da Boa Vista, onde se demorou em prolongada visita.

Dizem que s.ex. lá escolheu os aposentos que tem de ocupar, quando for chanceler do príncipe do Grão-Pará.

A morte dessa pobre Ada Lotti, a amestradora de pombos, vitimada pela hedionda insalubridade desta cidade inabitável, enche de luto e de tristeza a sociedade dos notígnos fluminenses.

E ela não é a primeira das raparigas alegres que o verão assassina este ano. Vão-se todas, às duas e às três por dias, as belas e infelizes filhas do amor, vindas ao Brasil, na flor da idade e da formosura, para alegrar e deliciar esta macambúzia população. Todas as noites os poucos, que, nesta cidade cheia de Floriano e de Custódio, ainda têm mocidade e saúde moral para amar e rir, notam, nos palcos e nos jardins dos teatros, novas lacunas.

É a febre amarela que as leva, para longe do clarão das ribaltas e para longe dos divãs dos gabinetes particulares, maculando-lhes com o vômito negro a polpa carnuda dos

lábios vermelhos, esbanjadores de beijos. E, palavra de honra, chegam a amaldiçoar este clima assassino!

Já não nos basta um governo que nos tira a liberdade, uma intendência que nos tira a religião, uma política que nos tira a vergonha da cara: temos ainda um clima que nos tira a linha e a correção, fazendo-nos andar com o colarinho suado e quebrado, e que nos arrebatava para sempre o sorriso e o encanto das mulheres bonitas, como essa pobre Ada Lotti, em torno de cuja cabeça, numa revoadada alegre, os pombos brancos, obedientes e cativos, domais ao trato divino de suas mãos sedutoras...

A bernarda. Há jornais que levam a vida a rir de uma coisa que o governo inventou: a conspiração. E para nos fazer mal, a nós que não podemos achar bonito o sr. Floriano, sério o sr. Custodinho, e legível O Fígaro, andam a perguntar-nos se teremos ou não a coragem de fazer uma bernarda, que mande tudo isso de presente ao diabo.

Eu, por mim, para tranqüilizar aos assustados colegas, desde já devo declarar-lhes que, muito provavelmente, não terei essa coragem. Porque não vale a pena conspirar sem mais nem menos, sem *chique*, sem obedecer às regras, sem cumprir as formalidades. E depois da conspiração do 23, que é o modelo das conspirações, essas regras e essas formalidades, estão conhecidas, estudadas, definitivamente assentadas. Ora, eu creio que não conseguirei por em prática essas regras.

Em primeiro lugar, é preciso saber se o ilustre dr. Teixeira Brandão está disposto a recolher-me no Hospício de Pedro II, sem que eu apresente provas de pertencer à família vesânica, em que as alucinações, os histerismos, e as dores fulgurantes, passem, transmitidas por herança, de membro a membro...

Depois, é preciso saber se o meu amigo José Carlos de Carvalho está também disposto a rebocar-me à força de um hospício para um navio cheio no dia em que eu me sentir capaz de mandar o presente de um balaço à Candelária (torre: não confundir com a matriz).

E, ainda, dada a dupla hipótese de eu ser digno desses dois favores, onde irei buscar navio para encalhar na Armação? Onde irei buscar um irmão cacocho, para esbanjar em *apedidos* o resto do subsídio dado por um banqueiro para a revolução? E onde irei – eu que bem conheço quanto são raras essas preciosas existências? –, buscar um *Fígaro* efeminado, doce, adelgado à morfina, cuidadosamente cultivado à sombra, nos mistérios da solidão amorosa, para com esta mão delicada fazer barba à situação?

Há coisas que só sucedem uma vez na vida. E só é uma delas. E já que não posso fazer o 23, como o fez o sr. almirante, -e, aliás, não é a única coisa boa que ele tem feito até hoje, - prefiro ficar, quieto e manso, sem conspirar e sem fazer bernarda. Saiba-o o *Jornal do Commercio*! Saiba o *O Tempo*! Saiba o *Diário*!

Grande banquete a José do Patrocínio, o acaso grande mestre, no dia 1º de março próximo.

Estão inauguradas as oficinas de fototipia da Companhia Photographica Brasileira.

É a primeira vez que se faz fototipia perfeita no Rio de Janeiro: e isso devido ao talento e ao trabalho do diretor técnico da Photographica, o adorável Juan Gutierrez, coadjuvado por um pessoal de primeira ordem. Vi ontem várias espécies dos trabalhos já prontos: uma perfeição. Rivalizam, em acabado e barateza, com as heliogravuras Goupille. A oficina já tem quase pronta a capa do “Guia Indicador do Rio de Janeiro”, que sairá à luz por todo o mês de março.

Eco petropolitano. Na noite do 27, no Palácio de Crystal-Cassino, às 8 horas, grande concerto de caridade.

Concorridíssima a brilhante festa oferecida à Imprensa Fluminense pela nova direção do *Folies Bergères*. Como jornalista, tive de aceitar, em companhia dos colegas, uma taça de champagne que nos ofereceu a empresa. Troquei apenas com os lábios: é que, ao meu lado, havia um redator do Diário de Notícias, esbugalhando os olhos para a taça, a fim de contar os goles que ingerisse. Como o Diário de Notícias e José de Mello têm o firme propósito de fazer crer que a oposição vive sempre a beber, tive o cuidado de me retirar, deixando a taça cheia. Não! Que isto de beber é monopólio dos partidários da Legalidade....

Saí com a garganta seca, mas com a consciência tranqüila.

Parece que, realmente, vai ser processada a *Gazeta de Notícias*, por causa da notícia dos 36. Muito bem: mandando rasgar a edição de um jornal e processando a redação de outro – é assim que a Florianada respeita a liberdade de imprensa.

Está no seu direito. Mas, porque motivo vai ser a *Gazeta* chamada a juízo?

Por dizer uma coisa que carece de provas, não é assim? Reclamo neste caso que também seja chamada a juízo a redação do Figaro, que anda a dizer que o sr. Floriano Peixoto é republicano

Há um drama de Maetlerlinck – *A Intrusa* – em que a morte, anda, como um fantasma, invisível, pairando na cena. Ninguém a vê, todos a sentem: ninguém fala nela, todos a adivinham. Se Maetlerlinck, poeta decadente, quisesse vir ao Brasil, ou pelo menos quisesse inspirar de longe a seu colega Medeiros, - colega na decadência, entenda-se, teríamos um drama ainda mais curioso, em que faria de fantasma o dr. Rodrigues Alves. Com esta diferença: o sr. Rodrigues Alves é um fantasma aperfeiçoado: se ninguém o vê nem ninguém fala nele, também ninguém o sente nem ninguém o adivinha.

Todo o mundo se esbofa a dizer que não há câmbio, que não há crédito, que não há dinheiro, que não há nada. E o sr. Rodrigues Alves, que dizem que é ministro da fazenda, conseguiu por tal forma tornar-se fantasma, que já ninguém se lembra de pedir providências ao ministro da fazenda. Até eu mesmo, estou escrevendo sem ter bem a certeza do que escrevo. Terá morrido o sr. Rodrigues ? terá saído do ministério o sr. Alves? Onde anda o Alves? Esta está o Rodrigues? Quem viu este Rodrigues Alves? Quem me dá notícias deste

ministro? Que é feito do Leroy Beaulieu do Itamaraty? Que fim levou o finaceiro-mor da Legalidade?

É forçoso acabar com isto. Quero um Rodrigues Alves! Exijo um Rodrigues Alves! Preciso de um Rodrigues Alves! Não de me dar conta do Rodrigues Alves! Se está vivo, que se mostre! Se está morto, que eu possa ao menos rezar-lhe pela alma!

Pierrot

Vida Fluminense

Sobre a morte de Romão José de Lima, não houve jornalista que não escrevesse a sua tira, comovida ou indignada, contenciosa ou jovial. Romão teve, ao morrer, as honras de uma celebridade extraordinária.

Enterraram-no ao rufo das caixas da imprensa, atando-lhe ao escuro dorso de velho, encanecido nas lides do jornalismo anônimo, a púrpura de um manto de réu. Não lhe seguiram o caixão guardas de honra, bandas de música, bandeiras em funeral, coches transbordando de grinaldas ricas, com inscrições em letras de ouro. Nada disso: do Hospício, um carrinho reles levou-o para a vala comum, como se ele fosse um sem nome qualquer. Mas, a imprensa não quis que a sepultura se fechasse sem mais nem menos: e dedicou-lhe colunas e colunas de reclames.

Mas, , por um momento, suponhamos que um estrangeiro, chegado agora ao Brasil, abrindo os jornais e lendo esses reclames, - nos pergunta, já pronto para a admiração:

- Que grande homem foi este Romão?
- Foi o rei da mofina.
- Mas o que fazia ele?
- Responsabilizava-se pelos insultos anônimos.
- Ah! Naturalmente.... morreu enforcado ou apedrejado?
- Não, senhor. Morreu louco, cercado de carinhos, e acompanhado de reclames da imprensa.

E o estrangeiro abrirá boca de palmo e meio, e irá pensando com seus botões que é um país original a pátria dos sabiás.

Diz um jornal:

“Mandou-se que o administrador da imprensa nacional recolhesse ao tesouro, para ser convenientemente escriturada, a renda proveniente da impressão do jornal *O Figaro* mas oficinas do estabelecimento”.

O governo esqueceu-se de que, segundo um rifão popular, quem dá e torna a tomar fica corcunda.

*

O sr. Rodrigues Alves, o misterioso ministro da fazenda, não saiu do ministério, o *Diário Oficial* negou a contenda ao negar que se tenha jamais pensado em pedir delicadamente a s. ex. que arranje outro emprego. S. ex., espírito invencível e fantástico, que nem conhece a fazenda nem é dela conhecido, que não conhece a ninguém como também ninguém o conhece, continua no ministério... em S. Paulo.

É o que dizem os noticiários: s. ex. partiu para a bela terra dos Andradas.

E, somente agora, começo a compreender o mistério daquela pasta dirigida por um homem que ninguém conhece.

Comecei por estranhar que um ministro, que está encarregado de administrar as finanças numa época em que as mesmas finanças vão à garra positivamente, - pudesse com tanta facilidade ir tão amiudadas vezes a S. Paulo. Não há semana em que não se leia: partiu ontem para São Paulo... chegou hoje de S. Paulo... torna a partir amanhã para S. Paulo o sr. Rodrigues Alves. E eu a cogitar: que vai ele fazer... que foi ele fazer... que vai ele tornar a fazer em S. Paulo? E não entendia...

Depois, reparei numa coisa. A notícia da viagem de s. ex. a S. Paulo coincide sempre com qualquer impertinência da imprensa perguntando ao governo se o sr. ministro da fazenda se resolve ou não a mostrar que está vivo fazendo alguma coisa. Cada curiosidade jornalística coincide com uma partida de s.ex.

Preocupou-me o caso.

E, felizmente, pude chegar a resolvê-lo: - o sr. Rodrigues Alves não existe!

- Como não existe?

- Não existe! Rodrigues Alves é uma invenção. Rodrigues Alves nunca houve.

E para que haveria Rodrigues Alves? Para guardar e gerir o tesouro, basta a sentinela vice-presidencial que lá está.

Simplemente. Como não convém modificar bruscamente as coisas que o povo está habituado e como o povo está habituado a ter um ministro da fazenda, arranjou-se um Rodrigues Alves, entidade abstrata, impalpável, irreal.

E quando o povo começar a achar que este Rodrigues Alves não faz nada, que faz o governo? Para que o povo não chegue à conclusão de que não há Rodrigues Alves nem nada, manda anunciar que Sua Abstrata Excelência partiu para S. Paulo.

É esse o caso. Rodrigues Alves não há.

271 pessoas visitaram ontem as galerias da Escola Nacional de Belas Artes.

Eco niteroiense. Na rua da Praia e países circunvizinhos, corre um boato, rosnado, manhoso, insistente.

Diz-se que o dr. Alfredo Madureira é um homem sumamente discreto, que, para não revelar certas coisas, não diz à ninguém a razão verdadeira porque teve que deixar a chefia da polícia paulista. Diz-se que mais que mesmo, se bulirem com ele, o dr. Alfredo será capaz de não trazer a público, ainda por discrição, as contas de carros para pessoas mais ou menos carlistas - contas cujo pagamento fez um rombo considerável nos esgotados 47 000\$000 da verba...

Mas, são - palavras, palavras, palavras e.... - como Shakespeare dizia, boatos... Quem liga importância a boatos?

Pierrot.

Vida Fluminense

Dez horas da manhã. Manhã clara e alegre, de domingo, ressoando de repiques de sinos, inundada de sol.

E, no bonde, caminho da cidade, interrompo a leitura dos jornais, para ficar numa beatitude feliz, olhando o céu azul, vendo gente que passa, risonha, com roupas domingueiras, saboreando a frescura do dia, não ainda de inverno, não já de estio, dia agradável de outono, em que os flamboaiãs da rua começam a cobrir-se de manchas de ouro.

E, de repente, o bonde pára. Entra uma família, Cinco raparigas coradas e frescas, nas toilettes brancas de passeio, amplos chapéus de palha cheios de flores, cinturas finas apertadas em faixas de seda.

Entram, e o bonde enche-se logo de uma tagarelice trafega, de um chocalhar de risadas claras, de um perfume indefinido de carne moça e de alegria. E essa alegria invade a rua, invade o céu, ri nas manchas de sol que palpitam pelas paredes das casas, nas folhagens do arvoredo... E quando em quando uma carruagem passa, arrebatada pelo fronte largo de dois cavalos de raça, descoberta, levando para o ar livre dos subúrbios gente sedenta de luz, ansiosa pelo sossego e pela higiene do campo.

E, como os jornais caídos, também me deixei invadir por aquilo, esquecido de tudo, esquecido de que há um Floriano, que reina, e um Miguel Lemos, que oficia. Mas, no Catete, um carro fúnebre, cheio de coroas rosa, seguido de uma fila de outros carros em cujas almofadas agoureiras e lúgubres recostam-se homens de cara compungida, amortalhados em hediondas sobrecasacas pretas.

Um enterro. E outro depois, e outros e outros, estragando a alegria da manhã, arrastando-se em dia para S. João. Realista, conduzindo para a paz do cemitério os que pagaram o seu tributo forçado à febre amarela.

Descobrem-se todos, cessa o riso, cessa o papagueio festivo das cinco raparigas. E volto de novo aos jornais, lembrando-me de que Floriano continua a reinar, de que Miguel continua a officiar, de que Tarso continua a fazer posturas, de que Antão continua a gerir as plantações e os malotes administrativos, de que Innocencio continua a dirigir quatro pastas, artista de qualquer instrumento.

Porém, no Passeio, quando o bonde passa no lado das grades do jardim, donde se debruçam, balouçando-se, tufos copados de folhagens, - o riso das cinco raparigas volta a cantar a serenidade da manhã e eu volto a ouvi-las, a olhá-las, coradas e frescas, com a boca úmida e vermelha e os olhos fulgurantes de malícia.

E, de novo, ó inconstância das alegrias e tristezas! – começo a achar boa a vida, apesar de todas as calamidades, e, abrindo o *Jornal do Commercio*, venho até a cidade embebido na leitura do prefácio do novo livro de Renan, esse bom velho de alma sadia, cuja única mágoa, aos 70 anos, é não poder de novo começar a vida, pra a gozar de novo, com a pureza de seu otimismo delicioso...

E chego à cidade tão bem disposto e tão alegre, que, quando me dizem que está aberta uma inscrição para se oferecer ao sr. Peixoto o seu busto em bronze – a minha vontade é de ir logo assinar um mês, dois meses, um ano do ordenado para que s. ex. não deixe de ficar eterno no bronze imorredouro.

E que o sr. Floriano, por mais incrível que nos pareça, é um homem como os outros: come, bebe, dorme e faz anos.

Faz anos no dia 30 do mês que vem. E é para solenizar esse aniversário glorioso que se está tratando de fundir, no clássico metal das consagrações, o seu heróico e formidável busto de pai do 23 e das deposições. Desde já, com grande abundância de coração e frenético entusiasmo de alma, declaro que aprovo francamente a nobre idéia.

Primeiro, porque para homens assim não se poupam bronzes, nem carinhos. Segundo, por causa de uma história da qual me lembro agora e que encerra um ensinamento profundo e salutar.

No dia 14 de novembro de 80, li nas folhas que a Associação Comercial do Rio de Janeiro, grata aos patrióticos serviços do sr. de Ouro Preto, último chanceler do Império, ia mandar talhar em mármore a sua estátua. E vinte e quatro horas depois, o sr. de Ouro Preto, rolava da Rocha Tarpela do quartel-general abaixo.

Não hesito. Acho que se deve mandar fundir em bronze, quanto antes, o busto do sr. Floriano, O busto? Por que não a estátua? É bom que em tudo se pareça o caso do sr. de Ouro Preto com o caso do sr. Floriano, seu companheiro de ministério, seu correligionário, seu camarada do Paço, seu homem de confiança.

Quanto é preciso assinar? É só dizer. Assino tudo.

Duas músicas novas, na casa Duschmann: *Fausto na ponta*, polca de Margarida de Souza, e *Orithya*, *schottisch* de Ferreira Torres.

Boato falso – do *Tempo* de ontem:

“Malditas emissões! A quanto obrigas, que fazes seres devotos os mais emperrados hereges!”

E tu, ó maldito governismo! A quanto obrigais, tu que fazeis ofenderem a gramática os mais emperrados jornalistas!

Aposto a minha cabeça...(É bom notar que não faço isso com grande sacrifício, porque nos tempos que correm, todas as cabeças estão à mercê do sr. Floriano, e ninguém pode afirmar, com boa razão, ser o dono legítimo e o legítimo possuidor da que tem sobre os ombros). Aposto minha cabeça como o governo federal não é capaz de fazer com a imprensa fluminense o mesmo que o sr. Barros Cassal fez com a imprensa rio-grandense.

Não! o sr. Floriano Peixoto é capaz de fechar os jornais; mas não é capaz de exigir que eles tragam a assinatura do auto por baixo de todos os artigos, anedotas, crônicas, apedidos e anúncios. Não! Mil vezes não! A s. ex. não é capaz de semelhante violência.

Porque imaginemos que s. exa. imitasse o sr. Barros Cassal. Que sucederia? *Pierrot* assinaria aqui seu verdadeiro nome, mas também aquele apedidista proteiforme, aquele

cuja corcunda se oculta debaixo dos pseudônimos de Vindex, de Aristacho, de Sargento-Mor, de Aspirante, seria obrigado a por o seu delicioso, o seu querido, o seu imortal, o seu célebre, o seu suave, o seu verdadeiro nome de Antonio José de Mello por baixo dos aranzéis em que defende o mano, e o encalhe do mano, e o governo do mano, o 23 do mano, e o reboque do mano. E o mano teria de mandar recolher a um frasco cheio de espírito de vinho, convenientemente lacrado, a múmia que o defende, e entoa, quase todos os dias pelo *apedidos* do *Jornal*, o *Te deum laudamus* dos legalistas à legalidade arrebetada a 23.

Não! Mil vezes não! Aposto minha cabeça como o governo federal não é capaz de imitar o sr. Barros Cassal: podem ficar tranquilos todos os Mellos e todos os apedidistas mais ou menos irmãos da legalidade!

Lindíssimo o número da *Revista Ilustrada*. O retrato do sr. Sizenando Nabuco é um primor artístico, e a sua inclusão no número da *Revista* significa uma bela e merecidíssima homenagem prestada à memória do nosso querido e saudoso amigo.

Entre os médicos, professores da Faculdade, reinou um alvoroço e um alardoamento fáceis de compreender. É que esses professores têm de autopsiar e dissecar cadáveres, para estudos da medicina legal e da anatomia prática. Até agora, faziam-no simplesmente, naturalmente, tranquilamente, deixando o cadáver sobre o mármore da mesa e enterrando-lhe nas carnes o escalpelo. Agora, o caso é outro. O sr. Tarso Fragoso não quer absolutamente que se faça autópsia nenhuma sem prévio consentimento do morto. E os professores, atarantados, vão, a convite do sr. Barata Ribeiro, reunir-se, afim de ver se entendem a nova exigência misteriosa da sibila macha do positivismo e da intendência.

Que se reúnam. Mas, é tempo perdido. Quem quer entender Tarso, arrisca-se a ir para o Hospício. Ele nasceu para não ser entendido, hieróglifo de pernas e braços, enigma de pince-nez: charada de bigodinhos.

Aconselho aos professores que se deixam dessa pretensão e adotem um alvitre que me parece o único razoável. Quando, tiverem de fazer uma autópsia, deem o cadáver sobre a pedra mármore, e mandem chamar o sr. Tarso Fragoso, para que ele se encarregue de perguntar ao morto se é ou não da sua vontade dar consentimento prévio à projetada autópsia.

É o único meio, parece. Quem inventa as modas, agüenta com elas. Porque o sr. Tarso Fragoso, que é um menino prodígio é a única pessoa capaz de se entender bem com cadáveres. É mesmo o ponto de contato que há entre o jovem intendente de Comte e os devedores convictos.

Parece certo que se reabrirão no dia 10 de abril os Concertos Populares, que tanto deliciavam antigamente os apreciadores de boa música, aos domingos, no S. Pedro de Alcântara, quando dirigidos por Carlos de Mesquita.

O diretor dos novos concertos será o maestro Domingo Machado.

Civilizamo-nos. Antigamente os nossos *pick-pockets* eram uns gatunos sem idéia, sem iniciativa nem preocupação artística. Um empurrão no meio da rua para furtar um relógio, uma gazua para abrir uma porta, e nada mais. Parava aí todo o seu talento inventivo. Agora já temos ladrões que trabalham com *chic*. Já sabem empregar o cloral para fazer dormir as mulheres com quem deitam-se, e despojá-las a vontade das jóias. Civilizamo-nos.

E com o tempo, e com os progressos da nossa civilização, é provável que dentro em pouco tenhamos por aqui criminosos dignos e geniais, como os de Whitechapel, uma meia dúzia de Jacks sanguinários, por exemplo. Mas, com a devida vênia do sr. Floriano está visto...

Porque nessas coisas de sangue derramado, o sr. Floriano é maestro, e não admite que ninguém lhe tome as dianteiras.

Pierrot

GAZETA DE NOTÍCIAS

Chronica Livre

Há hoje uma semelhança notável entre esta seção e os barões e viscondes do império. Quinze de novembro. Logo ao nascer, quis atrelar os campos antigos, e estourou-se os golpes de decretos democráticos. Enquanto nesses campos viçávamos humildemente, [*ilegível*] vegetação rasteira. Nós, a arraia miúda da sociedade, - havia arbustos – barões que se elevavam a um ou dois metros acima do solo, e árvores – duques e marqueses que ameaçavam às estrelas com a fronde atíssima. Quinze de novembro acabou com isso. Ficou tudo nivelado.

Mas os tempos correram e tudo voltou aos tempos antigos. E hoje há quem use título de barão ou de visconde, se bem que depois do quinze de novembro já não há viscondes, nem barões. E é justamente único que se pareça esta crônica com os viscondes e os barões: continuam a chamar-se livre como se não estivessem em estado de sítio.

Que importa? Glorifiquemos a rolha....

A imprensa tem a necessidade de ser de quando em quando sufocada. Esses períodos de asfixia servem para lhe dar um repouso forçado: e durante esse reforço ela se fortalece, restaura a força esbanjada nas orgias da liberdade, e arrisca de novo o ruído nervoso que dissipara, prodigamente, em artigos sem freio. Tudo se gasta no mundo, com o tempo. Dizem até os astrônomos que o próprio sol, se não tomar juízo, se verá forçado dentro de alguns milhares de séculos a apagar a sua luz...

Ah! Nem nós sabemos o que perdemos, quando, pelas janelas do jornal, atiramos à rua as nossas idéias, às mãos cheias, sem conta nem medida...depois falamos tanto, que não temos tempo para ouvir nem pensar. E há períodos históricos terríveis, durante os quais ouvir é melhor do que falar.

A rolha providencial deste estado de sítio vai fazer com que não percamos estrondo de um só dos tiros que se estão trocando. Se continuássemos, durante o tiroteio, a gozar de inteira liberdade de imprensa, desataríamos a desfazer-nos em considerações e frases, e esta estrondosa lição, que as metralhadoras nos estão dando com as suas bocas [*ilegível*], seria completamente perdida.

A geração dos que estão agora a completar os trinta anos, não ouviu ainda de tão perto o barulho da artilharia. Quando nascemos, os nossos pais vinham do Paraguai ou iam para o Paraguai, a pagar seu imposto de sangue. Voltaram, apertaram-nos de encontro aos peitos condecorados, e educaram-nos em paz. Em paz crescemos, em paz nos fizemos homens, vendo passar por nós revoluções pacíficas que se faziam com camélias e rosas espetadas nos canos das Comblain, presenciando demolições de [*ilegível*] e tiros de pólvora seca, e deposições de governadores a golpes de telegramas. Chegou agora a ocasião de ouvir de perto o canhoneio: não a percamos. Glorifiquemos esta rolha que nos sufoca o papaguear inútil, e nos obriga a recolher cautelosamente dentro do ouvido e da alma a voz sábia dos canhões, pontuando de balas e de sustos este período de nossa vida.

Na garrafeira, a garrafa que dorme, convenientemente arrolhada, está concentrando e reabastecendo a existência do seu conteúdo; quem sabe lá o que está pensando a garrafa que dorme, placidamente fechada na garrafeira? Está talvez antefendo a satisfação que terá, no dia em que se vir às mãos do imperador que tiver sede. Cabem cogitações filosóficas no bojo de uma garrafa, tão bem como no bojo de [*ilegível*]

Dentro da garrafa, arrolhada, talvez o vinho esteja dizendo: “Oh tu que me prendeste, espumante, dentro deste cárcere de vidro! É tu que, meu senhor absoluto, atarraxaste sobre a minha impaciência o jugo desta rolha que me oprime! Hoje, tu mandas e eu sou teu escravo... Mas dia virá em que tua própria mão me retire essa rolha. Beber-me-as, voluptuosamente. E eu acenderei no teu sangue a loucura da embriaguez, e empolgarei o teu cérebro, e te maniatarei os pulsos. E então serei como o teu senhor absoluto e tu serás o meu escravo!”

Glorifiquemos a rolha, meus amigos! E reflitamos em paz, enquanto os [*ilegível*] sibilam. Convém que aprendamos, à custa do terror das nossas mães e do arrombamento dos nossos [*ilegível*], a condenar a passividade criminosa em que temos vivido, deixando que nos governem os que deviam ser governados por nós. E, quando os nossos filhos pequeninhos nos perguntarem que barulho é este armando os ares, não lhes respondamos, que é o Papai do céu que está zangado com os meninos malcriados. Respondamos, com verdade, que é uma coisa de que todo mundo tinha medo, porque ainda não a tinha visto nem ouvido, e que, depois de visto e ouvido, tem tanta importância como uma brincadeira de bichos chineses em noite de Santo Antônio.

Oh! Rolha abençoada que estás substituindo o doutrinário dos artigos inúteis pela reflexão silenciosa, em que se ganham idéias e não se perdem palavras!

O.B.

Anúncios

Cada vez me convenço mais de que não há leitura tão útil, tão instrutiva, e ao mesmo tempo tão desopilante, como a dos *apedidos* e anúncios. Para prova, aí tem vossas mercês essa declaração crônica, em que a Sra. Mansoni fez a apologia de não sei que xarope milagroso – declaração que tem fornecido assunto alegre à verve de todos os cronistas. Eu, por mim, confesso que prefiro a leitura dos anúncios a dos artigos de fundo. Lendo os artigos de fundo, estuda-se a orientação deste ou daquele diretor da opinião pública: lendo os anúncios, os apedidos, as declarações, estuda-se a orientação da grande massa do povo.

Que margem larga, por exemplo, dá às cogitações de um filósofo esse anúncio tão repetido de tinturas para os cabelos!

O inventor, apresentando o seu preparado, exclama todos os dias, em todos os jornais, em tipo grosso: não há mas cabelos brancos!... A gente que vai dobrar o cabo dos cinquenta anos, vê com mágoa ao espelho embranquecerem de dia para dia os cabelos, - da primeira [* *na impressão original do jornal falta uma linha* *] tão novo como vós: amai-me, porque a velhice não reside no coração, mas nos cabelos. E já não há cabelos brancos.

Já vem vossas mercês que o inventor desta tintura merece mais respeito e amor do que Kant, Comte e todos os filósofos da terra... Os filósofos deceparam-nos de uma a uma as ilusões, ao passo que esse digno farmacêutico X vende aos velhos pelo módico preço de 3\$000 um frasco de ilusões e de mocidade.

Ontem, dando-me eu à minha leitura predileta, saboreei, não sei em que jornal, dois anúncios igualmente sugestivos. Dizia o primeiro: “Uma senhora, moça, com negócio particular, achando-se com necessidade de capital, vem por este meio pedir a proteção de um cavalheiro sério, que lhe empreste 30\$000”.

Isto dói dentro da alma. O comércio e a indústria, odiosamente monopolizados pelo homem, só tem espinhos e desilusões para as senhoras que lhe dedicam a sua atividade. Vê-se freqüentemente um homem vir a público declarar que precisa para este ou aquele negócio de um capital de cem, de mil, de dois mil contos de réis; nada mais comum; e os dois mil contos aparecem sempre. Quando se trata, porém, de uma senhora, o caso é outro. Aqui tem os senhores esta senhora, estabelecida com negócio particular, e que vê o seu comércio paralisado pela falta de uns miseráveis cinquenta mil réis. Não cogitemos de saber a natureza desse negócio particular: não temos o direito de o indagar, uma vez que a senhora é a primeira a dizer que se trata de negócio particular e não público. E a negociante é moça! E, naturalmente é bela, porque na mulher, a mocidade já é meio caminho andado para a beleza... Verão que nenhum cavalheiro sério a socorrerá! Os homens são de um egoísmo sórdido...

Se esse anúncio me fez meditar amargamente sobre a sorte do sexo frágil, que [* *na impressão original do jornal falta uma linha* *] que ele sabe, naturalmente, que, em contato

com a alma rabugenta de uma velha, azeda-se a alma da criança: uma primavera carece de ser guiada, não por um inverno, mas por outra primavera, ou ao menos, por um belo verão sadio e claro.

Exige depois que a dama seja simpática. Outra condição essencial: a criança é como a planta, que se desenvolve e aperfeiçoa à feição do meio que a cerca. É sabido que as senhoras grávidas, contemplando sempre, durante a gravidez, pessoas ou causas belas, vêm a dar à luz filhos igualmente belos. Essa influência do meio sobre a criança, durante a vida intra-uterina, - continua cá fora, quando a criança já respira, já anda, já fala. Assim, não creiam que o senhor viúvo queira instalar em casa uma dama formosa, só por amor da satisfação dos próprios olhos: o que ele quer, é que os filhos cresçam, em alma e corpo, agradavelmente impressionados por um espetáculo de beleza, de saúde e de mocidade.

A terceira condição exigida também é essencial.

Se a dama de companhia for uma senhora dependente de um ou mais homens, de um ou mais preconceitos, - o espetáculo diário dessa dependência será nocivo ao aperfeiçoamento moral dos filhos do anunciante. Não senhor! É preciso que a dama seja independente, que possa fazer o que lhe vier à cabeça, que possa dispor do seu nariz e do seu coração à vontade, que possa amar o padeiro da esquina, ou... o senhor viúvo a sel bel prazer.

Que pai! Que sabedoria! Que orientação! E que estofo de pedagogo moderno há neste anunciante...

Não! Decididamente lucra-se muito mais lendo os anúncios, do que lendo os artigos de fundo!

Fantasio

João e Manuel

Estava eu me convalescendo numa fazenda do interior, no bom tempo, em que carne de escravo se vendia como carne de boi, e em que a patifaria da lei de 13 de Maio não viera ainda a ferir de morte os sagrados direitos dos mercadores de gado humano. Bom tempo! Abençoadíssimas eras...

E, pois, estava eu convalescendo numa fazenda do interior. O feitor dessa fazenda trabalhava sobre humanamente. Os escravos eram mais de trezentos! – imaginai, mais de trezentos! – e o feitor era um só... Era um mulato garboso e escoreito, face dura, e músculos mais duros ainda. Mas, apesar da sua robustez, quando chegava a noite, estava derreido: surrar trezentos homens por dia não é trabalho menor do que o de Hércules, o qual, se devemos acreditar ns crônicas, dava santificação da maternidade a trezentas esposas por noite.

Um dia, encontrei o feitor a cavalo em traje de viagem, seguido de muaras, sobre cujos lombos as suas canastras oscilavam...

- Que é isso, *seu* João, vai viajar?

- Vou, *seu* doutor! Pedi uma licença e vou descansar, que não posso mais!

- Está aborrecido do ofício?

- Qual, *seu* moço! O trabalho honrado nunca aborrece... Mas cansa! Tenho os braços espatifados: vos descansar um bocado! Passei o vergalho ao meu substituo legal.

Este substituto legal do João era o Manuel, outro mulato, igualmente escoreito e garboso, talvez não dotado de igual força, mas não dotado de menos entranhado amor do ofício.

- Adeusinho, *seu* doutor! Vou refazer as forças... Olha que estes negros dão cabo de um homem!

Acredito, *seu* João, acredito! É o diabo ter a gente de ganhar o pão à custa do suor das costas dos outros...passe bem!

E o João, dando de rédea o cavalo, abalou.

Lembrei-me ontem do João, lendo nesta mesma Gazeta, a notícia de que o governador de um Estado da União – aquele mesmo governador que costuma chamar ao palácio os jornalistas da oposição para os abordar convicta e constitucionalmente, - deu parte de enfermo e passou o governo ao seu substituto legal. Pensar a gente que ainda há quem queira ser governador, quando o exercício desse alto cargo arruína, pela violência das suas atribuições contundentes, a mais robusta saúde!...

Não há raça pior nem mais insubordinada, nem mais insolente, nem mais carecedora do pancadas, nem mais exasperadora da paciência dos governantes, - que esta abominável raça dos jornalistas.

O governador que deseja manter no seu estado a disciplina e a ordem, carece de estar sempre vibrando o cacete sobre as costas dos borradores do papel. Ao cabo de um ano de governo, não há bíceps presidenciais que resistam a esse regime. Corrigir a imprensa é uma obrigação esfalfante. Por isso, o governador do Estado a que me refiro, como o João da Fazenda, terá de pedir licença e passar a bengala ao vice-governador.

Mas, sossegai! Felizmente para a tranqüilidade do Estado, os jornalistas não lucrarão muito com isso. Se João, derreido pelos excessos da ação contundente, se vê forçado a descansar, - lá fica Manuel, que não é dotado de igual força, não é com certeza dotado de menos entranhado amor ao ofício.

Fantasio

Um suicida

Aqui temos de novo a série vermelha, no [*ilegível*] da vida fluminense. Mata-as agora a valer, em casa canto desta boa cidade. Estamos com uma farta provisão de estranguladores, de esfaqueadores, de envenenadores.

Aqui, um marido mata a mulher; ali um credor mata o devedor; adiante, um proprietário mata um gatuno; mais além um gatuno mata um proprietário.

Mas, como a felicidade de ser assassinado não é felicidade que chegue todos, não falta também quem, desesperado de achar na volta de uma esquina o braço providencial de um matador, delibere com seu próprio braço empurrar [*ilegível*] da estrela pária que dá para a grande treva. E, assim, a metade da série vermelha é constituída pelos assassinatos, a outra metade é constituída pelos suicídios...

Oh! Os suicídios! Podem eles repetir-se, multiplicar-se; podem, sobre eles, chover as considerações e os comentários impressos; podem eles tornar-se tão comuns, tão freqüentes, tão vulgares como os nascimentos, os casamentos e as mortes naturais; que importa? O mais insensível dos homens sente sempre um frio na medula quando tem notícia de um desses voluntários desaparecimentos, de uma dessas conscientes eliminações...

Eu, por mim, fico sempre, diante de uma notícia de suicídio, pensando naquele *Kirilov*, de Dostoiévski, que tinha resolvido matar-se por orgulho, por estagnação da força moral: “aquele que vence o sofrimento e o medo é Deus: Deus aquele que ousa matar-se...”. É desequilíbrio cerebral isso! Naturalmente: mas entre o desequilíbrio que gera a suprema bravura, - a de aniquilar a vida - e o desequilíbrio que gera a covardia suprema, - a de viver enlameado, desonrado, manchado; só pelo prazer de viver - pelo que o mais nobre é com certeza o primeiro.

Como tudo isto é banal! Mas, que quereis? Houve há poucos dias um suicídio que me encheu a alma de espanto e mágoa: Trata-se de um jovem jovial, remediado, estimado, pai, marido, feliz. Poucas horas antes de se matar, saiu a passeio, conversou com amigos, fez compras para a família, entrou em casa bem disposto e alegre, abraçou carinhosamente os seus, recolheu-se a um aposento afastado... e matou-se. Não mostrara a ninguém a resolução terrível que afagava em silêncio; não deixara que lhe viesse à flor do olhar uma chispa só do fogo que lhe comia a alma; - e saía da vida em silêncio, achando que ninguém ba vida era digno de receber a confidência do seu protesto derradeiro.

Logo, em torno dessa trágica morte, começaram a ferver os comentários.

A imprensa está habituada a registrar o suicídio dos que não hesitam em deixar polidamente à sociedade o seu cartão de despedida e, com ele, uma explicação sumária das razões que os impelem a esta partida precipitada. Como se a sociedade se incomodasse muito com isso! Por que se mata um homem? Porque a vida o fatiga. Mas a vida não é apenas a fome, a miséria, a moléstia, a dor. A vida é, antes de tudo, a convivência, a obrigação de suportar os vivos: se o homem se mata para dar um pontapé nisso tudo, porque perde ainda tempo em dar uma prova de consideração aos que despreza? Que importa ao que se vai a opinião dos que ficam? Explicar as razões do suicídio é ainda amar a vida, é ainda estar preso à sociedade, é ainda ter medo da morte.

Habituada a registrar o suicídio dos que partem, espetacularmente, deixando cartas, a imprensa alarmou-se junto da casa desse homem que saía do mundo sem estrépito, como

um conviva cansado sai às escuras de uma festa, porque se aborrece, porque a alegria dos outros o ofende, porque acha que chegou a sua hora de dormir.

Numa época em que tanto se fala em liberdade, não é singular que se queira assim negar a qualquer a liberdade de ir dormir quando tem sono? Ainda ontem um jornal perguntava: ‘por que se teria matado fulano?’ Que profanação! Matou-se fulano porque quis. E quis também que fosse ignorado o motivo da sua eliminação – porque teve o orgulho da sua dor, escondeu-a avaramente, indicando desse modo que desejava levar pra a treva o seu segredo. Por que não há de a imprensa, por que não há de a polícia, por que não há de todo mundo respeitar esse segredo? Por que não há de ser respeitado o nobre amor próprio daqueles, que, não tendo dito porque nasceram, não se julgam obrigados a dizer porque morreram?

Fantasio

Rodapé

Há, nesta época ardentíssima, em que se odeia o sono porque o sono é pesado e suor, um prazer inefável ao sair de casa, de madrugada, quando as estrelas ainda velam o céu e lá esperam o sol à beira-mar, numa praia de banhos. Já não quero, tímida gente, que todas as manhãs entreguem seu corpo aos frios abraços da água salgada: só quem teme a alma [*ilegível*] ousa entrar sem medo, o selo traiçoeiro de Netuno. Ninguém...Mas aconselho a todo o mundo este divertimento barato: ver a nudez dos outros e principalmente das [*ilegível*].

Mas isso é raro. As mais assíduas freqüentadoras do banho de mar são anafadas senhoras, já entradas em anos e em erisipelas, buscando diminuir as banhas e os achaques no convívio das vagas. As mulheres moças e belas preferem o sono longo, pela manhã adiante, depois da noite de teatro e de baile, apesar do calor, apesar do suor. Que importa? Não vou ver nascer o sol, à beira-mar, para ver mulheres bonitas.

Ora, anteontem, quinta-feira, tinha eu chegado ao Boqueirão, para dar aos pulmões uma farta ração de ar puro. Havia, no céu e no mar, e na crista das montanhas, aquela alvorada de opala e de ouro, de lírios e de púrpura, que já deixei lá em cima descrita. Na ponte, cruzavam-se, indo e vindo, os que buscavam o mar e os que dele voltavam. Para cá da bóia, a água estava coberta de nadadores. E, por exceção, havia, nesta manhã, muitas senhoras, nadando, umas mais confiadas na própria agilidade e no próprio sangue frio; outras entregues aos cuidados dos braços amigos de um pai, de um marido, de um noivo, outras ainda entregues aos cuidados mercenários dos braços dos banhistas de profissão. E foi então que deu o escândalo, que todos os jornais de ontem contaram: o aparecimento de um homem nu, mas completamente nu, serenamente, atravessando a ponte, com passos calmos e medidos, dispondo-se a mergulhar nas ondas como Adão mergulhava nos rios do Édem, sem calção de Manelia, sem blusa, sem alpercata de corda trançada.

Foi grande o barulho dos protestos, e, disto, tenho grande satisfação em poder confirmar o que disseram as gazetas: as senhoras perderam a calma com que nadavam e tapavam os olhos, soltando gritinhos de espanto e vergonha; os homens rugiam, cerrando os punhos, contra o imprudente que assim escandalizava o Boqueirão; o próprio rubor da aurora, que já ia desmaiando, avermelhou-se um pouco, querendo associar-se à indignação das gentes que se banhavam; houve, enfim, um grande movimento de protesto, que acabou pela prisão do desnudado cavalheiro.

Há um ponto, porém, em que tenho o dever de desmentir os jornais. Dizem eles, para explicar o ócio insólito, que o atrevido banhista estava bêbado.

Não! O célebre verso de Camões não ia ter uma aplicação prática; os banhistas do Boqueirão não iam ver

entrar no reino d'água o rei dos vinhos

Tive tempo de sobra para examinar à vontade o escandaloso senhor e posso afirmar que aquele denotado reformador dos costumes não obedecia ao impulso de uma noite de excessos alcoólicos, mas ao impulso de uma decisão firme, assentada depois de maduras e aturadas reflexões. Ides vê-lo!

Compreendeis que, entre o aparecimento do Nu e a sua prisão, correu algum tempo: o tempo do pasmo, da indecisão, da nudez forçada, da quase paralisia que sempre acomete um homem ou uma mulher, diante de um acontecimento inesperado.

As bocas, antes de rugir, abriram-se desmesuradamente, escancaradas pelo assombro; os olhos ficaram abertos e fixos, os barcos entorpeceram. Foi neste curto espaço de espanto que pude observar o Ousado.

Não era, por certo, nenhum acabado e perfeito anúncio de beleza masculina, de apolíneo corpo, que lembrasse o corpo de Hércules Farnásio ou o do nunca assaz celebrado Phebo de Belvedere.

Mas não era também nenhum monstro: era um homem vulgar, destes que a nossa acanhada idade por aí produz nos milhões. Atravessou com uma grande calma a ponte, cruzando os braços nas costas, empinando o tórax peludo, quase cerdoso, trazendo alta a cabeça num ar de desafio, dando ao vento do mar a cabeleira revolta.

Não precipitava os passos, repito, caminhava com a segurança e a ousadia de quem sabe pra onde vai e não tem medo do que o espera; não cambaleava: tinha nas pernas cabeludas e grossas a firmeza de um presidente honorário de sociedade de temperança. Quando chegou ao fim da ponte, parou: deu sobre si mesmo uma volta, como querendo mostrar à terra e ao mar, no nascente e no ocaso, às fortalezas da barra e à floresta da Tijuca, o estado completo de sua nudez. Depois, firme, voltado para o posto em que se aglomeravam os banhistas, ficou a fitá-los, com um olhar claro e seguro.

Ah! Que não saiba eu dizer-vos o que havia de afronta calma, de desafio sereno, de inabalável resolução, de radical desprendimento das convenções mundanas no clarão daqueles olhos imperturbáveis!

Foi aí que subiu o clamor dos protestos...Ele não pestanejou. Deixou-se prender sem uma blasfêmia, sem um gesto de cólera, sem uma revolta – como quem não esperava outra coisa. E caminhou entre os praças de polícia, como o justo entre os soldados de Roma – certo de que havia cumprido seu dever.

E vou eu agora dizer-vos o que penso desse reformador, ora pagando o seu crime na palha úmida e infecta do cárcere.

Mártir de uma idéia nova, esse é um dos poucos homens de valor moral e de integridade de alma capazes de se abalancharem à peleja contra o fato consumado, contras as coisas estabelecidas, contra a ignorância da tirania do Uso. Não podia deixar de ir para o xadrez, desde que o mundo é mundo, é a fatal recompensa dos gestos incompreendidos. Mas atrás dele outros virão, e talvez a reforma vingue, para felicidade da tribo carioca.

O Lutero do Boqueirão, o Calvino do Cais do Passeio, o João Huss dos banhos de mar, não é brasileiro. Soube-se na polícia que é filho da Europa, filho de um país em que há frio e neve. Aqui chegou, aqui travou relações com estes assassinos calores do Rio de Janeiro, e a si mesmo perguntou:

“Por que vive esta gente vestida? Por que não anda esta gente nua? O ano tem aqui um verão que dura doze meses... A nudez é o estado natural do homem... O homem nasce nu... Quem nasce empelicado é uma exceção... Compreende-se ainda que, nas terras dos gelos e dos ventos cortantes, o homem trate de corrigir um estado natural de tortura. Mas aqui, onde a pele vive sempre escaldada, e úmida de suor, e perpetuamente picada de raios de sol cruel, por que não anda esta gente nua? ...

E olhou para dentro de si mesmo, examinou-se, estudou-se, mediu conscienciosamente a sua força moral e deliberou entrar em campanha. Avivadamente não quis perder tempo em percorrer às colunas dos jornais e à tribuna das conferências públicas.

Entendeu, e entendeu bem, que a melhor propaganda é a propaganda do exemplo, a que entra pelos olhos e não pelo ouvido, e por isso mesmo, fundamente cala no espírito. E, depois de fazer as suas orações, disposto a sacrificar o sossego, a felicidade, a liberdade e a mesma vida, despiu-se, esperou a hora de maior aglomeração de banhistas no Boqueirão, cruzou os braços atrás das costas, para bem pôr em evidência a sua nudez, e enveredou pela ponta...

A quem queria ele escandalizar?

Não queria escandalizar a natureza... Essa, se é que pode se revoltar contra alguma coisa, só se pode revoltar contra o hábito de andar vestida a gente... Aquelas águas do Boqueirão, as orlas frescas de toda a longa praia de banho da Guanabara, devem lembrar-se ainda da gente forte, acobreada e nua que aqui vivia antes da descoberta. Não tinham vestimentas aqueles nobres filhos do Brasil, que combateram os Sás e que com os Sás se ligaram para rechaçar os franceses; não usavam roupas aqueles admiráveis guerreiros, que, ao mando do heróico Ararigbóia, cruzavam, nas suas esbeltas canoas de batalha, erçadas de arcos e flechas, ressoantes do barulho dos maracás, as águas plácidas que anteontem viram nu o nosso atrevido Reformador...

O nosso audaz Reformador queria escandalizar esta gente louca que, numa fomalha de 10 graus, anda embrulhada em sobrecasacas que pesam mais do que cem remorsos, enforcada em gravatas mais grossas do que cabos de navio, equilibrando sobre a cabeça cartolas mais altas e mais negras do que as chaminés da *City Improvements*... E escandalizou-a! Houve rápidos esmurros no ar! E houve olhos tapados, bocas torcidas, punhos cerrados! E os jornais se alarmaram! E aqui estou eu pensando, pondo de parte assuntos urgentes, para tratar do seu caso flamejante de escândalo.

Está preso o Reformador.... que importa? Podem enforcá-lo, guilhotiná-lo, fuzilá-lo, empalmá-lo que importa? Podem salgar o terreno de sua casa, podem declarar infame a memória de seu nome, podem condenar-lhe a prole até a quarta geração; que importa? Do sangue do mártir brotam novos mártires... E agora que o exemplo está dado, - é de esperar que um dia já os nossos descendentes possam andar como andavam os índios da Guanabara, nus em pelo, gloriosamente nus em pelo.

Que mal haverá nisso?

Achas que será indiscrição demasiada nada a gente mostrando aquilo que se convencionou trazer coberto? – Meus amigos! A época é o reinado da Soberania indiscrição!

Que é que se esconde hoje? Não se respeita a vida íntima de ninguém. Depois da criação do repórter, o Segredo morreu. Tudo se cobre, tudo se espia, tudo se esmiúça, tudo se publica. Em Paris, agora mesmo, a memória de Mme. Victor Hugo – essa mulher que devia ser sagrada, porque inspirou os mais ardentes versos do século – acaba de ser profanada pela mais desbragada bisbilhotice... Que é que se esconde mais? Pois aqui mesmo, a Notícia, a perversa Notícia, não vai publicar análises grafológicas dos homens mais respeitáveis da terra (inclusive os chefes de estado), para dizer ao público os hábitos, as virtudes, os vícios, as tendências amorosas ou idéias, os segredos de sangue e da alma desses cidadãos influentes?

E se não há escrúpulo assim em desvendar as almas, por que tanto medo de desvendar os corpos?

Ah! Vencerá a propaganda! O ato heróico daquele banhista de anteontem é o ponto de partida de uma reforma geral. Foi posto o mártir? Tanto melhor! Cairá na imortalidade nu em pelo, como queria entrar nas águas do Boqueirão.

Fantasio

Chronica

O barulho do canhoneio encheu a semana. Risadas que, tenham caniado, e gemidos que tenham chorado na vulgaridade da vida carioca, - pouco importam: ninguém ouviu as primeiras, como ninguém ouviu as segundas. O ouvido da população percebia apenas, de cinco em cinco minutos, o trovejar dos couraçados sibilando, ora o alvorecer e o entardecer do dia 15 de novembro, ora a visita do presidente que subia no Oriente e do presidente que caía no Ocaso, ora a cordialidade das continências feitas de comando a comando e de bandeira a bandeira.

E que barulho! – como vos agitáveis, sacudidas de frêmitos convulsos, vidraças pacatas do Rio de Janeiro!... os tetos tremiam; as galinhas, nos galinheiros alarmados, cacarejavam com espanto; as chaminés cambaleavam; os gatos domésticos, arrepiados de medo, encolhiam-se sob os móveis; - e a velha cidade, tirando os óculos do nariz, e coçando o queixo, não chegava a acreditar que todas essas ruidosas e caras manifestações de apreço fossem feitas em honra sua...

Agora, a crise passou. Recolheram-se as bandeiras molhadas da chuva: fez-se o cálculo de quanto custou a pólvora prodigalizada; e, mar em fora, abandonando o seu abrigo de um dia, os couraçados estrangeiros, grandes esqualos boiando, já se vão a correr aventuras e a vigiar os mares.

Estes vão rondar as Filipinas, - presa que faz negaça, como quem não quer entregar sem mais nem menos; aqueles vão espiar com o olho esperto do holofote o que anda a Rússia maireira fazendo no Oriente; aqueles outros vão inquirir das águas largas se não haverá ainda um pedacinho de continente que precise da proteção da Inglaterra...

Boa viagem, amigos formidáveis! Para aqueles que aí vão, dentro dos vossos bojos de aço, recomeça a vida forte do perigo e do trabalho. Para nós recomeça a monotonia dos dias que se sucedem e se parecem...

Parecem-se? Talvez não.

O novo governo quer ter novidades verdadeiras. A abolição dos despachos coletivos já é uma inovação digna de nota. Mais fácil deve ser ouvir o conselho de um só do que ouvir o conselho de muitos. Seis falando a um tempo, e falando sobre tudo, sobre coisas da marinha, da guerra, da justiça, da guarda nacional e dos telégrafos; - não poderá deixar de fazer um barulho perturbador. Assim, cada um terá o seu dia na semana.

A vantagem não será apenas para o espírito e para os ouvidos presidenciais! Será também real para a tranqüilidade de quem mora no Catete, na vizinhança do Palácio... Olhem que houve ali despachos capazes de cansar a paciência de um santo!

Os ministros entravam, fechavam-se, e não faziam barulho, ou, se o faziam, era barulho que ficava abafado pela espessura dos mármore da Casa Cor de Rosa.

Cá fora eram seis carros parados, duas, três, quatro horas... as doze bestas rinchando... os doze cavalos dos ordenanças atroando a rua com as patadas... e cocheiros e sotas pelas soleiras das portas, cavaqueando, falando alto, rindo mais alto ainda... Não! É melhor, seguramente, que não haja despachos coletivos!

Que tem o ministro da guerra com as medidas que o ministro da justiça vai propor ao presidente? Por que há de o ministro da marinha, preocupado com as promoções na armada, dar a sua opinião sobre tal operação financeira? E por que há de o ministro da viação fiscalizar o procedimento da nossa legação na Finlândia ou na Conchinchina? E por que se meterá o ministro do exterior na discussão do traçado desta ou daquela estrada de ferro?

Outra inovação é o propósito em que está o governo de só fornecer à imprensa a notícia das medidas definitivamente resolvidas. Amigos repórteres! É possível que a esta hora, amuados e mal contentes, estejais amaldiçoando essa inovação...Mas, refleti com calma e vereis que o governo quer apenas mostrar, com isso, o grande amor que vos tem, e o desejo lisonjeiro de ver brilhar, em pleno dia, ofuscantemente o vosso tino! O repórter, essa entidade fabulosa, de cem olhos para ver, de cem ouvidos para ouvir, de cem narizes para cheirar, de cem mãos para apalpar – não pode estar convertido em um simples portador de notícias...

Para ser digno do Deus que o criou e do nome que tem, - o repórter deve, invisível como gnomo, poder atravessar impunemente oito filas de sentinelas dobradas; deve, incorpóreo como uma bruxa, ser capaz de passar pelo buraco da mais apertada fechadura, deve, como Oneiroff, saber ler toda uma carta através do envelope lacrado; deve, como o Ariel da Tempestade, descobrir o meio de estar em toda parte, no clarão do luar, no rumor do vento, no aroma de uma flor, no fumo de um charuto, num grão de poeira.

Que vos importa a vós que as portas do palácio se fechem, ásperas e intratáveis? De manhã, quando um criado do palácio, a janela, sacudir os tapetes presidenciais, um de vós subirá por um raio ardente de sol e cairá em pleno reduto do segredo; à noite, quando o presidente, cansado de trabalhar, vier contemplar da varanda a suavidade da noite, outro de vós, equilibrado sobre a flecha de ouro de uma estrela, irá esvoaçar impalpável em torno de S. Ex., para lhe surpreender no vinco da testa a preocupação do dia, para lhe adivinhar no brilho desusado dos olhos a reforma que já está concluída.

Assim, a vossa importância crescerá. É, naturalmente, o que o governo quer. E, enfim, amigos, só não poderdes dar notícias certas, - invente-as! Porque no fundo de toda invenção, por mais descabelada que seja, há sempre um bocadinho de verdade

*

Outra inovação: ficam suprimidas as audiências públicas. Aqui é que é impossível deixar de aplaudir a reforma...

Quem quiser falar ao presidente da República, deverá escrever-lhe uma carta em que o assunto da conferência venha declarado sem [*ilegível*]. S. Ex. terá a carta, pesará na tranquilidade do seu gabinete a importância do assunto, e receberá ou não receberá o impetrante.

Nada mais justo, nada mais humano, nada mais razoável. No dia em que o cidadão A. escrever: “quero ter uma conferência com o chefe do Estado, porque desejo pedir a S. Ex. o monopólio da venda do café e o direito exclusivo de emitir papel moeda.” – S. Ex. rasgará a carta e não responderá ao cidadão A. E quando o cidadão B. escrever: “Peço ao

presidente da República que me conceda uma conferência, porque quero disparar-lhe no peito à queima-roupa um tiro de garrucha”, - S. Ex. conservará a carta e mandará que o impetrante seja recebido... na casa de Detenção.

Em suma, o novo governo quer ser novo de veras, - convencido de que é um paradoxo aquela velha afirmação de que nada há novo debaixo do sol. Deus lhe ponha virtude nas novidades. Se elas forem para bem do povo e para a felicidade geral da Nação, - fiquem, como D. Pedro ficou por aqui, e como por aqui fica este desenxabido cronista!

Chronica

Para fazer uma idéia justa da agilidade com que se esquecem, nas grandes cidades, os mais recentes acontecimentos, - é preciso ter esta obrigação de, ao cabo de todas as semanas, exumar os dias mortos, galvanizá-los, ressuscitá-los, pô-los de pé como lázaros [*ilegível*] e aprumá-los em revista de mostra, diante do público.

Folheiam-se as coleções dos jornais, pesam-se os fatos, contemplam-se a frio os escândalos, e com a mesma indiferença se examina tudo quanto desperta o riso e tudo quanto desperta a piedade. E que difícil arrancar dessa massa confusa de banalidades uma página, uma coluna, uma simples nota! O que consola é que, assim como se esquecem as coisas da semana, também se esquecem as crônicas...

O cronista, que, ao fim de dez anos da prática do ofício, se dispusesse a reunir e reler toda a sua obra, morreria de tédio e de horror, vendo-se pai de tão bela e desgraçada teia de sabedorias. Ah! Vida errada! E lembrar-se a gente de que toda existência é isso mesmo, - e de que, na hora da morte, cada homem deve reconhecer que nada ganhou em ter vivido tanto, - como, na hora do exame de consciência, cada cronista reconheceria que nada lucrou com tanto haver escrito.

Como hei de eu, por exemplo, achar coisa nova a respeito do [*ilegível*]. E do que se disse a propósito da repressão da vadiagem e do jogo? E do muito que se anda rixando por causa de carnes verdes? E do mais?

Vê-de bem: a indiferença é tão profunda que o mesmo horroroso incêndio da Baía já está esquecido. Ainda os braseiros se desmancham em faúlhas, ainda os bombeiros irrigam os destroços negros dos quarteirões destruídos, ainda ninguém começou a calcular quantos milhares de contos de réis devem ter ardido ali de mistura com todas a espécie de sacrifícios, de esperanças, de esforços, - e já a desgraça parece ter acontecido há dez anos. - causa remota e vaga, que não merece reparo. Mais ainda: não há três dias, publicava um jornal uma relação viva das levas de retirantes do Ceará, morrendo de fome nas estradas... e já parece que se trata, apenas daquela terrível seca de há vinte anos atrás.

Se, ao menos, as coisas alegres pudessem conservar inalterável uma pequenina parcela de interesse... Porém, tão depressa como a recordação de suicídios e desastres, fomes e incêndios, passa a recordação dos casos picantes que, por um momento, nos desenrugaram a fronte, e nos abriram a boca e nos desafogaram a alma numa dessas risadas fortes que são como depurativos morais...

Nada, nada fica no ramarrão da vida reles. Quem teria inventado essa profissão de cronista, senhor deus dos desamparados?

Mas, não! A vida não é somente essa infinita série de chalaças e de misérias, de pequeninos choques de interesses ainda mais pequeninhos. Sobre a face morta do pântano pode de quando em quando estampar-se, em reflexos esbatidos e suaves, uma porção de céu puro, cheio de piscar de estrelas trêmulas.

Em Paris, por exemplo, ninguém se lembrará agora dos crimes, das rebeliões, das disputas, das complicações políticas que houve em 1832, mas todo o mundo se lembra dos versos que nesse ano escrevia Musset:

*Pâle comme l'amour, et de pleurs arrosée,
La nuit aux pieds d'argent descend dans la
[rosée*

Também aqui, para o futuro, muita gente se lembrará do que houve, num dos sete dias últimos, uma rara e brilhante festa de espírito e arte: a festa de Coelho Netto, no S. Pedro.

Por uma coincidência feliz, justamente quando o público vitoriava o poeta, no fim daquele magnífico ato das Estações (uma cena encantadora, interpretada com finíssimo talento), a casa Laemmert expunha nas suas vitrines um novo livro do vitoriado.

Romanceiro, um lindo volume de caprichoso trabalho tipográfico, é uma coleção de contos e novelas. Fazem parte dele o *Mandori* - estudo da vida sertaneja, com as suas superstições, numa paisagem traçada em largo estilo poderosamente sugestivo – e *Segundas Núpcias*, comovedora fantasia, tratada à maneira lúgubre de Poe, mas com um caráter nitidamente brasileiro.

E já agora, seja toda a crônica dedicada às letras.

Chama-se aqui a atenção do público para o livro de Magalhães de Azevedo, que acaba de chegar de Roma.

Procelarias chamou o poeta aos seus versos. Mas nem todos eles, como os ares da tempestade, amam fugir da terra e afrontar a fúria dos vendavais,

“Por onde o embate é mais agudo

Rompendo, em círculos suaves,

O turbilhão que envolve tudo”

Quase todos (e são os melhores) ficam amando e sofrendo simplesmente, Pena é que não haja um espaço nesta coluna para a transcrição de um longo trecho do livro. Mas aqui está uma pequena página, curta e completa, de uma simplicidade e de uma expressão sedutoras. Chama-se *Meu Coração*, e dá a à *Crônica* um remate que ela certamente não merece:

“Depois de aspérrima doença

Sem medicina e sem conforto

Eu tive uma alegria imensa:

Supus o coração bem morto...

Mas, ali o doce engano altivo

Acabo agora de o perder:

Meu coração ainda está vivo

Que bem o sinto aqui, doer!”

*Já podeis da pátria filhos
Ver contente a mãe gentil*

Bom seria que, depondo o azorragues com que vivemos a vergastar-nos uns aos outros, saíssemos todos, de mãos dadas, a cantar esses versos, com o mesmo ardor e o mesmo entusiasmo com que os cantavam nossos pais naqueles alegres dias de 1822.

Os versos eram mal feitos, a música era ingênua e as ruas não eram calçadas, a cidade era suja – mas a gente era ardente e moça. [*ilegível* - quatro parágrafos sem condições de leitura no original*].

*Já raiou a liberdade
No horizonte do Brasil*

Convencido que a civilização é irmã gêmea da pouca vergonha, dir-se-ia que [*ilegível*] a alma dilatar-se em uma grande [*ilegível*] quando descobrimos uma [*ilegível*] que pode competir com que aparecem no velho mundo. Daí a glorificação de Affonso Coelho, cujo nome parece hoje nas colunas dos jornais do mais velho órgão da nossa imprensa, encostado ao qualificativo *sublime*.

Affonso Coelho é o homem do dia. A celebridade agarrou-o pela gola do casaco, arrastou-o do solo, ergue-o à luz viva, [*ilegível*] uma aureola fulgida. Oh! A celebridade! Chega a ser revoltante que tanta gente séria pene e se esfalfe em vão para conquistar os favores dessa dama caprichosa... quando ela tão facilmente esconde os vagabundos e facínoras! São estes os homens que gastam a vida em querer obter um sorriso da fama, agitando-se, trabalhando, falando, publicando teses, fazendo conferências, estudando, inventando, pesquisando todos os assuntos, importunando todo o mundo, e pairam, apesar disso, dentro da névoa do anonimato, a morrerem afinal sem que ao menos duas linhas escritas às pressas num jornal assinalem a data do seu aparecimento e do seu descanso.....Entretanto, é tão fácil ser célebre, tão vil...e tão pouco honroso!

Mas a glorificação de Affonso Coelho é exagerada. Essa glorificação, feita pela imprensa com um ardor digno da melhor causa, obedece ao nosso propósito de mostrar que já temos civilização igual a da Europa, pois que já temos pessoal nosso que possa, em malandragem e gênio inventivo, correr parelhas com os iluminadores da ladroeira do velho mundo. Como isso é comicamente pretensioso! Affonso Coelho está ainda na infância de sua arte. O “homem do cavalo branco” é um aprendiz que [*ilegível*] e ensaia os primeiros passos. Na Europa um sujeito que houvesse apenas arquitetado, em matéria de *escroperie*, este plano da fantástica firma Lopes de Miranda & Irmão, nem sequer teria seu nome nos jornais; os jornais diriam: ‘foi preso ontem um gaiato que abusou da confiança de alguns comerciantes, e mais nada. E já seria demais!

Mas, aqui, é o que se vê. O *Jornal do Commercio* escreve: ‘ao sublime Affonso’. Os outros jornais publicam o retrato e a biografia do ‘sublime affonso’, e enchem colunas

compactas com a descrição de sua fisionomia, do seu vestuário, de sua maneira de conversar e de andar. E todo esse eixo de informações é despendido com um ratoneiro vulgar: a Europa não desprende a décima parte dessa comoção com a famosa Madame Humbert, que conseguiu durante alguns anos enganar a esperta e civilizada nação da terra, extorquindo, dos seus contemporâneos, quase cem mil contos de réis.

E, ai de nós, esse nosso vício é tão nosso que até mesmo esta crônica, querendo condenar o abuso, deixa-se ficar dentro do que concorre para aumentar a celebridade de Affonso Coelho, que provavelmente, daqui a poucos dias, não terá palavra [*ilegível*] dos seus ardentes admiradores.

Mirem-se neste espelho as almas puras, as noivas [*ilegível*] que a tantos desgostos e decepções se sujeitam para obter os favores da Celebridade! Para ser amante dessa senhora, e amante preferido e querido, não é preciso escrever o *Rei Lear* nem descobrir o micróbio da raiva: basta falsificar uma firma.

Já não há espaço aqui para um dilatado louvor da *Exposição de Bellas Artes*. Em outro domingo, conversaremos mais largamente sobre ela.

Já houve quem estranhasse o fato de haver na Exposição um número exagerado de retratos. Quem há nisso de estranhável? Em pintura, o retrato é talvez o gênero mais difícil. Não há paisagem, não há marinha, não há cena da história ou da legenda, tão dificilmente transportáveis para uma tela como a mais insignificante fisionomia humana. É justamente na feitura de um 'retrato' que se pode revelar com mais segurança o talento de um pintor. Fixar na tela a face humana, espelho da alma, miraculoso reflexo do mundo interior de sensações de idéias – e fixá-la com verdade, com vida, com vibração, – é empresa a que só metem ombros os artistas privilegiados.

A obra prima de Leonardo da Vinci é um retrato: a *Gioconda*; um retrato é a obra prima de Rafael: a *Fornarina*. E são retratos os melhores quadros do Ticiano, de Holbein, de Van Dick, de Rembrandt, de Velásquez.

Henrique Bernadelli expõe agora não menos de oito retratos de uma verdade forte; há ainda, no mesmo gênero, admiráveis telas de Amoedo, Latour, Lleredo, Visconti, Aurélio, Agostial, – e uma obra prima de Th. Driendl.

Mas, adiemos o nosso entusiasmo. O assunto é vasto, e o espaço, pequeno. Nem seria decente misturar, no mesmo artigo, a glória da nossa Escola de Bellas Artes e a fama de Affonso Coelho...

Chronica

Oh! Esta pressão atmosférica! O ar pesa dentro dos pulmões, como de chumbo: o coração abrigado a trabalhar mais depressa, precipita as suas pulsações; o cérebro, tomado de preguiça, não pensa uma coisa que preste; e uma grande tristeza amortalha a alma da gente, diante deste feio céu cinzento que se não quer, desmanchar de uma vez em chuva bendita.

Que é feito daqueles belos verões cariocas, tão alegres e regulares, de um céu tão azul e de um sol tão claro, apenas escurecidos de quando em quando por uma curta e fragorosa tempestade? Decididamente, não foi só o regime político o que mudou nesta terra: e bem diz uma velha senhora muito sebastianista, minha amiga, que a República até veio bolir com o clima... Quem não se lembra dos verões de antanho? O calor era forte, mas o azul do céu era admirável: a tarde, uma grossa nuvem negra crescia no horizonte, dilatava-se, cobria todo o céu, rasgava-se em relâmpagos, abria-se numa grande carpa d'água, cinco minutos depois, o céu ficava de novo todo azul e o sol acendia pedrarias faiscantes nas calçadas ainda molhadas. A gente já andava tão acostumada a isso, que as entrevistas, os passeios, as visitas, combinavam-se para depois da trovoadas: a trovoadas era um acontecimento esperado, infalível e seguro.

Por mim, confesso que, entre as dúzias de janeiros que já vi nesta vida, nunca vi janeiro tão aborrecido. Creio que ainda não tivemos vinte horas de sol, neste mês de úmido calor, e de ar abafado. O calor é o menos: o carioca que se queixa do calor é carioca degenerado, indigno do amor e do respeito da comunhão. Mas queremos calor com sol forte e claro, com atmosfera limpa, com horizonte lavado. Queremos suar e ofegar, mas queremos também ver o nosso querido céu incomparável, cuja contemplação encanta os olhos e enleva o espírito.

A pressão atmosférica é, de certo, a causadora dessa medonha série de crimes que tem havido. A leitura dos jornais de ontem dava arrepios. Se todos eles tivessem saído impressos a tinta vermelha, teriam escolhido uma linha adequada ao horror das coisas que nos contavam.

A loucura e a feracidade têm andado soltas por todos os bairros, distribuindo tiros e facadas. Não nos podemos queixar da falta de sensações fortes: tivemos na semana tragédias para todos os gostos, desde as que nascem do ciúme ou da vingança, até as que nascem de um desequilíbrio mental fulminante. A mais terrível de todas foi a da Estrada da Ferro: é impossível conhecer coisa mais trágica do que o desvario daquele pobre homem enlouquecendo subitamente e matando o seu amigo, o seu mais velho e querido companheiro, o confidente de todas as suas alegrias e de todas as suas tristezas... Um outro louco saiu da casa em trajes menores e recomeçou a apunhalar quanta gente encontrava, fazendo frente a toda uma multidão, até cair, vencido pelo número dos adversários, como uma fera cercada, acuada e ferida de morte... Bela semana!

Seria injustiça atribuir ao calor a responsabilidade de todos esses crimes. O calor, quando é normal, é uma fonte de vida, de saúde, de pensamentos bons e de dias risonhos. O sol é alegria do pobre, o gerador das ilusões que consola: a mais miserável choupana, quando banhada de sol, resplandece como um palácio; de um casebre arruinado o sol faz um templo rutilante de ouro e prata, e de uma poça de lama faz um escrínio de topázios e rubi. Não é o seu calor que perturba a marcha do sangue, que desconcerta os nervos, que

alucina o cérebro: o que causa tudo isso é esta intolerável e assassina pressão atmosférica, a que não há equilíbrio nervoso que resista.

Não é de espantar que as sessões da Câmara e do Senado tenham sido tumultuosas. As assembleias estão sujeitas, de modo notável, a influência dos fenômenos naturais. Antigamente na supersticiosa Roma, os comícios só se reuniam em dias previamente marcados pelos *augures*, que, consultando o vôo dos pássaros, a forma das nuvens, a cor das águas evitavam os maléficos influxos de certas condições climatéricas. Em dias de céu coberto, de ar pesado, de respiração difícil, os ânimos acerbam-se: um gesto mal compreendido, uma palavra mal ouvida, um olhar mal interpretado, provocam o desencadear de tempestades de palavras, facilmente mudadas em imensidades de... socos. A tormenta que infelizmente não se desencadeia no céu para desoprimir a atmosfera, desencadeia-se no cérebro humano. E Vitor Hugo contou o que é o horror de uma tempestade dentro de um cancro...

É de justiça, porém, salientar que os tumultos da Câmara e do Senado não se têm formado, como muita gente esperava, em torno da questão do Acre: tem sido tumultos sem importância, movidos por melindres pessoais, que nem de longe se relacionam com a questão do tratado.

Cá fora toda a gente sabe o que se tem passado nas sessões secretas. O segredo dessas sessões é como o segredo de Polichinello. Ainda os deputados não deram remate ao seus discursos, e já eles andam pelas ruas, repetidos e impressos, sabidos e decorados por todos. Por ora o tratado tem sido discutido com gentileza e boas maneiras: ainda o negociador não foi injuriado, e ainda os que o aplaudem e os que o censuram não se atracaram em duelos de insultos. Regozijemo-nos! Seria deplorável que um convênio diplomático fosse estudado e pesado sem diplomacia.

Rigorosamente a revolução do Uruguai não deveria ser um assunto nosso merecedor de registro e comentário nesta seção. Mas, como não havemos de prestar atenção ao que se passa em casa de vizinhos, de que nem uma parede nos separa.

Não pode haver, no Uruguai, uma revolução de que o Rio Grande do Sul fique salvaguardado. A gente, que vive além e aquém daquela vaga fronteira, na mesma brasileiros e uruguaios confundem-se ali, falando a mesma língua atrapalhada, que não é bem espanhola nem bem portuguesa, interessados na mesma lavoura e no mesmo comércio, tendo no sangue o mesmo intrépido amor das aventuras e das guerras.

Basta um passo para que um brasileiro, em caso de perigo, fique em território do Uruguai, ou para que um uruguaio fique em território do Brasil.

Essa vizinhança, essa facilidade de comunicações, essa uniformidade de índoles e de interesses, seria uma felicidade, - se não houvesse, nesse esquentado Uruguai, tantas e tão freqüentes revoluções. Nunca podemos saber quando os nossos vizinhos estão em paz: ali não há tréguas entre um e outro motim, - e ainda não houve presidente do Uruguai que pudesse atravessar sem sobressaltos o período de governo.

Nós, brasileiros, nada teríamos com isso, se as revoluções desse bravo povo não nos viessem atrapalhar a vida. Cada um tem o direito de fazer o que quer dentro da sua casa, - contanto que não incomode os vizinhos... No caso, que nos interessa, o incômodo é inevitável. Blancos e colorados começam a esbordoar-se nas coxilhas uruguaias, e vêm acabar o conflito nas coxilhas rio-grandenses. E o nosso governo tem sempre de intervir

nessas brigas alheias, gastando nosso tempo, dinheiro e trabalho que poderiam e deveriam ser aproveitados em casos mais sérios.

O Jornal publicou ontem um telegrama interessante:

“Entrevistado por um repórter, o chefe político uruguaio José Pedro Ramirez declarou-lhe que não acredita no êxito da revolução, e concluiu: No nosso país as revoluções estão destinadas a fracassar sempre”.

É Fantástico! Se estão sempre destinadas a fracassar as revoluções, por que perder com elas tanto esforço e tanto sangue?

Parece que os nossos vizinhos são revolucionários por arte da arte: são os parnasianos da briga. Sabem que não lucram com barulho, mas vão brigando sempre.

Ai de nós! Quem dará um dia um pouco de juízo a estes vizinhos tão amáveis mas... tão brigões!

Para atenuar a tristeza da semana, tivemos um acontecimento artístico de raro valor: o aparecimento da deslumbrante Kósmos, - uma revista que é uma maravilha. O primeiro número da Kósmos é a demonstração cabal de que, no Brasil, só não se faz o que não se quer. Já agora ninguém poderá falar do atraso das artes gráficas no Brasil. Das oficinas da nova revista podem sair livros tão bem impressos e tão bem ilustrados como os que têm feito a fortuna dos grandes editores de Paris e de Londres.

Sobre o primeiro número da Kósmos não há duas opiniões: todos o acham admirável. Assim houvesse, nesta pobre terra, muita gente que soubesse ler! O que nos falta não é o progresso das artes gráficas: é o público. Se há vinte ou trinta anos tivéssemos estabelecido o ensino primário obrigatório, as empresas jornalísticas e as casas editoras estariam ricas, e nós, escritores, não estaríamos representando este ridículo papel de pregadores no deserto...

O. B.

Chronica

Creio que nunca se viu, no Rio de Janeiro, um tão molhado dezembro. Dezembro sempre foi famoso pelas suas soalheiras ásperas e pelo canto frenético das suas cigarras. Mas, este ano, o sol parece estar em férias, e suponho que a umidade privou da voz as cigarras. E tanta chuva tem caído, que, daqui a pouco, em todas as ruas, entre as pedras do calçamento, começarão a surgir cogumelos.

Quem assim te malsinou, lindo mês das festas? Sem sol e sem alegria, estás arrastando uma existência inglória e feia. E que triste Natal vamos ter, se o céu não se decide a fechar as suas cataratas, e se a pomba, mensageira e nuncia da bonança, não nos vem quanto antes trazer o ramo de oliveira!

Chuva e desfalques... não temos agora outra coisa.

Desfalques sobre desfalques, em dilúvios, em avalanches. Não se sabe bem se ainda haverá por aí alguma coisa que não esteja desfalcada; e este boato da *Fiel*, que até honrava a bondade dos cães, começa a tornar-se grandemente comprometedor.

Há epidemias morais, tão características e tão perigosas como as da patologia física. Assim como os suicídios chamam os suicídios, também os desfalques chamam os desfalques. É o contágio terrível, que se transmite de alma a alma, como os outros se transmitem de corpo a corpo.

Há quem diga que só quem nasceu marola é capaz de praticar uma maroleiras...

Quem sabe lá! Também, muitas vezes, nos homens, tendo chegado à maturidade, sem a mais simples manifestação de desequilíbrio nervoso, gozando uma sólida e invejável saúde, é de repente fulminado pela loucura, ou pela epilepsia, ou pelo cretinismo.

E se ainda hoje, apesar dos progressos da medicina, os médicos não podem explicar esses caprichos da patologia, quem terá a presunção de poder explicar a citologia de certas moléstias puramente morais?

Um homem honrado pode talvez ser levado ao peculato pela desilusão – como um homem de inervação equilibrada pode, ao presenciar um ataque epilético, contrair de súbito a neurose terrível. O que não se contenda é que um desfalque, uma vez descoberto, é logo seguido de outro ou de outros.

É o que se está vendo agora: temos já não sei quantos desfalques acumulados e quase simultâneos; e imagino as tristes apreensões que devem assaltar a alma de quantos, nesta terra, têm a pesada responsabilidade de lidar com os dinheiros públicos... Ainda ontem, dizia-me um funcionário que é um modelo de probidade e de zelo: “já não posso contar maços de notas sem uma sensação de queimadura nas mãos! Maldito emprego este!... antes britar pedras, no sol, ou viver no fundo das minas, como um condenado.”

E no capítulo das ações desonestas não temos agora apenas o artigo especial dos desfalques.

Há por aí quadrilhas de ladrões, cuja existência não se imaginava, e cuja organização, agora descoberta, revela prodígios de tática e disciplina.

Ontem, quase todos os jornais davam a reprodução da engenhosa máquina com que a quadrilha do Piloto arrombava portas. Finalmente, já era vergonhoso que, em meio do progresso de todas as indústrias, somente a indústria do roubo ainda estivesse na infância, servindo-se de processos primitivos e rudimentares. A quadrilha do Piloto é tão inimiga da rotina quanto da virtude e do trabalho. Aquela máquina assinala um progresso notável – e vem aumentar o susto de quantos estão expostos, pela sua riqueza, a atrair a atenção dos gatunos.

A gravura que apareceu nos jornais, é tão perfeita e tão completas são as informações dadas pela imprensa sobre o mecanismo e o modo de funcionar do engenhoso aparelho – que todos os ladrões de profissão já devem a esta hora estar pensando em aproveitar essa bela lição do progresso.

Não é de crer que o Piloto haja requerido, para sua máquina, privilégio e patente de invenção. E a imprensa, com sua irreduzível bisbilhotice, prestou um serviço a todos os confrades do Piloto, pondo ao alcance de sua inteligência e de sua canalhice o segredo de mais esta arma de combate.

Eu, se fosse negociante, amaldiçoaria rancorosamente a indiscrição dos jornais. Porque os negociantes vão agora perder de todo o sossego e o apetite, sabendo que os arrombadores dispõem de um tão acabado e perfeito instrumento de saque...

Vem-me à lembrança uma velha anedota. Em viagem, um comboio tinha de atravessar lá pelas tantas da noite, uma ponte podre em ruínas. Nos vagões, um medo pânico reinada. As mulheres rezavam, os homens remordiam nervosamente os charutos. Mas um velho filósofo, desprezando a vida e a morte, embrulhou-se na sua manta e adormeceu na paz do Senhor. Ora, em todas estas histórias de aventuras em estrada de ferro, há sempre um inglês fleumático, que se recomenda por sua excentricidade. Nesta aventura, quando o trem ia galgar a ponte em ruína, o inglês acordou o filósofo e piedosamente o exortou a preparar-se para a catástrofe. E o filósofo, abrindo os olhos estremunhados, teve esta pergunta, bem digna de sua filosofia: “Oh! Meu caro senhor! Pois não seria mais caridoso deixar-me morrer dormindo?”

Pobres negociantes! Foi isso o que a imprensa voz fez, revelando aos gatunos o segredo da máquina do Piloto e revelando-vos o novo risco que correis: acordou-vos, para vos assustar, e acordados, vos deixou no perigo e na falta de segurança...

Decididamente tinha razão o sereno Bias, um dos sete sábios da Grécia, quando, para com orgulho, exprimir a perfeição de sua pobreza, dizia: “*omnia mecum porta*”. Os felizes são os que nada possuem, porque podem dormir tranquilos. Ter fortuna, numa época em que tanta gente cobiça o dinheiro alheio, é ter uma fonte de perpétuas inquietações mortais.

E aí de nós! Quanto mais as sociedades progridem, mais ladrões aparecem.

O padre Antônio Vieira, que fez um estudo especial sobre a Arte de Furtar, escreveu:

“O primeiro ladrão que houve no mundo foi o primeiro homem. Condenou Deus este primeiro ladrão a que comesse o seu pão com o suor do seu rosto; mas os ladrões que vieram depois souberam e puderam tanto que trocaram a sentença. Em lugar de comerem o

seu pão com o suor do seu rosto, comeram o pão que não é seu, com o suor do rosto alheio”.

E é disso que vive a metade dos homens...

Chuva, desfalques, progressos da arte de roubar... que assuntos consoladores! Mas, não há outros: e temos de aceitar as semanas como elas nos aparecem.

O.B.

Chronica

Era à tarde, - poucas horas depois da inauguração da Confeitaria Castelões, e na *terrasse* desta casa, que repetiu, na vida real o fabuloso milagre da clássica Phenix, mais bela renascida das próprias cinzas. O sol chapeava de ouro pálido as fachadas do outro lado da Avenida. Floriam rosas no refúgio fronteiro. Dentro, na linda sala de uma ornamentação elegante e sóbria, apinhava-se a multidão, na azáfama das compras: no passeio, grupos de senhoras, em torno das leves mesas, tomando sorvetes e conversando, olhavam a desfilada das carruagens e dos automóveis. Tudo aquilo era um Rio de Janeiro novo, inteiramente novo – um Rio tão diferente do antigo, que chegava pela sua novidade, a causar espanto.

Perto de mim, dois sujeitos conversavam, um já velho outro apenas maduro. Falavam alto, - vício que o novo Rio de Janeiro herdou do antigo, e há de talvez conservar por toda eternidade... Falavam alto – e, como foi para ouvir que a natureza me deu ouvidos, comecei a prestar atenção ao que diziam. Compreendi logo que um deles, o mais moço, chegara havia pouco, da Europa. Estava assombrado, maravilhado, atarantado...

- É uma outra cidade! Quem na diria, a mim, há sete anos, quando daqui parti, que havia de ver isto? Só este fato de estarem aqui tantas senhoras, no passeio da Avenida, ao ar livre, tomando sorvetes, - já é uma revolução social, numa cidade que sempre primou pelo embezzamento e pela sornice dos costumes. Decididamente, é um milagre! De ora avante, quando me negarem a possibilidade dos milagres, já tenho um argumento poderoso para arrolhar a boca dos incrédulos...

- E você ainda não viu nada! Não espanta muito que assim se tenha transformado o centro da cidade. O que espanta é a transformação de certos bairros, como o da Saúde, que antigamente só por ironia podia ter um tal nome.

- Já vi! Fui ontem ao largo do Depósito, e fiquei de boca aberta, escandalosamente aberta, como desmandibulada por uma luxação do maxilar: estão construindo um Jardim no morro... um jardim, ruas largas, ar puro, - naquelas paragens, que só eram antigamente freqüentadas pela febre amarela, pela madraçaria e pela capoeiragem! Ainda não voltei a mim do assombro... Agora, quando vim da Europa, vim lendo a bordo um livro interessantíssimo, *Coins de Paris*, escrito pelo conservador do Museu Carnavalet, e com um admirável prefácio de V. Sardou. Conta Sardou, neste prefácio, que o *Quartier Montpellier*, onde ele atualmente reside, era no tempo da sua mocidade, uma região sinistra, um *caupe-gorge*, em cujo seio a gente somente se podia impunemente mover, quando armada até os dentes. Sardou é bastante idoso: deve ter hoje 70 anos; essa transformação de Paris foi lenta, morosíssima, arrastada. Mas, aqui a mudança foi quase instantânea. O Rio novo saía do Rio velho em pouco tempo, em dias, como uma leve e iriada borboleta sai da ressequida casca de uma feia laçaria!...

- É bem verdade! Dizia o mais velho: - já conto quase sessenta anos, e posso dizer que toda esta transformação não conta mais de quatro. Há quatro anos caminha de surpresa em surpresa. E pensa você que o milagre está limitado à zona urbana? Imagine que até Santa Cruz já tem luz elétrica! Fui há dias, a esse lugar que está dentro do Distrito Federal, e parece estar no fim do mundo. A expressão não é exagerada, porque realmente este Distrito Federal com os seis mil habitantes e noventa e dois quilômetros quadrados, é um mundo de extensão... e Santa Cruz, que é apenas um suburgo da nossa imensa e opulenta metrópole, fica mais de duas horas de distância da praça da república, era caminho de

ferro... É o fim do mundo ! Confesso, não disfarçando a vergonha da confissão, que nunca tinha ido a Santa Cruz. É um vício de carioca da gema: conhecemos muito mais os arredores de Paris do que os arredores da cidade que felizmente nascemos e na qual provavelmente havemos de morrer. Essa viagem foi para mim uma surpresa e um encanto. Admirei a linda várzea que o ramal recorta; a temerosa Realengo com a sua imensa Escola de Guerra: o pitoresco Bangu, vasta colméia operária, com sua extensíssima fábrica, desdobrada a beira da estrada e onde num largo campo de *football*, um bando de crianças saltava e folgava à luz suave da tarde; e Santíssimo, e Campo Grande e Paciência... Um mundo, meu amigo, um mundo! Quando chegamos a Santa Cruz, o Coreto estava em festa. Para receber o Prefeito, que ia inaugurar o serviço da iluminação elétrica, o povo enchia as ruas, estouravam foguetes, revezavam-se as tocatas de duas bandas de música, – e as crianças das Escolas Públicas entoavam o *Hino à bandeira*. Caminhávamos quase às escuras; era quase noite. De repente a luz jorrou sobre nós e em torno de nós, – e a multidão prorrompeu em aclamações! E eu, espantado, pensando: “luz elétrica em Santa Cruz! Quem me vaticinaria isso, já não digo há quarenta anos, no meu tempo de moço, no tempo do onça, – mas há somente quatro anos?...”

Neste momento, em frente à Confeitaria Castelões, atravessava a Avenida um sujeito empunhando um alto varapau em cuja extremidade se abria um largo cartaz anunciando o primeiro sorteio dos prêmios da *Gazeta*: – “um conto e quinhentos! Cinematógrafo!! Mil e quinhentos contos de chopps !!!”

O mais velho dos dois companheiros (sempre os velho hão de mostrar que são velhos?) teve um susto [*ilegível*].

– Ah! Estas [*ilegível*]. A imprensa deve ser como um sacerdócio.

O outro sorriu, ouvindo este chavão, e respondeu:

– Mas isso não impede que a Imprensa continue a ser um sacerdócio, meu excelente amigo. Que vale um sacerdócio sem público? Já os primeiros pregadores da nossa religião reconheciam que não há maior inutilidade do que pregar no deserto. Sem leitores, a Imprensa perderia sua razão de ser. Ela precisa de leitores, e chama-os, e atrai-os como pode. Os processos é que não podem ser os mesmos de outrora. Outrora, um jornal contentava-se com cem ou duzentos leitores; hoje, precisa de milhares e de milhões. Em toda a Europa e em toda a América os jornais fazem isto, que a *Gazeta* está fazendo... Nas colunas da folha, os escritores continuam a pregar a boa idéia e a defender a boa causa....E a profissão não deixa de ser um sacerdócio só porque o jornal dá prêmios e chopes ao público. Lembre-se que o que há nas festas de igreja: cá fora no adro há coretos, há música, há foguetes, há botequins, há fogo de artifício, há leilão de prendas, para divertir os fiéis; e isso não impede que, lá dentro, haja um padre, no altar, dizendo missa, e um outro padre, no púlpito, pregando. As festas de fora são um chamariz para o culto de dentro. O que o padre e o pregador querem é que haja muitos fiéis: todos os meios são bons quando dão um resultado bom, porque todos os caminhos vão à Roma e ao céu. Com estes reclames, com estes prêmios, com estes novos processos, o sacerdócio lucra, porque dilata a esfera da sua ação. Educar divertindo – é um lema admirável.

– Sim! – disse o velho – reconheço que a Imprensa de hoje não pode ser a mesma imprensa de outrora; tudo muda com a mudança do tempo e do meio.

–Mas está claro! – clamou o outro – Antigamente, a Imprensa doutrinava, não informava, porque não precisava informar: a época era calma, as gentes eram pacatas e pouco curiosas, a vida era modorrenta. Hoje, a vida é febril, as gentes são ávidas e impacientes, a época é de uma atividade vertiginosa. Cada século tem a sua imprensa.

Quando uma cidade se transforma materialmente, também se transforma todo o seu organismo intelectual e moral. O jornal antigo doutrinava, - e tinha cem leitores, o jornal moderno informa – e devora uma bobina de papel por minuto. Aquele não precisava de propaganda, nem de pressa; este, se não progredir incessantemente, morre!

- Sim! O progresso é uma lei fatal! – Fatalíssima! Ainda há pouco, quando vim de casa para a Avenida, vi uma cena que se me afigurou eminentemente simbólica. Era na Lapa, junto das demolições para a abertura da Avenida Mem de Sá. Houve um atravancamento na rua, e um carro pesado, puxado por dois bois, carregando pedras, teve de parar. Atrás dele, parou também um automóvel, guiado por um rapaz de face corada e enérgica. No carro de bois, tudo era indiferença e resignação, diante daquela demora obrigatória: - havia indiferença nas rodas do veículo, indiferença nos bois, que filosoficamente ruminavam, e indiferença no carroceiro que, filosoficamente, chupava um cigarro. Mas, no automóvel, tudo era agitação, impaciência, irritação, desespero: o rapazola, com a face incendiada, gritava, remexia-se, tocava com fúria a buzina: e todo o veículo parecia também possuído da mesma ansiedade, vibrando, tremendo, trepidando, sacudido pelas convulsões do motor... eram as duas épocas antagônicas e inimigas: a antiga e a moderna, uma sem pressa, a outra delirante!... E vamos jantar, que é tarde!”

Levantaram-se. A confeitaria iluminara-se, cheia sempre de uma compacta multidão. A Avenida resplandecia, alinhando a perder de vista a reticência cintilante de seus focos de luz elétrica. O mais velho dos palestradores ainda murmurou:

- Deixa lá: um carro de bois sempre tem a sua poesia,

- Sim: [*ilegível*] luz no sertão, observa o companheiro. - Quando a gente tem pressa, ou quando tem fome, como temos neste momento, um automóvel é muito mais prático.

Chronica

Metei-vos a explicar as singularidades e as extravagâncias de uma só alma humana, - e acabareis no hospício. Calculai agora o que vos aconteceria se vós metestes a explicar as extravagâncias e as singularidades da multidão, do povo, de um turbilhão de almas ao mesmo tempo?

Há quinze dias, a propósito do crime da rua da Carioca, a nossa população vive num fluxo e refluxo de opiniões, subindo e descendo, ao esto e ao recuo de uma desencontrada maré. É uma alucinação! Não há pessoa que não tenha, acerca do crime, uma opinião, ou melhor, uma porção de opiniões. Cada um dos figurantes deste drama horrível tem sido, no juízo público, alternativamente criminoso e puro, inocente e culpado, algoz e mártir, merecedor de maldição e de piedade, digno de louvor e de castigo. O próprio joalheiro, maior vítima do crime, tendo nele perdido as jóias e os sobrinhos, tem vivido numa vicissitude incontrolada: ontem era um desgraçado, hoje é um patife, amanhã será um santo. E até o delegado de polícia, guiador do inquérito, tem visto como é pequena a distância que vai do Capitólio a Rocha Tarpéia, - recebendo agora flores, agora pedras, agora passando por um gênio, agora tido por tolo, almoçando louvores e jantando censuras, adormecendo herói para acordar cabeça-de-turco...

Sucedem-se as versões, emaranham-se as hipóteses, complicam-se os disparates. Três ou quatro patifes, três ou quatro animais, de instintos grosseiros e inteligência primitiva, avassalaram a alma de toda a população, apoderaram-se de todas as forças desta grande alma coletiva, - e estão a ensandecê-la. Já ninguém se entende e não há atenção para outra coisa; e se hoje, ou amanhã, um homem qualquer, praticasse aqui um destes atos de heroísmo, físico ou moral, que honram a espécie humana, ou realizasse com o seu gênio uma dessas intenções espantosas que significam um progresso real para a vida da humanidade, - é de crer que a população nem ao menos pensaria um só instante em tal coisa, de tal modo está a sua alma cheia desta ignóbil preocupação do crime da rua da Carioca.

E um dos assassinos esteve, toda a semana, a fazer confidências aos repórteres e a tomar atitudes amaneiradas diante da objetiva das Kodaks, e a contar o trecho do romance que está escrevendo - ou vai escrever sobre a sua própria vida, - enquanto a polícia continua a procurar o outro assassino - ou os outros assassinos que não aparecem.

E, com gosto depravado, por este abuso de reportagem sinistra, nós, os homens, interrompendo o nosso trabalho e os nossos negócios, vivemos a perguntar uns aos outros: "Que disse mais o Rocca? Onde estará o Carleto?". E as senhoras, nas recepções e nas lojas, ansiosamente indagavam uma das outras: "Já se achou o Carleto? Que novas revelações fez o Rocca?". E até as crianças, suspendendo o estudo, ou o folguado, trocavam as mesmas interrogações interessadas: "Como passou o Rocca? Onde estará o Carleto?".

Para procurar o esperto Carleto a polícia tem feito tudo... quando não devia fazer. Os agentes voaram de um ponto ao outro, esfalfaram-se, multiplicaram as diligências, - e os jornais publicaram tudo isso, dizendo de véspera o lugar em que a fera vai ser achada. E Carleto não apareceu. Onde está Carleto?

*"Il marcha trente jour. Il marcha
trente nuits*

*Il allait, muet, pâle, et frémissant
aux bruits
Furnif, sans regarder derrière lui
Sanz trêve
Sanz repos, sans sommeil...”*

Lembram-se? É assim que Hugo descreve a fuga desesperada e louca de Caim, depois de seu negro crime, vendo sempre luzir uma treva, a espiar-lhe a alma, um olho enorme e esbazeado...

É também assim que as almas sentimentais e imaginações exaltadas idéiam a fuga e o remorso do assassino de duas crianças. Almas sentimentais e imaginações exaltadas somos todos nós: criamos romances a todo instante, e irresistivelmente saímos do terreno sadio da realidade para titubear no tolo solo das hipóteses. Não admitimos facilmente que o sicário esteja a esta hora, sem remorsos e sem medo, escondido em alguma casa da cidade, bem guardado e defendido por cúmplices discretos, comendo bem e dormindo melhor, - ou, já livre das pesquisas policiais, longe, com outra cara e com outro nome, regaladamente vivendo à custo deste e de outros crimes que cometeu... Não! A hipótese que mais sorri á nossa imaginação é a da fuga de Caim, alucinada e ansiosa, tremendo de susto e de remorso. É a hipótese mais poética: tanto basta para que seja a preferida.

E imaginamos Carleto descalço, esfarrapado, faminto, sitibundo errando pelos sertões do Brasil, varando matagais, enlapando-se em furnas, escondendo-se dos homens e da luz, ocultando-se das próprias feras, sem dormir, sem parar e vendo sempre

“l’oeil à le même place, au fond de l’horizon...”

Tolice! No maravilhoso poema de Hugo, a pupila vingadora e justiceira, que se fixa em Caim, esquadrinhando-lhe a alma, surpreendendo-lhe os mais íntimos pensamentos, é a consciência, é a exteriorização do remorso. Caim não era ladrão de ofício, nem assassino de profissão: para os que têm tal ofício, essa pupila tremenda não tem luz.

Não é da vista sobrenatural da Consciência que Carleto foge: é da vista nem sempre arguta da polícia. E como há de a polícia vê-lo e achá-lo, se todos os dias lhe manda obsequiosamente dizer, pelos jornais: “ amigo Carleto! Amanhã vou procurá-lo ali ou acolá, em Niterói ou em São Paulo, em Nazareth ou no Egito...”?

É bem possível, e bem provável, que este meliante, esteja a bom recato, bem perto da rua do Lavradio, fazendo o que todos nós costumamos fazer todas as manhãs, saboreando a leitura dos jornais, entre goles de café, e como nós se comovendo com as peripécias da caçada policial.

Três ou quatro dias depois do crime, ainda os assassinos perambulavam, tranquilamente, pelas ruas da cidade, visitavam o local do crime, misturavam-se aos curiosos, ouviam todos os comentários. Ainda no dia da prisão de um deles, a polícia achou no domicílio em que ambos haviam pernoitado, coleções de jornais anotados... E esses jornais diziam, como continuaram a dizer até hoje, tudo quando a polícia fazia ou tencionava fazer: e há quem diga que desse modo os repórteres auxiliam a polícia... mas o que parece a toda gente possuidora de um bocadinho de bom senso é que esse é o melhor meio de auxiliar os criminosos!

Agora, não tendo podido apanhar o fugitivo, a polícia arrepende-se da sua leviandade, e começa a trabalhar em segredo. Jesus, é incrível como as boas idéias são sempre as últimas que ocorrem à gente!

Ser discreta e cautelosa, reservada e calada, - seria para a polícia, neste caso, e desde o primeiro momento, uma vantagem pessoal, uma probabilidade de vitória pronta e completa – e uma obra de misericórdia.

Uma obra de misericórdia infinita. Porque esta ansiedade em que o inquérito está mantendo a população, torturando-a, angustiando-a, forçando-a a fixar a atenção em tão horripilante e asqueroso assunto, - é, ao mesmo tempo, um sofrimento e uma causa de depravação moral. Esta facilidade com que a multidão passa de uma opinião a outra, acusando hoje os que ontem considerava inocentes, já é uma demonstração de desequilíbrio mental.

Está claro que aos repórteres não cabe a culpa do que até hoje se passou. O repórter nasceu para dar notícias: dar notícias é a razão, a explicação, o fim da sua existência: e todos eles, afinal, só merecem louvores e parabéns pela inteligência, pelo tino, pelo habilidade com que conseguiram substituir-se à própria polícia, inquirindo e reinquirindo os réus, obtendo deles e das autoridades todas as informações, e tratando de exceder-se uns aos outros, no momento e na importância das notícias fornecidas ao público.

A culpa é, sim, da polícia, foi ela quem esteve todos os dias a atirar lenha na fogueira da curiosidade popular; foi ela quem conseguiu, com seu espalhafato, complicar o seu próprio trabalho, e perverter a alma da população, obrigando-a a passar quinze dias a só se preocupar com assassinos e larápios.

E a felicidade, a imprudência, a inconsciência com que publicaram as receitas do formulário secreto dos ladrões! A esta hora, já muito patife, de posse daqueles formulários de narcóticos, se está preparando para as experimentar...

Francamente, sinto muito que a polícia, neste caso triste, tenha ido tão depressa do Capitólio à Rocha Tarpéia, ouvindo elevar-se o coro das censuras quando ainda ecoavam as últimas notas do coro das benções. É ela, porém agora a primeira a reconhecer, fechando-se numa serôdia reserva, que andou mal a princípio, quando a todas as curiosidades franqueou um inquérito de tal gravidade.

Diz um provérbio que mais vale tarde que nunca. Sei lá! Agora, que vai suceder é isto: os *reporters*, privados de notícias, vão inventá-las! Nós continuaremos a ser pervertidos, agonizados, ensandecidos, por esta medonha história à *Ponson du Terrail* que cheira a pântano e a matadouro.

O. B.

Chronica

Mês de exames e de férias, dezembro é para os colegiais uma mistura de sustos e alegrias, de sobressaltos e esperanças. O exame é um fosso temeroso que é preciso transpor de um salto: o passo é difícil; - mas, do outro lado é tão verde e tão lindo o campo livre das férias, é tão sedutora a paisagem, tão convidativo o pagode, - que a pequenada reúne a coragem que tem à coragem que inventa, fecha os olhos, junta os pés e galga o abismo. Há quem caia dentro do fosso... mas, na meninice, não há desastres que doam muito tempo; almas jovens são como peles moças: em umas e outras as feridas cicatrizam depressa.

Bom tempo! Exames e férias... Na idade madura, já não temos esses sustos nem essas alegrias. Exames, se os tivéssemos de fazer, seriam exames de consciência: denunciam muito maior coragem, muito mais tempo, - e quando são satisfatórios não dão à gente coroa de louros, nem belos livros dourados, nem diplomas de honra. Quanto às férias, - as nossas são como as dos animais de carga, na roça, que descansam de carregar milho carregando feijão, e repousam de carregar café carregando pedra.

E, francamente, trabalhar sempre distrai mais do que descansar. A pior desgraça é a dos animais de carga, que nada tendo que carregar, e não podendo deixar de carregar alguma coisa, carregam os surrões vazios, que assim ficam às vezes mais pesados do que quando cheios.

Tal é, freqüentemente, mal comparado, - a situação dos cronistas. Os surrões estão vazios: mas é preciso fingir que os trazemos cheios. E temos de fantasiar trabalho, - como os pelotiqueiros de circo, que espetaculosamente levantam do chão formidáveis halteres... de papelão, simulando o mesmo esforço com que os teriam de levantar se eles fossem de ferro maciço. Imenso e doloroso sacrifício! Não há quem não tenha pena de Sísifo, quando lê a lenda desse infeliz, condenado a carregar até o alto de uma montanha do Inferno um pesado bloco de pedra, que sempre de lá se despencava para desespero eterno do precito. Era um duro suplício, mas tenho para mim que muito mais duro seria se o bloco (sem alusão) em vez de ser de legítima pedra, fosse de *papier-maché*. Porque, enfim, há uma coisa mais penosa do que o trabalho penoso: é o trabalho fingido e inútil.

Aquí estou eu, para exemplo...

Não sei bem se vale a pena tratar do que aconteceu nestes últimos dias... houve calor, houve sol, houve chuva, houve pó, houve lama, houve assassinatos, houve furtos, houve discussões, - houve o que tem havido desde o começo do mundo e o que haverá até o dia da morte do mundo, - se é que o mundo tem de morrer algum dia.

Para cada um de nós, talvez tenha havido alguma coisa nova e inesperada, - alegria ou tristeza, contentamento ou desengano, desgosto remediado ou esperança perdida. Mas, para a comunhão, tudo foi banal e insípido. Vamos vivendo com o novo governo e com a nova estação, - e o governo de agora é a continuação do outro, como o verão é a reprodução do verão do ano passado.

Oh! O tédio! Baudelaire disse que ele é um monstro delicado: [*ilegível*]. Delicado e invencível. Nero quando se entediava, deitava fogo a Roma, ou fazia coisas ainda piores. Mas, nem todos têm a alma de Nero; e o enfiado que hoje se atrevesse a deitar fogo ao Rio de Janeiro para espantar o seu enfado, iria dormir na prisão: tédio por tédio, mais vale aborrecer-se a gente na rua do que no cárcere...

Além disso, meu tédio é hoje simplesmente um tédio...de cronista sem assunto, individualmente acho que o sol desta manhã é lindo, e que a cidade está formosíssima. Não são coisas novas, mas são coisas que nunca aborrecem. Se eu não fosse cronista, tudo iria bem: sairia por aí a palmilhar as avenidas, a olhar as casas novas, a mirar os transeuntes, - e, com as mãos atrás das costas, e o nariz para o ar, vagando ao acaso, gozando o gozo de viver, soltando as rédeas à imaginação, começaria a criar dentro do cérebro uma infinita multidão de mundos novos, dramas luminosos, comédias brilhantes, vidas de sono... só se aborrece nesta vida quem vive sozinho: e o homem que pensa nunca está sozinho. Ah! Tudo iria bem, se eu não fosse cronista! Desta profissão e deste dever é que vem meu tédio.

Que hei de eu dizer da política do Sr. Zeballos, ou da tabela dos preços dos automóveis, ou do convênio do café, ou da caixa de conversão?

Lembrei-me há pouco de escrever esta crônica... em verso. Os versos têm uma grande vantagem: quanto mais vadios de idéias, tanto melhores,[*ilegível*], a cadência do metro e a guizalhada das rimas substituem o conceito. Não digo que não haja versos que encerrem idéias. Mas passem para a prosa o mais sentido soneto - e verão como a idéia, que tão bela e nobre aparecia entre as rimas, fica chata e incolor nos períodos sem harmonia. Lembrei-me de escrever esta crônica em versos: uma ode pobre a política do Sr. Zeballos, uma sátira sobre a tabela dos automóveis, uma pastoral sobre a crise da lavoura cafeeira, um soneto sobre a caixa de conversão; - no fim de tudo um epitáfio sobre os amores do sul com as rosas fecharia o poema, - e as rimas, tinindo e cantando, encantariam o leitor, que chegaria ao fim da peça sem perceber que dentro dela não havia um micromiligramma de idéia. Mas onde se viu crônica em verso... Heródoto não sabia metrificar. Tito Lívio nunca pode fazer um hemistíquio, e o velho Maribeu, nosso contemporâneo, tinha mais medo da poesia do que da peste. É em prosa que querem as crônicas - cheias como as do mestre João de Barro, ou vazias como esta.

E como já cheguei ao fim nesta tira de papel, a mais não sou obrigado.

Para que eu vos pudesse dizer o que é que vai ser a política do Sr. Zeballos, deveria ir conversar com este ilustre argentino em Buenos Aires: para que eu tivesse opinião segura; sobre a caixa de conversão, seria necessário que o governo me nomeasse diretor desse estabelecimento; e para vos explicar o que é ou o que vai ser o convênio de Taubaté, teria eu que desaprender tudo o que sei e de aprender tudo o que não sei. Tudo isso é impossível.

Mas há uma coisa possível: é tomar um automóvel, e verificar pessoalmente as vantagens e as desvantagens da nova tabela. Ao menos sobre esse assunto da semana espero ter daqui a pouco idéias assentadas...

Mas quem sabe, talvez, também em tal assunto eu esteja condenado a ficar *in alhis*. Tabelas para automóveis, no Rio de Janeiro! Mais velhos são os tálburis e nunca as tiveram: e, se a elas nunca se sujeitaram os condutores de tálburis, que são humildes cocheiros, que sujeição se pode esperar dos condutores de automóvel, que são fidalgos e *chaufeurs*.

O. B.

.....

Chronica

Sabiam que apareceu um novo jornal no Brasil?

Eis aí uma pergunta, que vai dar aos leitores da Gazeta uma triste idéia do meu estado mental...realmente, parece uma pergunta de louco. Numa época em que aparecem dez novos jornais por dia, perguntar “sabem que apareceu um nome jornal?” - parece tão estúpido quanto perguntar: “sabem que a semana tem sete dias?” – ou: sabem que a Terra gira em torno do Sol?”

Mas o Brasil é tão grande, tão despovoado em certas partes, tão desigualmente colonizado e civilizado, que aquilo que é natural aqui, parece ali sobrenatural, e aquilo que ali parece [*ilegível*] é acolá prodigioso. Diz-se, e é verdade, que, à exceção do clima e da zona frígida, estes nossos oito milhões de quilômetros quadrados têm todos os climas da Terra; de modo que quem os atravessa a percorrer em todas as direções este imenso território ficaria conhecendo a fundo todas as condições físicas do planeta, sem precisar de levar os passos a todos os continentes que lhe forraram a casca. É também verdade que a essa variedade de climas corresponde uma idêntica variedade de fases de civilização. Temos aqui, dentro da mesma pátria, o homem das cavernas em o homem dos palácios, o homem macaco e o quase “pro-homem”, o comedor de carne humana e o comedor de faisões e [*ilegível*], o homem armado de machado de [*ilegível*] e o homem armado de revólver Smith Wesson. E, entre esses tipos extremos, temos todos os outros, - os intermediários, os que representam as fases sucessivas do progresso. Quem imensa distância moral há entre o índio do Xingu e o janota da rua do Ouvidor! – e, entretanto, estes dois exemplares do animal *homo* vivem na mesma terra e na mesma época, compatriotas e contemporâneos e são ambos cidadãos brasileiros...

Isso explica muitas anomalias. Isso explica e desculpa a minha pergunta.

Sabem que apareceu um novo jornal no Brasil? Fiquem sabendo que apareceu, e que o caso é digno de registro e comentário.

Que nascem jornais, no Brasil, em quantidade superior às necessidades do mercado, - bem o sei eu. Não há dia em que o correio me não traga, das províncias, algum novo periódico, pequenino, mal impresso, em tipo velho e malhado, trazendo quase sempre um título rebuscado e pretensioso. É [*ilegível*], é *O Argus*, é *O Arauto*, é *O Segle Carte*, é *Il Almanaire*... E quase todos têm o mesmo valor: um artigo de fundo, em que o juiz de direito da terra ou o farmacêutico atacam ou defendem o governo, cinco ou seis notícias, duas ou três colunas de apedidos virulentos, três ou quatro anúncios e as outras páginas cheias de transcrições dos jornais do Rio

Pois, há dias, recebi, com algumas cartas, uma pacote de jornais, e ia pô-lo de parte com indiferença, quando vi, na faixa carimbada que o envolvia, as palavras: *Acre*, *Alto Juruá*, *Diário Oficial*... Aguçou-me a curiosidade e abri o pacote.

.....

Este diário oficial tem o mesmo nome da capital do Departamento do Alto Juruá – Cruzeiro do Sul, doce nome simbólico, que espero terá sobre a folha e sobre a cidade uma influência benéfica, dando-lhes uma luminosa e gloriosa predestinação.

Um jornal no Acre! Confessem que a surpresa é grande...atirei-me com sofreguidão à leitura das quatro páginas e tive revelações espantosas. Imaginem que há em Cruzeiro do Sul, capital do Alto Juruá, uma Palácio de Prefeitura! E imaginem que, nesse Palácio, houve a 15 de novembro uma recepção seguida de baile! E não [*ilegível*] que pára aí a civilização da cidade: lá, como aqui, os cães são matriculados na Prefeitura e pagam impostos; há, como aqui, uma superintendência de limpeza pública! Há, como aqui, uma guarda civil! Os anúncios do Cruzeiro do Sul traziam também uma civilização que estávamos muito longe de imaginar. Há na cidade uma porção de médicos, de advogados, de engenheiros; há um professor de música, que também afina piano; há vários hotéis e botequins; há uma loja de ferragens que se chama *Grande Armazém de Lunnete* e uma casa de armarinhos que se condecora com o nome de *Paris no Amazonas*; e, para que nada falte, leio na última página do *Cruzeiro do Sul* o anúncio da rifa de um palacete, situado num boulevard (?) do Comércio, dividida em 250 bilhetes a 2 réis cada um! Tudo isto no Juruá, no Acre, no extremo confim do Brasil, na fronteira do Peru e da Bolívia.

Mas, para mim, o que constitui a melhor, a mais completa prova da civilização daquelas terras é a própria existência deste jornal.

O jornal é hoje selo do progresso, o carimbo inconfundível da civilização. Tão necessário como o calendário, ele aparece imediatamente assim que um pugilo de homens, vivendo em comum, começa a pensar, a trabalhar, a progredir...

Nem se diga que as civilizações antigas, talvez mais perfeitas do que a nossa, não tinham jornais, Quem sabe lá? O jornal já existia muito antes da Imprensa. Os romanos, do tempo da República, não tinham apenas as Acta Diurna, espécie de cartazes oficiais, que se pregavam nas colunas dos pórticos; tinham também folhas escritas, que corriam de mão em mão; tanto assim que Jovenal fala de uma dama romana que passava as suas manhãs a ler preguiçosamente o jornal. Quem sabe se não tinham jornais os gregos, os fenícios, os persas, os *aryas* da Índia, os chineses, [*ilegível*], os babilônios, os europeus, todos esses povos cuja história tão vagamente conhecemos? Tinham com certeza! Não seriam, talvez, jornais como os nossos: teriam, talvez, menos política, menos literatura, menos descompostura e menos mentira, - mas com certeza existiam, escritos em pergaminhos, ou em cera, ou em pedra, ou em madeira, ou em metal...

O que é certo é que hoje o jornal é inseparável da civilização. Funda-se uma cidade? Daqui a pouco, funda-se também um jornal, que é o traço de união entre os homens.

E se me viessem contar que há no Alto Juruá uma cidade com polícia, com guarda civil, com justiça, com limpeza pública, com *Grande Armazém de Lunnete* e com afinador de pianos, - eu sorriria, incrédulo, lembrando-me que os viajantes, desde o tempo de Fernão Mendes Pinto, são uma raça de deslavados mentirosos... Mas aqui tenho, diante dos olhos, ao alcance das mãos, um jornal que se publica em Cruzeiro do Sul, capital do Alto Juruá, no território do Acre! E tanto basta para que eu admita, como um fato comprovado, como uma certeza positiva, como uma evidência matemática, a existência da civilização acreana!

.....

Mas esta crônica vai tomando um tom que pode parecer irônico. E não é esta a minha intenção.

Lendo *O Cruzeiro do Sul*, não fiquei apenas sabendo que há no Acre, como aqui, a praga dos pianos, e armarinhos [*ilegível*] nomes de lojas francesas, e rifas de prêmios e matrículas de cachorros. Fiquei sabendo que há mais alguma coisa cuja criação é um título de glória para quem o ideou e o executou.

No dia 15 de novembro, o prefeito do Alto Juruá, querendo dar ao aniversário da República a mais digna das comemorações, decretou a criação de um orfelinato e de mais três escolas públicas primárias, em vários pontos do departamento. Isto mais parece querer dizer que já há por lá outras escolas...

Um orfelinato e escolas primárias no Acre!

Continuemos a espantar-nos, amigos! O nosso espanto é natural... para quase todos nós, as quatro letras desta palavra Acre evocam a idéia de um deserto árido, ardente, adusto, medonho, - uma geena maldita, uma marema podre castigada pelo sol implacável, ou pelos mosquitos daninhos, um lugar de sofrimento e tortura, onde só se arriscam a ir viver (ou mais propriamente, a ir morrer) os que querem ganhar dinheiro a todo [*ilegível*], seja como for, a custa de todos os sacrifícios.

Mas o que não sabemos, ou esquecemos, é que restituído ao Brasil, o Acre está obrigando uma população de milhares de brasileiros, cujo trabalho já encheu aquele deserto e animou aquela solidão.

O trabalho humano faz milagres, por onde passa, transforma as geenas, saneia as maremas, povoa o ermo, espalha o amor e a esperança, cria almas e energias, funda pátrias, abre caminhos novos ao progresso e à glória da humanidade.

Espantemo-nos! Mas, clamando o espanto, enchemo-nos de orgulho e de alegria, com o saber que no Acre, atualmente, ao lado de cada agrupamento de barracões está surgindo uma escola. Assim, a pátria brasileira vai tomando conta da pátria selvagem, enraizando-se nela, nela armando a sua soberania, - porque nela vai nascendo o domínio da língua nacional, que é o elemento básico da nacionalidade, - sim, amigos, o território do Acre continuaria a ser um acampamento de aventureiros, de bandeirantes ousados, dispostos a [*ilegível*] e satisfazer a sua fome de ouro. Não haveria ali pátria! Haveria [*ilegível*] entreposto comercial de onde, depois do lucro [*ilegível*], levantariam as suas tendas sem saudade. E, um belo dia, outra raça mais forte e providente, vendo aquilo desprezado, engoliria de um trago o que nos custou tanta luta e tanto dinheiro.

-Mas a escola é a geradora do civismo... Antigamente, os conquistadores quando queriam afirmar a sua soberania sobre uma terra conquistada, plantavam nela um pesado marco de pedra. Mas não há marcos de pedra, por mais pesados e fortes, que não possam ser derrubados; e, para anulá-los nem há mister derrubá-los: basta desprezá-los e [*ilegível*] cobertas de [*ilegível*] sem significação e sem valor. Hoje os únicos marcos da nacionalidade sólidos e inabaláveis, significativos e imperecíveis, são as escolas em que se assegura a continuidade do idioma, que é a defesa da nação.

Ah! Esta coisa magnífica que a leitura do *Cruzeiro do Sul* me veio revelar.

.....

Fundaram-se mais três escolas primárias no Alto Juruá. Basta isto, para que perdoe a capital do Departamento o seu afiador de pianos, os seu *Grande Armazém de Lunnete*, o seu *Paris no Amazonas*, o seu palácio rifado.

O.B.

Gazeta de Notícias - 28/04/1907

Chronica

Entre os assuntos da semana, a preferência deve caber à celebração do Tratado de Limites entre o Brasil e a Colômbia, assinado no dia 21 em Bogotá. Em menos de oito anos, resolvemos quase todas as questões de limites em que estávamos empenhados com os países vizinhos. Uma só dessas questões não foi ainda resolvida: a dos limites com o Peru, e essa mesma vai ter em breve a sua solução.

É um desaforo! Entre as nações, como entre os homens, as chamadas questões de terras sempre foram e sempre hão de ser as mais irritantes. Desde que o mundo é mundo, as lutas mais ferozes e as lutas mais longas, que dividem as famílias e países, nasceu não do orgulho ou do brio mal tratado, mas da propriedade violada. Não se sabe com segurança qual foi a origem da rivalidade secular que separou em Verona as duas famosas famílias dos Capuletos e Montaignas, - rivalidade que deu à Shakespeare o assunto de Romeu e Julieta: mas quase sou capaz de jurar que esse rancor profundo nasceu de alguma dúvida sobre a posse de alguns palmos ou de algumas léguas de terra.

Bem diz um prólogo francês: “*qui terre a, guerre a*”.

E, se bem o povo costume dizer que sete palmos de terra bastam, depois da morte, ao maior dos homens, - todos os homens, durante a vida, por causa de um só palmo desta terra tão ardentemente cobiçada, são capazes de praticar as maiores violências e de cometer os maiores crimes. No sertão do Brasil, por causa de uma cerca saltada por um viajante ou de um pasto de um proprietário vizinho, desembainham-se as facas, desfecham-se as garruchas, corre o sangue. E, até aqui, na cidade civilizada, por causa de uma parede comum a dois prédios, ou por causa de um metro quadrado de escuro e úmido quintal, há às vezes processos que duram anos, canalizando para as algibeiras dos advogados e escrivãos toda a fortuna dos mitigantes. Que foi a velha rixa de Caim e Abel? Foi uma briga entre um agricultor e um pastor, por causa da terra fatal, fonte de todas as lutas, causa de todos os conflitos, constantemente e abundantemente regada pelo sangue dos contendores.

Afastado, como parece estar, todo o perigo de guerra de conquistas entre as nações da América, a limitação precisa e rigorosa das suas fronteiras já é uma segurança de paz.

Ainda há três dias, em Norfolk, inaugurando a Exposição comemorativa da fundação de Jamestown, disse o presidente Roosevelt que “é passado o tempo em que uma nação não podia progredir sem despojar as outras as outras... Há nessas palavras uma condenação categórica da política de conquista. Mas claro está que, para tornar impossíveis as conquistas, o que é preciso, antes de tudo, é que cada país saiba o que é seu e o que é dos outros. Só defende bem a sua propriedade quem a conhecesse bem.

Quando havermos resolvido a nossa questão com o Peru, ficaremos livres dos conflitos por causa de terras. Restarão ainda as outras causas de briga... Mas quem é que

pode estar sendo seguro de nunca ser forçado a pelejar, neste desventurado planeta tão povoado de brigões?

Já vale alguma, entretanto, como desafogo e tranqüilidade, a sabermos que não que não teremos pelejas, em virtude de um “dize tu, direi eu” a propósito de fronteiras.

Falou-se, ai acima, na Exposição comemorativa do 3º centenário da fundação de Jamestown, nos Estados Unidos.

Também nós, para o ano, vamos ter a comemoração de um centenário, - e é bom que já vamos pensando nele.

Não me refiro ao centenário da abertura dos portos do Brasil: esse, parece, vai ser dignamente celebrado por uma comissão, que já se organizou. Refiro-me ao nosso centenário, ao da introdução da imprensa no Rio de Janeiro, ao da fundação da Imprensa Régia em 1808, no dia 13 de maio.

No mesmo dia, em 10 de setembro, saía do prelo dessa Imprensa Régia o primeiro número do nosso primeiro jornal, - a Gazeta do Rio de Janeiro. A Associação Tipográfica Fluminense já distribuiu circulares, conclamando o jornalismo e a literatura a um trabalho comum, para que não passe sem uma celebração entusiástica essa data gloriosa. Mas ainda nada se resolveu, - e, dada a nossa natural negligência, nada se fará se alguns homens de boa vontade não começaram desde já a fazer uma propaganda calorosa e corajosa da idéia...

A Imprensa! Não vos parece que ela vale alguma coisa e merece algum amor? Já não falo da imprensa em geral – da arte de imprimir. Falo especialmente da imprensa-jornal, da imprensa periódica, desta imprensa em que labutamos.

Pobre! É a cabeça de turco de todos os descontentes e de todos os ineptos... todos os que têm ou julgam ter razão para lamentar a situação moral da pátria – todos os vencidos, todos os incapazes, todos os impotentes, dizem que ela é uma grande criminosa e que a ela é que cabe a culpa de todas as corrupções e de todos os vícios..

O que esses malidicentes esquecem, ou fingem esquecer é que o jornalismo é simplesmente um espelho em que se refletem as virtudes e os vícios de uma sociedade. Quase sempre, para não dizer sempre, o que parece corrupção da imprensa é unicamente a corrupção do meio social em que ela tem de viver.

Pobre imprensa! Um poeta, muito meu conhecido, já lhe dedicou há tempos alguns versos líricos-humorísticos, que nunca foram publicados até hoje, e que o original possui. Quereis lê-los?

“Por te louvar, querida
Amada imprensa, fugirei o excesso...

Não direi gravamente
Que és a coisa melhor que há nesta
(vida,
Nem... nem que és a alavanca do Pro-
Gresso)

Direi, modestamente,
Que te amo! – amo-te, quando
Bisbilhoteira e alerta,
Andas os cortinados levantando,

Às paredes colando o ouvido arguto,
Pelas frinchas metendo a vista esperta,
Abafando, em surdina, o passo astuto,
Em pratos limpos pondo a vida alheia,
Pondo em cada notícia uma colméia,
Sussurrante de abelhas indiscretas....
- Amo-te quando, Artistas e Poetas,
Da arte (esposa legítima) fugindo,
Vão nos teus frescos lábios, generosos,
 Que ofereces sorrindo,
Colher os longos beijos saborosos,
os doces beijos da Infidelidade...
- Amo-te quando, em hábitos talaes,
 Dando-te grandes ares,
 Maravilhas o mundo
 Com a infalibilidade
 Dos artigos de fundo...
- Amo-te quando, lépida e coroada
 De rosas, com um sorriso
 Sobre o lábio purpúreo
Com a viola da crônica traçada
 Sobre o opulento colo,
Faceira e alegre, perdes o juízo
 Pões na rua Mercúrio,
E abres a porta ao sedutor Apolo...
 Não direi que és perfeita!
Nem serias, como és, amada e bela,
 Se não fosses sujeita
À imperfeição da natureza humana,
 Trêfega e tagarela
 Inconstante e leviana...”

Pobre Imprensa! Valha-lhe ao menos esse amor de um poeta, no meio de baldões de que a cobrem os que não logram conquistar-lhe as boas graças os que precisam atribuir a outrem a responsabilidade dos seus próprios vícios.. Mas esses baldões nada significam. Todos amaldiçoam o jornalismo, quando o jornalismo lhes contraria interesses ou as opiniões. Mas não tem político que não lhe mendigue um aplauso, como não há poeta sem leitores que não lhe mendigue um bocadinho de publicidade para seus versos.

Não sejais ingratos! Deixai de dizer mal da imprensa, e preparai-vos para festejar seu próximo centenário!

Último eco da questão das cervejas.

Não eram elas que estavam falsificadas: era a química do Laboratório. Sempre tinha de haver alguma coisa falsificada!

Há dias o folhetinista das *Notas*, da *Notícia*, observava que a falsificação é hoje uma fatalidade da vida social...

É verdade! Rosseau, considerando que a natureza é boa, e que a sociedade é que a torna má, aconselhava a todos os homens o regresso à vida natural. Conselho inútil. Os homens falsificam tudo, e desprezam a Natureza, amando cada vez mais a Arte e o Artifício, que são duas modalidades de Falsificação. Quem admiraria hoje uma bela mulher, se a visse despojada de todos os maravilhosos encantos que a Arte da Tolleite lhe dá? E que é o tempero, senão a falsificação do alimento, exigida pelo paladar? E que é a Poesia, senão a falsificação da Realidade, exigida pelo bom gosto?

Tudo se falsifica!

Ainda agora, acabo de ter mais uma prova disso, folheando ao acaso um dos últimos boletins da nossa Sociedade Nacional de Agricultura.

Há ali um interessantíssimo artigo sobre um certo Sr. Luther Burbante, pomicultor de uma aldeia dos Estados Unidos, - Santa Rosa, na Califórnia.

Esse homem, a quem dão o nome de *horticultor-mágico*, tem a mania de falsificar... as frutas! – e já tem conseguido coisas maravilhosas: aumenta o volume das ameixas e das peras, suprime-lhes os caroços, muda-lhes a forma, a cor, o sabor e o perfume, dá aos pêssegos o gosto das uvas e aos marmelos o aroma dos abacaxis. Sois capazes de conceber maior extravagância? O artigo do Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura, acaba por noticiar que esse extraordinário Burbante enxertou a batata inglesa no tomateiro, e criou um fruto chamado *pomate*, que é tomate e batata ao mesmo tempo.

Tudo se falsifica! A falsificação é uma tendência universal e fatal!

Assim, o que seria de espantar é que, neste caso das cervejas, alguma coisa não fosse falsificada.

Parece até que houve no caso uma irônica vingança... Porque, enfim, com que é que se falsifica a cerveja? É com a Química... Pois os químicos vingaram a cerveja, falsificando a Química!

O. B

.....

O ESTADO DE S. PAULO

O Estado de S. Paulo – 02 /11/ 1897

Diário do Rio

31 de outubro de 97

Imaginal a romaria de Lourdes, como Zola a descreve, - uma inumerável multidão de homens, mulheres e crianças, - inflamada de uma fé verdadeira, correndo em busca de uma cura. Imagine isso, mas onde, em lugar da fé, a curiosidade, em lugar da cura, o pagode: e terás uma idéia do que tem sido nestas últimas noites a romaria à ladeira do Ascurra, - aquela verde e misteriosa mansão, que, acostada ao lombo do Corcovado, é um dos mais belos, um dos mais deliciosos pontos do Rio de Janeiro.

Já deveis conhecer, que fúria, a razão da romaria. A *Notícia* (não se sabe se para anunciar algum romance de escândalo ou se para dar curso a uma deliciosa blague inocente) contou que, todas as noites, à deodécima balada da hora fatídica, um fantasma, negro e alvíssimo, desce a ladeira do Ascurra, e percorre toda a longa rua das Laranjeiras, vindo espantar com a sua tenebrosa presença as árvores e as gentes do Largo do Machado. Ninguém (nem mesmo o simpático jornal da tarde) poderia contar com o retumbante sucesso da *blague*. O povo em massa acorre aos lugares que o fantasma frequenta. E, ainda ontem, à meia noite, era tão vasta a multidão, que se apinhava no bairro, e tão tremenda a vozeria dos curiosos, e tão escandalosa a ansiedade deles, que a polícia foi obrigada a intervir. E interveio em má hora, porque, naturalmente hoje, (graças ao encanto do fruto proibido) maior será a concorrência, mais alta a vozeria, e mais acessa a curiosidade.

O que posso dizer é que não há povo mais basbaque do que este, em toda imensa extensão da face da terra. Todas as colunas do *Estado de S. Paulo* não bastariam a conter a redação dos boatos que a *blague* inventou. Já se diz até que o fantasma é um bem conhecido chefe público, que alta noite sai do ostracismo, para alarmar o timorato povo... Pode ser... O que não padece dúvida é que a gente se diverte bastante com a romaria: há tanta mulher bonita que vai esperar o fantasma.

O Estado de S. Paulo – 04 /03 / 1898

Diário do Rio

1 de março de 1808

Creio que foi aqui mesmo, neste Diário, que se disse isso uma vez: o jornalista é um animal vaidoso, cuja grande vaidade só pode ser comparada a do ator. De fato, o ator e o jornalista, habituados a comunicar diretamente, todos os dias, com o grande público, persuadem-se de que lhe são indispensáveis, e essa consciência da importância de seu papel social incha-lhes a alma, sufocando toda a modéstia. Não se lembram eles de que, acabada a peça, já o público não se recorda de quem a interpretou, como, acabado o artigo, já o público não se lembra de quem o escreveu...

Ontem, na rua do Ouvidor, um plumitivo gesticulava, irritado e frenético. Um juiz (um dos nossos mais ilustres juízes) buscava acalmar – em vão! – a fúria do meu colega:

- Veja, meu amigo, que isto é da lei, e a lei não pode ser violada...

- Não há lei que possa estragar a liberdade de imprensa, senhor! – regougava o homem – Não estamos em estado de sítio! Não admito julgamentos a portas fechadas! Então, eu não tenho direito de narrar ao público o que dizem as testemunhas chamadas a depor no processo do atentado!

- Não tem esse direito, meu amigo, não tem esse direito... – ponderava o juiz, sorrindo – a lei é clara: as testemunhas de hoje devem ignorar o depoimento das testemunhas de ontem: e compreenda bem que se o seu jornal publicasse esse depoimento...

- Hei de publicá-lo! – bramiu o jornalista – hei de publicá-lo...

- Neste caso, o presidente do tribunal poderá proibir que o meu amigo assista aos debates...

- Que proíba! Eu sou jornalista! Eu sou direto de opinião pública! Eu tenho para mim a liberdade de imprensa! Eu...

- Mas, olhe que a lei...

- Qual lei, nem qual histórias! Acima de todas as leis está o exercício sagrado de minha profissão!

- E suado e vermelho, de cabeça erguida, solenemente movendo as pernas, afastou-se com dignidade. Parecia com aquele senhor que ali seguia, era um dos luminares da Civilização, um dos candelabros da Humanidade, um dos fachos do Progresso....Pois, não era! Era um excelente e medíocre rapaz, que apenas sabe assinar o nome!

O. B.

O Estado de S. Paulo – 04 /04 / 1898

Diário do Rio

1 de abril de 1898

Santo Deus! Decididamente a velhice já está aqui comigo – pelo que, a propósito de tudo, só me enche o coração de saudades...

Primeiro de abril! – antigamente o burguês que, no despertar, abria na manhã de hoje uma folha, - sentia logo os cabelos eriçados de espanto, - lendo, em uma, notícia de medonha catástrofe, - desabamentos, naufrágio, mortes sem número, ferimentos a rodo, sangue espadanando em cachoeira; sabendo, por outra, que se descobrira uma tenebrosa conspiração cujo fim era fazer a cidade saltar, minada de dinamite; vendo, em outra, que aparecera na baía da Guanabara um monstro anti-diluviano, um ichthyosauro espantoso, que com um só movimento de cauda esgarçada desmantelara um navio de guerra; e ainda em outra folha encontrando a amedrontadora nova de que, segundo a previsão dos mais competentes astrônomos do mundo, era esperado o aparecimento de um cometa vagabundo, cujo rabo flamejante incendiaria e reduziria a cinzas a terra toda... E, aterrado, o burguês saiu a espiaçar o seu terror, - até que um amigo, mofando, lhe dizia que todas essas calamidades eram os clássicos carapetões do primeiro de abril...

Ai de nós! Esse bom tempo não volta! A Imprensa fluminense tem ido pouco a pouco despindo todas as suas cândidas vestes de primitiva ingenuidade. Hoje, a imprensa mais prática julga que é insuficiente escolher, entre os trezentos e sessenta e cinco dias do ano, um que especialmente consagre a mentir.

Agora, os jornais mentem, com igual descaro, desde o dia do Ano bom até o dia de S. Silvestre, sem fadiga e sem pausa. Cada pequenina nota de reportagem é um peixe de abril que deixa vencidos, em tamanho e em cinismo, todas as velhas mistificações que faziam antigamente as delícias da população carioca... Há dez anos dizia-se com espanto: Vejam vocês! aquela notícia do jornal era falsa... Hoje, diz-se, com espanto ainda maior: oh diabo! aqui está uma notícia que não é falsa!

E haveis de ver que, para conservar de algum modo a tradição do primeiro de abril, os jornais decidirão reservar este dia clássico para a divulgação das notícias verdadeiras.

O.B.

O Estado de S. Paulo – 17 /04 / 1898

Diário do Rio

14 de abril de 1898

Oh! Ainda uma vez, porque havemos nós de fazer comentários sobre os suicídios?

Ontem, foi a vez de uma senhora moça, casada e mãe, que, para se livrar da vida, despojou dentro do estômago um jorro de ácido fênico. A agonia foi longa: e ainda a desgraçada vivia e sofria, abraçada a um crucifixo, - e já os repórteres davam informações sobre a sua vida íntima, e faziam conjunturas sobre a causa do suicídio. Um deles, no seu jornal, chegou a escrever isso, que textualmente transcrevo: “D. Fulana casara havia dois meses. Parece, porém, que o casamento não fora muito do seu agrado. Informações colhidas no sítio em que ontem se deu o ato de desespero levam mesmo a supor que o enlace se teria dado pelo desejo de não contrariar os pais que nele viam a garantia da filha. E, porventura, nos últimos tempos, algum antigo afeto renascera no coração da que ontem procurou a felicidade na morte.”

É espantoso isso! A ser verdadeira a informação, - aqui está uma senhora, que, não amando o marido e amando outro homem, prefere morrer a cair em adultério; e chega o repórter e descobre aquilo que ela quis sepultar no silêncio da morte, e desvenda e assoalha o segredo, e profana o cadáver, e explora essa desgraça doméstica, e – o que é ainda mais grave, - perturba a dor do marido, dando-lhe no coração o horror sem nome de um ciúme terrível, porque vem depois da morte que devia esconder tudo!

Francamente, se foi para isso que se inventou a imprensa, seria melhor que o amigo Guttemberg não tivesse perdido a sua fortuna e o seu tempo.

O. B.

O Estado de S. Paulo – 14/05/1898

Diário do Rio

10 de maio de 1898

- A notícia da derrota dos americanos em Porto Rico é positiva, é incontestável, é segura...

- Mas, meu pobre amigo, há dez dias que só se diz isso! E, se a notícia tem essa absoluta segurança, se é uma notícia de pedra e cal, como é que até hoje nenhum telegrama a trouxe até aqui triunfalmente vibrando nos cabos submarinos?

O homenzinho relanceou pela rua um olhar misterioso, empurrando-me para dentro de um corredor, e soprou-me esta revelação:

- Você não tem penetração nenhuma! Há dez dias que todos os jornais estão senhores da notícia, é ingênuo! Há dez dias que todos os jornais escondem os telegramas verdadeiros...

- Homem de Deus ou do diabo! Olha que sou do ofício... olha que toda a minha vida se passa dentro das cavernas das redações... queres ensinar o padre nosso ao vigário? Quem te faria brotar na cabeça, como um novo cogumelo, este novo boato?

- Boato?...pois fique sabendo, senhor jornalista, que os jornais não publicam a notícia, porque assim exige o governo!

- Mas que tem o governo com o combate de Porto Rico, alma danada?

O boateiro teve um dar de ombros desdenhoso; e, condescendente, com minha ingenuidade, com pena de minha simplicidade, explicou tudo:

- O governo não quer que se publiquem notícias desfavoráveis dos Estados Unidos, com medo que os Estados Unidos façam uma pressão negativa sobre o nosso café!

Pasmei...

- Quem te disse isso?

- Quem me disse isso? Foi o Mendes!... O Mendes é cunhado do Costa; o Costa é empregado do Lima & Braga; o Braga é casado com uma prima da mulher de um inglês, que é amigo de certo cavalheiro muito relacionado com o cônsul da Suécia... e já vê você que o cônsul da Suécia muito naturalmente soube tudo através do cônsul norte-americano, para quem o coronel Bryan não pode ter segredos!

E a face do homenzinho irradiava como um nascer do sol. E eu, esmagando-lhe a mão com um *shake-hands* formidável, não pude deixar de lhe dizer com uma convicção que o encheu de orgulho:

- Calixto! No dia em que fundar o meu jornal, dou-te a direção da reportagem com dois contos de réis por mês!

O. B.

O Estado de S. Paulo – 01/07/1898

Diário do Rio

28 de junho de 1898

Há poucos dias, em três linhas rápidas, o *Jornal do Brasil* dizia “Consta que está se formando em S. Paulo uma legião brasileira, que seguirá a incorporar-se ao exército chileno, em caso de guerra com a República Argentina.” Mais nada. E esta pequenina gota de água fez-se mar tempestuoso e bravio.

Já um jornal daqui, em duas colunas compactas e túrgidas, discutiu o caso e deu conselhos ao governo, e vaticinou grandes desgraças. Hoje, o *Jornal do Comércio*, em telegrama de Santiago, publica: “*La Ley* insiste no nobre desinteresse que preside à organização da legião brasileira, a qual não é o produto de um movimento interessado e mercenário como a legião italiana no Rio da Prata.” E, assim, não só no Brasil como no estrangeiro, aquele simples *consta* de um jornal, empolgou todas as atenções. E ides ver, daqui a pouco, os telegramas que vão chegar da República Argentina, dando conta dos desaforos crespos que a imprensa de lá nos vai dizer...ou já nos disse!

Ora, aqui está, amigos, quem viu nascer esse boato, em um dos corredores do *Lyrica*, entre o segundo e o terceiro ato da *Africana*... Conversávamos num grupo. “chega amanhã o ministro chileno”, - disse um de nós. “Vamos recebê-lo?” – lembrou outro. E logo outro, num rompante, por *blague*: “E se formássemos uma legião brasileira em favor do Chile?”. Isso bastou. Um repórter passava. E, como o dever de um bom repórter é fazer de tudo uma notícia, apareceram no dia seguinte aquelas três linhas rápidas, – gota de água que se fez mar...

Hoje, a coisa ferve. Vão já dizer à imprensa chilena que a coisa é um *blague*, e verão se ela baixa o tom de seu entusiasmo; vão dizê-lo à imprensa argentina, e verão se ela altera o clima das suas descomposturas. E assim se remexe o mundo e assim se complica a vida. E assim se prova que muito idiota é quem acredita em notícias que vêm de longe....

Quem sabe viver é certo amigo meu, espírito incrédulo por excelência. Quando lhe falam na guerra hispano-americana, por exemplo, ele declara: “Que guerra, homem? Nunca houve guerra! Isso é coisa que os jornais inventam quando não têm assunto...você haverá de ver que o que houve foi isso: firmou-se um tratado de aliança ofensiva e defensiva contra a Espanha e os Estados Unidos! “. E, ontem, dizia-me:

- “Sabes? Preciso escrever a Fulana, e não sei se ela está no Rio Grande do Sul ou na Europa...” E como eu lhe dissesse que lera na véspera um telegrama noticiando a chegada desse Fulano a Lisboa, ele exultou: “Leste este telegrama? Então, já estou informado; tenho a certeza de que o homem não saiu do Rio Grande! ...”

Francamente, não é esse o melhor início de não errar muito?

O.B.

O Estado de S. Paulo – 15/07/1898

Diário do Rio

13 de julho de 1898

Estava eu, há poucos minutos, na redação de um jornal, e ouvia, numa algazarra feroz, as opiniões de redatores, de repórteres, de visitas, sobre o conflito entre polícia e estudantes. E pus-me a pensar, tristemente, nas desvantagens dessa perigosa profissão...

Se me vierem dizer amanhã que oito ou dez ou cinquenta jornalistas deram entrada no hospício de alienados, - a coisa não me espantará. De fato, quem, mais facilmente do que um jornalista, pode ser atacado nesta quadra sinistra, de uma doença cerebral? O poeta, o escritor, o músico excitam-se prodigiosamente, é verdade, quando trabalham: mas sofrem apenas os efeitos de sua própria excitação. O jornalista, ao contrário, é um aparelho receptor e condensador das comoções, dos abalos, das paixões de toda população.

Bem veremos:

O jornalista X, sai de casa bem lavado e bem almoçado, e toma um bonde. Lê os jornais. Já isso começa a desequilibrar-lhe os nervos. Em meio da viagem, o bonde corta as pernas de um transeunte – X, com cuidado, toma nota do fato.

Depois X vai à câmara fazer seu extrato de debates. E, posto em meio daquela assembléia, que discute e se irrita, X condensa dentro da sua rede nervosa toda aquela explosão de opiniões. Depois, chegam as notas policiais: queijos roubados, cabeças quebradas, bêbados apanhados na via pública, desastres, o diabo! Depois, chegam as visitas que vêm discutir o caso da Escola Politécnica.

E, ao fim da noite, X já não é um homem: X é o mundo inteiro... Sente as dores do sujeito que foi atropelado pelo bonde, recebe e retribui todas as descomposturas que houve na câmara, e sofre tudo quanto sofreram os reclamantes; e foi ele quem furtou o queijo, e foi ele quem teve a cabeça quebrada, e foi ele quem ficou bêbado no meio da rua, e foi ele quem derrotou a Espanha em Santiago, e quem provocou a queda do gabinete ministerial da França, e quem invadiu a Escola Politécnica, e quem dormiu no xadrez....

Oh! Raio de vida! Um jornalista é o *homem-multidão*: tudo nos seus nervos se reúne e apura, tudo passa pelo filtro da sua atenção fatigada, tudo se junta dentro de sua pobre alma dolorida: e, quando o desgraçado fica louco, ainda há quem se espante!

Pudera! Cada um de nós é o bode expiatório das loucuras de todo o mundo...

O.B.

O Estado de S. Paulo – 31/07/1898

Diário do Rio

28 de julho de 1898

Ontem, num escritório, vi por acaso, entre as folhas do dia, uma folha desconhecida, de título extravagante que não escrevo aqui para não dar o proveito de um anúncio. “Que? – indaguei – outra folha nova? E diária?” Mas um amigo, espantado com minha ignorância, exclamou: “Nova? Mas esse jornal já tem mais de dois meses de vida, homem!”.

Verifiquei logo que a coisa era verdadeira: o número que ali estava nas minhas mãos era o 78º. Mais de dois meses de vida! Como então, durante esses dois meses, não lera eu nunca esse misterioso jornal? Corri a primeira página, com olhos sôfregos: transcrições, notícias velhas, nada de original, nada de interessante. E vende-se aquilo? E havia quem comprasse aquilo? E aquilo resistia a dois meses de capital empatado?

Então, o meu amigo desdobrou diante de mim a folha, e indicou-me a segunda página, coalhada de figuras de bichos, de algarismos, de cálculos, de versinhos proféticos, de charadas ilustradas, - de palpites, enfim, de palpites para o jogo do Agave, da bicharada, da loteria, da buraca, da pelota, da bola, do quanto a patifaria ladroeira tem ultimamente inventado nestes espantosos tempos áureos da Religião do Azar. O órgão do jogo, vivendo unicamente dele e para ele, destinado unicamente a servi-lo, a defendê-lo, a propagá-lo, a mantê-lo... 'E vende-se?' - perguntei – 'Mas vende-se extraordinariamente, meu caro! Vende-se aos milhares! Não há por aí muito jornal sério que tenha a tiragem diária deste! E note você: os vendedores não lhe gritam o nome pelas ruas, não o apregoam nos bondes, não o metem pelos olhos da gente, não o impõem à nossa atenção! Não é preciso! Os interessados vão, pelo seu próprio pé, procurá-lo e comprá-lo; e a empresa só tem três trabalhos: mudar diariamente a data da primeira página, reformar os palpites da segunda, e meter na gaveta os milhares de tostões que o vício e a ingenuidade lhe vão sofregamente entregar...

O mais curioso é que a folha tem, sob o título, essa indicação: *órgão destinado aos interesses da vida municipal...*

O.B.

CORREIO PAULISTANO

Correio Paulistano – 30/ 09/ 1907

Gramáticos

Rio, 26 de setembro

Noticiavam há dias as seções telegráficas dos jornais que houvera, em Belém do Pará, entre jornalistas, um grave conflito, provocado por questões políticas. Era um equívoco...A verdade dos fatos foi hoje restabelecida pelos correspondentes. Houve realmente conflito, e conflito grave, entre jornalistas, mas provocado por questões gramaticais. Não se sabe se o ponto controverso, em que se estabeleceu a contenda e de que se originou a pancadaria, foi a colocação dos pronomes pessoais, ou o uso do infinitivo impessoal dos verbos, ou o apassivamento obrigatório das orações em que entra o reflexivo. Sabe-se apenas que a pugna foi devido a uma discussão gramatical, - e isso basta para explicar a ferocidade com que os adversários se esbordoaram; porque a Gramática, sendo apenas, segundo os léxicos, a arte que combina a falar e escrever corretamente, é, segundo a observação de todos os dias, a arte que mais ferozes, intolerantes e napeiros artistas produz...

Não sei se aí em S. Paulo e no resto do planeta se observa a mesma coisa. Mas aqui, no Rio, as inimizades entre gramáticos são as mais terríveis. Não há aqui discussão filológica que não degenerar em descompostura, se não em vias de fato. Não conheço dois gramáticos que sejam amigos: até os que mais amigos parecem, mantêm entre si relações desconfiadas e precavidas, e vivem em pé de guerra, conservando, dentro das luvas da polidez, bem acicaladas as unhas para o ataque e a defesa.

Naturalmente, têm a mesma intolerância os gramáticos de todos os países. E essa intolerância não é apenas a mesma em todos os países: tem sido a mesma em todos os tempos.

Já Diógenes, há vinte e quatro séculos, dizia que os sacerdotes da Gramática, no seu tempo, só pensavam nos erros de estilo, esquecendo os erros da alma...

Bayle, o autor do precioso “Dictionaire Historique et Critique”, narrando uma famosa contenda gramatical que houve em 1818, no Palatinado, escreve que “les philologues et grammairiens sont très faciles à se fâcher, et très difficiles à apaiser”. Essa luta gramatical, que ficou celebre nos anos de Descompostura, teve como protagonista os grandes gramáticos Felipe Parens e João Gruterus. Começaram os dois a discutir um verso de Plauto, irritaram-se, escaldaram-se e esvaziaram os sacos das injurias. Diz Bayle: “Ils se traitaient de mulot, de verrat, de béliet, de boue, de porc, et de storcoreus grammaticalis callos inquilinus...”. Enquanto eles discutiam, os espanhóis cercavam a cidade de Neustadt. Todos tremiam, todos choravam. Mas, indiferentes ao perigo, Parens e Gruterus não deixavam de insultar-se. A cidade foi tomada de assalto, saqueada, incendiada; e,

sobre as suas ruínas fumegantes, os dois comentadores de Plauto continuavam a brigar, até os invasores os separarem às pauladas...

Assim, não deve causar espanto que, em Belém, uma discussão gramatical tenha degenerado em formidável conflito, no qual, segundo dizem os telegramas, até tiveram de intervir os soldados da polícia e os bombeiros. A Gramática é a mãe da Discórdia...

Olavo Bilac

.....
Correio Paulistano – 19/ 11/ 1907

Os moços bonitos

Rio, 17 de novembro

Foi grande o susto que acometeu toda a gente, quando os jornais espalharam a alarmante notícia da existência, no Rio, de uma quadrilha de gatunos elegantes, bem trajados, enluvados, perfumados, freqüentando as melhores casas, e aparentados e relacionados com a parte mais fina da sociedade.

A notícia causou uma sensação profunda. A literatura dos noticiários achou logo para a singular quadrilha um nome expressivo: a “Confraria dos moços bonitos”. E todos os cronistas aproveitaram imediatamente o assunto maravilhoso, comentando-o e gloriando-o em todos os tons. Pobres cronistas! Engoliram um *canard* monstruoso....e não digo isto para envergonhá-los – porque também eu me enganei com a carapetão, ainda o tenho atravessado na gorja, arranhar-me e vazar-me. Nós, cronistas, vivemos a ansiar por assuntos: quando um deles nos cai do céu, não achamos tempo para pesá-lo, medi-lo, apalpa-lo, escrutá-lo, submetê-lo à prova prudente da pedra de toque: vamos tratando de aproveitá-lo sem demora, porque consideramos, como os pescadores necessitados, que tudo quanto cai na rede é peixe...pois o peixe, que desta vez nos caía na rede, foi um peixe...de abril.

Está provado, afinal, que os “moços bonitos” são simplesmente alguns banais ratoneiros e alguns vulgares estelionatários, nem moços, nem bonitos, nem elegantes, nem finos. Um deles é um pobre diabo, sem maneiras e sem luvas, que já foi capataz da Alfândega; na Polícia, esse “moço bonito” apresentou-se à curiosidade das autoridades e do repórteres como um triste “pouca roupa”, exibindo, como prova de sua elegância *smart*, uns sapatos cambaios e um mísero paletó sovado. É um mísero trocatintas, que mal sabe ler, e mora num quartinho de estalagem! E os outros são da mesma estofa, - e tem há muito tempo o retrato e a ficha antropométrica nos registros da rua do Lavradio... Assim se desmancha e pulveriza um romance tão bem arquitetado!

Mas é preciso conhecer pouco a influência dos jornais e a ingenuidade humana, - para imaginar que o reconhecimento e a proclamação da pulhice e da banalidade dos supostos “moços bonitos” tenham bastado para acalmar o susto causado pela mentirosa notícia. Já agora, não será possível a muita gente deixar de acreditar na existência da quadrilha *up to date*. Para todos os efeitos, o Rio de Janeiro fica possuindo uma camorra de patifes galantes, um bando de “apaches” bem vestidos e bem educados. E já um sujeito me disse, apertando os olhos e pondo os beijos em bico, com um ar de esperta malícia: “Hum...os jornais negam agora o que afirmaram ontem, porque os tratantes têm dinheiro e

boas relações: puseram uma pedra em cima do caso, e deitaram água fria na fervura do escândalo!”...

Tão difícil é destruir os efeitos de uma mentira!

Já nos bailes e nos passeios, a qualidade dos “moços bonitos” está sendo uma péssima recomendação. Quando um janota desempenado e encalamistrado pede a uma menina que lhe conceda a honra de uma valsa, - a menina examina-o bem, procurando ver se lhe descobre na face alguma intenção sinistra; e, acabada a valsa, a mamãe da valsista verifica minuciosamente se não lhe falta uma das bichas de brilhantes ou o colar de pérolas...E, na rua, não há senhora que não estremeça, ao sentir sobre a sua formosura, o cúpido olhar de um sujeito bem trajado: que estará ele cobiçando: o seu amor ou os seus anocis? Que quererá ele conquistar: o seu sorriso ou o seu *porte-monnaie*!...E, nos bondes, se toma lugar um homem bem apessoado, com bigode frisado e as mãos metidas em luvas, - os outros passageiros entreolham-se, trocam sinais misteriosos, - e abotoam os casacos...É um terror!

Foi o que os jornais conseguiram com o seu *carnard*. Não há *canard* que não seja aceito pela simplicidade do povo...E, se o terror continua, não haverá em breve, no Rio, quem ouse vestir-se bem: um fato bem feito será um estigma.

Olavo Bilac

Correio Paulistano – 05/ 04/ 1908

Diário do Rio

3 de abril

Tenho para mim que o “clou” da Exposição de 1908 será o pequeno jornal “Correio da Exposição”, redigido, composto e impresso à vista do público. O concessionário desse “atrativo” não vai ganhar dinheiro. Naturalmente, os partidos políticos não mandarão transcrever nesta pequena folha os artigos violentos em que se discutem os casos da Bahia, do Estado do Rio, do Piauí – transcrições que representam hoje para a imprensa uma renda abundante, porque cada Estado tem o seu “caso”, e a indignação partidária é de uma prolixidade que se alastra diariamente por muitas colunas das seções ineditoriais. Também muitas outras fontes de renda faltarão no original jornalzinho. Mas o público há de aplaudir essa iniciativa, que lhe permitirá estudar “in anima” este complicado mecanismo que todos supõem conhecer, e que realmente poucos conhecem.

Um pavilhão de vidro abrigará as oficinas e o escritório do ‘Correio da Exposição’ – que bem poderá adotar como divisa o lema positivista: viver às claras. Os visitantes contemplarão á vontade todo o trabalho: a lufa-lufa dos repórteres, entrando e saindo, depositando as suas notas sobre as mesas dos redatores; os redatores febrilmente rabiscando as tiras de papel; os cronistas mundanos alinhando nomes de senhoras e descrições de ‘toilettes’; e os ‘linotipos’ fundindo tipos e devorando originais; e a máquina imprimindo a folha, que o leitor há de receber ainda úmida da impressão. O linotipo ainda é, para a grande maioria do público, um progresso inteiramente desconhecido. Somente o conhecem os que vivem, por dever do ofício, nas tipografias, como compositores, ou como escritores, ou como revisores, iniciados nos mistérios do esfalfante ofício dos cozinheiros dos jornais. E não é de espantar que ainda quase toda gente não possa fazer idéia do que é um linotipo, invenção de ontem, - quando são raras, fora das rodas da imprensa, as pessoas que sabem o que é a estereotipia, adotada há mais de vinte anos pelos menos jornais.

O jornalzinho, escrito, composto, e impresso no recinto da Exposição à vista do público, vai ser uma ótima lição das coisas.

E há de ser essa, em geral, a utilidade dessa Exposição, que vai ser, no que se refere ao caráter prático das exibições, a primeira que no Rio de realiza. É positivamente inútil a exposição de máquinas, de aparelhos, de instalações, que não funcionam.

Uma Exposição Nacional não pode ser apenas uma ostentação de riquezas públicas ou particulares. Nem vale a pena gastar tanto dinheiro só para que o fabricante A. e o comerciante B. exponham por trás de vidraças, ou dentro de cercas de madeira e arame,

mecanismos e artigos, cujo modo de funcionar e cuja excelência o visitante não pode estudar.

Essas grandes feiras devem ser elementos de educação popular. Um povo somente pode se orgulhar daquilo que compreende: podeis acenar-lhe com um milhão de progressos reais e incontestáveis para o país; mas, se lhe não mostrardes, de modo claro e positivo, a realidade desses progressos, não conseguireis libertá-lo da desconfiança natural, que é defesa de quem tem sido muito enganado e ganhou, com o tempo e com o sofrimento, a experiência das coisas da vida.

É de esperar e de desejar que, na Exposição de julho, todas as indústrias adaptem o processo de propaganda, cujo modelo lhes é fornecido pelo “Correio da Exposição”. O povo é um São Thomé em ponto grande; quer ver para crer, e, ainda depois de ver, quer apalpar e cheirar. E faz muito bem. A dúvida é a mãe da sabedoria.

Olavo Bilac

Correio Paulistano – 28/ 05/ 1908

Diário do Rio

26 de maio

É o inverno, prematuro e traidor, com seu aborrecido cortejo de gripes. Todos estão pagando o seu [* ilegível*] nos resfriamentos pérfidos, - estúpida murrinha e febre desmoralizadora, que impedem o trabalho e transformam um homem em uma triste massa quase inconsciente. Saio de uma dessas crises: isso explica o desaparecimento do *Diário* durante três dias, - desaparecimento pelo qual, naturalmente, ninguém deu....

Estando doente, não pude comentar o caso mais importante destes últimos dias: o aparecimento, ou, melhor, a aparição do marechal Floriano em um Asilo, publicado por um jornal em longa matéria alarmante. Passou-se a coisa no Asilo de Menores Abandonados, instalado em São Cristóvão, na mesma casa em que residiu por muito tempo o Marechal. O ex-presidente da República apareceu a um dos menores, fitando-o com as órbitas sem olhos, apertou-lhe o braço, e desapareceu. O menino ficou desacordado, e assim o foram achar, caído, como morto.

Delírio febril, alucinação passageira, ou invenção, o caso dá logo origem a vários comentários. Não faltou quem afirmasse que o Marechal quisera deste modo anunciar o desastre, que, à mesma hora do seu aparecimento, já estava dando no Realengo, com o bolão do tenente Juventino...Singular preocupação essa, de um morto, que vem anunciar a uma criança um fato que dali a meia hora toda a cidade havia de conhecer! Mas, além dessa, houve outras interpretações: o Marechal veio protestar contra o descalabro dos negócios públicos; veio condenar a oposição ao sorteio militar; veio prevenir o Brasil de uma conspiração monarquista que se prepara; veio...sei lá! Todas as explicações são igualmente absurdas e tolas.

E absurdo e tolo seria também fazer qualquer comentário a tal aparidade, já não fosse mister indicar o perigo da publicidade dada a estas invenções ou alucinações da credulidade e da superstição. Nenhum de nós é capaz de imaginar quantas cabeças frescas por aí fora ficaram a arder, impressionadas e desequilibradas pela leitura da alarmante notícia. Milhares de outros espectros começaram logo a aparecer em todos os redutos da cidade, os especuladores tomaram conta do caso, os médiuns desataram a invocar todos os mortos; - e o espírito do Marechal, e todos os outros espíritos, se fossem a atender a todos esses chamados, rodariam – numa roda viva, do céu para a terra e da terra para o céu, amaldiçoando a indiscreta curiosidade dos vivos, e arrenegando a sua própria imortalidade. É assim que se enchem os manicômios!

Já vi uma casa transformada e desmanhada, e uma família desgraçada, por causa da malandrice de uma crioulinha perversa, que, por malícia, afirmava ver todas as noites na cozinha, a alma de Gumerindo Saraiva. A negrinha só conhecia de nome o guerreiro gaúcho; mas descrevia-o tão vivo, que a família começou a impressionar-se. Em poucos dias, já Gumerindo não aparecia somente na cozinha; aparecia na sala de jantar, na sala de visitas, nas alcovas, - e estava instalado na casa como um hóspede. Uma das meninas começou a ter ataques histéricos, um menino enlouqueceu, uma senhora abortou, - e o chefe da família viu a sua pobre vida transformada no mais horrível dos infernos.

O espiritismo é um perigo público, uma calamidade social, a sífilis, a tuberculose e a varíola. Concorrer a contribuir, de qualquer modo, para propagar sua moléstia, é cometer um crime. E a imprensa deveria ser a primeira a calar qualquer notícia dessas aparições forjadas pela superstição dos tolos, ou pela maluquice dos neuróticos, ou pela esperteza dos maliciosos.

Mas quem pode exigir que um jornalista se resigne a desprezar uma notícia de sensação?

Já ouvi contar que um jornalista da América do Norte, habituado a levar “furos”, e não achando notícia alguma que o pudesse reabilitar, noticiou uma noite o seu próprio suicídio, mandou à última hora a notícia para o prelo, e o suicidou-se. É o cúmulo da paixão pelo “furo”...

Naturalmente, isso não passar de uma anedota engraçada: mas dá boa idéia do que é esta mania do noticiário, - fonte de tanta desgraça.

Olavo Bilac

A CIGARRA

A Cigarra - 23/05/1895

Theatros

A primeira representação dos *Pontos nos is* com os seus pequenos tumultos provocados pela orientação política da peça, veio mais uma vez provar que não há, no teatro, gênero mais absurdo que o das revistas.

Não se concebe como pode um escritor fazer literatura com a história do seu tempo, com os fatos da véspera, sem mostrar a sua opinião: isto é, - sem se arriscar a merecer a pateada de metade da platéia para merecer os aplausos da outra metade. No Rio de Janeiro é raro o homem de letras que não é jornalista: isso explica-se pelo fato de ser a literatura de jornal muito mais rentosa do que a literatura de livros. Como jornalista, o homem de letras não pode evitar a política, num tempo em que toda a população, incluindo os carregadores e as crianças de mama, tem paixão partidária. E o fazedor de revistas de ano, tendo de historiar no teatro acontecimentos, em que, como jornalista, foi obrigado a ter uma opinião e a representar um papel, - há de forçosamente subordinar a essa opinião a ser crítica dos fatos que historiou. Assim, o jornalista X, que foi florianista durante a revolta, fabrica fatalmente uma revista que é a apoteose do florianismo; e o jornalista Z, que teve simpatias pelos revoltosos, se não faz francamente a apoteose da setembrada, nem por isso deixa de carregar a mão na caricatura dos adversários.

Mas, o público, quando, à noite, compra a sua cadeira ou o seu camarote, não o faz com o mesma intenção com que de manhã compra uma gazeta política. O público vai ao teatro para se divertir e não para saber a opinião partidária do revistógrafo. Mais ainda: o público apenas quer ouvir música jovial, ver pernas de bailarinas, admirar cenografias de luxo e dilatar o baço e a alma, rindo e folgando.

Que importa ao público que os tipos que entram na peça sejam ou não sejam conhecidos seus? Absolutamente nada.

Querem a prova disso? Aqui a tem: ainda não houve revista fluminense que obtivesse o ruidoso sucesso do *Tim-tuns* ou da *Gran-via*, duas tolas revistas européias inteiramente estranhas à vida carioca.

A atualidade do enredo não entra, pois com um grande contingente para o êxito da revista. E, sendo assim, o escritor que na sua peça faz política, manifestando-se com parcialidade sobre lutas, cuja recordação perdura e cujas feridas sangram ainda, - lança mão, para captar o aplauso público, de um expediente improfícuo, que, quando mais não

faça, estraga a noite de metade da platéia, reavivando-lhe mágoas e ódios adormecidos, irritando-a, e obrigando-a a arrepender-se de ter pago tão caro um desgosto.

Com todos os diabos! Abaixo a política no teatro! Pois já não basta que a tenhamos em tudo mais, na rua, em casa, no jornal, no livro, no botequim, no bonde? Arre!

Puck

A BRUXA

A Bruxa - 14/02/1896

Chronica

Lembro-me bem do tempo em que, possuído de ambição de servir a ciência, estudei psicologia experimental. Queria ser médico! Queria conhecer todos os segredos da máquina humana...

Essa ambição passou, como tantas outras: acabei jornalista. Santo Deus! É uma profissão como outra qualquer: tudo sendo fútil e vão, neste mundo de enganos, tanto importa à Humanidade que haja mais um Claude Bernard como que haja mais um cronista.

Lembro-me, pois, do tempo em que estudava psicologia experimental. O laboratório, amplo e claro, tinha um silêncio e uma solenidade de templo. Aprumavam-se, contra as paredes caiadas de branco, armários altos, carregados de instrumentos complicados, cujo metal tinha reflexos de mistério e saber. Ao ficava o canil, -viveiros de grades de ferro, onde açaimados, os cães, que deviam servir para as experiências, esperavam tristemente a hora do seu martírio. Nunca me esquecerei do olhar doloroso desses cães... Havia nele um espanto vago, um medo indefinido, - e (por que não o direi?) uma recriminação muda contra quem os torturava.

Eram cães pobres, vagabundos, sem coleira, apanhados traiçoeiramente pelos serventes da Escola de Medicina. Vagavam, sem dono, - famintos, mas livres, - pela rua da Misericórdia e pela praia de Santa Luzia. Seduzidos por um prato de comida, chegavam-se, a medo, sacudindo o rabo com desconfiança, farejando o perigo e a traição. Como a fome apertava, decidiam-se. E, daí a pouco, [*ilegível*], vinham para o matadouro. Eram cães pobres. Se fossem cães ricos, se tivessem coleira de prata e donos carinhosos, os serventes e os experimentadores não disporiam assim da sua carne e dos seus nervos...

Bom tempo esse, em que as experiências só se faziam em corpos vivos de cães. Porque, se bem estejamos convencidos de que os nervos de um cão tem a mesma sensibilidade dos nervos de um homem, achamos natural que aos nervos dele se dêem as dores que não damos aos nossos.

.....

Hoje, as opiniões mudaram. Hoje, para verificar o alcance de uma hipótese científica, já os profissionais não recorrem aos cães, recorrem aos homens.

Aos homens pobres, está visto. A miséria põe o animal fora do alcance de todas as leis. Cão sem coleira e homem sem apólices – não podem fazer jus à consideração social.

.....
A Bruxa – 10/04/1896

Chronica

Uff! Dez meses gordos se vão de novo abrir ao pecado! Acabada a quaresma, o povo católico, apercebido das indulgências plenárias, volve à doce vida da maledicência e do vício, da intriga e do mexerico, volvendo ao mesmo tempo ao regime da carne.

Não é sem razão que o venerando Kneipp atribui a maldade humana ao abuso da carne. O boi, o mais honrado e pacífico dos animais, vive com um bocado de erva e um bocado de água: e os únicos temperos que mistura a essa alimentação moderada são a pureza do ar do campo, o cheiro fresco das relvas, e a meditação filosófica, à beira dos regatos calmos, debaixo do céu azul, em que palpita o reflexo da alma generosa do criador.

Mas, nem todos os mortais podem habituar-se a esse regime. Por mim, bem sei que ainda tenho de subir muitos degraus da escada da Purificação, - para chegar a boi. Amo a carne e o sangue; amo o vermelho, que é a cor da vida, da saúde e da força; e, convencido de que, depois de morto, terei de ser comido por certos animais, vou comento, enquanto vivo, por vingança antecipada, os animais que me passam ao alcance dos dentes.

Demais, no Rio de Janeiro, para quem vive deste ofício de escrever nos jornais, não é nada mau ser carnívoro, e ter na alma uma certa dose de perversidade. Se nos déssemos ao uso imoderado de legumes e de leite, ficaríamos cedo incapazes de dar ao que escrevemos o interesse do sarcasmo ferino, da ironia perfurante e da chalaça contundente. Que seria de nós? Desprezados do público e odiados da posteridade, seríamos a escória do jornalismo contemporâneo.

O nosso estilo, modificado radicalmente por esse brando regime, teria a frescura inocente das alfaces, a ingenuidade mole do leite. Escreveríamos com a pena de um colibri, molhada na tinta suave de um luar. E seríamos intoleráveis! Viva, pois, a carne, enquanto pudermos gozar desta encantadora liberdade de imprensa!

Em Lisboa, e em Pernambuco, é que os jornalistas deviam desde já seguir as práticas do vegetarianismo. Ontem, ao mesmo tempo em que a *Gazeta de Notícias* publicava o protesto dos jornalistas portugueses contra a nova lei de imprensa, Gonçalves Maia, no *Cidade do Rio*, dizia-nos o que é a lei de imprensa do amigo Barbosa Lima. Tive assim a ventura de ver que, neste particular, a nossa República está muito mais adiantada do que a Monarquia portuguesa.

A lei de imprensa do além-mar, que provocou o protesto de tanta gente ilustre, já é, não posso negá-lo, uma obra prima. Depois dela, o jornalista português já sabe que, ao

assinar o seu artigo, senão está sempre fazendo jus a um lugar no Pantheon, está sempre fazendo jus a um lugar no Limoeiro. Mas, ainda assim, que lei modesta! Que lei fraca! Que lei pusilânime! Limita-se a proibir o anonimato e o pseudo-anonimato, e a submeter os réus de crime de imprensa a julgamentos sumários...

Chega realmente a ser cômica tão extraordinária brandura!

O nosso Barbosa Lima, como presidente absoluto de um estado republicano, é muito mais homem do que o Sr. D. Carlos, rei de um monarquia temperada. Em Pernambuco, a lei de imprensa tem esta singularidade preciosa: cria novas penas, e graus maiores e menores de penalidade, que variam conforme a importância, a prosperidade, a fortuna das empresas que se tornam réus do crime de abuso da imprensa. Se o jornal se vende a vintém, paga cem mil réis, e seu diretor tem um mês de cadeia; se se vende a cem réis, paga um conto, e o seu diretor se delicia com um ano de penitenciária.

Isto revela, sem dúvida, um profundo conhecimento dos homens e das coisas. Se é verdade que o rico é sempre mais insolente que o pobre, justo é que sobre os ricos com mais peso e menos clemência caiam as leis. Demais, a insolência que vem do pobre sempre tem desculpa. A pobreza é um berço de descontentamento e de despeitos; a falta de dinheiro irrita os nervos, perturba a alma, tira o sono e o apetite, predispõe para os destemperos da linguagem e para os desmandos do estilo. Os ricos é que não podem nem devem ter a alma azeda. Não têm dinheiro? Não têm conforto? Não comem bem? Não dormem bem? Não são felizes? Para que hão de, então, complicar a própria vida e pôr em perigo a própria tranquilidade expondo-se ao furor vingativo das leis? Sobre eles, pois, caiam as leis com mais peso!

A Bruxa - 17/04/1896

O Carrilhão da Bruxa

De S. Paulo, recebi esta correspondência, que bem se podia chamar Revista cômica paulista:

“O governo do Sr. Dr. Bernardino de Campos distribuiu há dias convites para a cerimônia de assentamento da primeira pedra da Escola Prática de Agricultura na Fazenda de S. João da Montanha, em Piracicaba.

E, no dia 31 do findado Março, povo em cardume afluiu à estação da Luz, e daí seguiu, em trem especial, em direção à cidade fundada por Vicente Góes em 1784.

Lá, jantares, almoços, lanches e discursos em penca. Depois, começou o fio elétrico a trabalhar, e o *Município*, jornal do Sr. Dr. Domingos Jaguaribe, publicou o seguinte:

“Do nosso distinto chefe Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe, que foi a Piracicaba, recebemos por telegrama as notícias que em seguida publicamos”.

Dentre as notícias, destaco esta, que reproduzo textualmente:

“Teve lugar em seguida um esplêndido banquete para duzentos e oito talheres.

.....
“Tomaram ainda a palavra: o Dr. Jaguaribe, que foi comissionado pela imprensa nacional e estrangeira, proferindo um longo discurso, *que foi freneticamente aplaudido.*”

O grifo é nosso, amigo leitor, e serve apenas para salientar a extraordinária modéstia do transmissor do telegrama.

Mau grado a ameaça de excomunhão lançada aos iconoclastas republicanos pelo Sr. Luiz Gonzaga do alto das colunas do *Commercio de S. Paulo*, mau grado as rabugices lamurientas do Sr. Dr. João Mendes, pelas colunas do *Diário Popular*, - a igreja do Colégio, cujo teto desabou há dias por ordem e deliberação da divina Providência, foi demolida, mesmo em plena semana santa, por acordo amistoso entre o bispo e o governo do Estado.

E é assim que o Sr. D. Arco Verde afrontou as iras do Sr. João Mendes e o anátema do Sr. Luiz Gonzaga, o que não o impede de lhes dar a beijar o anel prelatício... e de rir-se em seguida...

A sociedade de medicina e de cirurgia reuniu-se anteontem em sessão solene, para propor esta charada enigmática aos seus membros:

“O que é, o que é que produz a febre amarela em Campinas – 2 ou 3?”

Responde o Sr. Dr. Luiz Barreto: é a água.

Assevera o Sr. Dr. Sérgio Meira: é o solo.

E entre a água e o solo, as opiniões dividem-se, e o micróbio perpassa lepidamente, a rir, a rir das opiniões divergentes, tal qual o bispo que ainda agora ri das rabugices do Sr. Mendes e da excomunhão do Sr. Gonzaga, enquanto as paredes da igreja do Colégio se vão esboroando ao contato do martelo dos iconoclastas republicanos.

Há dias, uns reclusos da cadeia desta Capital, fartos da vida insípida que ali levavam, resolveram fugir. E, munidos de limas e de cordas, conseguiram abrir uma brecha nas grades da janela, e por ela saíram, sem que os guardas dessem pela evasão. Fugiram todos, todos os que cabiam na brecha; só ficaram os gordos, os obesos, os que não tiveram a precaução de tomar o *Wine anti-corpulent* um mês antes.

No dia seguinte a notícia espalha-se pela cidade toda, a polícia põe-se em atividade atrás dos evadidos, o carcereiro e um ajudante são demitidos, os guardas que estavam de ronda são responsabilizados e tomam na prisão o lugar dos fugitivos; mas o diretor da cadeia, o supremo responsável, deixa-se ficar no seu posto, à espera de que a polícia apanhe os ingratos libertinos, que abandonaram o doce lar, onde a luz se cõa através de varões de ferro.

Sim, ele precisava ficar no seu posto, à espera dos evadidos para lhes aplicar o indispensável castigo. Muito bom e... muito cômodo.

A imprensa discute agora uma lei da Câmara Municipal, que manda o intendente de Justiça e de Polícia chamar concorrentes para apresentação de projetos de construção de um teatro que *tanto sirva para representações líricas como para dramáticas*.

O que está aqui grifado é condição essencial imposta pela lei municipal aos concorrentes.

Não entendo destas coisas, mas assevera-me um amigo muito sabedor das regras arquitetônicas e dos segredos dos bastidores, que isto de encomendar um teatro, que tanto se preste a representações líricas como dramáticas, é a mesma coisa que encomendar um vestido que tanto sirva para baile como para passeio campestre.

Efetivamente..... c'est drôle! – Cabrion.

E acaba aqui a correspondência de S. Paulo.

Mas, deixemos S. Paulo. Fiquemos no Rio.

Há dias, vi na rua do Ouvidor... Muita gente, – e toda ela gesticulando, gritando, apertando-se, discutindo. Aproximei-se, curioso. Indaguei. Disseram-me que um moço, de uma família distinta, acabava de chicotear um sujeito. E – por que não o direi? – o meu primeiro movimento foi de grande júbilo, sabendo que o agressor somente se dera à prática desse ato violento, porque vira o nome de toda a sua família manchado pela calúnia e pela injúria, em um pasquim que corre semanalmente as ruas do Rio de Janeiro, tolerado pela polícia e bem recebido do público. O chicoteado era, diz-se, autor de artigos torpes que apareciam neste imundo papel. Assim, abençoado seja o chicote que o puniu!

Mas, não é para discutir a justiça ou injustiça da agressão, que aqui a estou comentando com meia dúzia de badaladas do meu carrilhão. Se comento o caso, é para registrar duas observações.

Primeira observação. O pasquim, cujo redator foi punido, enlameou a cidade, com a sua circulação, durante dois ou três meses, sem que a polícia se movesse. Como todos os jornalecos destinados à difamação malvada, e à propaganda da calúnia covarde, não trazia ele indicação de escritório, nem de tipografia, nem de redator responsável. Era, na sua clássica e repugnante forma genunína, a verdadeira *mofina*, a legítima descompostura anônima. Os garotos, que o vendiam, apregoavam aos berros, pela rua do Ouvidor, às barbas da polícia. O papel sujo não podia passar aos olhos desta admirável e deliciosa polícia por um jornal, porque não pagava impostos, porque não tinha existência legal.

E esta deliciosa e admirável polícia deixava-o circular livremente, sabendo que cada número dele era um pelourinho, a que alguns patifes amarravam a reputação da gente de bem, e que cada linha daquelas era um esguicho de lama que ia cair sobre um nome.

Segunda observação. E esta é a mais triste, esta é a que mais mágoa me causa. O ignóbil jornaleco era comprado! E não só pela multidão irresponsável dos brutos, dos analfabetos, dos moleques: havia gente limpa que lia aquilo, e que se deliciava com aquela imundice, e que comentava, com interesse, aquela repulsiva especulação...

Que polícia e que povo!

A *Revista Brasileira*, que livre hoje da maçada de ter um editor, está organizada em sociedade por ações, acabar de montar o seu escritório no prédio nº31 da rua Nova do Ouvidor. O que José Veríssimo tem feito para sustentar essa excelente publicação é maravilhoso. Só quem vive metido nesta roda viva da imprensa, sentindo a todo instante a atitude abafada pela pequenez deste meio, é que sabe quanto custa manter aqui uma revista séria. Fundar e sustentar a *Revista Brasileira*, em uma cidade que delira com bambochatas como o *Rio Nú*, chega a ser um escândalo!

A *Nova Revista*, de Adolpho Caminha, também, parece, conseguirá firmar-se. O terceiro número, publicado no começo de abril, é ainda melhor que os anteriores.

A *Bruxa*, cujo programa difere radicalmente do programa dessas duas colegas, não quer deixar, apesar disso, de lhes enviar a afirmação do seu apoio e do seu aplauso.

Cena autêntica, passada aqui no Rio, há dois anos, durante o último estado de sítio – quando um edital de polícia proibía os ajuntamentos ilícitos:

“ A jovem Mme. N. (foi ela mesma quem me contou isto há dias!) era recém chegada ao Rio.

Saía a ensaiar no belo sol do Jardim Botânico, uma das suas gentis fantasias ‘fora da lei’.

O cúmplice era B., o louro e ouriçado B., que ninguém imaginaria, aliás, ser um conquistador, - vendo-o seguir de bonde para a hora deliciosa do *rende-vous*, com os seus grandes óculos muito severos em cima do nariz...

Entram no jardim, Mme. N. por um lado, o louro B. por outro. Mme. N. vai de branco, e protege-se do sol áspero da manhã com uma sombrinha Pompadour cor de cana, com ramos de roseira.

Encontram-se. Dão-se o braço. Ainda não tinham trocado uma palavra, quando ouvem passos. Alguém os observa. Mme. N., apreensiva, volta-se com vivacidade. Era uma patrulha da polícia.

- La police des mœurs!... mon mari! Balbucia Mme. N. terrificada.

B. ficou lívido, por trás dos óculos.

As praças aproximam-se; B. cria coragem.

- Que pretendem?

- Proibidos ajuntamentos ilícitos! – responde corretamente, antes correcionalmente, uma das praças.

B., que é um homem ordeiro, deixou vencer o edital.”

Para fechar por hoje o carrilhão, este último repique. É uma senhora quem me escreve.

“Amigo *Astaroth*. Sou aquela mesma infeliz, galé do matrimônio, que já tantas vezes lhe escrevi, pedindo que apóie e defenda a santa causa do divórcio. Venho hoje retirar todos os pedidos que, neste sentido, lhe tenho feito.

Ai! Meu caro *Astaroth*! Os senhores, jornalistas, são os homens mais complicados do mundo! Antes quero tê-los contra mim que por mim. Veja: escrevi à redação da *Gazeta de Notícias*, pedindo-lhes que também advogassem a causa das mulheres desgraçadas. A *Gazeta* encarregou desta missão um senhor obscuro, misterioso, trapalhão e terrível, que tem escrito, a nosso favor, uns artigos que com certeza vão fazer o Congresso rejeitar por unanimidade de votos a lei do divórcio. Não sei o que é aquilo: é um verdadeiro *pathos*...

Dizem que o escritor é um ginecologista de nomeada. Se ele pratica a obstetrícia com a mesma clareza com que escreve artigos, guai das crianças que estão para nascer! O que lhe posso assegurar, meu caro *Astaroth*, é que nunca mais confiarei a essa paladino nem os meus partos bem as minhas causas. Nem a ele nem a mais ninguém! Antes ficar para todo o sempre amarrada ao meu tirano, que quebrar cotidianamente a cabeça na decifração dos logogrifos de tal advogado. Fique, pois, o pedido por não pedido. Viva a galinha com a sua pevide, e viva eu com o meu cativo! Imagine que o homem me tem saído tão bom advogado meu, que meu marido já é o primeiro a lhe aplaudir os artigos!... Sua, etc. X “

Telegrama de S. Paulo, publicado em todos os jornais do Rio, “Foi ontem, às 11 horas da manhã, roubado o Sr. Souza Lage, de *A Bruxa*.”

A *Bruxa* agradece cordialmente aos ratoneiros a bela *reclame*.

Astaroth

A *Bruxa* - 24/04/1896

Livros Novos

Julião, que desenhou a bela capa com que apareceu a brochura de *Bric-à-Brac*, de Valentim Magalhães, compreendeu bem o livro.

Não desenhou ali velhas ferragens medievais, pesadas armaduras, brutas segas, descomunais almanjarras, grossos espadagões: desenhou esguios bibelôs artísticos, vasos de porcelana leve e tênue como uma asa de borboleta, marfins trabalhados à paciente maneira chinesa, - máscaras, máscaras muitas, de velhos, de velhas, de moços, de moças – rapazes trêfegos e estróinas, e gordos comendadores sórdidos, carinhas ingênuas de virgens e caretas desavergonhadas de *coccotes*, - todo um armazém de tipos humanos, que Valentim, como bom observdor que é das coisas da vida, tem apanhado pela estrada.

Este *Bric-à-Brac* é, a um tempo, o museu de um analista e o museu de um poeta. Há, nas suas 300 páginas, muito bom humor, muita piedade, alguma ironia e, por vezes, um outro capítulo mais sério, que revela experiência longa e dolorosa da vida.

Lê-se o livro de uma assentada, sem fadiga.

Não direi que todo ele seja digno de uma segunda, de uma terceira, de uma quarta leitura.

Mas há ali algumas fantasias que não há de morrer.

Não é elogio bastante? Creio que sim. *Bric-à-brac* é um destes trabalhos em que o espírito do escritor gosta, de vez em quando, de repousar um pouco. Valentim, cuja bagagem literária já é bastante volumosa, quis, colecionando estes trechos de jornalismo, salvar do esquecimento o registro de impressões suas, - que, sendo as de um artista, não podem deixar de ser dignas de conservação. *Briac-à-brac* é propriamente um volume de crônicas: e, segundo Lemaitre, “la chronique... e’est de la poussière d’histoire”.

A casa Fauchon mimoseou-nos com um punhado de livros nacionais que são: *Amor e Suicídios*, de F. Pimentel; *Intermezzo*, tradução brasileira; *Entre as nymphéas*, de M. de Carvalho; *A mortalha de Alzira*, de A. Azevedo; *Apontamentos para a história do segundo reinado*, de J. da Silveira Lobo; *Gregorio de Mattos e José de Alencar*, de Araripe Junior; *Arte de educar os filhos*, de Américo Weneck; *Festas e tradições populares do Brasil*, de Mello Moraes Filho; *Floriano Peixoto, traços biográficos*; *Pelo divórcio*, de Pardal Mallet; *Brazões*, de B. Lopes; *Notas de um repórter*, de E. Senua; *O invento Abel Parente – crítica* - ; *O estrangeiro e o câmbio*, de A. Wilkens; *O Combate naval de 16 de abril*, de J. Santos Porto; *Planisphereio terrestre*, - e alguns folhetos mais.

.....

Estes livros não são novos para o público, porém o são para *A Bruxa*, que os recebeu e, como bem educada, acusa a sua recepção.

Não dirá de todos, nem dirá mesmo de nenhum; demasiado conhecidos, dispensam a crítica retardatária que, além de não dispor de muito espaço, não dispõe do tempo preciso para ler tanta coisa adjudicando-lhes comentários. Os títulos explicam os intuitos das obras.

A casa Fauchon, realmente, é a livraria que ultimamente mais livros nacionais edita -, tão nacionais que, às vezes, até são jacobinos, - o que não importa a *A Bruxa*, que só faz política no inferno e que só quer para o seu paladar artístico boas letras, - sejam vermelhas ou sejam verdes e amarelas.

E, assim como da vez passada chamou a contas um livreiro meu amigo da literatura brasileira, aplaude agora os proprietários da casa Fauchon.

Mas, não sem reservas... Assim dirá, pois, para não chamarem *A Bruxa* de engrossadora, que entre trabalhos editados, na intenção de protegerem os literatos nacionais e servirem o bom gosto do público, há alguns que, além de prestarem um interesse muito relativo, são um mistifório de disparates, com algumas calúnias e nenhuma gramática.

E, com franqueza, *A Bruxa* tapa os olhos ao ler no frontispício de um livro chamado “História da Guarda Nacional”, como nome de autor, um nome muito conhecido nos anais da polícia... E ao voltar à página (valha-me Belzebu!) lá estava um retrato, que, ou *A Bruxa* se engana, ou já o viu na galeria particular do palácio da rua do Lavradio...

À casa Fauchon, tão gentil, os agradecimentos d’*A Bruxa*

Belphegor

.....

.....

A Bruxa - 22/05/1896

O Carrilhão da Bruxa

O exemplo deve sempre começar por casa. A formosa *Notícia* não tem razão na guerra que move ao *Liberdade*, por causa de verdadeira ou suposta surrupiação diária do seu serviço telegráfico... Verdadeira ou suposta, digo eu, porque não sabendo se realmente se dá ou não se dá a surrupiação, não me quero arriscar a caluniar o fegoso jornal monarquista.

Mas, se a surrupiação é verdadeira, a *Notícia* não tem razão. O exemplo deve sempre começar por casa. Não é à toa que um jornal se chama *Liberdade*, e é monarquista.

Chamando-se *Liberdade*, não é de espantar que tome todas as liberdades, inclusive a de se aproveitar, *pour épater la province*, dos telegramas que aos outros jornais custam tanto dinheiro. E sendo monarquista, e incensando todos os dias, em colunas banhadas em lágrimas de saudades, toda a política do velho Pedro 2º, justo é que a *Liberdade* seja da mesma opinião do venerado monarca, - o qual, em matéria de propriedade literária e artística, sempre esteve agarrado à opinião extravagante de Herculano, - o original solitário de Vale de Lobos. Nada era mais interessante do que ouvir a gente o monarca brasileiro, durante toda a sua vida, afirmar – Proudhomme coroado – que a ‘propriedade literária é um roubo’.

Que quer, pois, a *Notícia*? Se é verdade que o órgão monarquista lhe copia os telegramas -, isso faz parte do seu programa, e das exigências da sua dedicação ao culto do finado monarca...

Eu, *Amosdeu*, sou um diabo de bom gosto. Amo a *bonnechère*, a mesa farta, e, sobretudo, os bons vinhos que fortificam o corpo e alegram a alma. Seria mais fácil para mim ser membro de uma comunidade para frades que membro de uma sociedade de temperança. Longe de mim, portanto, a idéia de condenar o uso (e mesmo um pouco de abuso) dos vinhos, que, quando são bons, exaltam o espírito, abrem as asas do sonho, e lançam um véu providencial sobre as misérias, tantas e tão terríveis, da criação. Mas se admito *um pouco de abuso*, não quero também que se abuse demais...

Não! Mesmo para a consciência de um príncipe do Inferno há escândalos tão grandes, em matéria de bebedeira, que, diante deles, força é esboçar, ao menos por decência, um gesto de condenação e pronunciar uma palavra de reproche.

Tenho viajado muito, através do Tempo e do Espaço. Vi Noé bêbado: assisti às orgias de Assuerus e de Salomão; bebi ao lado de Messalina, em Suburra, toda a sorte de

vinhos romanos; esvaziei várias adegas de castelos feudais; entrei pela idade moderna, bebendo sempre, sempre bebendo. E em verdade vos digo que em nenhuma parte do mundo vi tão escandalosamente arraigado o vício da bebedeira como no Rio de Janeiro. O que mais me horroriza não é o muito que aqui se bebe: o que me horroriza é que se bebe mal, sem conta nem medida, a toda hora do dia e da noite. Às sete horas da manhã, já os balcões das confeitarias estão cheios de fregueses. Não há aqui negócio, nem eleição, nem namoro, nem casamento, nem intriga – que não se trate com o copo na mão. É o *cocktail*, é o *cognac*, é o *vermouth*, é a aguardente, é o porto, é o *wisky*, é o xerez, é o diabo! E coisa horrorosa: todas essas drogas são falsificadas, ignobilmente falsificadas.

Tomo ao acaso a parte policial urbana de um dia qualquer da semana passada... Que dia será? Vejamos, por exemplo, o dia 16: só em 3 circunscrições urbanas foram presos nesse dia 45 cidadãos, *por embriaguez barulhenta*. Bonito, não?

Ai, se a coisa parasse aí!...

Mas não pára. Se tendes tempo disponível, relede-me este trecho do manifesto publicado pelos estudantes da Escola Politécnica.

“Foi finalmente assim que o diretor da Escola tomou a vergonhosa e desmoralizadora atitude no conflito entre os Drs. Licínio Cardoso e Monteiro de Barros, o primeiro como lente e examinador, e o segundo como presidente da banca de Mecânica. O Dr. Monteiro de Barros, devido ao estado de embriaguez em que se achava, propôs ao Dr. Licínio a reprovação de examinados que tinham satisfeito plenamente o lente da cadeira. Como resposta ao protesto contra as exigências descabidas e brutais de um lente embriagado, o Dr. Paula Freitas aconselhou o Dr. Licínio que pedisse licença, sob pretexto de doença, retirando-se assim da banca examinadora”. E este, mais adiante: “O Dr. Belfort é um lente completamente inutilizado pelo álcool”. *Hein? Est – ce assex poncif?* ... Deixemos este sino! Vamos a outra corda do *Carrilhão*! Apesar de diabo, eu mesmo estou espantado com as coisas deste desvairado fim de século...

.....

.....

A Bruxa - 24/07/1896

Theatro

Na passada segunda-feira, o empresário Luiz Pereira, do teatro Sant'Anna, convidou a imprensa da capital a reunir-se para um caso sério. Como já o público está farto de saber, espalharam-se aqui boletins contra uma companhia de *Zarzuelas* que, vindo de Buenos Aires, devia dar representações naquele teatro. Esses boletins não vinham assinados: apesar disso, ou mesmo por isso, causaram grande indignação na cidade. Segundo eles, essa companhia de zarzuelas havia representado, em Buenos Aires, uma moxinifada ignóbil, recheada de torpes ofensas ao Brasil e aos brasileiros. Bem averiguados os casos, soube-se: 1º que na representação de tal peça não haviam tomado parte os atores de que se compunha a *troupe*; 2º que um tal Pastor, que era o único responsável da representação da torpeza, não era atualmente o empresário da companhia. Mas a indignação não se acalmava, e o sr. Luiz Pereira, tonto e sem saber o que fazer, entregou o caso à deliberação dos jornalistas.

Esses jornalistas, em número de 9, examinaram a questão, e por 5 votos contra 4, decidiram que '*a companhia não daria no Rio de Janeiro uma só representação*'.

Deus me livre criticar aquilo que, em sua alta sabedoria, deliberaram os eminentes diretores da opinião pública, os preclaros representantes da imprensa, - essa alavanca que etc, etc, etc. Deus me livre disso! A coisa já está julgada, acabada, enterrada....

Mas, quero dar aqui uma pequenina explicação. Também *A Bruxa* recebeu o convite do Sr. Luiz Pereira, mas, não se fez representar no tribunal, por entender que nada tinha com o caso. Somente o público, aplaudindo ou pateando a companhia por ocasião da sua estréia, poderia dar à pendência uma solução inapelável.

Pode ser que toda a imprensa carioca esteja profundamente convencida de que realmente jornalistas são diretores da opinião pública...*A Bruxa* não está.

Agora, afim de que não se pense que escrevo isto para defender o Pastor, Pereira e quejandos empresários de borracheiras, devo dizer que, em minha humilde opinião, se devia alargar o *veredictum* do tribunal de jornalistas – mandando enforcar todos os sujeitos que estragam o gosto público, impingindo-nos *Tim-tuns*, *Rios-Nús*, *Zarzuelas*, *operetas*, *palhaçadas* e outras que tais baboseiras... com insultos ou sem insultos ao Brasil.

Lilith

A Bruxa - 18/09/1896

Chronica

Quer me parecer que já se pode falar alto. Já não temos visita em casa... Os argentinos, fartos de homenagens e festas, atacados de uma pavorosa indigestão de discursos e de acepipes, com os fígados estragados pelo abuso forçado do *champagne*, já lá se vão, mar em fora, levar ao sr. Uriburu, chefe da Confederação do Prata, a afirmação de que não há brasileiro que não ame até o fundo das tripas essa formosa irmã do Brasil.

Pois sim! O que eles vão levar para lá, desgraçadamente, é a afirmação de que temos aqui um presidente de República, que, ostensivamente, escandalosamente, às escancaras, mostra um desdém soberano pela imprensa de seu país, - essa mesma imprensa que o acolheu com flores e carinho, quando ele, saído das urnas do estado de sítio, veio tomar conta do Itamaraty, - essa mesma imprensa que passou mais de um ano a louvar seus atos, a encobrir seus erros, a defendê-lo dos botes do jacobinismo feroz, a levantar uma muralha em torno da administração, e que só se resolveu a lhe dizer coisas duras, quando se convenceu de que a s. ex. era um mole, um túbio, um incapaz de trazer sobre os ombros o peso do cargo que lhe fora confiado....

Também o Sr. Presidente da República achou um bom meio de se vingar. Não contente em ter banido a imprensa das suas já hoje famosas recepções de chá com torradas, - S. Exa., diante de estrangeiros, num momento em que a mais elementar delicadeza de costumes ordena que se não lave a roupa suja na rua, - continuou a ofender a imprensa, não a convidando para as festas que ofereceu aos oficiais argentinos.

Noticiando o *pic-nic* da Tijuca, o *Jornal do Commercio* foi claro e positivo. Disse que o Sr. Presidente não tinha convidado a imprensa, mas que “certamente não se teria recusado a *acolher* qualquer jornalista que lá se apresentasse.”

Acolher é sublime!

Dirão que isto, escrito em um jornal, por um jornalista, é apenas uma explosão de despeito. Não é outra coisa! Cada um de nós tem a sua vaidade...

Nem só as mulheres têm amor próprio, - que, sendo a base do orgulho, é a base do mais nobre sentimento que se pode aninhar em coração de homem. Se fossem dizer a S. Ex. que Piracicaba é uma vila indecente, S. Ex. se escamaria; se fossem dizer a S. Ex. que os piracicabanos vão a almoços de casaca, e que durante as recepções diplomáticas se

distraem, enquanto os ministros estrangeiros fazem discurso, e que oferecem a representantes de nações amigas *pic-nics* em que o peixe, além de *faisandé* de mais, não chega para os convidados, S. Ex. ficaria acesa em cólera. Pois, não?

É assim mesmo! Nós, os da imprensa, também não podemos ficar contentes, quando o Sr. Presidente da República, banindo-nos de suas festas, nos trata como sujeitos de má figura e capazes de envergonhar o anfitrião...

Oh! amado presidente, tão louvado da imprensa, tão coberto de festas, tão beijocado, com tanta ternura, por quanta gente nesta terra empunha uma pena...

Enfim, uma alma danada cochicha-me aqui no ouvido esta frase: Desgraçado! Já viste algum iletrado gostar de quem escreve?

Mephisto

.....

.....

A Bruxa – 30/10/1896

Política

Decididamente, a grande União Norte-Americana é senhora e legítima soberana do Brasil...

Vede o caso Lamoureux. Esse amigo tem um jornal – o *Rio News* – que é o canal por onde passa ao estrangeiro tudo quanto pode difamar o Brasil. Pouca gente lê aqui o *Rio News*: nós somos todos preguiçosos e, além disso, temos a convicção de que só devemos ler o que se publica em português ou em francês. Mas os poucos que se dão ao trabalho de ler o jornal de Lamoureux sabem que esse estrangeiro não nos poupa ultrajes, afrontas, calúnias e doestos. Até hoje Lamoureux, do dia 15 de novembro de 89 para cá, ainda não teve uma palavra de afeto para o Brasil: tem sido um inimigo implacável, já não da República, mas da terra brasileira que lê dá agasalho e pão.

Se Lamoureux, em vez de ser um cidadão dos Estados Unidos do Norte, fosse filho de uma nação fraca, já o jacobinismo caricato, urrando pela voz de Medeiros, teria exigido que o governo o expulsasse daqui. Mas o Brasil está ineptamente tolerando o jugo da União Norte-Americana, convencido de que ela o ama e é capaz de o defender, - como se aquela egoísta, que só ama o dinheiro, fosse capaz de um movimento desinteressada solidariedade...

É o caso que o Sr. Medeiros de Albuquerque, um desequilibrado, que, ninguém sabe como, em vez de entrar para um Manicômio entrou para o Parlamento, - apresentou à Câmara aquele famoso projeto de moratória, - aleijão digno do cérebro que o concebeu. O amigo Lamoureux, que está sempre de emboscada, à espera do menor pretexto para nos descompor, apanhou pelos cabelos essa ocasião providencial, e logo, envio ao *Times* um telegrama pífido, comunicando a nossa falência.

Sr. André Cavalcanti – chefe de polícia, cuja única ocupação é encher o bandulho em quanto convalesce há por aí, - mandou chamar o amigo Lamoureux, e interrogou-o. O amigo Lamoureux, que sabe que todo norte-americano tem o direito de tudo aqui fazer impunemente, troçou formidavelmente s. ex. Foi uma pândega inenarrável, uma surriada fenomenal, um deboche monstro! E saiu da polícia mais fresco do que nunca, e mais do que nunca disposto (desta vez com toda razão) a cobrir o Brasil de ridículo.

Ai, não fosses tu norte-americano, Lamoureux!

Mas nós só temos energia para os estrangeiros fracos. Tivéssemos-la também para os compatriotas de Cleveland, e estarias a esta hora fora daqui, expulso e tonto, presenteado com um belo pontapé no ... cóccix!

.....

Mephisto

KÓSMOS



.....

Kósmos - Janeiro de 1904

Chronica

Mais de quatro séculos nos separam do tempo em que os impressores de Mogúncia e Strasburgo — espalhando pela Europa algumas folhas volantes, com as notícias da guerra entre gregos e turcos e das vitórias do Sultão Mahotmet II — criaram o veículo rápido do pensamento humano, a que se deu depois este curto, mágico, prestigioso e expressivo nome: "jornal". Aqueles boletins dos discípulos e continuadores de Guttemberg foram, de fato, o núcleo gerador desta imensa e dilatada imprensa de informação, que avassala a terra, dirigindo todo o movimento comercial, político e artístico da humanidade, pondo ao seu próprio serviço, à medida que aparecem, todas as conquistas da civilização, aumentando e firmando de ano em ano o seu domínio — e chegando a ameaçar de morte a indústria do livro, como acabam de confessar a um redator de "La Révue" todos os grandes editores da capital francesa.

Quem está matando o livro não é propriamente o jornal: e, sim, a revista, sua irmã mais moça, cujos progressos, no século passado e neste começo de século, são de uma evidência maravilhosa. Mas o "jornal" e a "revista" confundem-se, formando juntos a província maior da imprensa, e aperfeiçoando-se juntos, numa evolução contínua, que ninguém pode prever quando nem como alcançará o seu último e sumo estágio.

Justamente, agora, nos últimos dias de 1903, dois físicos franceses, Gaumont e Decaux, acabam de achar uma engenhosa combinação do fonógrafo e do cinematógrafo — o cronofono —, que talvez ainda venha a revolucionar a indústria da imprensa diária e periódica. Diante do aparelho, uma pessoa pronuncia um discurso: o cronofono recebe e guarda esse discurso, e, daí a pouco, não somente repete todas as suas frases, como reproduz, sobre uma tela branca, a figura do orador, a sua fisionomia, os seus gestos, a expressão de sua face, a mobilidade dos seus olhos e dos seus lábios.

Talvez o jornal futuro seja uma aplicação desta descoberta... A atividade humana aumenta, numa progressão pasmosa. Já os homens de hoje são forçados a pensar e a executar, em um minuto, o que os seus avós pensavam e executavam em uma hora. A vida moderna é feita de relâmpagos no cérebro, e de rufos de febre no sangue. O livro está morrendo, justamente porque já pouca gente pode consagrar um dia todo, ou ainda uma

hora toda, à leitura de cem páginas impressas sobre o mesmo assunto. Talvez o jornal futuro — para atender à pressa, à ansiedade, à exigência furiosa de informações completas, instantâneas e multiplicadas — seja um jornal falado, e ilustrado com projeções animatográficas, dando, a um só tempo, a impressão auditiva e visual dos acontecimentos, dos desastres, das catástrofes, das festas, de todas as cenas alegres ou tristes, sérias ou fúteis, desta interminável e complicada comédia, que vivemos a representar no imenso tablado do planeta...

*

Por agora — enquanto não chega essa era de supremo progresso —, contentemo-nos com o que temos, que já não é pouco...

Kósmos, - a revista que aparece hoje, e cuja primeira crônica escrevo, para atender o amável convite, - não seria uma novidade na Europa ou na América do Norte, onde o *magazine* ilustrado é hoje uma maravilha, em variedade de matéria literária e artística, em perfeição de processos gráficos, e em exigüidade de preços. Mas no Brasil, acho que ela vem assinalar um progresso grande.

Ainda, há pouco mais de um ano, este mesmo cronista, a propósito dos bilhetes postais vendidos pela administração dos Correios, registrava com espanto e mágoa o inexplicável atraso das artes gráficas no Rio de Janeiro. Uma reação, inesperada e feliz, veio subitamente a mudar a face das coisas. Em poucos meses, ganhamos, neste particular, o que não conseguimos ganhar em muitos anos. *Kósmos* será, se o favor público não a abandonar, a demonstração viva do nosso progresso geral. Haverá, nas suas páginas, a prova de que as publicações de luxo, até agora possíveis apenas ao estrangeiro, podem ser feitas aqui, mas com uma nitidez perfeita. Claro está que a administração da revista não pode realizar, neste primeiro número, quanto deseja e há de fazer. Dizem os livros santos que Deus, - e era Deus - não pode aprontar a máquina do Universo em menos de seis dias: e não sei se há de exigir um milagre de perfeição e de pressa do trabalho humano, contingente e fraco...

Em todo o caso, *Kósmos* se não vem preencher uma lacuna, como dizia um chavão que o uso desmoralizou, vai mostrar uma face nova da atividade brasileira.

O Brasil entrou, - e já era tempo, em uma nova fase de restauração do trabalho. A higiene, a beleza, a arte, o conforto, já encontraram quem os abrisse as portas desta terra, de onde andavam banidas por um decreto de indiferença e de ignorância coligadas. O rio de Janeiro, principalmente, vai passar, e já está passando, por uma transformação radical. A velha cidade, feia e suja, tem seus dias contados. Essa revista acompanhará, - se o público quiser auxiliá-la, - essa lenta e maravilhosa metamorfose da lagarta em borboleta. A fotografia, o desenho, a arte da gravura, e todas as belas conquistas da imprensa moderna, serão aqui postas ao serviço do programa da *Kósmos* e então estas páginas serão uma placa sensível em que se irão fixando todas as imagens, todos os aspectos, todas as mudanças de nossa vida nesta era de regeneração e reabilitação material e moral. São esses os projetos que a administração me comunica: e comunica-nos com um tal ardor, com tão grande fé, com uma tão risonha e bela certeza da vitória, - que eu não quero negar-lhe o meu aplauso e a minha contribuição de trabalho. Isso explica minha presença;

*

Kósmos aparece com o ano novo, e o ano novo ainda não tem história. O que se pode registrar nesta primeira crônica, é apenas o mundo de esperanças que ele traz consigo, aqueles que ainda têm a felicidade de esperar.

E aí de quem não espera!

O fundo, a natureza, a essência da vida não variam nunca: mas os episódios variam sempre. A vida é como a Terra. No inverno como no verão, na primavera como no outono, a Terra é sempre a mesma: mas que variedade de aspectos! Agora, o livro e a algidez da neve amortalhando tudo; agora o sol torrando as árvores, secando os rios; agora a natureza, moça e púbere, no esplendor das folhagens que renascem; agora a fecundidade gloriosa da sazão das frutas... Também as almas têm as suas estações: ninguém sabe qual será o seu último inverno, nem qual será a sua derradeira primavera! Esperemos! E saudemos o ano infante...

Que é a existência, senão uma viagem cheia de incidentes? – é como uma jornada, em estrada de ferro. O trem galopa, os minutos passam, morosos e monótonos: o tédio cresce dentro da alma, o cansaço alquebra o corpo: - quando chegará a primeira estação? ... um silvo agudo, uma parada brusca da máquina... Aí está uma estação, aí está um ano novo! Abrem-se todas as janelas dos vagões; assomam cabeças curiosas, espiando a paisagem, olhando o aspecto da gare, examinando a fisionomia das gentes da terra. Quem sabe? Talvez vão aparecer ali, de chofre, a mulher que nos amará, o incidente que nos há de dar a glória, o negócio que fará a nossa fatura... Não apareceu? Pouco importa! – silva de novo a locomotiva, move-se de novo o comboio, recomeça a viagem, recomeça o tédio, - e recomeça a esperança: o caminho para uma nova surpresa, para uma nova estação, para um novo ano!

Por mim, ao inaugurar a série das crônicas de *Kósmos*, o que posso pedir aos deuses dementes, e principalmente ao cego destino, é que nestas colunas só tenham de ser registradas e comentadas coisas alegres e serenas. Que às páginas da nova revista não seja imposto o dever doloroso de tratar das explosões de ódio e da ambição, nem das manifestações de brutalidade, nem dos desastres que enlutam os lares, nem das revoluções que enlutam os países, nem dos delírios sanguinários que rebaixam a espécie humana, nem dos crimes filhos da ignorância e da miséria! E que, em vez disso, nestas páginas apareçam, freqüentes e luminosas, as provas de civilização, de caridade, de tolerância e de amor, que afirmam a superioridade de um povo, e a bondade de seu caráter....

O.B.